

Bruna Toso Tavares

**PAIXÕES POLÍTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA  
NA DISPUTA PELO PODER MUNICIPAL EM MARIANA-MG**

Belo Horizonte

2011

Bruna Toso Tavares

**PAIXÕES POLÍTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA  
NA DISPUTA PELO PODER MUNICIPAL EM MARIANA-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ida Lucia Machado

Coorientador: Prof. Dr. William Augusto Menezes (UFOP)

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

T231p Tavares, Bruna Toso.  
Paixões políticas e representações da memória na disputa pelo poder municipal em Mariana-MG [manuscrito] / Bruna Toso Tavares. – 2011.  
203 f., enc. : il., color., p&b, graf.  
Orientadora : Ida Lúcia Machado.  
Coorientador : William Augusto Menezes.  
Área de concentração : Linguística do Texto e do Discurso.  
Linha de Pesquisa : Análise do Discurso.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 126-131.  
Anexos : f. 132-203.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Retórica – Teses. 3. Políticos – Mariana (MG) – Linguagem – Teses. 4. Persuasão (Retórica) – Teses. 5. Discursos de campanha eleitoral – Mariana (MG) – Teses. 6. Imaginário – Aspectos sociais – Mariana (MG) – Teses. 7. Comunicação – Linguagem – Teses. 8. Representação (Filosofia) – Teses. 9. Estratégia discursiva – Teses. 10. Semiótica – Teses. 11. Memória coletiva – Teses. 12. Identidade – Teses. I. Machado, Ida Lúcia. II. Menezes, William Augusto. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 418

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Dissertação intitulada *Paixões políticas e representações da memória na disputa pelo poder municipal em Mariana-MG*, defendida por BRUNA TOSO TAVARES em 26/08/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ida Lucia Machado – UFMG**  
**Orientadora**

---

**Prof. Dr. William Augusto Menezes – UFOP**  
**Co-orientador**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone de Paula dos Santos Mendes – UFOP**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Helcira Maria Rodrigues de Lima - UFMG**

Dedico este trabalho à minha mãe, à Sarah, à Nonna e ao meu pai: minhas maiores paixões.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos orientadores Professora Doutora Ida Lucia Machado e Professor Doutor William Augusto Menezes, pela confiança, acolhimento, apoio e generosidade com que sempre me receberam. Tive muita sorte de ter vocês dois como orientadores! São dois profissionais e seres humanos por quem tenho enorme admiração, carinho e respeito. Sempre com bom humor e simpatia atraem o interesse de qualquer pesquisador para a Análise do Discurso, ao tratarem com tanta profundidade e, ao mesmo tempo, naturalidade de teorias tão complexas.

Agradeço também aos professores do POSLIN, em especial, Professor Doutor Antonio Augusto Moreira de Faria, Professora Doutora Emília Mendes Lopes, Professora Doutora Gláucia Muniz Proença Lara, Professora Doutora Helcira Maria Rodrigues de Lima e Professor Doutor Renato de Mello. Foi uma grande satisfação assistir a seus cursos!

Aos amigos que fiz no POSLIN: Andreza Santos Xavier e Shirlei Maria Freitas, que me receberam tão bem na minha chegada; João Benvindo de Moura, pelas discussões; Juliana Chalub, a quem eu tinha que encontrar na vida, pessoa alegre, inteligente e que tornou minhas tardes na cantina divertidíssimas; Mariana Ramalho Procópio (agora Xavier), que, como sempre digo, foi meu presente de mestrado. Sempre super disponível para ouvir um problema, uma angústia, uma nova história, uma dúvida de Análise do Discurso, essa flor tornou meus dias na FALE (e também fora dela) mais alegres e melhores. Aos colegas das disciplinas cursadas, que de alguma forma, contribuíram para o meu trabalho.

Aos professores e amigos da UFOP, que contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal, em especial a três pessoas maravilhosas: novamente, ao Prof. Dr. William Augusto Menezes, que me apresentou a Análise do Discurso e as maravilhas do discurso político; minha grande amiga-irmã Mariana Aparecida de Carvalho (mais uma Mariana que alegra os meus dias), sempre disponível para o que quer que seja, um desabafo, uma novidade, uma revisão de última hora; e Alice Meira Inácio, que começou como uma colega de sala, da qual me aproximei por causa de pesquisa e hoje se tornou uma grande amiga, que me ajuda com problemas sentimentais, espirituais e de pesquisa (Ela já colocou cada pulga atrás da minha orelha, mas também já tirou enormes nuvens da minha cabeça.). Ao meu querido amigo, agora também UFOPiano, Melliandro Mendes Galinari, por ouvir minhas inquietações e, algumas vezes, me deixar mais inquieta ainda.

Aos meus queridos vizinhos do quarto andar, em especial, a Násser e Igor, que tanto tentaram que passaram a entender de Análise do Discurso, só para discutirem comigo a pesquisa. Obrigada pelas leituras! A Bela e Pedro pela ajuda com a conferência dos dados!

Agradeço também ao *Jornal Ponto Final*, de Mariana, nas pessoas de Rômulo Paes e Cynthia, proprietário do jornal e jornalista, respectivamente, por terem disponibilizado o material e por terem me recebido tão bem.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa.

Por último, e dos mais importantes, agradeço a minha família por acreditar em mim mais do que eu mesma sou capaz de acreditar. À minha mãe, tão doce e tão paciente, que nos meus momentos de maior angústia e desespero, soube como sempre me acalmar e me incentivar. Obrigada por isso e por tudo mais! Ao meu pai, por tanto se orgulhar de mim. A minha Nonninha querida, por me amar tanto. Infelizmente, ela partiu durante a finalização dessa dissertação, mas tenho certeza que continua me olhando da onde estiver. A minha irmã Sarah, por entender minha ausência, assim como meu irmão Caio, que mesmo ainda tão pequeno, soube entender o porquê de eu não estar presente e, com paciência, explicar aos coleguinhas porque a irmãzona dele não podia levá-lo ao Walter World. Aos meus tios e tias e respectivos maridos e esposas, em especial Tio Flávio e Vânia, que tanto me ajudaram na minha vinda para Belo Horizonte, me adotando por algumas semanas e por serem sempre tão atenciosos e acolhedores. Ao Tio Bruno pelas leituras atentas, mesmo achando que elas deveriam ser feitas apenas sob recomendação médica.

Muito obrigada a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a execução desse trabalho.

*Il faut donc renoncer à l'idée que le passé se conserve tel quel dans les mémoires individuelles, comme s'il en avait été tiré autant d'épreuves distinctes qu'il y a d'individus. Les hommes vivant en société usent des mots dont ils comprennent les sens: c'est la condition de la pensée collective... Nous parlons nos souvenirs avant de les évoquer (des mots): c'est la langage et c'est tout système de conventions sociales qui en sont solidaires qui nous permet à chaque instant de reconstruire notre passé.*

(HALBWACHS, *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris, Mouton, 1975 [1925], p.279)

## RESUMO

Este trabalho busca analisar o discurso da cidade de Mariana, no que se refere aos imaginários sócio-discursivos de emoções e identidades políticas, no processo de disputa pelo poder municipal. Observamos que esses imaginários fazem parte da memória da cidade, enquanto representações valorizadas e desvalorizadas pelos cidadãos. Assim, investigamos as emoções como argumentos da ordem do *pathos* e as identidades como argumentos da ordem do *ethos* em peças de campanha eleitoral e reportagens de jornais, que tratavam da disputa pelo poder. Buscamos observar também as marcas linguísticas de representação da memória. Para isso, utilizamos os pressupostos da Teoria Semi linguística, de Patrick Charaudeau (2008). Com isso, observamos que efeitos patêmicos possíveis de serem gerados por nosso *corpus* são solidariedade identitária, admiração, indignação, compaixão, afeição, comoção, alegria, saudade, esperança e segurança, os quais são fundamentados no domínio de avaliação do hedônico. Já as identidades políticas de credibilidade que foram construídas são de competente, corajoso, dedicado, grato, pacifista, solidário (enquanto sujeitos não políticos) e forte, as quais se fundamentam nos domínio de avaliação pragmático. As identidades construídas buscando identificação foram de humanidade, solidariedade, religiosidade, orgulho (da história, das belezas e da cidade como um todo) e de identificação entre as mulheres. Essas imagens são avaliadas em termos éticos. Já as imagens de mentiroso, incompetente, corrupto e sabotador foram identidades políticas negativas encontradas no *corpus*. Em relação aos índices linguístico-discursivos de representação da memória, identificamos como índices de memória do signo, expressões cristalizadas, expressões que remetem a outros discursos e variedades linguísticas peculiares da cidade. Enquanto traços da memória da situação, identificamos as expectativas que se tem em relação à situação de comunicação. Já em relação à memória do discurso, identificamos índices linguístico-discursivos de representações nos pressupostos – marcados em verbos que indicam mudança ou permanência de estado e advérbios ou expressões adverbiais –, e nos subentendidos – nas metáforas e metonímias e por meio de palavras e expressões que remetem a outros discursos, em pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos que contextualmente não remetem a nenhum termo anafórico ou catafórico, recuperável apenas pela memória discursiva, e em palavras que representam uma coletividade, que não é expressa explicitamente no texto.

Palavras-chave: Discurso da cidade; memória; imaginários sócio-discursivos; emoção; identidade.

## RÉSUMÉ

Ce travail cherche à analyser le discours de la ville de Mariana, en ce qui concerne les imaginaires socio-discursifs des émotions et des identités politiques récurrentes, dans le processus de confrontation pour le pouvoir municipal. Nous observons que ces imaginaires font partie de la mémoire de la ville, en tant que représentations valorisées et dévalorisées pour les citoyens. Ainsi, nous avons considéré les émotions comme des arguments liés au *pathos* et les identités comme des arguments liés aux *ethos* dans des émissions de campagne électorales et reportages journalistiques, qui traitent de confrontations pour le pouvoir. Nous avons cherché également les marques linguistiques de représentation de la mémoire. Pour cela, nous avons utilisé des principes de la théorie sémiolinguistique de Patrick Charaudeau (2008). Avec cela nous avons observé que les effets pathémiques possibles d'être générés par notre *corpus* sont: la solidarité identité, l'admiration, l'indignation, la compassion, l'affection, l'agitation, la joie, la nostalgie, l'espoir et la sécurité, lesquels sont basés dans le domaine d'évaluation de l'hédoniste. Quant aux identités politiques de crédibilité construites nous avons celles du compétent, courageux, dédié, reconnaissant, pacifiste, solidaire (entant que sujets pas politiques) et fort, lesquelles se basent dans les domaines d'évaluation pragmatique. Les identités construites cherchant l'identification ont été celles de: humanité, solidarité, religiosité, orgueil (de l'histoire, des beautés et de toute la ville en général) et d'identification entre les femmes. Ces images sont évaluées en termes éthiques. Les images de mensonger, d'incompétent, de corrupteur et de saboteur sont des identités politiques négatives trouvées dans le corpus. Par rapport les indices linguistiques et discursifs de représentation de la mémoire, nous avons reconnu comme des indices de mémoire du signe des expressions congelés, des expressions qui font référence à d'autres discours et des variétés linguistiques propres à la ville. Alors que nous avons identifié les traces mnésiques de la situation en tant qu'attentes qu'on a par rapport la situation de communication. En ce qui concerne la mémoire du discours, nous avons identifié des indices linguistiques et discursifs de représentation dans les hypothèses - marqués dans des verbes qui indiquent le changement ou la permanence d'état et des adverbes ou des locutions adverbiales -, et dans les sous-entendus - dans les métaphores et les métonymies et parmi les mots et les expressions qui font référence à d'autres discours, comme les pronoms personnels, les démonstratifs et indéfinis qui dans le contexte ne font pas de référence à aucun terme anaphorique ou cataphorique, récupérable que par la mémoire discursive, et dans les mots qui représentent une collectivité, qui n'est pas exprimée explicitement dans le texte.

Mots-clés: Discours de la ville; mémoire; imaginaires socio-discursifs; émotions ; identité.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Diagrama do processo de semiotização do mundo .....	38
Figura 2 – Diagrama das construções de imaginários sócio-discursivos .....	43
Figura 3 – Diagrama das noções que se relacionam à memória discursiva .....	44
Figura 4 – Encenação do quadro languageiro de J1 .....	67
Figura 5 – Encenação do quadro languageiro de J2 .....	68
Figura 6 – Encenação do quadro languageiro de P3, 5 e 7 .....	69
Figura 7 – Encenação do quadro languageiro de P4, 6 e 8 .....	70
Figura 8 – Encenação do quadro languageiro de R9-14 .....	71
Figura 9 – Encenação do quadro languageiro da entrevista de R11 .....	71
Figura 10 – Encenação do quadro languageiro do discurso da cidade .....	72
Gráfico 1 – Ocorrência de traços de emoções em três níveis .....	82
Gráfico 2 – Ocorrência dos tipos de efeitos patêmicos possíveis .....	83
Gráfico 3 – Ocorrência dos tipos de identidades políticas positivas .....	84
Gráfico 4 – Ocorrência dos tipos de identidades políticas negativas .....	85
Quadro 1 – Descrição do <i>corpus</i> .....	64

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

DEM - Democratas

EUc – EUcomunicante – sujeito comunicante

EUe – EUenunciador – sujeito enunciador

FD – Formação discursiva

MP – Ministério Público

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PHS – Partido Humanista da Solidariedade

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PR – Partido da República

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSL – Partido Social Liberal

PT – Partido dos Trabalhadores

PTN – Partido Trabalhista Social

TRE-MG – Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TUd – TUdestinatário – sujeito destinatário

TUi – TUinterpretante – sujeito interpretante

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - <i>Percurso teórico – Memória, emoções e identidades</i></b>	
Considerações Iniciais .....	23
1.1 Memória .....	23
1.1.1 Memória para a Sociologia, Filosofia e História .....	24
1.1.2 Memória para a Análise do Discurso .....	27
1.1.2.1 A memória na Teoria Semiociológica .....	36
1.2 Emoções .....	46
1.3 Identidades .....	53
Considerações Finais .....	58
<b>CAPÍTULO 2 – <i>Procedimentos Metodológicos</i></b>	
Considerações Iniciais .....	61
2.1 Descrição e coleta do <i>corpus</i> .....	61
2.2 Procedimentos de análise .....	65
2.2.1 Nível situacional .....	65
2.2.1.1 Sujeitos da comunicação .....	65
2.2.1.2 Finalidade comunicativa .....	73
2.2.1.3 Situação de comunicação .....	74
2.2.2 Nível discursivo .....	77
2.2.3 Nível semiociológico .....	78
2.3 Dados .....	81
2.3.1 Emoções .....	81
2.3.2 Identidade .....	84
2.3.3 Memória .....	85
Considerações Finais .....	86

**CAPÍTULO 3 - Representações da memória de Mariana: imaginários, emoções e identidades no discurso da cidade sobre a disputa pelo poder municipal**

Considerações Iniciais .....	88
3.1 Emoções .....	88
3.2 Identidades .....	112
3.2.1 – Identidades políticas positivas .....	114
3.2.1.1 – Imagens de credibilidade .....	114
3.2.1.2 – Imagens de identificação .....	116
3.2.2 – Identidades políticas negativas .....	117
3.3 Memória .....	118
3.3.1 – Memória do signo .....	119
3.3.2 – Memória da situação .....	120
3.3.3 – Memória do discurso .....	120
Considerações Finais .....	123
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO I – Corpus .....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO II – Grades descritivas .....</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO III – Dados do corpus .....</b>	<b>169</b>

# **INTRODUÇÃO**

Desde criança, a linguagem, especialmente no campo político, sempre me tocou muito, o que algumas vezes me deixava intrigada. Foi fácil compreender o motivo pelo qual me emocionei no dia em que, depois de uma passeata na véspera da eleição para prefeito de minha cidade, o meu candidato (ou melhor, o candidato o qual eu apoiava, porque eu ainda não tinha idade para votar) me abraçou agradecendo a presença e me disse “Até a vitória, camarada!”. Mas entender, algum tempo depois, o porquê de uma propaganda política do candidato adversário me emocionar tanto a ponto de eu ficar arrepiada ao vê-lo falando na televisão, não era tão simples assim. Por que o discurso de um político com o qual não tinha nenhum envolvimento, seja ele afetivo ou ideológico, me emocionava tanto? Aí começava a surgir meu interesse pelas emoções no discurso.

Mais tarde, durante o meu curso de graduação, fui morar em Mariana-MG, onde fica o *campus* de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A cidade, que fica a 112 km de Belo Horizonte, foi a primeira capital do Estado de Minas Gerais e, durante o século XVII, uma das maiores produtoras de ouro para coroa Portuguesa. O município, que teve filhos ilustres como Cláudio Manuel da Costa, um dos principais nomes da Inconfidência Mineira, e, mais recentemente, Pedro Aleixo, vice-presidente na chapa do Marechal Arthur da Costa e Silva, durante o regime militar, sempre foi palco de intensa atividade política, o que provavelmente justifica a grande participação popular nesta área.

Viver na cidade e vivenciar a política marianense fez com que, novamente, eu me deparasse com situações em que as emoções faziam parte da política. Desde os meus primeiros dias na cidade, escutei relatos sobre um ex-prefeito, chamado João Ramos, “homem amado por Mariana porque ajudava muito os pobres”, ouvi certa vez de uma moradora. Por toda a cidade se viam placas de construções, reformas, monumentos, obras em geral, que haviam sido realizadas durante os governos de João Ramos (1973-1976, 1983-1988 e 1993-1996). Durante os quatro anos que vivi na cidade (2005-2008), quem ocupou o cargo de prefeito era um ex-aliado de Ramos, Celso Cota, que tinha como vice Roque Camello, o qual foi candidato nas eleições do fim de 2008. Essa coligação tentava se firmar politicamente e, para isso, buscava apagar da memória da cidade o nome de João Ramos, já que ele era o mais forte nome político de Mariana. Até o começo daquele ano, corria pela cidade que Roque Camello e João Ramos se enfrentariam nas urnas na disputa pelo poder municipal.

Porém, um evento mudou tudo: João Ramos foi assassinado por um adversário político! A cidade ficou chocada. Mulheres desmaiaram nas ruas, pessoas choravam, outras

corriam para rezar pela alma do ex-prefeito. O assunto foi comentado por muito tempo e de forma muito emotiva. E assim continuou, principalmente, quando a viúva, Terezinha Ramos, candidatou-se com a proposta de continuar os projetos do marido. Ela e Roque Camello foram os protagonistas da campanha, não apenas por serem os candidatos com maior chance de saírem vitoriosos no pleito, mas também por se envolverem em processos de impugnação e cassação de candidatos. Esses e outros fatos, dos quais falaremos mais no decorrer da dissertação, fizeram com que o período eleitoral fosse bastante tumultuado.

Diante de tanta polêmica, o que nos chamou a atenção durante o período eleitoral foram as emoções, paixões, valores e crenças colocados em cena tanto pelos candidatos, em especial Roque e Terezinha, que representavam a direita e a esquerda<sup>1</sup> política da cidade, quanto pela mídia local.

No campo político, os valores são essenciais, já que, durante uma campanha, o candidato, para convencer a todos da pertinência de seu projeto político, deve fazer também com que o maior número possível de cidadãos adira a seus valores (CHARAUDEAU, 2006b, p.79). Para isso, o sujeito político apresenta-se como portador dos valores que são partilhados pela população, valores esses que estão intimamente ligados as crenças, que, por sua vez, fazem parte do imaginário coletivo daquela sociedade. Em outras palavras, para persuadir a maioria da população, o candidato apresenta como sendo seus, os valores que são compartilhados pela maior parte dos eleitores. Sobre isso, Charaudeau (2008b, p.78) afirma que, uma vez que as sociedades não são completamente homogêneas, para atingir o maior número de componentes de um grupo, o sujeito deve tocar naquilo que reúne as massas “sob grandes denominadores comuns: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças; imagens fortes susceptíveis de provocar a adesão pulsional”. Assim, além dos valores e da relação destes com as crenças, interessa-nos, sobretudo, a forma emocionada com que eles foram apresentados, já que a situação de comunicação era propícia à dramatização.

Durante a observação, percebemos também, que, ao mostrar-se como portador de valores partilhados pela população, o candidato constrói também uma identidade discursiva. Essa identidade também passa por representações, como lembrou Charaudeau (2008, p.117), segundo o qual “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas

---

<sup>1</sup>Apesar de Roque Camelo e Terezinha Ramos não defenderem os ideais da direita e da esquerda, circula na cidade um imaginário de que os dois seriam representantes da direita e da esquerda, respectivamente.

representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como ‘imaginários sócio-discursivos’.” Dessa forma, o sujeito político pode construir sua identidade, a fim de adquirir credibilidade e, conseqüentemente, obter a adesão da população, buscando tanto que os eleitores se identifiquem com ele, quanto que eles acreditem que ele é digno de crédito a partir de argumentos racionais.

No primeiro caso, o sujeito político constrói uma imagem de si apoiada em uma identidade coletiva, ou seja, ele se mostra como um *Eu-nós*, já que, apesar de ser um ser individual, ele se apresenta como parte da coletividade, que partilha valores e outras representações contidas no imaginário coletivo. Em geral, os *ethé* de identificação são fundados em discursos do afeto, buscando, como o próprio nome diz, a identificação entre o sujeito interpretante e o sujeito comunicante. Já no segundo caso, o da construção de *ethé* de credibilidade, o sujeito vai mostrar-se como sério, virtuoso e competente, mas também levando em conta as representações socialmente partilhadas sobre o que constitui para sua comunidade a seriedade e quais as virtudes e competências que ele deve ter para conseguir a confiança e, conseqüentemente, adesão dos eleitores.

Assim, os candidatos Roque e Terezinha, para conseguir inspirar confiança e admiração do eleitorado, construíram para si imagens ideais do chefe que se encontram no imaginário coletivo marianense. Ou seja, os candidatos buscaram nos imaginários sócio-discursivos as características importantes para o representante máximo do poder executivo municipal e as utilizaram na construção de suas identidades discursivas. Ao falarem de seus adversários, ao contrário, eles os apresentaram como não portadores de valores e de qualidades essenciais.

O mesmo percebemos no discurso midiático a respeito da disputa pelo poder municipal. As identidades, valores, crenças e emoções apresentadas nas reportagens também estavam ancoradas nos imaginários sócio-discursivos. Sobre isso, Fernandes (2010, p.143-144) afirma que, na busca pela captação do leitor, os jornalistas

devem basear-se nos discursos e apelos que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que circulam nessas comunidades. Isso requer dos jornalistas uma fina sintonia com seu tempo, com o senso comum de sua comunidade e com os enfoques que tal comunidade daria a cada evento escolhido pelos jornalistas para tornar-se notícia.

Como estamos tratando da mídia local, o jornalista, sujeito comunicante, enquanto sujeito que vive na cidade de Mariana e participa dessa comunidade discursiva, partilha dos

saberes comuns e dos imaginários sócio-discursivos. Com isso, ao se apresentar como sujeito argumentante engajado, ele se mostra portador de valores, que são partilhados pela sociedade. O mesmo acontece no momento em que o jornalista apresenta os personagens de suas notícias. Suponhamos que esse sujeito quer caracterizar negativamente um personagem chamando-o de “papa hóstia”, referindo-se ao fato de ele ser muito religioso. Se, naquela comunidade, ser religioso for uma característica positiva, o jornalista não vai obter sucesso na sua intenção comunicativa. Ou seja, até mesmo no momento de apresentar as identidades de seus personagens, os jornalistas precisam partilhar dos imaginários sócio-discursivos da comunidade em que o discurso circulará.

Diante dessas observações, percebemos, então, que as emoções e identidades presentes tanto no discurso político quanto no midiático eram fundamentadas nos imaginários sócio-discursivos da cidade. Com isso, definimos como nosso objeto de estudo *o discurso da cidade de Mariana a respeito da disputa pelo poder municipal*. Mas a cidade fala? Existiria um discurso da cidade?

A cidade carrega muitos sentidos e discursos sob diferentes formas, que vão desde “o rap, a poesia urbana, a música, os grafistas, pichações, inscrições, *outdoors*, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma” (ORLANDI, 2004, p. 31), até os lugares comuns, estereótipos, chichês e imaginários sócio-discursivos, como é o nosso caso. De maneira próxima ao que realizou Orlandi (2003 e 2004), investigaremos a cidade e seus modos de significar, por meio da Análise do Discurso (AD). Em sua obra, a autora ressalta que estudiosos de diversas áreas, como antropólogos, sociólogos, urbanistas, arquitetos, entre outros especialistas, já tiveram como objeto a cidade, de modo que nós analistas do discurso também podemos dar nossa contribuição específica ao investigar “formas de significação já em processo na história urbana e movimentos sociais (...) detectáveis por um estudo que tem como objeto o discurso, sentidos em processo, sujeitos em vias de deslocamento, no movimento da (sua) história” (ORLANDI, 2004, p.26). Ainda sobre o discurso da cidade, autora afirma que ele

tem uma memória, desenvolve-se em um espaço próprio, que se constitui por relações entre seres que se significam e significam as relações que sustentam a própria existência deste espaço como espaço vivido/dividido com seus gestos de significação. (ORLANDI, 2004, p.26)

A questão da memória do discurso é outro ponto que nos interessa. Iremos investigar a relação do discurso e dos sentidos com a História, pensando como esta se faz materialmente presente, enquanto memória no discurso. É nessa memória, resultado da história daquela comunidade, que os imaginários sócio-discursivos são depositados. Dessa forma, as identidades discursivas, os valores e emoções que circulam no discurso da cidade fazem parte da memória discursiva. Resumindo, em nossa pesquisa iremos analisar as identidades, emoções, valores e crenças, presentes nos discursos como elementos argumentativos, que tem força porque foram fundamentados em um conjunto de saberes partilhados pelos membros da comunidade marianense, durante a disputa pelo poder municipal, nas eleições do ano de 2008, em Mariana-MG. Esses elementos estão ancorados nos imaginários sócio-discursivos, que são parte da memória discursiva da cidade.

Definido o objeto, partimos para a seleção de um *corpus* representativo. Como vamos analisar o discurso sobre a disputa pelo poder municipal, em um primeiro momento, levantamos o material de campanha utilizado pelos seis candidatos. Por questões pragmáticas, optamos por restringir a apenas dois candidatos: Roque e Terezinha, os quais ocupavam primeiro e segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto, respectivamente. Dentre os diferentes gêneros que compunham o material de campanha, escolhemos trabalhar com os programas radiofônicos de propaganda eleitoral – por ser um gênero capaz de trazer todos os temas de campanha, além de ser veiculado duas vezes ao dia –, e com os *jingles* políticos, por também ser um gênero de grande difusão e que sintetiza as propostas dos candidatos.

Em seguida, fizemos um levantamento dos jornais publicados desde o ano de 2008, quando, já em fase de pré-campanha, se começa a discutir o poder municipal até o ano de 2010, quando Roque Camello é cassado e Terezinha Ramos assume. Optamos por utilizar apenas um jornal, o *Jornal Ponto Final*, por ser o periódico de maior importância e circulação na cidade. Diante disso, nosso *corpus* foi definido, sendo composto por: seis *programas de propaganda eleitoral*, três de cada candidato: o veiculado no primeiro dia de campanha, um veiculado no meio do período eleitoral, que tinha como tema central o turismo, e o veiculado no último dia de campanha; além de *seis reportagens do jornal*, sendo duas do período pré-eleitoral, uma sobre a eleição de Roque Camello, uma sobre o pedido de cassação de Roque, uma sobre a cassação do Prefeito e uma sobre a posse de Terezinha Ramos.

Diante da definição do objeto de estudo e do *corpus* a ser analisado, partimos para a escolha do referencial teórico. A partir de um estudo exploratório, como já mencionamos,

percebemos que estão presentes em nosso *corpus* as questões das emoções, identidades, imaginários sócio-discursivos e memória discursiva. Para pensar a questão da emoção no discurso, iremos descrever e explicar o funcionamento dos elementos emocionais no discurso enquanto argumentos da ordem do *pathos*, por meio das reflexões de Aristóteles, em sua *Retórica*, de Eggs (2000 e 2005), de Amossy (2000 e 2005) e de Charaudeau (2010a), que trata da relação das emoções com os valores e crenças.

Já para tratar da questão da identidade, tomando-a como as características de um indivíduo ou grupo que faz com que esses se reconheçam como diferentes e iguais, partiremos das reflexões de Hall (2005) e Halbwachs (2006), para então entrar na Análise do Discurso. No interior da AD, utilizaremos a proposta de Charaudeau, para quem a identidade pessoal é resultado de uma identidade psicossocial e uma discursiva, sendo a segunda nosso foco. A construção discursiva de identidades pode ser feita tanto para que o comunicante apresente a si próprio – é a isso que chamamos de *ethos*, no sentido de Aristóteles, em sua *Retórica*, noção que foi retomada por Amossy (2005) –, quanto para que o comunicante apresente terceiros – o que chamaremos de *ethos* de outrem (GALINARI, 2009) ou simplesmente *identidade*.

Como já dissemos, esses argumentos da ordem do *ethos* e do *pathos* são construídos discursivamente e ancorados no conjunto dos saberes compartilhados pelos membros de uma comunidade em um dado momento, saberes esses que são chamados, por Charaudeau (2007), de Saberes de Conhecimento e Saberes de Crença. São eles que constituem os imaginários sócio-discursivos. Esses imaginários ficam depositados na memória discursiva daquela comunidade. Para investigar a questão da memória discursiva, por ser este um tema ainda pouco trabalhado pela Análise do Discurso, partimos de outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a História e a Sociologia, para, a partir de suas contribuições, adentrar em estudos no interior das Ciências da Linguagem. Nesta área, além das contribuições de Patrick Charaudeau, destacam-se as pesquisas de Pêcheux (1975, 1990, 2007), Achard (2007), Courtine (1981, 2006a, 2006b), Moirand (2008) e Paveau (2005).

Com isso, por meio dessas contribuições temos como objetivo geral analisar os traços da memória discursiva da cidade de Mariana a respeito da disputa pelo poder municipal, observando os imaginários sócio-discursivos que estão depositados nessa memória em relação às emoções e identidades. Para isso, temos como objetivos específicos:

- (1) Identificar índices linguístico-discursivos de representações da memória, seja no nível do signo, da situação e do discurso;
- (2) Examinar os argumentos relativos às paixões políticas no processo de disputa pelo poder, analisando as estratégias de patemização e os efeitos possíveis;
- (3) Levantar aspectos relacionados às estratégias identitárias, relacionando-os às paixões e representações da memória;
- (4) Identificar os procedimentos semânticos (valores e domínios de avaliação) apresentados no embate eleitoral.

Para isso, buscamos unir as contribuições de todas as pesquisas mencionadas à Teoria Semiollingüística, de Patrick Charaudeau, na qual é baseada nosso quadro teórico e metodológico. A adoção deste arcabouço teórico deveu-se ao fato dele apresentar conceitos e metodologias operacionalizáveis para atingirmos nossos objetivos.

Procuramos apresentar nessa introdução, de forma breve e geral, os principais pontos que iremos desenvolver nessa dissertação. Partimos de nossas motivações para o desenvolvimento da pesquisa, passando por um breve panorama da situação que gerou o nosso material de pesquisa, no qual observamos as questões que iremos analisar. Buscamos também apresentar nossos suportes teóricos e metodológicos para a realização de nossas análises.

Nos capítulos seguintes, desenvolveremos os pontos apresentados. No capítulo 1 – *Percurso teórico – Memória, emoções e identidades* – apresentaremos as referências teóricas nas quais fundamentamos nossa pesquisa. Pontuaremos as noções de memória discursiva, imaginários sócio-discursivos, emoções e identidades, apresentando as contribuições dadas sobre essas questões e definindo-as de acordo com a perspectiva que será adotada. Além disso, discorreremos sobre a Teoria Semiollingüística, notadamente no que tange a memória discursiva e os imaginários sócio-discursivos. Apresentaremos, ainda, as contribuições acerca do *pathos*, entendendo-o como enunciados suscetíveis de causar emoção, e as contribuições acerca do *ethos*, entendido como a construção de imagens de si ou de terceiros, por meio de elementos discursivos.

No capítulo 2 – *Procedimentos Metodológicos*, descreveremos como nossa pesquisa foi feita, isto é, apresentaremos os critérios de escolha do *corpus*, os procedimentos de análise, assim como as categorias utilizadas. Realçamos neste capítulo a organização de

nossos dados por meio de gráficos, o que tornou possível uma melhor visualização dos resultados.

Já no terceiro capítulo – *Representações da memória de Mariana: imaginários, emoções e identidades no discurso da cidade sobre a disputa pelo poder municipal* – apresentaremos nossas análises. Por meio da identificação dos imaginários sócio-discursivos, de enunciados suscetíveis de causar emoção (e seus efeitos possíveis) e da construção de identidades discursivas, iremos descrever traços da memória da cidade. Além disso, buscaremos identificar índices linguístico-discursivos de representações da memória.

Por fim, apresentaremos nossa *Conclusão* que sintetiza os principais traços da memória identificados nas análises em sua relação com os imaginários discursivos circulantes na cidade.

## **CAPÍTULO 1**

### **PERCURSO TEÓRICO – MEMÓRIA, EMOÇÕES E IDENTIDADE**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentaremos o arcabouço teórico utilizado para a realização desta dissertação. Iniciaremos pela questão da memória, apresentando como ela é vista pelas diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Filosofia e a História, disciplinas que influenciaram as pesquisas sobre memória no interior das Ciências da Linguagem. Em seguida, apresentaremos as pesquisas que pensam a questão da memória na Análise do Discurso, observando as contribuições de cada uma. Daremos ênfase na perspectiva apresentada por Patrick Charaudeau, em sua Teoria Semiolinguística, já que esta parece reunir alguns pontos importantes das outras pesquisas realizadas até então, além de criar categorias e métodos de análise que melhor se aplicam a nosso *corpus*. Em um segundo momento, passaremos à questão das emoções e paixões políticas, pensando-as como argumentos da ordem do *pathos*. Em seguida, apresentaremos as reflexões teóricas sobre a identidade, enquanto resultado de uma construção psicossocial e discursiva.

### 1.1 MEMÓRIA

O termo memória tem diferentes acepções, e, para cada uma delas, torna-se objeto de diferentes áreas do conhecimento. Para o senso comum, o termo memória está relacionado à lembrança, sendo percebido como a faculdade de aquisição, retenção e recuperação de informações às quais se teve acesso anteriormente. Esse tipo de memória é objeto de estudo de neurocientistas e psicólogos cognitivistas. Além dessa, o *Dicionário Aurélio on-line* apresenta a acepção segundo a qual o termo, no plural – memórias – é uma “obra literária escrita por quem presenciou os acontecimentos que narra, ou neles tomou parte”. As memórias são, em geral, objeto da Literatura. O dicionário traz também como definição para memória, “a unidade ou dispositivo de armazenamento de dados de um computador”, ou seja, refere-se à memória RAM, componente desenvolvido por profissionais da computação que trabalham para aprimorá-la.

No interior da Ciência da Linguagem, além da Psicolinguística, que observa a ligação entre o uso da linguagem e a memória, de acordo com Maingueneau & Charaudeau

(2006, p.325), a memória pode ser observada na sua relação com o discurso, enquanto constitutiva deste, nos planos da textualidade e da história, de forma complementar. No plano textual, a memória é pensada na sua ligação com a coesão e, conseqüentemente, a anáfora. É por meio da memória discursiva que se explica o compartilhamento progressivo dos saberes comuns aos interlocutores durante a troca. É pelo contexto – espaço textual, não entendido pelas teorias recentes como algo exterior ao texto –, que se pode perceber uma memória intratextual, ou seja, uma memória que remete a enunciados anteriores, utilizados naquele mesmo texto.

Ainda de acordo com Maingueneau & Charaudeau (2006, p.325), no plano da história, a memória se relaciona ao interdiscurso e, conseqüentemente, à formação discursiva, já que “o discurso é também dominado pela memória de outros discursos”. A formação discursiva, de acordo com Brandão (2004, p.107), determina “o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado”, mas isso somente é possível porque a formação discursiva tem uma memória externa, que a coloca numa relação com as formações discursivas anteriores, e uma memória interna, dos enunciados anteriormente produzidos no interior da mesma formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008).

É desse tipo de memória – a memória discursiva – que trataremos nessa dissertação, da memória dos discursos que circulam na sociedade de Mariana, sobre a disputa pelo poder municipal, uma memória social, coletiva, na sua relação com o discurso e com a história. Para isso, faremos um histórico dos estudos sobre memória, iniciados pela Sociologia, Filosofia e História – áreas que muito contribuem para a Análise do Discurso –, até chegarmos às pesquisas realizadas no interior das Ciências da Linguagem e, mais especificamente, na Análise do Discurso.

### 1.1.1 – A MEMÓRIA PARA A SOCIOLOGIA, FILOSOFIA E HISTÓRIA

Para o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), a memória é um fenômeno social. Ela é uma reconstrução do passado, a partir de quadros sociais do presente. Por isso, Halbwachs defende a inexistência de memórias exclusivamente individuais, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto

acontece porque jamais estamos sós”, pois em pensamento situamo-nos “neste ou naquele grupo” (HALBWACHS, 2006, p.30). Para esse autor, a memória individual é apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva condicionada pelos quadros sociais aos quais o indivíduo pertence. A rememoração individual se faz na relação com as memórias dos diferentes grupos com os quais nos relacionamos. Em outras palavras, mesmo a memória mais aparentemente individual só se realiza na relação com as representações, percepções e a memória coletivas de algum grupo. Para Halbwachs, “les hommes vivant en société usent des mots dont ils comprennent le sens: c’est la condition de la pensée collective. Or chaque mot (compris) s’accompagne de souvenirs, et il n’y a pas de souvenirs auxquels nous ne puissions faire correspondre des mots”<sup>2</sup> (HALBWACHS, 1994, p.279 *apud* MOIRAND, 2008, 29). Ou seja, a palavra é um espaço de memória coletiva e, portanto, é pela palavra que podemos acessar a memória coletiva.

Mesmo depois do pontapé inicial dado pela sociologia no início do século passado, apenas na década de 1970 é que a História vai reconhecer a importância da memória coletiva. Pierre Nora (1993), preocupado com uma escrita histórica da memória nacional francesa, visto que essa vinha se perdendo, procura fazer um inventário dos *lugares de memória*, já que é esta que mantém a ligação entre os grupos. Nora (1993, p. 21) explica que os lugares de memória devem ser concretos e materiais e, ao mesmo tempo, simbólicos e funcionais. Ele cita o exemplo de um depósito de arquivos que, aparentemente, é só materialidade, mas onde há também a aura simbólica e uma funcionalidade dos arquivamentos. Cita também lugares que aparentemente são puramente funcionais como, por exemplo, manuais didáticos, testamentos, associações, mas, que no interior de um ritual, apresentam também sua face simbólica. Ou ainda, um minuto de silêncio, que parece ser essencialmente simbólico, mas é simultaneamente um recorte material de uma unidade de tempo, que funciona como um momento destinado à lembrança e à homenagem a alguém.

Um inventário dos lugares de memória aponta para a criação de marcas que teriam a função de institucionalizar e recuperar determinadas memórias, já que, para Nora, não há memória espontânea. Vale ressaltar que este historiador diferencia história de memória, sendo a primeira a atividade de esquematização e escrita de uma memória coletiva, ou seja, uma

---

<sup>2</sup> “Os homens vivem em sociedade usando palavras que eles compreendem o sentido: é a condição do pensamento coletivo. Ou cada palavra (compreendida) se acompanha de lembranças e não há lembrança às quais não possamos fazer corresponder palavras”

reconstrução intelectual, e, a segunda, aquilo que é vivido, fragmentado em uma série de narrativas essencialmente orais e afetivas.

Sobre a relação entre *História e Memória*, título de seu livro, Le Goff (2003, p.467) afirma que, atualmente, com as mudanças que ocorrem na sociedade, há um movimento que caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas e, com isso, a história estaria muito mais próxima desse tipo de memória, até porque sofre uma pressão da história imediata em grande parte fabricada pela mídia. Assim como para Nora, para Le Goff, a memória é elemento essencial para a identidade, seja ela individual ou coletiva, e, por isso, a busca por ela é uma atividade fundamental dos indivíduos e sociedades atualmente. Com isso, para ele, o historiador deve lutar por uma democratização da memória social, para que esta tenha uma finalidade libertária e não de dominação da recordação e da tradição, para que a “memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471). Portanto, Le Goff, apesar de se ocupar mais da memória coletiva, considera também uma memória individual.

Já o filósofo Paul Ricoeur (2007), apesar de reconhecer as contribuições de Halbwachs, critica a negação da memória individual, afirmando que a recordação tem sua marca no social, mas é um ato pessoal e individual. Ricoeur busca afastar-se do dilema se a memória é individual ou coletiva, e, para isso, percorre a tradição do “olhar interior” (Agostinho, Locke e Husserl), focada na subjetividade do indivíduo e a do “olhar exterior” (Halbwachs), centrada no aspecto social, procurando explorar a complementaridade dos dois enfoques antagônicos. Assim, o fenômeno da memória poderia ser atribuído a si (“a minha memória”), mas também aos outros e, portanto, à coletividade.

Essas diferentes perspectivas sobre a memória vão influenciar os trabalhos no interior das Ciências da Linguagem, como poderemos perceber na próxima seção, na qual será apresentada uma revisão da literatura sobre a temática, na Análise do Discurso.

### 1.1.2 – MEMÓRIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

A noção de memória para a Análise do Discurso surge com Pêcheux (1975), ao criar a “Teoria dos dois esquecimentos”<sup>3</sup>, que, como lembrou Malidier (1990 *apud* MOIRAND, 2008, p.13), foi “rapidamente criticada e depois abandonada”, mas não sem abrir a porta para a noção de memória discursiva. Essa noção representou um avanço nos estudos discursivos, ao aliar discurso, sentido e história, analisando como a História se faz materialmente presente, enquanto memória no discurso. Para Pêcheux (2007, p.50), a “memória deve ser entendida aqui não como no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador”. Ao tratar do *Papel da Memória*, Pêcheux (2007, p.52) define a memória discursiva como

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Estariam, então, os implícitos exclusivamente na memória discursiva? Seria, então, a memória discursiva essencial para a compreensão de qualquer discurso, já que este é constituído de diversos implícitos? Somamos aos nossos questionamentos os de Pêcheux, que se pergunta sobre onde residiriam os implícitos, que estão “ausentes por sua presença” e também se eles estariam na memória discursiva como em um registro do oculto. O autor cita a pesquisa de Pierre Achard, que levanta a hipótese de que nunca se encontrará explicitamente a tradução dos discursos implícitos sob forma estável e sedimentada.

Em seu artigo, Achard (2007) explica o processo de significação dos implícitos, relacionando-os a dois processos, que ele chama de repetição e regularização. Pela repetição de um significante em diferentes contextos e situações de comunicação, haveria a construção dos sentidos que ele poderia portar. Diante disso, iniciar-se-ia o processo de regularização,

---

<sup>3</sup> Para a Teoria dos dois esquecimentos de Pêcheux, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do *cogito* como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e na origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva no qual o sujeito falante está inscrito. Assim, o esquecimento número 1 tem a ver com o assujeitamento ideológico, inconsciente, por meio do qual o sujeito pensa ser a fonte do sentido. O esquecimento número 2 tem a ver com o assujeitamento pelo pré-consciente, que é aquele em que o sujeito constitui seus enunciados entre o dito e o não-dito. Com isso, o sujeito também acredita ser o mestre absoluto do seu dizer, ou seja, que tudo que ele diz seja compreendido pelo interlocutor exatamente como esse sujeito pretendia.

que por meio de deslocamentos, comparações, relações contextuais, remissões, retomada ou efeitos de paráfrase, chegaria aos implícitos que ali residiriam. De maneira simplificada, Pierre Achard (2007, p.12) define os implícitos como sendo “sintagmas cujo conteúdo é memorizado e cuja explicitação (inserção) constitui uma paráfrase controlada por esta memorização”. Esta seria um consenso e uma representação. Em outras palavras, o implícito seria um imaginário que representa o memorizado e, em cada situação particular, os interlocutores, ao pressupô-lo, vão (re)construir o sentido desse não dito, respeitando os *já-ditos*, de forma que o implícito possa ser inserido por paráfrase.

Porém, a regularização discursiva está sempre suscetível de ser desconstruída diante de um acontecimento discursivo<sup>4</sup> novo. Um acontecimento novo pode alterar e “desregularizar” os efeitos de sentidos implícitos que estavam ligados ao sistema de regularização. Assim, Pêcheux chama a atenção para o fato de que há sempre um jogo de forças na memória, diante do choque do acontecimento: de um lado uma força que busca manter a regularização pré-existente com os implícitos que ela carrega, e de outro, uma “desregularização” que vem perturbar a rede dos implícitos (PÊCHEUX, 2007, p.53).

Independente da diferença sobre como se chegaria aos implícitos, há um consenso entre Pêcheux e Achard de que há sempre, ao utilizar a linguagem, um já-lá (PÊCHEUX, 2007), ou seja, as palavras são carregadas de sentidos porque já foram ditas. Há sempre um *pré-construído*. Essa noção, também desenvolvida por Pêcheux (1975), pode ser definida como “a marca, no enunciado, de um discurso anterior; portanto se opõe àquilo que é construído no momento da enunciação. Um sentimento de evidência se associa ao pré-construído, porque ele foi ‘já-dito’ e porque esquecemos quem foi seu enunciador” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p.401).

Pêcheux (2007, p.56) conclui seu artigo afirmando que a memória não é um espaço que funciona como reservatório de sentidos homogêneos e, sim, “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um

---

<sup>4</sup>Malidier e Guilhaumou (1997) diferenciam acontecimento discursivo de acontecimentos histórico e jornalístico. De acordo Le Goff (2003), o acontecimento histórico é um fato relevante enquanto ocorrência no mundo, que passa a ser lembrado pela ciência histórica. O acontecimento jornalístico é também um fato ocorrido no mundo, mas que passa por critérios de noticiabilidade (como ser inédito, improvável, interessante, entre outros), para então se tornar notícia. Já o acontecimento discursivo, segundo Malidier e Guilhaumou (1997, p. 166), “é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado”, promovendo rupturas que reconfiguram o discurso, fazendo surgir novos espaços de significação, ou seja, fazendo que o novo faça sentido, a partir de um acionamento dos sentidos pré-existentes, que são deslocados. De acordo com Pêcheux (1990, p. 17), ele se dá “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”.

espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. Ou seja, ela é um espaço de sentidos que se deslocam, se refazem, são retomados e, algumas vezes, apagados por um novo acontecimento discursivo.

Influenciado pela teoria de Pêcheux, pela filosofia de Foucault, pela história de Braudel e pela ideologia de Althusser, afastando-se das perspectivas cognitivistas, Jean Jacques Courtine dedica-se, também, à questão da memória discursiva, desenvolvendo a noção, nas palavras de Moirand (2008, p.13) “que parece a mais elaborada”. Apesar disso, o seu nome não consta no *Dicionário de Análise do Discurso*, organizado por Maingueneau e Charaudeau (2006), o que para Denise Maldidier (1990) é um erro, mas que Marie-Anne Paveau justifica ser, possivelmente, por questões epistemológicas, já que Courtine coloca questões às Ciências da Linguagem, domínio científico desertado pela AD (PAVEAU, 2005, p. 1).

Para pensar a memória, em artigo intitulado *O Tecido da memória*, Courtine (2006a) apresenta suas reflexões sobre o diálogo entre as Ciências da Linguagem e a História, e faz um mapeamento dos trabalhos franceses que tratavam desse assunto, à época. Ele deixa claro que a memória que interessa à Análise do Discurso Francesa é a memória social, em sua relação com a linguagem e com a história, a mesma que foi objeto de estudo de Halbwachs, que percebia a linguagem como via de acesso para os quadros sociais da memória, de maneira explícita ou implícita. Courtine (2006a) comenta que os primeiros trabalhos que relacionavam história e linguística o faziam de forma interdisciplinar, em geral no quadro do marxismo. Porém, essa relação interdisciplinar abstrata de uma articulação teórica é deixada de lado e a relação entre as duas passa a ser mais concreta, como com a própria AD, que se afasta da linguística estrutural saussuriana, aproximando-se da subjetividade na linguagem e na história e dos elementos exteriores ao texto, passando a observar o discurso como prática social.

De acordo com Courtine (2006b, p.57), analisar um discurso não é somente observar um texto em diferentes níveis de funcionamento linguístico, mas também observar e descrever a forma como as séries de enunciados e práticas discursivas relacionam-se, articulando as perspectivas linguísticas às históricas, ou seja, àquilo que é externo à linguagem, já que, assim como para toda a tradição da Análise do Discurso, o discurso é “um enunciado emitido sob condições de produção definidas” (COURTINE, 2006b, p.65).

Como dissemos anteriormente, além de Pêcheux, Courtine recebeu influências também de Foucault, de quem tomou emprestada a noção de Formação Discursiva (FD). A

essa noção, Courtine (1981, p.49) inseriu a problemática da memória, apresentando as formações discursivas como fronteiras que se deslocam impulsionadas pela memória discursiva, já que toda formulação possui outras formulações que são repetidas, refutadas, transformadas ou negadas. Ainda em sua tese sobre *o discurso comunista endereçado aos cristãos*, o autor apresenta sua noção de memória discursiva, publicada na Revista *Langages* de número 62:

Ce que nous entendons par le terme de “mémoire discursive” est distinct de toute mémorisation psychologique du type de celle dont les psycholinguistes s’attachent à produire la mesure chronométrique (ainsi pour prendre un exemple récent, le travail de Kintsch et van Dijk (75) sur les processus cognitifs impliqués dans la mémoire des textes). **La notion de mémoire discursive concerne l’existence historique de l’énoncé au sein de pratiques discursives réglées par des appareils idéologiques**, elle vise ce que Foucault (71, p.24) relève à propôs des textes religieux, juridiques, littéraires, scientifiques, “discours qui sont à l’origine d’un certain nombre d’actes nouveaux, de paroles que les reprennent, les transforment ou parlent d’eux, bref, les discours qui indéfiniment, par-delà leur formulation, sont dits, restent dits et sont encore à dire”<sup>5</sup> (Courtine, 1981, p. 52-53) [grifo nosso].

Para pensar sobre onde residiria a memória, Courtine (2006a, p.9) cita Nora, que, ao falar sobre os lugares desta, pergunta-se “Que outros lugares de memória para as palavras senão as próprias palavras?”, e o linguista conclui que “a linguagem é o tecido da memória”, ou ainda, “sua modalidade de existência histórica essencial” (2006a, p.10). Assim, a memória discursiva estaria na materialidade do enunciado e, de acordo com Lecomte (1981, p.71 citado por MOIRAND, 2008, p.14), “fora do sujeito, nas palavras que ele utiliza”.

A partir dos estudos de Courtine, Shopie Moirand (2008) desenvolveu um trabalho sobre o funcionamento da alusão na mídia impressa, sobre acontecimentos científicos ou tecnológicos. Para observar a memória – que a autora prefere chamar de *memória interdiscursiva* –, ela parte do quadro dialógico da enunciação proposto por Bakhtine, para quem mesmo “o mais monológico enunciado é, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre dado objeto, sobre dado problema, mesmo quando esse caráter de resposta não aparece distintamente na expressão exterior”, mas ele transparecerá nas “harmonias do sentido, da

---

<sup>5</sup> O que entendemos pelo termo “memória discursiva” é distinto de toda memorização psicológica do tipo daquela que os psicolinguístas tratam ao produzir a medida baseada no tempo (e para dar um exemplo recente, o trabalho de Kintsch e van Dijk sobre os processos cognitivos envolvidos na memória para textos). A noção de memória discursiva concerne à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos, é o que Foucault (71, p.24) nota sobre textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, “discursos que são a origem de um certo número de novos atos, discursos que os retomam, os transformam ou falam deles, em suma, os discursos indefinidamente, além de sua formulação, são dits, permanecem dits e ainda estão por dizer. (Tradução livre).

expressão, do estilo, nas nuances mais ínfimas da composição” (BAKHTINE, 1984, p.300). Moirand, apesar de Bakhtine não tratar de memória, articula ao dialogismo, as noções de interdiscurso e de memória discursiva.

Se tomarmos o interdiscurso, de forma geral, como a relação de um discurso com outros discursos anteriores e pensá-lo na sua relação com a memória desses discursos, não há como negar a proximidade entre essas duas noções e dialogismo. Sobre isso, Bakhtine (2000, p.317) afirma que:

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem auto-suficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. (...) O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunidade verbal.

Além disso, Moirand também acrescenta a cognição a essa perspectiva. Diferentemente dos autores que tratavam de memória até então, Moirand (2008) defende que a cognição deve ser percebida como parte integrante do processo de memória dos discursos, já que, diante de discursos que fazem alusão a outros discursos, o sujeito leitor do jornal, por exemplo, precisa realizar uma atividade memorial intensa considerando que o discurso se inscreve na circularidade constitutiva e ininterrupta da fala.

Ao observar as relações interdiscursivas em manchetes de jornais, Moirand (2008) percebe, na materialidade do discurso, palavras e formulações que funcionam como ativadores de memórias, por meio de alusão a outros discursos, seja fazendo lembrar palavras do outro (*Ruptura tranquila*, usada por Sarkozy, fazendo alusão a *Força tranquila*, slogan de Mitterand, em 1981), seja por segmentos que não fazem alusão a enunciados concretos, mas a discursos (*Alimentos geneticamente modificados ou fome?*, fazendo alusão ao argumento dos favoráveis à alteração genética como solução para a fome e a desconfiança dos contrários a essa prática) ou, ainda, por meio de palavras-acontecimentos (*Tchernobyl* ou *Vaca louca*). Essa noção se refere a palavras ou a expressões que carregam em si a memória de eventos que elas designam. Ou seja, são aquelas palavras que despertam na memória semântica – também chamada de enciclopédica – a recordação de um fato ou evento a elas relacionados.

Nesse ponto, pensando que a imprensa, ao exibir imagens pela televisão, fotos no jornal ou mesmo narrativas sobre acontecimentos, os carregam de emoção, Moirand (2008) se pergunta: a memória individual estoca discursos ou imagens? Palavras ou imagens mentais? Ela conclui que os efeitos de memória das palavras-acontecimento ultrapassam os efeitos de

sentido das palavras, já que elas veiculam mais representações e emoções, ligadas aos fatos e saberes, do que os próprios dizeres. Com isso, a autora diz que as palavras-acontecimento parecem estar ligadas à memória episódica (individual), especialmente dos acontecimentos físicos vividos ou experimentados pelos indivíduos.

Porém, pensando nessa categoria, a autora questiona se o processo de nominalização dos eventos está ligado a uma memória cognitiva (memória semântica) ou a uma memória episódica, e percebe que, ao nomear, o indivíduo toma palavras emprestadas de determinados domínios de memória a que estão vinculados certos momentos históricos. Se restringíssemos o processo de atribuição de sentido a isso, ele estaria ligado somente a uma memória semântica, que ajuda a dar significação a partir dos conhecimentos estocados anteriormente nessa memória. Entretanto, Moirand chama a atenção para o fato de que, apesar da memória estar ligada ao pensamento coletivo, a inscrição discursiva de uma designação ou formulação não ativa as mesmas lembranças em todos os indivíduos, ou seja, tem uma relação com a memória episódica individual.

Com isso, a autora termina dizendo que as alusões utilizadas pela imprensa contribuem para construir uma memória individual de cada pessoa por meio da relação da memória coletiva com suas experiências individuais e também para reforçar as memórias coletivas comuns, já que, como afirma Halbwachs (1950, p.94-95 e p.98 citado por MOIRAND, 2008, p.32), os indivíduos se lembram enquanto membros de um grupo, mas as lembranças comuns não são as mesmas que aparecem com a maior intensidade em cada um deles. Além disso, os indivíduos só lembram por meio de palavras e idéias, não inventadas por eles, mas emprestadas de seu ambiente.

Assim, a memória interdiscursiva, para Moirand, teria uma ancoragem discursiva – por estar na materialidade do discurso e na relação com os outros discursos anteriores –, uma ancoragem histórica – por sua inscrição no tempo e situação de produção –, uma ancoragem cognitiva – por ser uma memória individual e influenciada pelas experiências e conhecimentos individuais – e uma ancoragem social – por ser parte também de uma memória coletiva, já que os indivíduos lembram enquanto membros de um grupo.

Já Marie-Anne Paveau prefere falar em uma *memória cognitivo-discursiva*, que, como o próprio nome diz, procura aliar às questões discursivas a perspectiva da cognição sócio-cultural. A autora se defende de possíveis críticas de que a articulação entre essas áreas poderia não ser possível, citando Bischofsberger (2002, p.167), que diz:

Quant à la lignée socioculturelle, elle fait de la cognition un phénomène discursif, situé dans des contextes historiques et sociaux. La cognition quitte, pour ainsi dire, la « tête » de l'individu, pour devenir un phénomène social et distribué, émergeant dans des conditions sociales et culturelles contingentes. Ce courant repose sur la conviction que toute connaissance humaine est le produit d'un acte interprétatif conditionné par des présupposés sociaux<sup>6</sup>.

A autora se interessa pela cognição distribuída, que é um processo de transmissão sincrônica e diacrônica de quadros pré-discursivos coletivos (conhecimentos enciclopédicos, crenças, emoções, percepções), por agentes humanos e não-humanos, por meio de organizadores psíquicos internos e externos, sendo esses últimos ferramentas discursivas, como listas, dicionários, quadros e guias de conversação. A cognição distribuída foi elaborada a partir de estudos sobre o funcionamento humano em cabines de avião, que visavam observar a construção e transmissão das informações, entre piloto e co-piloto, não mais somente por meio de saberes e competências individuais de cada um ou do seu meio sócio-cultural, mas também dos inscritos nas ferramentas cognitivas, ou seja, nos artefatos como o bloco de notas, por exemplo.

A escolha epistemológica de Paveau se justifica por três críticas que a autora faz sobre a evolução (e, de acordo com ela, enfraquecimento) do conceito de memória na Análise do Discurso. Ela diz que houve uma *desistoricização* da noção por parte dos pragmaticistas, que restringem o conceito de memória ao conjunto de saberes partilhados pelos locutores na troca conversacional, ou por parte dos gramáticos do discurso, que a definem como aquilo que motiva as anáforas, retomadas, reformulações, todos os procedimentos de lembrança semântica e informacional no fio do texto, ambas as perspectivas que excluíram o tempo histórico de suas preocupações. A segunda crítica é a uma *psicologização* da memória, que fica “limitada ‘à cabeça’ dos indivíduos”, excluindo também as dimensões coletiva, social e histórica. A última crítica é quanto à *não consideração da evolução do próprio objeto discurso* e de suas condições de produção, fenômeno que, segundo Paveau, é raramente focalizado pelos analistas, que deveriam observá-lo, já que isso gera implicações epistemológicas.

---

<sup>6</sup> "Quanto à linha sócio-cultural, ela faz da cognição um fenômeno discursivo, situado nos contextos históricos e sociais. A cognição deixa, poderíamos dizer, a 'cabeça' do indivíduo, para tornar-se um fenômeno social e distribuído, que emerge nas condições sociais e culturais contingentes. Essa corrente repousa sobre a convicção de que todo conhecimento humano é produção de um ato interpretativo condicionado pelos pressupostos sociais" (Tradução nossa).

Assim, no interior da cognição distribuída, Paveau amplia a noção de memória, não mais a considerando como somente um estoque de lembranças que podem ser recuperadas, nem simplesmente como saberes comuns partilhados, dos quais os interlocutores se abastecem, mas entendendo-a como um operador pré-discursivo (é a partir da memória que se criam versões e organizações sobre o mundo, ou seja, por um processo de *reconhecimento*) e discursivo (porque é por uma memória discursiva que se fazem circular os discursos, com suas representações, valores e *emoções*, por meio de *agentes memoriais*). Ou seja, a memória tem uma função (re)construtiva, na qual três dimensões são importantes: a *reconhecimento*, os laços de memória e as *emoções*. A *reconhecimento* seria o (re) conhecimento da memória, a partir da qual se criam versões e organizações do mundo. Os laços memoriais são como “agentes de distribuição” de discurso, saberes e crenças que vão construir a memória coletiva e, conseqüentemente, cognitivo-discursiva. Eles podem ser tanto agentes humanos como os ancestrais, quanto “lugares de memória” discursivos (como em nosso *corpus*, os jornais e as peças de campanha eleitoral, que fazem circular as memórias dos discursos da sociedade de Mariana) ou artefaturais, ambos os elementos de distribuição da memória, mas que também passam por uma memória cognitivo-discursiva. Os afetos e *emoções* são dimensões integrantes da memória porque são retidos por ela quando são reconfigurados no processo de *reconhecimento*.

Para explicar os fatores envolvidos na reconstrução memorial, Paveau cita Damásio (2002, p.238), que afirma que

nous stockons en mémoire non seulement des aspects de la structure physique d'un objet – ce qui permet potentiellement de reconstruire sa forme, ou sa couleur, ou sa sonorité, ou son mouvement typique, ou son odeur, ou tout ce que vous voulez –, mais également des aspects de l'engagement moteur de notre organisme dans le processus d'appréhension de ces aspects pertinents: nos réactions émotionnelles à un objet, notre état physique et mental élargi au moment d'appréhender l'objet.<sup>7</sup>

Paveau defende que os afetos e *emoções* deveriam ser estudados pelos analistas do discurso, não somente pelos estudos argumentativos sob o ângulo da expressão, como poucos ainda fazem, mas observando a cognição. Porém, percebemos que, mesmo a cognição sendo parte integrante da memória discursiva, assim como os afetos, a Análise do Discurso

---

<sup>7</sup> “Nós estocamos na memória não somente aspectos da estrutura física de um objeto – o que permite potencialmente reconstruir sua forma, sua cor, sua sonoridade, ou seu movimento típico, seu odor, ou tudo o que se queira –, mas igualmente aspectos do engajamento motor de nosso organismo no processo de apreensão desses aspectos pertinentes: nossas reações emocionais a um objeto, nosso estado físico e mental ampliados no momento de apreender o objeto” (DAMÁSIO, 2002, p. 238).

não tem meios para estudá-los em profundidade. Cognição e emoção, enquanto processos internos, são objetos de estudo da Psicologia e da Neurologia, áreas que têm metodologia para observar como funcionam o corpo e a mente humana. A Análise do Discurso pode observar como as emoções são expressas no discurso, como elas podem ser usadas para causar efeitos patêmicos, ou ainda, que formas linguísticas podem gerar emoção. Algumas vezes, os efeitos patêmicos são influenciados por representações da memória, aspecto da cognição que a AD também pode observar, mas restringindo-se ao campo linguístico-discursivo (como falaremos na seção 1.2 deste capítulo).

Já Charaudeau (2004), identifica a memória compreendida em três dimensões: uma memória das formas de signos, uma memória das situações de comunicação e uma memória dos discursos.

A memória das formas de signos são *maneiras de dizer* mais ou menos rotineiras, que seria como o *saber dizer* ou os estilos dos membros das *comunidades semiológicas* (CHARAUDEAU, 2004). É através destas que os indivíduos elaboram julgamentos de ordem estética, ética, pragmática etc. sobre a maneira de falar em função das normas sociais partilhadas. Por exemplo, um homem político, ao falar durante uma palestra em um congresso sobre Ciências Políticas adotará formas linguísticas distintas das que ele adotaria quando estivesse falando como candidato a um cargo eletivo para milhares de eleitores em praça pública, já que as normas sociais regem que, em um evento científico, devem-se utilizar termos técnicos e construções sintáticas mais elaboradas, uma vez que o público que assiste à palestra partilha dessas competências. Já o público que assiste ao comício em praça pública é mais heterogêneo e, desejando ser compreendido por todos, o candidato buscará, em seu léxico, formas e maneiras de dizer compartilhadas por todos os interlocutores, ou, pelo menos, pela maioria deles.

Já a memória das situações de comunicação é o dispositivo de regulação das trocas comunicativas, uma espécie de contrato de reconhecimento a partir das condições psicossociais da troca em relação às expectativas (*enjeu*). Constituem as *comunidades comunicacionais*, através das quais se reconhece a situação, os dispositivos e contratos de comunicação, para se interpretar então o discurso, podendo-se variar a interpretação de acordo com diferentes situações de comunicação.

A memória dos discursos é o lugar onde se constituem os Saberes de Conhecimento e os Saberes de Crença, que, por sua vez, legitimam discursos que se

apresentam como representações sócio-discursivas e por meio dos quais as identidades coletivas são construídas. É a fragmentação da sociedade por estas representações que constitui as chamadas *comunidades discursivas*, uma vez que é por meio do apelo a certas representações que tais comunidades são formadas e onde se reúnem sujeitos que têm os mesmos posicionamentos e valores.

Para demonstrar mais clara e detalhadamente como a memória é vista na Teoria Semiociológica, de Patrick Charaudeau, uma vez que acreditamos que esta perspectiva reúne os principais pontos apresentados nas perspectivas anteriores, falaremos a seguir da teoria proposta pelo autor francês, principalmente dos pontos que estão ligados à memória.

#### 1.1.2.1 – A MEMÓRIA NA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Patrick Charaudeau, em sua Teoria Semiociológica, buscando alcançar os sentidos implícitos dos atos de linguagem, vai pensar a memória enquanto saberes partilhados, tomando a linguagem em suas dimensões cognitiva, social e psico-social e semiótica. Para isso, ele parte do ato de linguagem, compreendido como “um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão”, mundo este que se faz através da estratégia humana da significação (CHARAUDEAU, 2008, p.20).

Charaudeau (2005 e 2006a), ao explicar o processo de semiotização do mundo, mostra que este é resultado de um duplo processo: de transformação do “mundo a significar” em “mundo significado” pelo sujeito falante; e de transação do “mundo significado” para o sujeito destinatário. Em outras palavras, o sujeito comunicante vai significar o mundo (processo de transformação) para depois comunicá-lo ao sujeito interpretante (processo de transação), considerando os quatro princípios que fundam o ato de linguagem.

Assim, o processo de transação se realiza de acordo com um *princípio de alteridade*, segundo o qual o ato de linguagem é um ato de troca entre dois parceiros que se reconhecem como diferentes – um sujeito comunicante (EUc), produtor do sentido do ato de linguagem, e o outro sujeito interpretante (TUi) –, e iguais, porque é necessário que eles partilhem certos saberes e motivações; um *princípio de pertinência* (ou de *relevância*), segundo o qual os parceiros precisam reconhecer os universos de referência, para que o ato de

linguagem seja apropriado à situação e à finalidade; um *princípio de influência*, já que todo ato de linguagem é construído de forma intencional para influenciar o interlocutor, seja fazendo-o agir, seja afetando-o emocionalmente, seja orientando o seu pensamento; e, por último, um *princípio de regulação*, segundo o qual os parceiros dominam o jogo das influências, fazendo com que a troca comunicativa chegue a uma conclusão, utilizando-se de estratégias discursivas. Em resumo, o processo de transação é realizado levando-se em consideração a identidade dos parceiros e os saberes partilhados por eles, a finalidade do ato e o efeito pretendido, a influência que se pretende ter sobre o interlocutor e, conseqüentemente, a relação que se quer estabelecer, e o tipo de regulação necessária.

Então, em função desses aspectos que serão considerados no processo de transação, o sujeito comunicante vai transformar o “mundo a significar” em “mundo significado” passando por quatro tipos de operações: a *identificação* dos seres do mundo, conceituando-os e nomeando-os, para que então se possa falar deles; a *qualificação*, que consiste na descrição das características e propriedades dos seres do mundo; a *ação*, que passa pela narrativa das ações sofridas ou praticadas pelos seres; e a *causação*, um tipo de explicação ou de atribuição de causas para as ações sofridas ou praticadas.

Os dois processos (de transformação e transação), de acordo com Machado (2001), são solidários um com o outro, apesar de podermos perceber uma dependência do processo de transformação para com o processo de transação. Diante disso, como afirma Charaudeau (2006a, p.42), “todo o discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação”, entre discurso, sujeitos e especificidades do quadro de comunicação. Uma adaptação do diagrama proposto por Charaudeau (2005) pode ser observada a seguir:

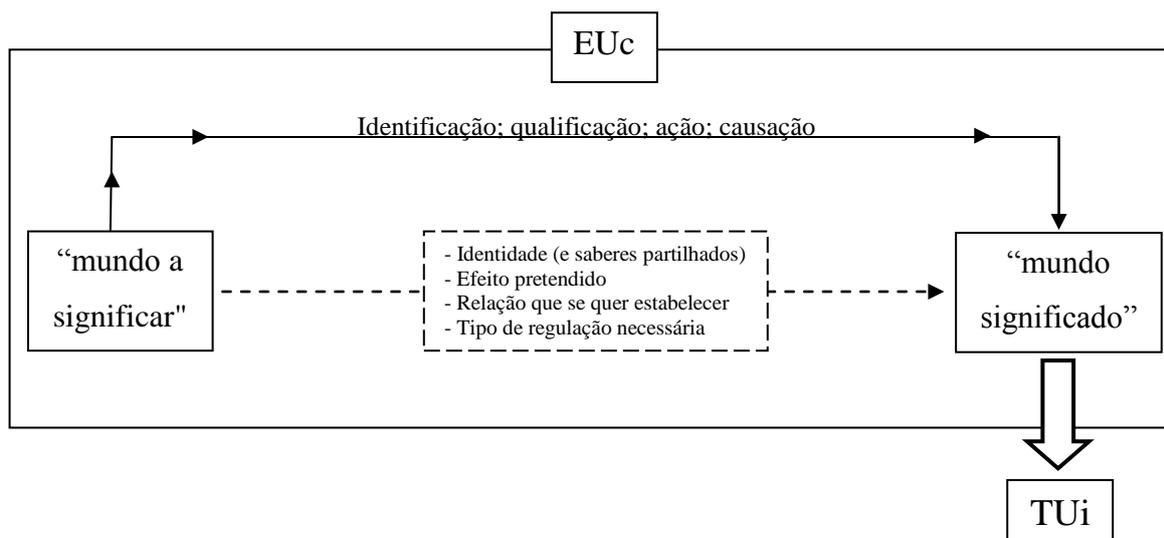


FIG. 1 – Diagrama do processo de semiotização do mundo.

Como acabamos de ver, o processo de semiotização do mundo consiste em torná-lo “inteligível”, a partir de representações sociais. Segundo Charaudeau (2007), as representações sociais<sup>8</sup> funcionam como um mecanismo de construção do conhecimento da realidade social. Elas seriam os valores e modelos mentais socialmente difundidos por meio de um discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p.433), de forma genérica e dinâmica. Já quando as representações são cristalizadas e fixas, elas passam a ser tratadas como clichês ou como estereótipos, cada um com suas peculiaridades.

O clichê – termo que surgiu na tipografia para designar a chapa metálica que continha imagens e/ou dizeres em relevo utilizada na impressão em máquina tipográfica – é definido por Orlandi (2004, p. 42) como uma fórmula trivial, uma frase feita que representa uma idéia comum, que se torna uma expressão fixa e cristalizada de tanto ser repetida. Segundo Amossy e Pierrot (1997), a noção de clichê liga-se à estilística e ao domínio literário, sendo utilizada para criticar a má literatura, como aquela que não preza pela singularidade do

<sup>8</sup> De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2006), a noção de Representação Social surge na Sociologia, com Durkheim, sob a denominação de “representação coletiva”, correspondendo à relação entre a significação, a realidade e sua imagem. A noção foi retomada e reformulada por Moscovici, na Psicologia Social, que passa a utilizar o termo que conhecemos hoje, sob a crítica de que coletivas seriam as representações de um grupo fechado. Nessa perspectiva, de acordo com Guimelli (1999, p.64 citado por CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p.432), as representações sociais “recobrem o conjunto de crenças, dos conhecimentos e das opiniões que são produzidas e partilhadas pelos indivíduos de um mesmo grupo, a respeito de um dado objeto social”. Já para a Pragmática, nos trabalhos de Sperber e Wilson sobre a Teoria da Relevância, a noção – sob a denominação de representações compartilhadas – está relacionada aos processos pelos quais um sujeito interpreta os enunciados.

dizer, usando o trivial e comum, conotação herdada da relação que se estabelece com a idéia de reprodução e falta de originalidade que tinha o termo na sua origem no campo da tipografia.

Esse caráter pejorativo também se liga ao termo "estereótipo, já que, assim como o termo clichê, ele surgiu na tipografia, designando a placa metálica utilizada na prensa tipográfica. O termo, segundo Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot (1997), só foi assumido pelas Ciências Sociais, na década de 20, por Walter Lippmann, para quem o estereótipo seria um tipo de esquema cultural pré-existente por meio do qual a realidade é apreendida pelos indivíduos.

Para a Análise do Discurso, o estereótipo é uma representação social cristalizada, que surge como construção de leitura (AMOSSY, 1991, p. 21 *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p.215), já que, como ele não aparece explicitamente na materialidade discursiva, é necessário que o sujeito interpretante recupere os elementos implícitos e reconstrua os estereótipos a partir dos conhecimentos partilhados, remetendo a um modelo cultural conhecido. Pensando nisso, Machado (2007b) aponta que a noção de pré-construído é essencial ao se falar em estereótipo, já que para ser percebido como tal, é necessário que o sujeito enunciador seja capaz de organizar seu texto de forma que o sujeito interpretante perceba o que está oculto; assim, os saberes comuns, ou pré-construídos, são necessários tanto ao processo de explicitação, quanto ao de recuperação das representações.

Apesar de serem bastante utilizadas no interior da Análise do Discurso, as noções de clichê e estereótipo trazem consigo alguns problemas. Além da carga pejorativa que os termos carregam, segundo Procópio (2008), há uma dificuldade em se estabelecer o momento em que uma representação se cristaliza e se transforma em estereótipo ou clichê. Além disso, Charaudeau (2007) explica que os estereótipos, por serem mais pontuais e estáveis, tendem a depender do julgamento de um sujeito e costumam estar carregados de valorização algumas vezes positiva, mas, na maioria delas, negativa, relacionada ao preconceito, sendo muito utilizados com uma finalidade humorística, apresentando, por exemplo, o judeu como avaro, o português como pouco inteligente, o carioca como malandro, entre outros.

Pensando nisso, Charaudeau (2007), em um artigo escrito para um simpósio sobre estereótipos, critica a proliferação de termos como estereótipos, clichês, *poncifs*, lugar

comum, ideias recebidas, “pont aux ânes”<sup>9</sup>, todos do mesmo campo semântico, que apesar de terem suas peculiaridades, podem ser tomados, de forma geral, como representações socialmente partilhadas, que foram repetidas e cristalizadas, caracterizando idéias de forma simplista e generalizante. Assim, apesar de reconhecer que o estereótipo é necessário para a comunicação, mas também o rejeitando pelas questões que listamos acima, Charaudeau (2007, p.59) propõe a noção de *imaginários sócio-discursivos*, defendendo que estes não possuem uma valoração, não podendo ser avaliados em verdadeiro ou falso.

Para definir o termo, Charaudeau (2006b, p.203) explica que os saberes, enquanto representações sociais, ou seja, imagens da realidade, que transformam o real em universo de significação, são chamados de imaginários. Na medida em que estes imaginários são linguisticamente representados por enunciados, que, apesar de terem diferentes formas, podem ser semanticamente reagrupáveis, eles serão chamados de imaginários discursivos. Esses imaginários discursivos circulam no interior de um grupo social, enquanto referência para seus membros, portanto, são *imaginários sócio-discursivos*. Assim, Charaudeau (2007, p. 53) os define como

un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant<sup>10</sup>.

Diante das críticas feitas por Charaudeau (2007), da apresentação desse conceito e ao percebermos que em nosso *corpus* não encontrávamos exclusivamente clichês ou estereótipos ou apenas representações dinâmicas, optamos pela utilização da noção de imaginários sócio-discursivos, já que esta abarca as três noções e, portanto, operacionalmente é mais viável para as análises.

Os imaginários sócio-discursivos, segundo Charaudeau (2007), seriam o resultado do processo de simbolização representativa da realidade de ordem afetivo-racional, por meio de saberes partilhados socialmente. Esses saberes podem ser de dois tipos: os *Saberes de Conhecimento*, em que o mundo se sobrepõe ao homem, e os *Saberes de Crença*, em que olhar do homem se sobrepõe ao mundo.

---

<sup>9</sup> Expressão francesa, que traduzida literalmente seria “ponte dos burros”, que significa banalidade conhecida de todos.

<sup>10</sup> “um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como o dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante”. (Tradução livre).

Os *Saberes de Conhecimento*, de acordo com Charaudeau (2006a, 2006b, 2007), buscam estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo, uma verdade externa ao sujeito. Assim, esse tipo de saber é neutro, sem julgamento, que diz respeito aos fatos do mundo e às explicações que se pode dar sobre eles. Está embasado numa razão científica ou empírica e sua verificação pode ser provada ou experimentada e, portanto, não é discutível. Charaudeau categoriza os Saberes de Conhecimento em *Saber Científico* e *Saber de Experiência*.

O *Saber Científico* constrói explicações sobre o mundo, como ele é e como funciona. Conforme o próprio nome diz, é da ordem da razão científica e, portanto, baseia-se em observações, experimentos e cálculos. Com isso, esse saber é comprovável por qualquer pessoa, que tenha a mesma competência do cientista que o desenvolveu. Exemplos de Saber Científico são as teorias e os códigos.

O *Saber de Experiência* explica o mundo por meio de um saber empírico, experimentado pelos sujeitos, mas sem qualquer procedimento científico específico ou instrumentação. Qualquer indivíduo pode experimentá-lo e prová-lo. Assim, inserem-se nessa categoria os saberes universais de experiência partilhada, de causalidade natural, como, por exemplo, o de um indivíduo que, apesar de não conhecer a Lei da Gravidade, sabe que ao soltar um objeto no ar, ele vai cair, ou, que apesar de não saber qual a temperatura do fogo, sabe que ele é quente e pode provocar queimadura.

Charaudeau (2007) dá um exemplo sobre o Sol. Todos sabemos que o Sol nasce e se põe, e esse é um Saber de Experiência, porque todos os dias, empiricamente, experimentamos isso. Mas sabemos também que é a Terra que gira em torno do sol, apesar de nunca termos observado o movimento dela de fora; esse é um Saber Científico. Ambos são Saberes de Conhecimento, porque explicam o mundo por meio de palavras, apesar de comprovar os fenômenos de maneiras diferentes: científica e empiricamente.

Já os *Saberes de Crença* buscam embasar um julgamento sobre o mundo. Eles pertencem a um modo de explicação do mundo, proveniente de apreciações e valorizações subjetivas. Com isso, esse tipo de saber não pode ser verificado. Assim, os sujeitos que os utilizam o fazem por adesão ou por apropriação. Charaudeau (2007) categoriza os Saberes de Crença em Saberes de Revelação ou em Saberes de Opinião.

O *Saber de Revelação* implica que há um lugar de verdade fora do sujeito, mas ao contrário do Saber de Conhecimento, não pode ser provado ou verificado. Assim, a

legitimação desse saber se faz pela adesão dos sujeitos que o aceitam como verdade inquestionável, mesmo quando ele vá contra algum Saber de Conhecimento. Os discursos desse saber têm um caráter sagrado, desempenhando o papel de valores de referência absoluta, como são as doutrinas (sejam elas religiosas, seculares ou de outro tipo) e as ideologias.

O *Saber de Opinião* resulta de um processo de avaliação, julgamento ou opinião, em que o indivíduo se posiciona a propósito dos fatos do mundo. Com isso, o julgamento é, ao mesmo tempo, pessoal e social, já que é um julgamento do indivíduo, pautado em suas crenças, mas que, ao mesmo tempo, para avaliar e julgar, utiliza os saberes socialmente partilhados. Charaudeau (2007) divide os Saberes de Opinião em três tipos: a *Opinião Comum*, que utiliza os argumentos da *doxa*, fazendo um julgamento generalizado, utilizando provérbios e enunciados generalizantes; a *Opinião Relativa*, que seria um julgamento individual ou de um grupo em relação a uma discussão, em que se posiciona favorável ou contrariamente sobre a questão que se discute; e a *Opinião Coletiva*, que, como o nome diz, é a opinião de um grupo sobre outro grupo, em que se atribui um valor de identidade, definindo características desse grupo.

Uma questão importante sobre os Saberes de Crença é sua relação com os valores. Ao fazer julgamentos sobre o mundo, os indivíduos atribuem-lhe valores de acordo com suas crenças. Com isso, ao considerar que os membros de um grupo social compartilham determinados valores, podemos acrescentar à questão dos Saberes, os domínios de avaliação e valores, propostos por Charaudeau (2008). De acordo com o autor, os sujeitos comunicantes, buscando a adesão do sujeito interpretante, utilizam argumentos que são fundamentados no consenso social, uma vez que os membros dos grupos sociais compartilham certos valores, relacionados aos domínios de avaliação. São eles: *Domínio da Verdade*, que define os seres, fenômenos ou objetos em *verdadeiro* ou *falso* (em termos de originalidade, autenticidade, unicidade), *Domínio do Estético*, que define em termos de *belo* ou *feio*, *Domínio do Ético*, avaliando como *bem* ou *mal* (a que concerne valores como solidariedade, honestidade, justiça, fidelidade, disciplina, lealdade, responsabilidade, entre outros), *Domínio do Hedônico*, em termos de *agradável* ou *desagradável* e *Domínio do Pragmático*, avaliando o *útil* e o *inútil* (atribuindo valores como habitual, durável, frequente, singular, original, único).

Uma adaptação do diagrama proposto por Charaudeau (2007) sobre os tipos de saberes encontrados nas sociedades, os quais constituem os imaginários sócio-discursivos

(que se organizam em sistemas de pensamento construindo teorias, códigos, doutrinas, ideologias, saberes universais experimentados e opiniões), pode ser observado abaixo:

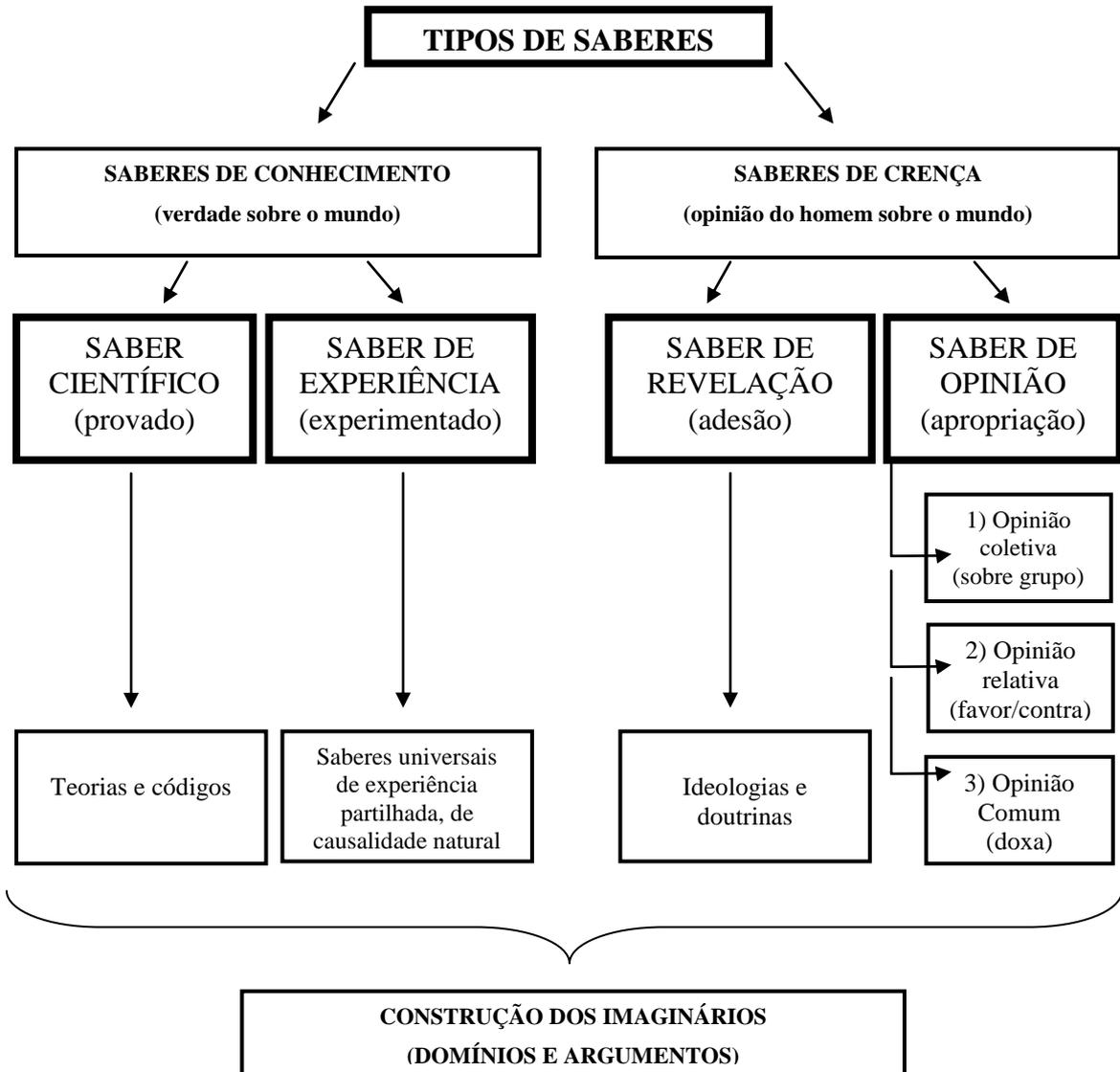


Fig.2 – Diagrama das construções de imaginários sócio-discursivo (adaptado de Charaudeau, 2007, p. 63)

Resumindo, para Charaudeau, de forma geral, o ato de linguagem consiste em atos significadores que *falam* o mundo, através do processo de semiotização deste. Nesse processo, o sujeito comunicante representa o mundo ao representar a relação dos parceiros com as especificidades do quadro de comunicação, sendo uma delas, os saberes partilhados pelos parceiros. A partir disso, o sujeito comunicante significa o mundo utilizando os saberes

de conhecimento e de crença partilhados em sua comunidade. É na memória discursiva que são depositados esses saberes socialmente partilhados pelas comunidades discursivas. Assim, se os imaginários sócio-discursivos são resultado da representação simbólica da realidade por meio dos saberes de conhecimento e de crença partilhados, os imaginários circulantes em dada comunidade discursiva são construídos a partir das representações da realidade que estão na memória discursiva daquela comunidade.

Diante disso, vemos que a perspectiva de Charaudeau sobre a memória parece reunir os principais pontos das perspectivas apresentadas por nós nas seções 1.1.1 e 1.1.2, noções essas que apresentamos no diagrama abaixo.

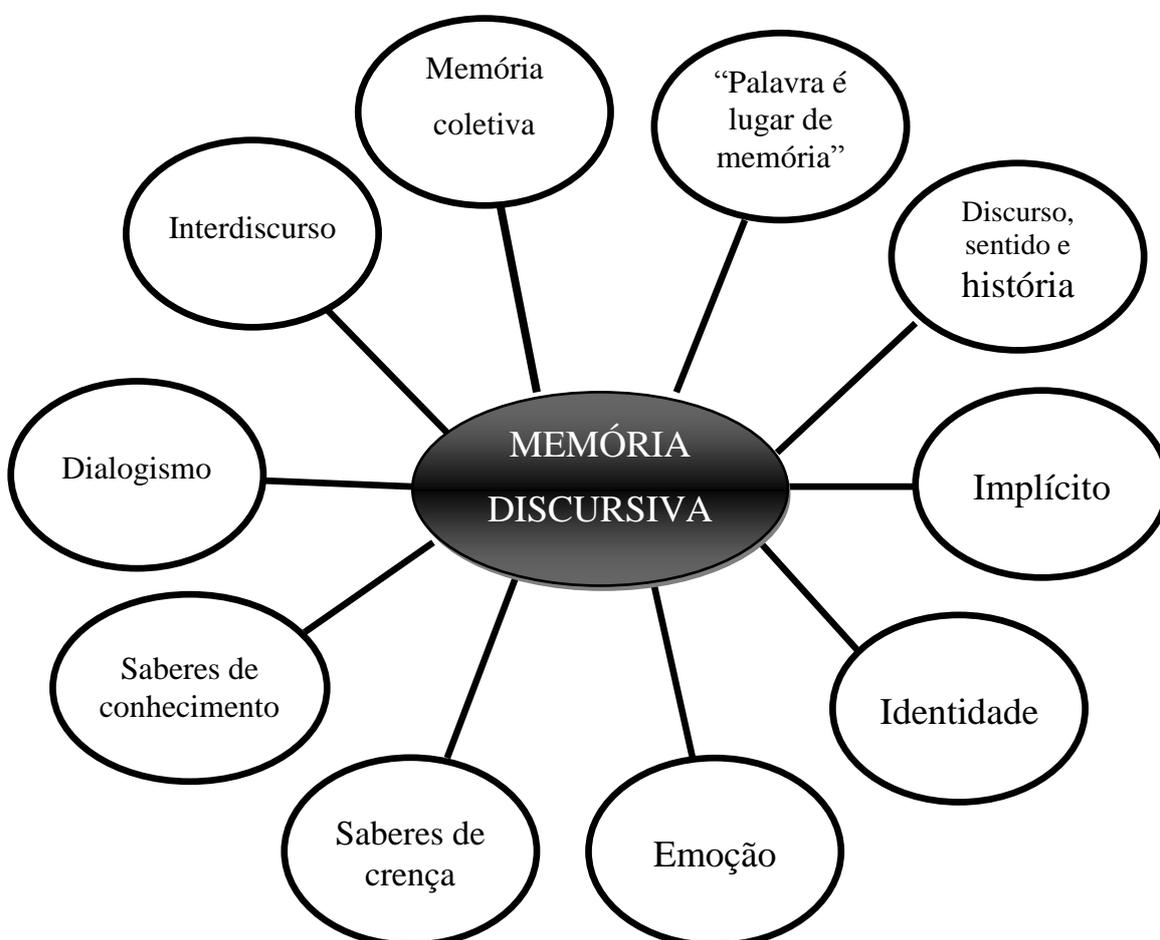


Fig.3 – Diagrama das noções que se relacionam a memória discursiva

Vale ressaltar que Charaudeau não cita nenhum dos autores de que falamos nas seções 1.1.1 e 1.1.2, nem podemos afirmar com certeza que ele recebeu alguma influência deles. Além disso, ele não utiliza vários dos termos utilizados pelos outros teóricos. Ainda

assim, gostaríamos de apresentar como esses importantes pontos aparecem, mesmo que de forma implícita, no trabalho de Charaudeau para justificar a nossa escolha por esse referencial teórico.

Poderíamos dizer que, para Charaudeau, a linguagem é tecido da memória (COURTINE, 2006a), ou seja, a palavra é lugar de memória (NORA, 1993), já que é na materialidade linguística que ele busca traços da memória buscando captar os implícitos. Charaudeau (2010b) afirmou que o sujeito, para interpretar um discurso, constrói um significado hipotético relacionando o enunciado explícito com o que está por trás dele. Para isso, no nível textual, ele faz inferências contextuais, ou seja, observa tudo que coexiste naquele texto e que permite inferir um sentido; no nível situacional da comunicação, ele vai levar em conta as condições de produção para, a partir daí, tirar informações que também colaborem para a inferência de implícitos; e no nível discursivo, esse sujeito interpretante vai fazer inferências interdiscursivas, a partir dos saberes comuns partilhados entre os parceiros.

Charaudeau ressalta que não se deve confundir saberes comuns com saberes universais. Os saberes comuns são aqueles partilhados apenas entre os membros de um grupo, membros esses capazes de realizar as mesmas inferências e construir o mesmo significado hipotético para um enunciado, já que o fazem enquanto seres sociais. E é como tal que partilham de uma mesma memória social e coletiva (HALBWACHS, 2006), essencial para a comunicação, já que é levando em conta os saberes partilhados que o sujeito comunicante vai significar o mundo, no processo de produção, e o sujeito interpretante vai fazer inferências interdiscursivas para captar os implícitos, no processo de recepção do discurso.

É no compartilhamento desses saberes, sejam eles de conhecimento ou de crença, que se constrói a memória discursiva dos membros que estão reunidos virtualmente em comunidades discursivas. Ao partilharem saberes científicos, empíricos, posicionamentos, sistemas de valores (políticos, julgamentos morais, entre outros), ou seja, uma memória, a comunidade partilha também identidades. Neste ponto vemos uma coincidência no pensando de Charaudeau e Le Goff (2003).

As identidades e saberes partilhados pelos membros da comunidade discursiva são resultado da história dela. Analisar como a História se faz materialmente presente, como descreve Pêcheux, enquanto memória no discurso, é o que buscamos fazer enquanto analistas do discurso. Assim, apesar das diferenças entre suas teorias, não há como negar que Pêcheux influenciou Charaudeau.

Além disso, percebemos que, também na perspectiva adotada por Charaudeau, o estudo da memória tem uma ancoragem discursiva, social e histórica, assim como descreve Moirand (2008). A ancoragem é discursiva porque a memória pode ser percebida na materialidade discursiva e na relação dessa com os discursos anteriores; histórica porque os saberes de conhecimento e de crença que são depositados na memória discursiva são resultado da história daquela comunidade discursiva e é por meio dela que os imaginários sócio-discursivos são construídos; e social porque é como sujeito social que partilha uma memória coletiva que os parceiros da troca se comunicam.

Com isso, tendo definido o que estamos chamando de memória e qual a perspectiva que adotaremos para analisar os traços da memória no discurso da cidade de Mariana, passemos à questão das emoções, as quais são utilizadas discursivamente em nosso *corpus* e fundamentadas nos imaginários sócio-discursivos que se encontram na memória da cidade.

## 1.2 EMOÇÕES

As emoções no discurso vêm sendo estudadas desde a antiguidade clássica, como podemos perceber nas obras de Aristóteles. No livro II da *Retórica*, o filósofo se dedica exclusivamente ao estudo das paixões, examinando os fatores capazes de tocar o auditório, assim como a natureza e as propriedades das paixões e pré-disposições sentimentais dos seres humanos, de acordo com estatutos sociais e idade. Aristóteles nos mostra que, quanto maior for o conhecimento do orador acerca do auditório, levando-se em conta também as características e inclinações afetivas deste, maiores serão as chances do orador de produzir emoção.

Apesar dessa importância, no momento inicial da AD, com Michel Pêcheux, no final da década de 1960 e nos anos seguintes, o tema das emoções não foi incluído entre as suas prioridades. Não há referências significativas de estudo das emoções também nos trabalhos refundadores da retórica, como nos de Perelman & Olbrechts-Tyteca da década de 1950. O que surge algum tempo depois é a perspectiva lógico-normativa, segundo a qual

indícios de emoções no discurso representariam expedientes irracionais e falaciosos, considerados como desvios ou vícios a serem evitados para uma “boa” argumentação.

Por muito tempo, as emoções foram vistas de forma negativa pelas ciências em geral. Essa exclusão deve-se, em grande parte, a Descartes, para quem “as paixões seriam signo de doença e somente se elas fossem alijadas, a mente estaria em perfeita saúde” (LIMA, 2007, p.140). Essa cisão entre razão e emoção é anterior ao filósofo: vem desde a Grécia Antiga, em Platão, e ainda permaneceu por muitos séculos, como pode ser observado em autores do Romantismo (LIMA, 2008, p.128).

Porém cada espaço e tempo social parecem constituir as suas representações sobre o que se apresenta como mais importante no discurso, seja o caráter do orador (*ethos*), sejam as emoções provocadas no auditório (*pathos*) ou o discurso em si e a racionalidade deste (*logos*). Para Menezes (2007), essas representações compartilhadas entre os indivíduos fazem parte dos imaginários, saberes e crenças de determinadas épocas e espaços sociais. Assim, atualmente, as emoções parecem ser constituídas pela sociedade brasileira como representações importantes no discurso.

As emoções voltam a ser objeto de interesse e pesquisa em diversas áreas, como Psicologia, Antropologia, Filosofia, Sociologia etc., cada uma delas dando o enfoque de seu campo do conhecimento. Na Análise do Discurso, as pesquisas que têm as emoções como tema procuram entender a gestão dos afetos nas relações sociais, como as emoções são utilizadas estrategicamente com fins persuasivos, quais os efeitos possíveis de se gerar a partir de emoções e, até mesmo, compreender a lógica própria dos sentimentos, ou seja, as emoções em sua racionalidade psicossocial.

Por isso pesquisas sobre a emoção tornaram-se necessárias na atualidade para que se pudesse analisar globalmente os discursos sociais, já que nesses as emoções têm lugar de destaque. Assim, é necessário considerar as emoções como integrantes legítimas das relações sociais mediadas pela linguagem, podendo o analista do discurso, que desconsiderá-las, estar negligenciando um aspecto decisivo do processo de adesão.

No discurso político eleitoral no Brasil, as emoções por um lado parecem ser recursos estratégicos que fazem parte da contemporaneidade do *marketing* político eleitoral; por outro lado, não há mesmo como negar a forte carga emocional que se apresenta seja a partir da fala de lideranças comunitárias, como é o caso do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, seja a partir da narrativa das histórias de vida sofrida, ou da infância

“pobre” do candidato tucano José Serra ou das torturas sofridas pela atual presidente Dilma Rousseff, apresentadas durante a última campanha eleitoral para a presidência.

Na mídia informativa, as emoções também se apresentam nas narrativas dramatizantes das notícias. Quando tratam de tragédias ou catástrofes, a carga patêmica é ainda maior. Diante das imagens, dos depoimentos e, até mesmo, da fala dos jornalistas, o efeito patêmico é quase certo. Nas mídias de entretenimento, dos *realities shows*, *psi-shows* e *talk shows*, os temas giram em torno das emoções e a argumentação é centrada no *pathos*.

Até mesmo no campo jurídico, as emoções são parte importante dos discursos. Advogados, ao apresentarem acusações ou defesas, o fazem usando a emoção como argumentos. Mas a afetividade ultrapassa os discursos de advogados, chegando aos juízes, que, a princípio, são sinônimo de racionalidade e frieza. Em um caso recente, durante o julgamento de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, pai e madrasta da menina Isabela Nardoni, até mesmo a sentença de condenação dos criminosos foi repleta de emotividade. O juiz, ao decretar a pena, menciona a comoção popular e as emoções sentidas pela mãe desde a morte da menina e durante todo o processo.

No caso específico da disputa pelo poder municipal na cidade de Mariana, as emoções estão muito presentes. Nessa comunidade, as emoções circulam no discurso político e no discurso midiático, como um reflexo das representações que circulam nos discursos da cidade, que são plenos de emoção. Isso se deve ao fato da população se envolver, de maneira efetiva nas questões políticas, inclusive afetivamente. Há uma relação muito próxima entre cidadãos e políticos, o que aumenta a identificação e a proximidade entre eles e, conseqüentemente, faz com que os efeitos patêmicos sejam mais intensos e as emoções sejam reforçadas enquanto parte desse universo discursivo. Somados a isso, os fatos ocorridos durante a disputa – que vão desde o assassinato do ex-prefeito e pré-candidato às sucessivas cassações –, fizeram com que as emoções estivessem ainda mais presentes, uma vez que a situação era propícia a dramatização.

Para pensar os discursos que circulam na cidade de Mariana observaremos *jingles*, propagandas eleitorais e reportagens de jornais, gêneros dos domínios político e midiático, que utilizam, para significar o mundo, representações partilhadas por aquela sociedade. Com isso, apesar de observarmos o discurso da cidade, não podemos esquecer que os textos que analisaremos foram produzidos e circularam como discursos político e midiático e que eles têm uma lógica própria, por meio da qual utilizam as emoções de acordo com uma finalidade.

Assim, veremos como as emoções funcionam, enquanto estratégias no espaço do dizer no discurso midiático e, em seguida, no político.

Fernandes (2010) afirma que a emoção é condição necessária para o discurso jornalístico, já que, nas palavras de Muniz Sodré (2006), comunicar implica em usar a emoção e a estética do afeto e do sensível, como espaços de construção do senso comum e da ligação dos seres humanos. A autora, baseando-se em Charaudeau, explica, ainda, que os gêneros do discurso midiático, assim como todos os discursos, estão inseridos em um contrato de comunicação, que se baseiam em estratégias de legitimidade, credibilidade e captação. A legitimidade está ligada ao estatuto social. No caso do jornal, isso se refere à publicação dos nomes da empresa, dos diretores, dos editores e dos repórteres. A credibilidade, enquanto estratégia construída no interior do discurso, tem a ver com a comprovação da capacidade do locutor de saber dizer e também com a apresentação de fatos, de dados, testemunhas, entrevistas e opiniões de especialistas (FERNANDES, 2010, p.142). Já a captação é a estratégia que mais nos interessa, uma vez que ela utiliza o *pathos*, para tocar o auditório, buscando provocar um efeito emocional favorável à finalidade do ato de comunicação.

Diante dessa estratégia, Fernandes cita Charaudeau (1996, p.31), que divide os objetivos para captação em três tipos: *o objetivo informativo*, que busca fornecer ao leitor um saber novo para ele, ou seja, uma novidade; *o objetivo persuasivo*, que visa a fazer o leitor aderir ao seu universo discursivo, por meio de uma visada de fazer crer; e *o objetivo sedutor*, que pretende “o controle do outro, agradando-o, fazendo-o sentir prazer, emoções, usando de discursos não-rationais, da verossimilhança como o ficcional, do imaginário mítico, dos jogos de palavras”. Além disso, para captar, o jornalista pode utilizar efeitos de *dramatização*, nos relatos de tragédias, medos e histórias cotidianas, e também efeitos de *ludismo*, por meio de poesias, aventuras, ficção etc.

Além disso, Fernandes chama a atenção para o fato de que os jornalistas utilizam os efeitos emocionais de captação baseando-se nos discursos e nas crenças que circulam nas comunidades, o que exige do jornalista uma sensibilidade para perceber quais as expectativas de sua comunidade em relação à abordagem que vai ser dada à notícia. Para isso, o jornalista deve partilhar os saberes comuns àquela comunidade.

Sobre o discurso político, Patrick Charaudeau afirma que “a persuasão usada pelo discurso político relaciona-se com a paixão, com a razão e com a imagem” (CHARAUDEAU, 2006b, p.93). De acordo com o autor, o relacionamento com a paixão deve-se ao fato de o

campo político ser “por excelência o lugar em que as relações de poder e submissão são governadas por princípios passionais” (idem). Assim, o objetivo do discurso político é mais incitar a opinião do que a argumentar, preocupando-se menos em estabelecer uma verdade racional e mais em transformar ou reforçar opiniões impregnadas de emoção, ao construir a identidade dos atores do mundo político.

De acordo com Charaudeau (2006b), muitos pensadores afirmaram que “a gestão das paixões é a arte da boa política” e que apenas grandes homens a colocaram em prática. Não basta somente raciocinar e levar o eleitorado a pensar desta ou daquela maneira; é preciso tocar o auditório, isto é, colocá-lo em uma “disposição de espíritos” tal que seu julgamento possa ser mais facilmente orientado nesta ou naquela direção (CHARAUDEAU, 2006b, p.81).

Além disso, o homem político deve mostrar-se crível à população e persuadir o maior número possível de indivíduos, para que esses lhe concedam o voto. Para isso, ele tem que convencer a todos da pertinência de seu projeto político e fazer o maior número de cidadãos aderirem aos seus valores. Assim, ele vai construir um discurso no qual, estrategicamente, coloca em cena as emoções e os valores considerados importantes por aquela sociedade, além de construir imagens de si de acordo com os imaginários de como deve ser um representante político para a sua comunidade, utilizando os modos de raciocínio e formas linguística que acredita sejam os mais adequados para essa finalidade. Ou seja, o homem político vai buscar a persuasão na relação do *pathos*, com o *ethos* e o *logos*.

O *pathos*, que diz respeito ao auditório-ouvinte, o *ethos*, que diz respeito à dimensão do orador, e o *logos*, ligado ao discurso e à racionalidade desse, são os três meios de persuasão apresentados por Aristóteles, na *Retórica*. Porém, para o filósofo, “quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão” (ARISTÓTELES, 2005, p.96). Todavia, “a predileção pelo *ethos* é apenas aparente e indica que a instância de produção do discurso detém um papel decisivo na formulação das imagens de si, das disposições e do discurso, com a sua razão persuasiva” (Menezes, 2007, p.321). Além disso,

não se trata, aqui, de postular a predominância definitiva de um ou de outro dos elementos. Eles são co-participantes da finalidade persuasiva. A prova retórica do *pathos* se constitui ao lado da racionalidade ou *logos* e ao lado dos caracteres do orador ou *ethos* discursivo, pois a partir do momento em que o orador toma a palavra, ele mostra seu *ethos*, que se encontra em relação ao *pathos* do auditório e manifesta-se pelo *logos*. Tudo integra um mesmo processo. (Menezes, 2005, p.4)

A ação das provas retóricas é solidária, porque ao apresentar o discurso, o orador apresenta, também, uma imagem de si e busca tocar afetivamente o auditório. Assim, a persuasão é produto dos três meios. Menezes (2006, p.326) dá o exemplo de um homem político que valoriza negativamente o corrupto e a corrupção e, para fazê-lo, ele apresenta seu desprezo por estes vícios da sociedade e, ao mesmo tempo, mostra-se como um sujeito honesto. Apresenta-se também indignado com a prática da corrupção, pois, assim como o auditório, ele tem desprezo e ódio pelo corrupto. Para se mostrar honesto e indignado, o homem político utiliza a linguagem da forma que acredita ser a mais apropriada para o momento e para a finalidade do discurso. Assim, através da racionalidade discursiva, o orador constrói uma imagem de si de honesto e convoca também o *pathos*.

Aristóteles afirma também que podemos pensar na predominância de uma ou outra prova de persuasão para cada gênero específico, como o *ethos* para o deliberativo, ou o *logos* para o epidíctico, ou, ainda, o *pathos* para o judiciário. Mas essa predominância não deve ser confundida com a exclusividade, porque, de acordo com o filósofo, é a partir da “justa medida” entre as três provas que se obtém a persuasão. Assim, apesar do discurso político contemporâneo estar centrado no *pathos*, essa prova retórica se dá também na relação com o *ethos* e o *logos*.

Sobre a relação do *pathos* com o *logos*, ainda de acordo com Charaudeau (2006b), a persuasão relaciona-se com a paixão, mas também com a razão, já que o universo dos afetos é regulado em razão da racionalidade. Eggs (2000) também defende esta perspectiva, ao afirmar que o *logos* está presente em qualquer experiência de emoção. Machado (2007a, p.169) também defende que a construção patêmica de um discurso obedece a uma racionalização do saber, assim como Amossy (2000), que, ao falar de uma “razão das emoções”, também se filia a esta linha de raciocínio, pois para ela o pensamento é passional e a racionalidade é necessariamente afetiva.

Para a autora, razão e emoção (*logos* e *pathos*) coexistem na elaboração de um argumento. Para explicar essa relação, Amossy tem como ponto de partida o fato que as emoções são julgamentos avaliativos racionais, já que um determinado sentimento pressupõe uma avaliação de seu objeto, avaliação esta feita de acordo com a razão, as crenças e os valores que envolvem esse objeto. Amossy (2000, p.322) conclui que “la raison n’est plus dès lors que le masque revêtu par la passion pour pouvoir arriver plus sûrement à ses fins” e que a emoção tem fundamento na razão e que todo julgamento é também passional.

Contudo, Charaudeau considera fundamental que a problemática persuasiva, especialmente a patêmica, seja percebida, também, em relação aos valores apresentados na cena discursiva. Pensando no que o autor afirma, podemos dizer, então, que o candidato apresenta em seu discurso argumentos que realçam a paixão, mas que devem estar relacionados aos valores sociais mais importantes para a sua sociedade. No caso do discurso político, qualquer que seja a variedade dos propósitos, estes devem se referir aos valores da vida em comunidade e devem, evidentemente, ser apresentados de maneira positiva, uma vez que concernem ao bem estar social do indivíduo (CHARAUDEAU, 2006b). Ou seja, devem ser apresentados valores compartilhados pela instância política e pela instância cidadã já que eles devem se fundir em um certo ideal de “viver junto” (Arendt, 1999).

O discurso político relaciona-se com a paixão, com a razão e também com a imagem, pois, de acordo com Charaudeau (2007), em última análise, não há adesão a idéias que não passe pelos homens. Na construção das imagens de si, o homem político vai tentar mostrar-se crível aos olhos da instância cidadã, por meio da construção de *ethé* de credibilidade, e atrativo, por meio de *ethé* de identificação. Aqui, nos *ethé* de identificação, observamos a fronteira entre as imagens de si e o *pathos*, já que este tipo de *ethos* busca tocar o afeto do cidadão e levá-lo a aderir a suas teses e valores pela identificação.

Retomando a questão dos valores, estes se relacionam com as crenças, já que o sistema de crenças é portador de valores. Sobre a relação das emoções com as crenças, Nussbaum (1995, p.25) mostra que, para a tradição filosófica, há uma ligação entre elas, mas as posições não são unânimes quanto a precisar essa relação. Alguns defendem que as crenças são condição necessária para as emoções; outros que as crenças são necessárias e suficientes; outros dizem ainda que as crenças são parte constitutiva da emoção; e outros, enfim, defendem que “a emoção é simplesmente um tipo de crença e julgamento”. Nessa perspectiva, Charaudeau (2010, p.29) defende que as emoções são julgamentos que se apóiam nas crenças partilhadas socialmente por um grupo e, enquanto convenções sociais, devem ser respeitadas, sob a pena de uma sanção moral (PAPERMAN, 1995). Essa autora defende também que as emoções, pensadas como convenções sociais, geram um sentimento de pertencimento a algum grupo social, ao serem utilizadas como algo partilhado por uma comunidade.

Assim, se entendemos a memória discursiva como sendo construída por saberes de conhecimento e de crença partilhados pelas comunidades, saberes esses que legitimam os imaginários sócio-discursivos (que, por sua vez, são construídos na história dessa sociedade e

que, conseqüentemente, fazem parte da memória discursiva, juntamente com os saberes, valores e crenças que trazem consigo), então, as emoções se relacionam com a memória. Desta forma, as emoções são utilizadas discursivamente, como julgamentos apoiados em crenças, ligadas às representações e de ordem intencional, para atingir um objetivo comunicativo, colocando em cena as crenças e valores partilhados socialmente.

Com isso, retomando tudo que foi dito, de forma geral, podemos dizer que as emoções fazem parte da discursividade contemporânea e que ela é utilizada intencionalmente com a finalidade de emocionar, seguindo uma lógica de utilização, e que, ao mesmo tempo, elas se ligam aos Saberes de Crença. Assim, tomando-as como imaginários socialmente partilhados, podemos dizer que a emoção tem também uma função identitária, já que, ao utilizá-la, o sujeito enunciador o faz buscando a identificação e adesão do interpretante. Essa construção identitária também é estratégica, já que os efeitos e a intensidade desses dependem da relação de proximidade entre os interlocutores, sendo maior quanto mais próximos forem e menor quanto mais distantes. Passemos então a questão da identidade.

### 1.3 IDENTIDADE

Identidade é entendida, de maneira geral, como o conjunto das características próprias de um indivíduo ou de um grupo, as quais fazem com que esses se reconheçam enquanto iguais e, ao mesmo tempo, diferentes. Por exemplo, para reconhecermos um autor como romântico, temos que identificar traços do Romantismo em suas obras e, ao mesmo tempo, não identificarmos traços do Parnasianismo.

Hall (2005), em seu livro sobre a identidade cultural na pós-modernidade, mostra como o sujeito e sua identidade foram vistos por diferentes correntes. Para o Iluminismo, o sujeito era visto como um indivíduo centrado e unificado, dotado de uma identidade que o acompanhava desde o nascimento até a morte. Essa identidade nunca era alterada, já que era única e exclusiva do sujeito. Já para a Sociologia, ao contrário da perspectiva individualista do Iluminismo, o sujeito e sua identidade eram formados na relação com outras pessoas importantes para ele. Essas apresentam os valores, sentidos e cultura do meio para o sujeito, em uma concepção interativa da construção da identidade.

Já o sujeito pós-moderno, para Hall, é concebido como aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Aqui, o sujeito é visto como portador (mas não permanente) de diversas identidades, algumas até contraditórias. Assim, Hall (2005, p.21) defende a identidade como uma “celebração móvel”, que pode “ser ganhada ou perdida”. Ele explica que isso se deve à complexidade da vida moderna, que exige que os sujeitos assumam diferentes identidades, dependendo da forma como eles são representados ou interpelados pelo meio. Além disso, para ele, a construção das identidades está ligada ao uso que os indivíduos fazem dos recursos deixados pela história, cultura e linguagem.

Sobre a relação entre identidade e história, Halbwachs (2006) afirma que a memória é aquilo que é comum a um grupo e, ao mesmo tempo, o diferencia dos outros, reforçando o sentimento de pertencimento a um segmento social. Assim, a memória reforçaria a coesão social pela adesão afetiva do grupo, o que a torna elemento essencial para a construção (ou reafirmação) da identidade social. Os traços da memória discursiva, que circulam enquanto traços de uma memória coletiva e social, fornecem elementos para a construção de identidades fundamentadas na história social dos grupos, ou seja, a identidade emerge também de uma memória discursiva. Assim, Barbosa (2003) defende que as identidades são construídas no e pelo discurso, no interior das práticas discursivas, na relação do discurso com a história, por meio de estratégias específicas.

Segundo Charaudeau, no *Dicionário de Análise do Discurso* (2006, p.266), a noção de identidade não foi muito desenvolvida em AD, mas, diante dessa noção convém acrescentar os conceitos de sujeito e de alteridade. O sujeito é aqui, aquele que diz “eu”, e a alteridade é compreendida como o princípio segundo o qual os sujeitos devem se reconhecer enquanto diferentes e iguais, já que, segundo o autor, não há consciência de si sem a consciência da existência do outro, noções fundamentais para se pensar a identidade.

Ainda de acordo com o Dicionário, para a AD, a identidade do sujeito do discurso é construída na articulação entre uma identidade pessoal e uma identidade de posicionamento, essa compreendida como o posicionamento do sujeito em relação aos valores socialmente partilhados, o que pode ser percebido pelo seu discurso. A identidade pessoal, de acordo com Charaudeau (2009), se dá na conjugação da identidade psicossocial com a identidade discursiva. A primeira compreende os traços definidos por idade, sexo, estatuto, lugar hierárquico e qualidades afetivas, ou seja, os traços do sujeito comunicante, enquanto ser psicossocial. Ela precisa ser reconhecida pelos outros indivíduos, para que o sujeito

comunicante tenha direito a palavras, ou seja, é a identidade psicossocial que dá legitimidade ao sujeito comunicante. A legitimidade deve-se a um processo de reconhecimento do sujeito por outros sujeitos no que diz respeito aos valores partilhados por eles. Além da legitimidade atribuída pelo papel social, ela também pode ser atribuída pelo reconhecimento dos membros de uma comunidade, que concedem aos indivíduos que são dotados de um “saber-fazer”, a legitimidade da palavra. É o caso de profissionais que se aposentam de uma carreira e passam a trabalhar como consultores ou comentaristas de sua antiga profissão, ou como no caso de testemunhas, que tem legitimidade porque viveram a experiência, ou ainda como no caso de militantes, que recebem o direito à fala por seu engajamento que lhe permite manifestar-se em nome da prática. Assim, a legitimidade, seja ela resultado do papel social ou como um “atribuído-reconhecido”, pode ser reconstruída, mascarada ou descolada pela identidade discursiva.

Enquanto a identidade social está ligada à legitimidade do sujeito comunicante, ser psicossocial, a identidade discursiva se relaciona às estratégias de credibilidade e captação, utilizadas pelo sujeito enunciador, no espaço do dizer. A credibilidade se relaciona ao *ethos*, na medida em que é a estratégia que busca discursivamente mostrar para o sujeito interpretante que ele deve acreditar no sujeito comunicante, já que ele é digno de fé. Charaudeau (2009) diz que o sujeito enunciador, buscando mostrar-se crível, pode adotar diferentes atitudes discursivas, como a *neutralidade*, mostrando-se imparcial, sem fazer julgamentos; *distanciamento*, apresentando frieza emocional e racionalidade; ou *engajamento*, optando e assumindo uma posição, como um “ser de convicção”.

Já as estratégias de captação, têm como objetivo fazer com que o sujeito interpretante partilhe das idéias e das opiniões do sujeito comunicante, sendo tocado afetivamente. Para “fazer crer”, o sujeito enunciador vai utilizar argumentos da ordem do *pathos*, podendo escolher também entre diferentes atitudes discursivas. De acordo com Charaudeau (idem), elas podem ser: *atitude polêmica*, buscando antecipar as possíveis objeções que o outro poderia apresentar, para eliminá-las, por meio de questionamentos aos valores utilizados; *atitude de sedução*, visando fazer com que o sujeito interpretante se identifique com os personagens, utilizando imaginários em que eles desempenham papéis positivos; *atitude de dramatização*, apresentando dramas de vida, repletos de analogias, comparações, metáforas etc., apoiando-se em valores afetivos socialmente partilhados,

buscando emocionar. Assim, a identidade discursiva utiliza os imaginários sócio-discursivos, em um contínuo processo de construção.

No modelo de análise do discurso proposto por Charaudeau (2001 e 2009), podemos compreender a construção dos traços identitários por meio não só das três estratégias discursivas, mas também na relação dessas com as competências languageiras. Elas são quatro: (i) uma competência *comunicacional* ou *situacional*, que compreende a aptidão do sujeito em reconhecer a situação de comunicação (ou seja, a capacidade está em uma memória das situações de comunicação), que determina a identidade social dos parceiros e as relações que se estabelecem entre eles. São os “traços constituintes da identidade comunicacional dos sujeitos” que dão a ele legitimidade, segundo Charaudeau (2009). Assim, esse tipo de competência se relaciona com a identidade social. Já as outras competências auxiliam na construção da identidade discursiva. (ii) Uma competência *semântica*, que, segundo o autor, diz respeito ao que Sperber (1989) chama de “ambiente cognitivo mutuamente partilhado”, ou seja, é a capacidade do sujeito de organizar os saberes de conhecimento e de crença supostamente partilhados entre ele e seu parceiro na troca. Por isso, esta competência está relacionada com a vida em sociedade. (iii) Uma competência *discursiva*, por meio da qual se reconhece qual o melhor modo de organização do discurso, se o argumentativo, o narrativo ou o descritivo, em função das restrições do contrato. (iv) Uma competência *semiollingüística*, que seria uma unificação de todas as outras competências, já que é a aptidão que permite ao sujeito combinar formas (escolhidas graças à competência semântica, levando em conta o sentido e as regras de combinações), em função das restrições situacionais (é a competência *situacional* que permite ao sujeito percebê-las) e em função do modo de organização do discurso (que se liga a competência *discursiva*). Charaudeau (2009) afirma que é nessa competência que a identidade discursiva encontra sua “corporificação”, na relação de todas as competências que se materializam pela competência semiollingüística.

Resumindo tudo o que foi dito sobre identidade, de forma geral, podemos dizer que identidade é resultado de características psicossociais do sujeito e imagens de si que este constrói discursivamente. Assim, a identidade psicossocial lhe dá legitimidade para tomar a palavra e, discursivamente, ele vai adquirir sua credibilidade, construindo imagens positivas de si e em concordância com que a sociedade vê como bom, e vai buscar captar o interpretante, apresentando emoções, valores e crenças, que deixarão transparecer uma imagem. Sobre isso, Amossy e Pierrot (1997, p. 44) dizem que :

L'adhésion à une opinion entérinée, une image partagée, permet par ailleurs à l'individu de proclamer indirectement son allégeance au groupe dont il désire faire partie. (...) Si l'on ajoute que cette appartenance est également aux yeux de l'individu ce qui lui permet de se situer et de se définir, on comprendra que le stéréotype intervient nécessairement dans l'élaboration de l'identité social. Pour la psychologie sociale, l'identité d'un individu se définit, non seulement en termes de personnalité singulière, mais aussi en termes d'appartenance de groupe<sup>11</sup>.

Diante da construção das imagens de si do sujeito enunciador, os interlocutores constituirão “uma consciência de si e que parte de uma identidade coletiva” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 433).

Além da construção da identidade discursiva do sujeito, enquanto imagem de si (AMOSSY, 2005), observaremos em nosso *corpus* também, a construção de imagens do outro pelo sujeito enunciador. A noção de *ethos* também pode ser referida à construção da imagem que um orador faz sobre outra pessoa<sup>12</sup>, isto é, o *ethos* também diz respeito “às imagens de seres ou instituições tematizados por esses mesmos discursos” (GALINARI, 2009, p.3). O autor defende que Aristóteles reconhece essa possibilidade teórica do *ethos*, que ele chama de “*ethos* de outrem”, no trecho em que diz: “Esta era a segunda prova [ou seja, o *ethos*]; pois é pelos mesmos meios que poderemos inspirar confiança, em nós próprios e **nos outros** no que respeita à virtude.” (grifo nosso) (Aristóteles, 1998, p. 75 *apud* GALINARI, 2009, p.3). No caso do discurso midiático dos jornais, essa categoria é essencial, já que, na maior parte do tempo, o jornalista constrói imagens de terceiros, em geral, os personagens das notícias. Já no caso do discurso político, o candidato constrói imagens de seus adversários, em geral, negativas, visando à perda de legitimidade destes, além de apresentar as identidades da população.

---

<sup>11</sup> A adesão a uma opinião aprovada, uma imagem partilhada permite ajudar o indivíduo a proclamar indiretamente sua lealdade a um grupo que ele deseja fazer parte. (...) Além disso, se a adesão é também, aos olhos do indivíduo, o que permite a ele se situar e se definir, compreendemos que o estereótipo intervém necessariamente na elaboração de uma identidade social. Para a psicologia social, a identidade do indivíduo se define, não somente em termos de personalidade singular, mas também em termos de pertencimento a um grupo. (Tradução livre).

<sup>12</sup> Essa perspectiva é utilizada no trabalho de diferentes pesquisadores do Núcleo de Análise do Discurso (NAD), tais como Mendes (2008), Procópio (2008) e Santos (2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo, buscamos apresentar o arcabouço teórico que utilizaremos para analisar o *corpus*. Na primeira parte, apresentamos um histórico das pesquisas sobre memória, visando a extrair de cada uma delas elementos e reflexões que pudessem contribuir para a nossa configuração teórica.

As noções de memória coletiva, de Halbwachs, que nega a existência de uma memória individual, já que até a mais individual memória só se realiza a partir das representações, percepções e memórias coletivas; de lugares de memória, de Nora; a relação da História com o Discurso, da memória com um já-lá, um já-dito, um pré-construído, de Pêcheux; a linguagem como tecido da memória, como a existência histórica do enunciado, externa ao sujeito, de Courtine; as ancoragens discursiva, histórica, social e cognitiva da memória interdiscursiva, no processo de alusão, de Moirand; o aspecto cognitivo-discursivo da memória, da qual emoções, laços memórias e reconhecimento são elementos integrantes, de Paveau; e os saberes de conhecimento e os saberes de crença, enquanto construídos na memória discursiva, de Charaudeau foram essenciais para que pudéssemos chegar ao conceito de memória discursiva.

Assim, entendemos que a memória discursiva é um “depósito” de saberes de conhecimento e de crença, compartilhados por comunidades discursivas, saberes esses que legitimam os imaginários sócio-discursivos partilhados e que são construídos na história dessa sociedade. Esses saberes, que residem na memória, são ativados por palavras-acontecimento, enunciados ou discursos que fazem alusão a outros discursos, para dar significação ao ato de linguagem, fazendo restabelecer os implícitos. A memória dos discursos sociais está ligada à história das sociedades, história que deixa suas marcas no discurso, fazendo circular representações dela. Isso, de acordo com Maingueneau (2008), nos permite recuperar as relações enunciativas e históricas que vêm à superfície pelo funcionamento da língua.

A cidade tem uma memória, onde estão depositados os imaginários discursivos, que são constituídos pelos saberes (de conhecimento e de crença) partilhados pelos cidadãos. São nesses imaginários que estão os valores e identidades importantes para aquela cidade e nos quais os sujeitos comunicantes buscaram as representações ideais para utilizarem em seus discursos buscando a adesão dos sujeitos interpretantes. Os argumentos (da ordem da emoção

e da identidade), que são fundamentados nos imaginários sócio-discursivos têm maiores chances de serem eficazes já que se apóiam nos conhecimentos comuns.

Na segunda seção (1.2), pensamos as emoções como argumentos da ordem do *pathos* e que se relacionam com valores e crenças, enquanto representações socialmente partilhadas. Assim, tomamos o *pathos*, como construído em um espaço de estratégia, sendo utilizada pelos sujeitos comunicantes do discurso midiático, que levam em conta as crenças dos sujeitos interpretantes, projetadas no sujeito destinatário, sobre como se deve abordar a notícia e qual o enfoque deve ser dado. Do mesmo modo, tomamos o *pathos* no discurso político, como estratégia do espaço de encenação, na sua relação com o *ethos* e o *logos*, na finalidade de tocar os sujeitos interpretantes, colocando em cena emoções, crenças e valores partilhados entre os protagonistas como imaginários importantes ao se tratar de política.

Na terceira seção (1.3), falamos de identidade, como imagens características dos sujeitos que faz com que eles se vejam como semelhantes e diferentes, identidades essas que são móveis, podendo ser construídas, desconstruídas e modificadas, de acordo com a finalidade. Pensando assim, Charaudeau (2001 e 2009) descreve que as identidades pessoais são resultado da somatória das identidades psicossociais, que dão legitimidade ao sujeito, e das identidades discursivas, que buscam a credibilidade e a captação, por meio da articulação das aptidões ou competências semântica, situacional, discursiva e semiolinguística. Assim, os enunciadores constroem imagens de si e dos outros, utilizando os imaginários socialmente partilhados sobre como eles devem se apresentar de acordo com o papel social que exercem naquela situação e com quais finalidade e propósito. A identidade também se relaciona à memória, já que essa faz constituir comunidades, que por uma relação, até mesmo afetiva, faz surgir um sentimento de pertença.

Com isso, estabelecidos o arcabouço teórico, passemos às explicações de ordem metodológicas da pesquisa.



## **CAPÍTULO 2 – O *CORPUS* E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresentaremos, nesse capítulo, o *corpus* e a metodologia de análise que será utilizada. No primeiro momento, faremos a descrição do *corpus*, explicando quais foram os critérios de seleção dos textos. Em seguida, faremos a descrição dos procedimentos e instrumentos de análise, maneira pela qual obtivemos os dados, que serão apresentados na última parte do capítulo.

### 2.1 – DESCRIÇÃO E COLETA DO *CORPUS*

Com o objetivo de observar os discursos circulantes na cidade de Mariana e as memórias presentes nesses discursos, sobre a disputa pelo poder municipal, selecionamos textos que tratam deste tema, os quais acreditamos fazerem circular saberes, imaginários, emoções, crenças, valores e identidades da sociedade marianense.

Nosso *corpus* é composto por peças de campanha (*jingles*<sup>13</sup> e propagandas eleitorais gratuitas radiofônicas<sup>14</sup>) e reportagens de jornal, que tratam da disputa pelo poder municipal na cidade de Mariana – MG. Acreditamos que o *corpus* é representativo quando se trata de circular representações importantes para essa sociedade, uma vez que políticos e jornalistas significam o mundo utilizando os saberes partilhados por todos, apoiando-se em valores, crenças e emoções que fazem parte dos imaginários locais.

Os *jingles*, que serão analisados, são dois: um intitulado “Eu quero o melhor para Mariana”, que é uma peça da campanha do candidato Roque Camello; e outro intitulado “Vai Terezinha, Vai!”, criado pela equipe da candidata Terezinha Ramos. A escolha por peças de campanha desses dois candidatos deve-se ao fato de eles terem sido os candidatos com maior chance de vitória no pleito, além de terem fortes relações com dois ex-prefeitos importantes

---

<sup>13</sup> Podemos definir *jingle* como “uma peça musical cuja função é a de facilitar e estimular a retenção da mensagem pelo ouvinte, (...) geralmente curto e com melodia, ao mesmo tempo, simples e de fácil compreensão” (SIEGEL, 1992, *apud* LOURENÇO, 2007). São um importante veículo de divulgação das campanhas eleitorais, pelo fato de serem difundidos por meio de equipamentos eletrônicos de longo alcance, como rádio, no contexto de seu surgimento, e, posteriormente, televisão, internet, carros de som, entre outros.

<sup>14</sup> Não existe na cidade de Mariana uma emissora de televisão. Portanto, a difusão dos programas de propaganda eleitoral são feitas por rádio.

da cidade – Celso Cota, de quem Roque Camello foi vice, e João Ramos, marido falecido de Terezinha.

Já as propagandas eleitorais radiofônicas totalizavam 19 de Roque Camello (que abordou temas como emprego e renda, saúde, segurança, educação, juventude, esporte, turismo, agricultura, distritos e moradia) e 18 de Terezinha Ramos (que falou dos mesmos temas que Roque mais do problema de falta de água, saneamento básico e apoio popular). Dessas 37, selecionamos seis (três de cada candidato), sendo elas a primeira, a última e a propaganda que teve como tema o *turismo*. A escolha pelo primeiro e o último programa foi em virtude da visão ampla que eles nos dão sobre a campanha, já que, em geral, no primeiro programa, o candidato se apresenta, conta sua história, mostra suas propostas e expectativas, e no último, faz-se um apanhado da campanha. Já a escolha do programa sobre turismo deve-se ao fato de que o tema se relaciona com assuntos bastante importantes para se pensar a memória da cidade, como patrimônio, história, alterações no espaço físico urbano, além de ser uma temática muito explorada durante a campanha, devido à importância econômica do turismo para a cidade.

Quanto aos aspectos formais, as propagandas de Roque têm uma duração de 16m36s, enquanto as de Terezinha têm 4m12s. Esse tempo é determinado pela justiça eleitoral em função da coligação do candidato, levando-se em conta a representatividade de cada partido. Quanto à estrutura, as propagandas de Roque são encenadas como programas de rádio, apresentados por Arlindo Luiz, conhecido radialista da cidade, e Priscila. Os dois fazem entrevistas com o candidato Roque, seu vice, Zezinho Salete, com o prefeito na época, Celso Cota, além de pedir a opinião da população que dá depoimentos e faz perguntas. Há programas em que o povo pede para ouvir músicas, no caso, o *jingle* “Eu quero o melhor para Mariana”. No primeiro programa, acontece também uma encenação, que é uma espécie de “rádio-novela”, com um único capítulo, que conta a história de vida do candidato, desde a infância.

Já as propagandas de Terezinha Ramos, com exceção da última, têm sempre a mesma estrutura. Um narrador, não identificado, abre o programa apresentando a coligação e, em seguida apresenta o tema do qual Terezinha tratará, sendo um único tema para cada propaganda. Em seguida, a candidata fala sobre o tema em questão, apresentando sua proposta para aquela área. Logo depois, inicia uma encenação, também como uma rádio-novela, que tem continuidade a cada programa. Essa, que aborda, em geral, o mesmo tema

tratado pela candidata, tem como personagem uma menina chamada *Marianinha* que sempre, no decorrer da história, tem alguma dúvida, que é esclarecida pelos pais, ou encontra-se diante de um problema, que será solucionado por Terezinha. Após a rádio-novela, Terezinha apresenta mais propostas sobre o tema em questão e, no final, o narrador encerra dando as notícias de campanha e agenda da candidata. Como mencionamos, o último programa é o único que apresenta estrutura diferente da descrita acima. Nele a candidata agradece e o vice, Roberto Rodrigues, esclarece alguns fatos.

Já a seleção das reportagens partiu de uma coleta de 133 textos de gêneros diversos do *Jornal Ponto Final*, que tinham alguma relação com a política local. Em seguida, dividimos esses textos de acordo com a temática central. Os temas encontrados foram: alteração do espaço urbano, cultura, educação, esporte, lazer, patrimônio, poder municipal, saneamento, saúde, segurança e turismo. Em um segundo momento, por questões de ordem prática, optamos por selecionar apenas as reportagens de uma única categoria, já que se selecionássemos uma reportagem de cada tema, não conseguiríamos realizar uma análise em profundidade, devido ao grande número de textos, nem teríamos uma amostragem representativa sobre cada tema. Assim, selecionamos entre as reportagens sobre o *poder municipal*, seis que fossem capazes de representar o desenrolar da disputa eleitoral.

A primeira diz respeito ao polêmico desmanche do ginásio poliesportivo, que, de acordo com João Ramos, representaria uma disputa pela memória política dos monumentos da cidade, já que esta e outras obras que Celso Cota e Roque Camello vinham reformando e demolindo, tinham sido construídas durante os mandatos de Ramos. Já Cota e Camello defendem que o desmanche do ginásio deve-se a harmonização do conjunto arquitetônico, já que o prédio, mesmo estando fora do sítio histórico, atrapalhava a estética da cidade porque podia ser visto de qualquer parte, destoando das belezas históricas. Assim, essa reportagem mostra a disputa entre João Ramos e Celso Cota/Roque Camello. A segunda reportagem noticia a morte de João Ramos, um crime político, que, portanto, faz parte da disputa pelo poder e que teve como consequência a candidatura de Terezinha Ramos. A terceira, fala da eleição de Roque Camello, apresentando o futuro prefeito à população de Mariana, por meio de uma entrevista. A quarta trata da mobilização popular para o *impeachment* de Roque. A quinta reportagem fala sobre o período de indeterminação política da cidade, que acarretou no desinteresse pelos problemas locais por parte dos governantes. A sexta e última reportagem

trata da posse de Terezinha Ramos. Todas as reportagens foram coletadas no *site* do *Jornal Ponto Final*<sup>15</sup> e, posteriormente, tivemos acesso à parte delas em formato digital (PDF).

Assim, apresentamos o nosso *corpus* no QUADRO 1:

	GÊNERO	TÍTULO/TEMA	EUC
J1	<i>Jingle</i>	“Eu quero o melhor para Mariana”	Roque Camello
J2	<i>Jingle</i>	“Vai Terezinha, vai!”	Terezinha Ramos
P3	Propag. Eleitoral 1	História de vida/ impugnação	Roque Camello
P4	Propag. Eleitoral 1	Justifica a candidatura / Falta de água	Terezinha Ramos
P5	Propag. Eleitoral 11	Turismo	Roque Camello
P6	Propag. Eleitoral 5	Turismo	Terezinha Ramos
P7	Propag. Eleitoral 19	Agradecimentos/ paz	Roque Camello
P8	Propag. Eleitoral 18	Agradecimento / participação popular	Terezinha Ramos
R9	Reportagem	“Tira... Ou não tira?”	Repórter
R10	Reportagem	“Ex-prefeito de Mariana é assassinado”	Repórter
R11	Reportagem	“Perfil: Roque Camello” (entrevista )	Repórter e Roque Camello
R12	Reportagem	“Sindicato quer impeachment de Roque”	Repórter
R13	Reportagem	“Uma cidade que adormecia resplandeceu”	Repórter
R14	Reportagem	“Terezinha: 1ª mulher no Executivo municipal de Mariana”	Repórter

QUADRO 1 – Descrição do *corpus*

Como pode ser observado na primeira coluna do quadro acima, criamos um código para nos referirmos a cada texto que constitui o nosso *corpus*. O código é formado por uma letra (a inicial do gênero) e um número (numeração ordenada para todos os textos). Assim, quando formos nos referir ao *jingle* “Eu quero o melhor para Mariana”, diremos o J1 (J de *jingle* e 1 por ser o primeiro da lista). Para nos referirmos à primeira Propaganda

<sup>15</sup> <http://jornalpontofinal.com.br>

Eleitoral, que trata da vida de Roque Camello, diremos P3. E usaremos R9 para nos referirmos à reportagem intitulada “Tira... ou não tira?”.

## 2.2 – PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

Para analisarmos os discursos que circulam na cidade de Mariana, as diretrizes da Teoria Semiociuística, de Patrick Charaudeau (1992, 2007, 2008, 2009, 2010) são essenciais. Já apresentamos alguns pontos dessa teoria no primeiro capítulo, quando falamos de nosso referencial teórico. Porém, aqui ela será utilizada como referencial metodológico, uma vez que Charaudeau propõe modelos de análise e categorias que nos serão bastante úteis.

No terceiro capítulo, apresentaremos a análise das marcas linguísticas, ou seja, dos elementos do plano semiociuístico. Porém, se observarmos somente este plano, não estaríamos fazendo análise do discurso e sim análise textual. Para analisarmos as possíveis interpretações das marcas linguísticas, temos que levar em conta também os aspectos dos níveis situacional e discursivo, que formam, de acordo com Charaudeau, juntamente com o nível semiociuístico, o quadro de comunicação. Assim, faremos agora a descrição dos níveis situacional, discursivo e semiociuístico, para que, no próximo capítulo, possamos realizar a análise das marcas linguísticas.

### 2.2.1 – NÍVEL SITUACIONAL

É no nível situacional que encontramos os dados externos, ou melhor, extralinguísticos de uma troca comunicativa. Estes dados são as identidades sociais dos parceiros, a finalidade da troca e a situação de comunicação, entendida aqui como o ambiente físico e social do ato de comunicação.

#### 2.2.1.1 – SUJEITOS DA COMUNICAÇÃO

Para a Teoria Semiociuística, de Patrick Charaudeau, os sujeitos da comunicação são sobredeterminados por condições de ordens diversas, que regem o contrato

de comunicação, como, por exemplo, a de que os sujeitos (produtor e receptor do discurso) pertençam ao mesmo universo de práticas sociais e que por isso partilhem as representações linguageiras dessas práticas. Com isso, o sujeito produtor do discurso pode supor que certas formas disponíveis em seu léxico serão reconhecidas pelo sujeito receptor do discurso. Mas, apesar dessa sobredeterminação que restringe as ações linguageiras do sujeito produtor do discurso, ele é, ao mesmo tempo, livre para conceber e organizar estratégias a fim de cumprir sua intenção comunicativa por meio da encenação discursiva.

Assim, para melhor descrever o quadro da comunicação, Charaudeau propõe um desdobramento dos dois sujeitos da linguagem (EU e TU), em quatro: um sujeito comunicante (EUc) e um sujeito interpretante (TUi), que são seres psicossociais, o primeiro produtor, que levará em conta as restrições do contrato, e o segundo receptor que interpretará o discurso levando em consideração as circunstâncias; e um sujeito enunciador (EUe) e um sujeito destinatário (TUd), seres de fala, que se realizam durante a enunciação. De maneira resumida, o EUe é uma criação do EUc para colocar em cena, no espaço interno do dizer, as estratégias discursivas que serão utilizadas para se alcançar a finalidade do ato de comunicação. As estratégias serão construídas a partir da imagem que o EUc tem do TUi. Essa imagem projetada pelo EUc é o TUd. Com base na descrição do quadro de comunicação feita por Charaudeau, apresentaremos agora os sujeitos do discurso presentes no nosso *corpus*.

No *jingle* “Eu quero o melhor para Mariana” (J1), o sujeito comunicante é o candidato a prefeito Roque Camello, que, conjuntamente com a coligação *Mariana Avança com a Força do Povo* defendia a manutenção do *status quo*. Ele dirige o seu discurso aos eleitores de Mariana. Assim, tanto o EUc (Roque) quanto o TUi (eleitores) são cidadãos de Mariana e, por isso, fazem parte do mesmo universo de práticas sociais. No espaço interno de estratégia, o EUc coloca em cena diversas vozes, que representam diferentes segmentos da sociedade, apresentando feitos realizados durante o governo no qual o candidato era vice-prefeito, como provas de que o *melhor para Mariana é Roque* como prefeito. Então, na primeira estrofe, um narrador apresenta a proposta de continuidade do trabalho que estava sendo feito; na segunda, uma criança fala da Escola em Tempo Integral; na terceira, um homem fala de moradia, de lazer e de emprego; na quarta estrofe, Roque diz que sua preocupação maior é o povo; e por último, uma mulher fala da segurança instaurada com a criação da Guarda Municipal. Essas diferentes vozes, que representam os diferentes segmentos da sociedade, são colocadas em cena no espaço de estratégia visando atingir esses

diferentes segmentos da sociedade. Isso é feito de acordo com a imagem que o EUC faz do TUi, ou seja, o TUD, imagem ideal. Dessa forma, o quadro de comunicação de J1 pode ser representado da seguinte maneira:

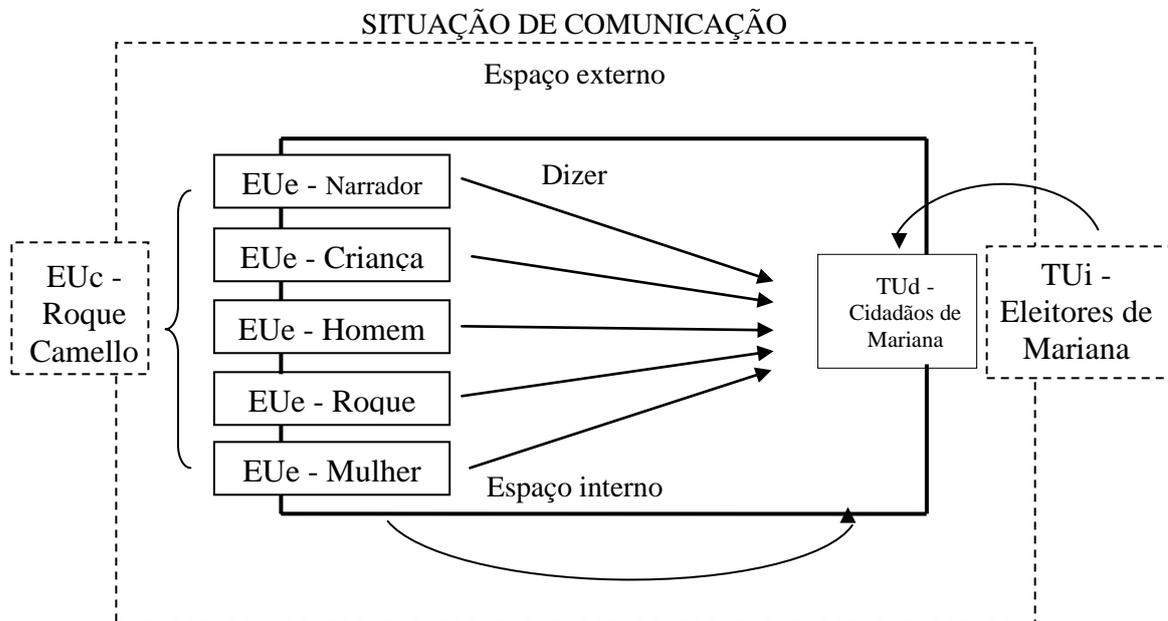


Fig. 4 – Encenação do quadro linguageiro do J1

Já no *jingle* “Vai Terezinha, vai!” (J2), acontece algo curioso: o EUC é também destinatário no espaço do dizer e o TUi é também EUe. A candidata Terezinha Ramos é o sujeito comunicante, que produz um discurso endereçado ao TUi, que são cidadãos eleitores da cidade de Mariana. Porém, durante a encenação no espaço do dizer, são os cidadãos (EUe) que vão dizer ao TUD, Terezinha Ramos, “Vai *Terezinha*, vai!”. Marcas enunciativas, como o uso do vocativo (Vai, *Terezinha*!) e da expressão *da gente* (em “leva o sonho *da gente*”) comprovam essa inversão dos papéis.

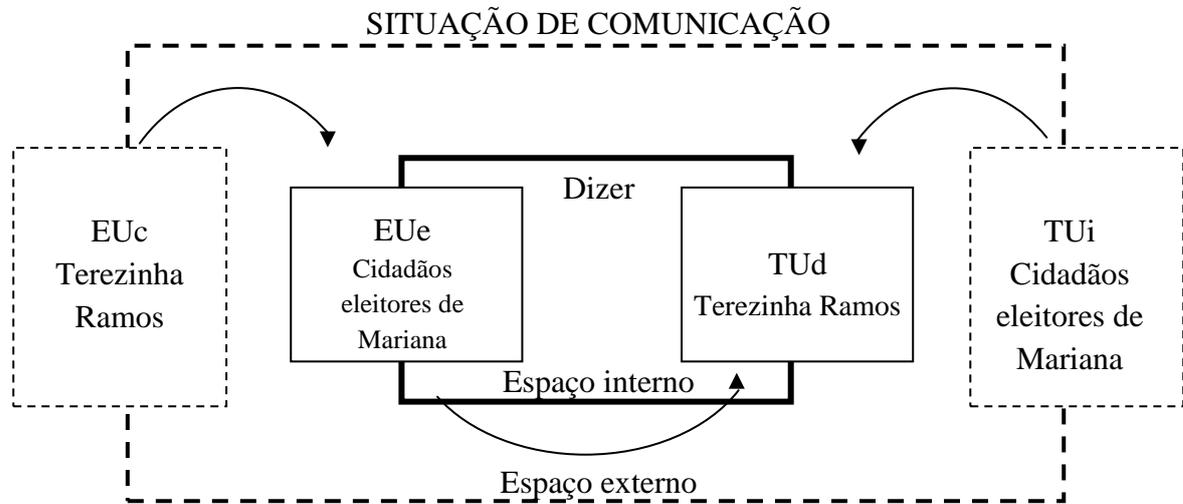


Fig. 5 – Encenação do quadro linguístico de J2

Já nos Programas de Propaganda Eleitoral Radiofônicas, a estrutura é um pouco diferente. Os programas P3, P5 e P7 são de responsabilidade do candidato Roque Camello, que, então, é o sujeito comunicante, que produz o discurso que será interpretado pelos cidadãos eleitores da cidade. Como já dissemos ao descrever a estrutura dos textos que compõem nosso *corpus*, os programas de Camello simulam um programa de rádio, tendo como apresentador inclusive um importante radialista da cidade, chamado Arlindo Luiz. Ele tem o papel de entrevistador, que faz perguntas a Roque Camello, a Celso Cota (prefeito da cidade naquele momento) e a diversos moradores da cidade, que por sua vez também enviam perguntas ao candidato. Além disso, Arlindo Luiz é também o narrador das histórias contadas durante o programa de propaganda eleitoral. Com isso, os protagonistas, sujeitos enunciativos e destinatários, trocam de papel ao tomarem os turnos de fala.

No P3, os protagonistas são o candidato Roque, o prefeito Celso Cota, o narrador Arlindo Luiz, a radialista Priscila, outros cidadãos marianenses e, durante a encenação de uma pequena novela que apresenta a vida do candidato, o pai de Roque – Senhor Catinho Camello –, um cliente de quem Roque engraxa os sapatos, um padre, que foi professor do candidato enquanto ele estudou e viveu no Seminário, e um amigo do ex-seminarista. No P5, os protagonistas da troca comunicativa são novamente o candidato Roque Camello, o prefeito Celso Cota, o radialista Arlindo Luiz, a sua assistente Priscila, além de dois cidadãos, que participam como ouvintes da rádio, pedindo para ouvirem *a música mais pedida da rádio, a*

*música de Roque*, além de fazer perguntas e comentários sobre o tema turismo. No P7, os protagonistas são Roque, Celso, Arlindo Luiz, Priscila e o candidato a vice-prefeito, Zezinho Salete.

Assim, uma representação do quadro de comunicação pode ser observada a seguir:

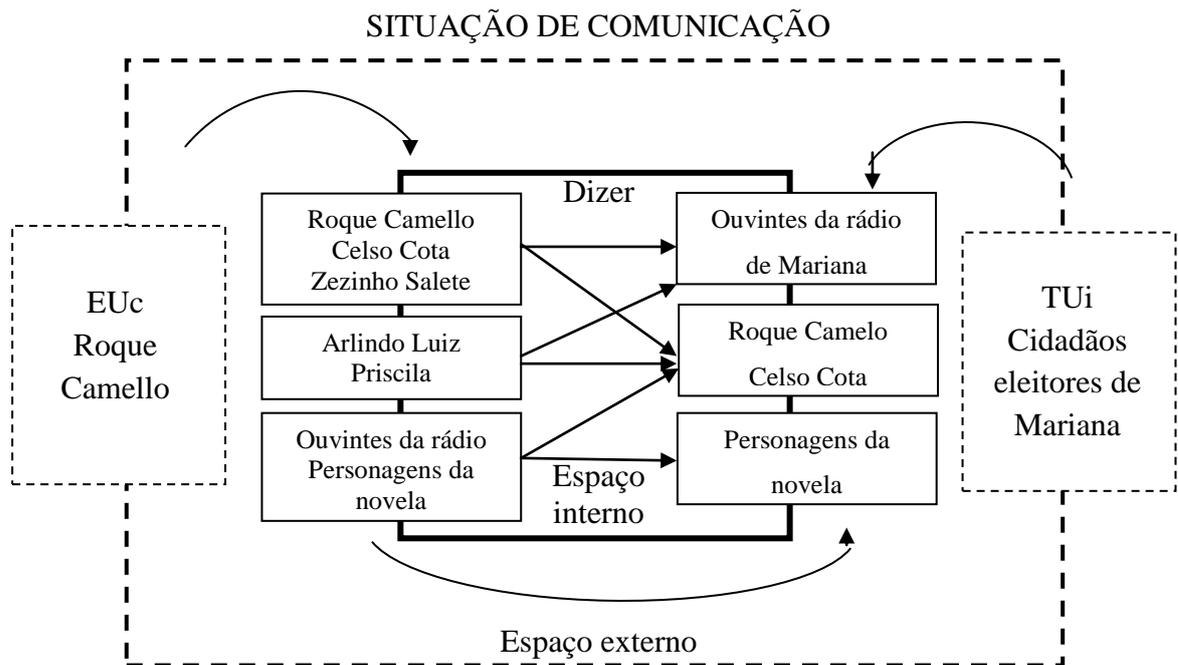


Fig. 6 – Encenação do quadro linguageiro de P3, P5 e P7

Já os programas P4, P6 e P8 têm como sujeito comunicante a candidata Terezinha Ramos, que fala aos cidadãos eleitores de Mariana, que, portanto, são o TUi. Como já mencionamos no capítulo 2, todos os programas de propaganda eleitoral da candidata têm a mesma estrutura. Um narrador abre o programa, apresenta a temática que será abordada, Terezinha Ramos fala de seus projetos para aquela área e, em seguida, uma novela é apresentada. Nela, uma menina chamada *Marianinha* indica algum problema na cidade, que é solucionado por Terezinha ao final. O único programa que não segue essa estrutura é o P8, que no lugar da novela, traz o candidato a vice-prefeito, Roberto Rodrigues *esclarecendo*, ou apresentando o seu ponto de vista sobre algumas questões polêmicas que aconteceram durante a campanha. Com isso, assim como nos programas de Roque Camello, os protagonistas, seres de fala, também mudam de papel durante a troca. Em P4, aparecem quatro sujeitos de fala, sendo eles um narrador, a própria candidata e dois personagens de uma novela – Marianinha e

seu pai. Em P6, estão em cena o narrador, Terezinha, Marianinha e seu amigo Pedrinho. No último, P8, aparecem o narrador, Terezinha e seu vice Roberto Rodrigues. Na Figura 7, podemos observar uma representação dos sujeitos da comunicação em P4, P6 e P8.

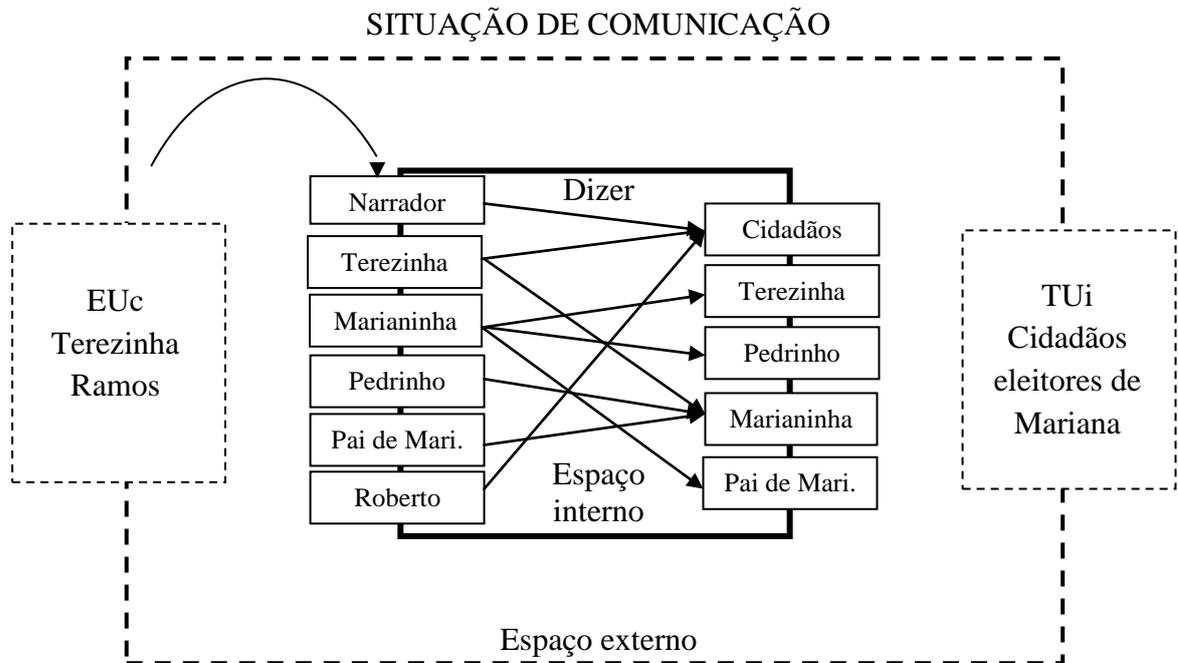


Fig. 7 – Encenação do quadro linguageiro de P4, P6 e P8

Nas reportagens R9, R10, R12, R13e R14, o quadro de comunicação pode ser representado da mesma forma. O sujeito comunicante é o *Jornal Ponto Final*, já que as reportagens, ao relatar fatos ocorridos, apresentam também o posicionamento e os valores da instituição. Ele é produzido para os leitores, que são o TUi. Já no espaço interno, quem fala é o jornalista (EUE), que organiza seu discurso em função da imagem que ele projeta dos leitores. Assim, a encenação do quadro de comunicação das reportagens pode ser representada da seguinte forma:



Fig. 8 – Encenação do quadro linguageiro de R9, R10, R12, R13 e R14

Já para representar os sujeitos do quadro de comunicação de R11, precisamos dividir o texto em duas partes. Na primeira, o quadro de comunicação é idêntico ao da Figura 8. Já a segunda parte, que é uma entrevista com o prefeito eleito Roque Camello, o quadro de comunicação é um pouco diferente, já que durante os turnos de fala da entrevista, o EUE em certos momentos é o jornalista que faz as perguntas – e neste momento o TUD é o entrevistado Roque Camello –, e em certos momentos o EUE é Roque Camello que responde as perguntas ao jornalista, que, naquele momento, é TUD.

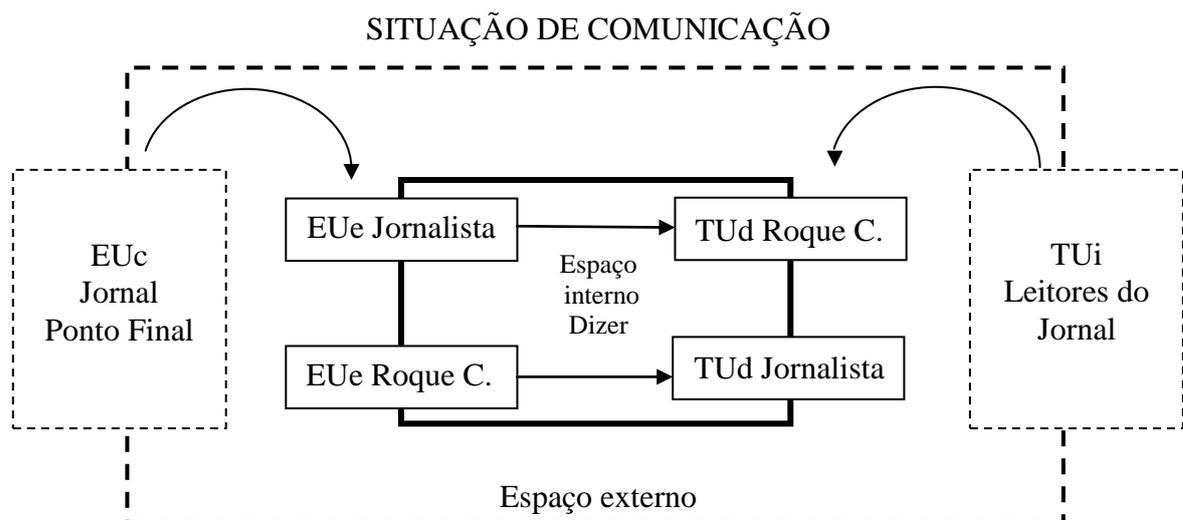


Fig. 9 – Encenação do quadro linguageiro da entrevista de R11

Assim, de forma generalizante, podemos dizer que todos os textos que compõem o nosso *corpus* têm como sujeito comunicante um cidadão marianense, ou um grupo (o Jornal), que dirige o seu discurso para outros cidadãos marianenses. Para isso, o sujeito comunicante coloca em cena parceiros que também são cidadãos de Mariana, fazendo circular o discurso da cidade. Desta forma, o quadro de comunicação do discurso que iremos analisar pode ser representado da seguinte maneira:

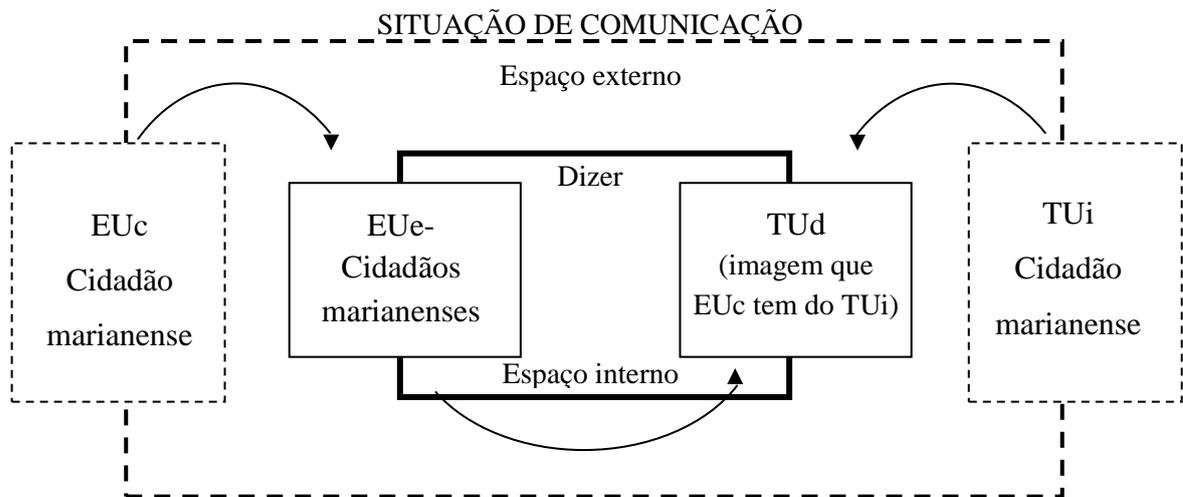


Fig.10 – Encenação do quadro linguageiro do discurso da cidade de Mariana

Tanto nos textos que fazem circular o discurso político, quanto naqueles do campo midiático, os sujeitos comunicantes são indivíduos ou grupos que vivem na cidade de Mariana e que por isso fazem parte do mesmo universo de práticas sociais e partilham das mesmas representações. Como já dissemos, os políticos e os jornalistas utilizam as representações socialmente partilhadas entre os cidadãos para significar o mundo, de forma estratégica para persuadir seus interlocutores. E é baseado nisso que iremos analisar no discurso da cidade de Mariana os imaginários que circulam a respeito de identidades e emoções, como traços da memória discursiva.

### 2. 2.1.2 – FINALIDADE

A finalidade é outro aspecto situacional essencial para a produção do discurso, já que é também em função do objetivo que se quer alcançar com o ato de linguagem que o sujeito comunicante vai organizar o seu discurso. Charaudeau (2004, p.23) pensa a finalidade em termos de visadas, que, segundo ele, “correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca languageira”.

Segundo Charaudeau (2006a, p. 69) existem inúmeras visadas possíveis, mas há quatro básicas que merecem destaque. São elas a (i) prescritiva, que consiste em querer *fazer-fazer*, ou seja, tem por objetivo levar o interlocutor a agir de determinada forma; a (ii) informativa, que consiste em querer *fazer-saber*, isto é, transmitir uma nova informação ao interlocutor; a (iii) incitativa, que pretende *fazer-crer*, levando o interlocutor a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou verossímil); e a (iv) patêmica, que pretende *fazer-sentir*, ao despertar no interlocutor emoções. Essas diferentes visadas podem combinar-se entre si.

No caso do discurso político eleitoral – dos J1, J2, P3 a P8 – a visada principal é prescritiva, ou seja, é levar o interlocutor a agir ou, mais especificamente, *fazer-votar*. Mas para isso, os sujeitos comunicantes políticos utilizam as visadas incitativa e patêmica, para *fazer* o eleitor a *crer* que é alguém digno de crédito, seja por identificação ou por admiração e também *fazendo* o eleitor *sentir* emoções positivas em relação a ele. Ou seja, para *fazer* o eleitor *votar*, o político constrói imagens de si e usa construções linguísticas capazes de suscitar emoções.

Já o discurso midiático, obedece a duas lógicas: uma informativa, que tem como visada central o *fazer-saber*; e uma lógica comercial, que tem como visada *fazer-comprar*. Para alcançar os objetivos das visadas, o sujeito comunicante Jornal *faz-crer* que as informações apresentadas por ele são fiéis à realidade, além de *fazer* o leitor *sentir*, segundo uma visada patêmica, que busca seduzir o leitor e captá-lo.

### 2. 2.1.3 – SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Além da identidade dos parceiros e da finalidade do ato de linguagem, a situação de comunicação também é um aspecto essencial para uma análise em profundidade. O que estamos chamando aqui de situação de comunicação são as condições externas do ato de linguagem, ou seja, o “contexto<sup>16</sup>” extralinguístico da troca. Como acreditamos que nossos leitores possivelmente não partilhem conosco dos saberes relacionados à situação em que os discursos foram produzidos, relataremos a seguir o processo de disputa pelo poder municipal.

Mariana teve como prefeito entre os anos de 1973 a 1976, de 1983 a 1988 e de 1993 a 1996, João Ramos Filho. Ele, que foi delegado da cidade na década de 1950, era visto como o típico coronel urbano, que, diferentemente dos coronéis do século XIX, não tinha seu poder baseado na posse da terra e no controle da população rural, mas herdou dos antigos coronéis a arrogância e a prepotência no trato com os adversários, a inadaptação às regras da convivência democrática, a convicção de estar acima da lei, a incapacidade de distinguir o público do privado, usando do poder para conseguir empregos, contratos, financiamentos, subsídios e outros favores para se favorecer. Era o típico líder populista, paternalista e clientelista: distribuía casas, cestas básicas, entre outros “presentes” para a população carente, que o adorava e o intitulava “pai dos pobres”. Durante seus mandatos, executou diversas obras, como a construção do Ginásio Poliesportivo Osni Geraldo Gonçalves, do Terminal Turístico Manoel da Costa Atayde e da Praça Tancredo Neves – mais conhecida como Praça do Terminal Turístico –, na década de 80; a construção do “Novo Terminal Rodoviário”, de mais de 1000 casas populares, das Escolas Municipais Monsenhor Horta, no bairro Cabanas, e Wilson Pimenta Ferreira, no bairro Santo Antônio; restauração da Igreja de São Pedro dos Clérigos e criação de um jardim em frente à igreja, na década de 1990, dentre outras.

Acusado de corrupção no final da década de 1990, João Ramos foi condenado e, como pena, ficou, por um período, inelegível. Em janeiro de 2007, o ex-prefeito fixou, na parede de uma barbearia da cidade, uma cópia de uma certidão<sup>17</sup> expedida pela Justiça Eleitoral que afirmava que João Ramos Filho estava quite com a Justiça Eleitoral e, portanto, apto para concorrer a cargos públicos, podendo se candidatar para prefeito nas eleições de

---

<sup>16</sup> Entendemos *contexto* como a situação exclusivamente intralinguística, ou seja, como as informações dadas no decorrer do texto. Assim, o contexto é intralinguístico e a situação é extralinguística.

<sup>17</sup> Certidão de acordo com a Resolução do TSE nº 21.823/2004 datada de 18 de outubro.

2008. Ainda em 2007, o ex-prefeito lançou sua pré-candidatura e, em pesquisas de intenções de voto<sup>18</sup> em novembro do mesmo ano, João Ramos era o candidato que mais chances tinha de se eleger, com grande margem de vantagem sobre os demais concorrentes.

Porém, no dia 15 de maio de 2008, o ex-prefeito, João Ramos, que tinha 78 anos, foi assassinado com quatro tiros quando saía de seu posto de gasolina na rodovia MG – 262. Alguns meses depois, o também candidato Francisco de Assis Ferreira Carneiro, conhecido como Chico da Farmácia, foi condenado como o mandante do crime. Chico da Farmácia teria encomendado a morte de João Ramos por considerá-lo um forte concorrente nas eleições. Essa versão não parece ter convencido boa parte da população, que, em manifestações diversas, diz acreditar que o assassinato tenha sido planejado por um grupo político. No entanto, nada foi comprovado pela Justiça.

Com a morte de João Ramos, sua *esposa* Terezinha Ramos decidiu entrar na disputa pela Prefeitura, segundo ela, a pedido da população. Ela filiou-se ao PDT e lançou-se como candidata da Coligação *Honestidade em Primeiro Lugar*, resultado de uma aliança entre seu partido e o PP. A viúva e candidata, durante toda a campanha, revezou o topo das pesquisas de intenção de votos com o então vice-prefeito Roque José de Oliveira Camello. Assim, a disputa ficou entre poder do coronel João Ramos, representado por sua esposa Terezinha Ramos, que utilizou durante toda campanha a influência do ex-prefeito através da memória deste, e a experiência de Roque Camello, que tinha o apoio político do então prefeito, Celso Cota, além de usar como argumento central a continuidade de obras e projetos realizados em sua gestão.

Roque Camello, do PSDB, foi o candidato à Prefeitura de Mariana pela coligação *Mariana Avança com a Força do Povo*, composta por PSDB, PMDB, PT, PSB, DEM, PR, PTN, PHS, PDT e PSL. Ele, que, naquele momento, era vice de Celso Cota, no mandato 2002/2008, é membro de uma família da elite bastante tradicional da cidade. Advogado e professor, ele sempre trabalhou em projetos ligados ao patrimônio histórico e cultural da cidade, tendo sido o principal idealizador do *Dia de Minas* – 16 de julho, que é aniversário da cidade –, que por ter sido a primeira capital do Estado, todos os anos, passa, nesta data, a ser sede do governo de Minas. Além disso, Roque tinha como projeto transformar Mariana, que,

---

<sup>18</sup> Pesquisa realizada pelo NEASPOC/UFOP e publicada pelo *Jornal Ponto Final* em 01 de novembro de 2007. Fonte: <http://www.jornalpontofinal.com.br/815/joao-ramos-e-o-favorito-em-pesquisa-de-opiniao-publica-do-neaspoc>

em 1945, foi tombada como patrimônio nacional, em Patrimônio Cultural da Humanidade, e fez deste um de seus projetos de campanha eleitoral. Como vice-prefeito era bastante ativo, participando de projetos como as reformas do Terminal Rodoviário, de diversas praças, criação da Escola em Tempo Integral e Guarda Municipal, além de convênios com as mineradoras para expansão da exploração, o que gerou milhares de empregos.

Sua campanha foi bastante turbulenta, tendo até sofrido um processo de impugnação. De acordo com as denúncias, no dia 14 de julho de 2008, o prefeito Celso Cota convocou uma reunião com os professores municipais, em que estavam presentes também o candidato e vice-prefeito Roque Camello e seu candidato a vice José Antunes Vieira, conhecido como Zezinho Salete. Nesta reunião, de forma implícita, o prefeito teria pedido aos professores apoio à candidatura de Roque em troca de contratos, no ano de 2009, para os não-concursados. Alguns professores garantem que a reunião foi organizada pela Coordenação de Campanha de Roque Camello.

Diante disso, o Sindicato dos Servidores e Funcionários Públicos da Prefeitura Municipal de Mariana fez uma denúncia ao Ministério Público (MP) e a Justiça Eleitoral impugnou a candidatura de Roque. Após três dias, a coligação “Mariana Avança com a Força do Povo” recorreu e foi vitoriosa. Porém, a candidata adversária, Teresinha Ramos e o MP recorreram ao Tribunal Superior Eleitoral alegando que o prefeito só havia ajuizado o recurso três dias depois da publicação da decisão, desrespeitando o prazo de 24 horas para contestação da sentença determinado pela legislação, em caso de processos por compra de voto.

No pleito de outubro de 2008, Roque Camello foi eleito prefeito de Mariana. Porém, em abril de 2009, o tribunal decidiu que o recurso contra a sentença de impugnação da candidatura aceito pelo TRE-MG não deveria ter sido analisado pela corte mineira, pois foi apresentado fora do tempo determinado pela legislação eleitoral. No entendimento do Tribunal Superior Eleitoral, a decisão que cassou Roque Camello já havia transitado em julgado na primeira instância sem chance de recurso. Apesar disso, o TSE concordou em manter Roque no cargo até o julgamento de eventuais recursos apresentados pelas partes interessadas no caso. O processo correu até fevereiro de 2010, quando o TSE decidiu pela saída de Roque do cargo. Dias depois Terezinha Ramos, segunda colocada nas eleições, foi

diplomada, mas ainda teve que aguardar quase um mês para ser empossada, cerimônia ocorrida em 09 de março de 2010<sup>19</sup>.

### 2.2.2 – NÍVEL DISCURSIVO

No nível discursivo, o sujeito comunicante vai utilizar determinadas categorias da língua para organizar o seu discurso, em função das coerções situacionais, utilizando diferentes procedimentos de encenação. Charaudeau (2008) descreve quatro modos de organização do discurso, sendo eles o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo. Cada um deles é utilizado de acordo com a finalidade discursiva do projeto de fala, cumprindo uma função de base, que pode ser enunciar, descrever, narrar ou argumentar.

O Modo de Organização Enunciativo tem procedimentos que organizam as categorias da língua de forma que elas mostrem a posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor. Se a relação for de influência entre os interlocutores, o comportamento é alocutivo; se revelar um ponto de vista do falante, o comportamento é elocutivo; e se retomar a fala de um terceiro, delocutivo. De acordo com o autor, esse Modo comanda os demais, já que intervém na encenação de cada um dos três outros.

O Modo de Organização Descritivo, como o próprio nome diz, vai utilizar as categorias da língua para descrever o mundo, nomeando-o, localizando-o, situando-o e qualificando-o. Já o Modo de Organização Narrativo vai ser utilizado para narrar ou contar acontecimentos do mundo.

Em nosso *corpus*, podemos encontrar marcas de enunciação, de descrição e de narrativas. Mas percebemos que as descrições e narrativas presentes têm função argumentativa, como por exemplo, na novela apresentada por Roque Camello, em um de seus programas de propaganda eleitoral. A novela narra a história de vida do candidato, mas apesar de ser uma narrativa, com elementos descritivos, a visada não é simplesmente *fazer-saber*,

---

<sup>19</sup> Teresinha Ramos e Roberto Rodrigues mantiveram-se à frente da Prefeitura de Mariana no curto período de 09 de março de 2010 a 19 de maio de 2010, data em que o seu mandato foi também cassado, pelo TER, sob acusação de recebimento de doações ilícitas na campanha eleitoral. No mesmo dia, o posto de Prefeito foi ocupado pelo então Vereador e Presidente da Câmara, Raimundo Horta. Nos últimos dias do mês de dezembro de 2010, após tumultuadas reuniões da Câmara, foi eleito, dentre os Vereadores, o novo Chefe do Executivo, o então Vereador Geraldo Soares (Bambu). Ainda nos dias atuais, em julho de 2011, diversos correligionários de Teresinha Ramos afirmam que ela tem sido vitoriosa nos vários âmbitos do judiciário e acreditam que a mesma retornará ao posto maior da Prefeitura de Mariana, ainda nesta legislatura.

mas sim levar o eleitor a aderir a proposta do candidato, ao conhecer a sua história. Assim, a visada é *fazer-votar*, por meio da adesão aos valores e imagens de si, apresentadas por Roque como argumentos da ordem do *ethos* e do *pathos*.

Esse tipo de argumentação, chamada de retórica ou persuasiva, segundo Charaudeau (2008), busca influenciar o auditório. Ela não é racional e nem segue lógicas de raciocínios explícitos, já que busca a adesão do auditório por meio dos valores, crenças e identidades dos interlocutores. Ou seja, a argumentação retórica, de forma implícita, busca influenciar o interlocutor utilizando argumentos da ordem do *ethos* e do *pathos*. Para validar esses argumentos, o sujeito argumentante utiliza o que Charaudeau (2008, p.232) chama de procedimentos semânticos de encenação argumentativa. Esses procedimentos consistem em utilizar argumentos que se fundamentam no consenso social, ou seja, nos imaginários discursivos partilhados entre os membros de um grupo social. Isso acontece porque, como já mencionamos anteriormente, os membros de um grupo, enquanto seres sociais, compartilham determinados *valores*, que estão ligados a *domínios de avaliação*. Sobre isso, falamos na seção 1.1.2.1, ao tratarmos dos saberes de crenças.

Assim, nessa dissertação, nosso interesse é pela argumentação retórica, uma vez que estamos analisando os argumentos da ordem do *pathos* e do *ethos*, tanto nos jornais quanto nas peças de campanha, pensando que a construção deles está fundamentada nas representações partilhadas pela sociedade marianense e que, portanto, fazem parte da memória discursiva da cidade.

### 2.2.3 – NÍVEL SEMIOLINGUÍSTICO

É no nível semiolinguístico que o sujeito enunciador faz as escolhas linguísticas que configuram o texto, em função da identidade dos parceiros, da finalidade, da situação de comunicação e do modo de organização discursiva. No caso do nosso *corpus*, como acabamos de ver, os parceiros de todos os atos de linguagem são cidadãos de Mariana, que têm por finalidade *fazer-votar*, *fazer-saber* e *fazer-comprar* e que organizam o seu discurso de maneira a argumentar. Em função dessas informações é que analisaremos as marcas linguísticas.

Para isso, partimos das marcas linguísticas, que naquela situação de comunicação, eram capazes de suscitar emoção no auditório. Assim, em um primeiro momento, identificamos os traços linguísticos capazes de causar emoção, em três níveis, conforme descrito por Charaudeau (2010). O autor afirma que podemos apreender linguisticamente traços de emoções no discurso, de maneira explícita, (a) por meio de palavras que descrevem emoções, ou de maneira implícita (b) por meio de palavras que, apesar de não descrever emoções, remetem a um universo patêmico; e (c) por meio de enunciados que são aparentemente neutros, mas que pela situação de comunicação podem causar um efeito emocional.

Em seguida, buscamos classificar as marcas linguísticas de acordo com as paixões que elas representavam implícita ou explicitamente. Neste momento, encontramos dificuldade em escolher as categorias de emoção, uma vez que há diversas possibilidades propostas por diferentes teóricos. Aristóteles (2005), na *Retórica*, por exemplo, apresenta quatorze tipos de paixões, enquanto na *Ética a Nicômaco* lista onze. Já Charaudeau (2010) propõe quatro grandes tópicos, cada uma duplamente polarizada, ou seja, ele descreve um afeto positivo e seu par opoitor negativo. Porém, essas categorias nos pareceram muito generalizantes, uma vez que são aplicáveis a qualquer universo patêmico. Diante disso, encontramos no *Pequeno tratado de emoções, sentimentos e paixões políticas*, de Philippe Braud (2007), um bom suporte para nossas categorias.

O autor descreve 83 tipos de emoções, sentimentos e paixões (sem fazer distinção entre os três termos), das quais encontramos 14 em nosso *corpus*. São elas: admiração, paz (medo do conflito), coragem, dedicação, mulher, orgulho, gratidão, indignação, gosto pela intriga, nostalgia, amor pelo povo, medos coletivos, solidariedade identitária e sentimento de vitimização. Porém, entendemos por emoções, sentimentos e paixões, aquilo que pode ser sentido e que causa um abalo afetivo no indivíduo. Sendo assim, coragem, dedicação e mulher (ou questões relativas a gênero) não seriam emoções, sentimentos ou paixões, apesar de poderem causar uma emoção. Diante disso, decidimos observar em nosso *corpus* essas e outras categorias (das quais fazem parte sentimentos, atitudes e características políticas) capazes de causar efeitos patêmicos.

Da subdivisão dessas 14 e da percepção de outras, chegamos a 24 tipos de traços que são suscetíveis de causar algum efeito patêmico. São eles: afeição (demonstrada por vocativos e chamamentos afetuosos), alegria, apoio e participação popular, comoção,

competência, coragem, dedicação, denunciismo, esperança, gratidão, humanidade, identificação feminina (questões relativas a gênero), influência de terceiros (apoio de ex-prefeitos), medo, nostalgia, orgulho, paz, religiosidade, segurança/tranquilidade, solidariedade (enquanto cidadão comum e enquanto representante do povo), união/integração e vitimização (por fatalidade e por intriga).

Por último, classificamos esses 24 tipos de sentimentos, atitudes e características políticas de acordo com os efeitos patêmicos que eles podem suscitar. Então, chegamos a 10 tipos de efeitos possíveis, sendo eles: admiração, afeição, alegria, comoção, compaixão, esperança, indignação, saudade, segurança e solidariedade identitária.

Em seguida, partimos para a observação das identidades políticas apresentadas. Neste momento, pudemos comprovar a forte relação entre *pathos* e *ethos*, observando que grande parte das marcas linguísticas capazes de gerar admiração e solidariedade identitária eram atitudes, sentimentos e características que compunham as identidades políticas positivas. Da mesma forma, parte dos traços que tinham como efeito possível gerar indignação em relação aos candidatos adversários, constituía identidades políticas negativas.

Diante disso, identificamos as identidades positivas apresentadas e encontramos 12 tipos, as quais dividimos em dois grupos. Ao grupo do qual fazem parte as marcas linguísticas por meio das quais os sujeitos políticos mostram-se como competentes, corajosos, dedicados, gratos, pacifistas, solidários (enquanto sujeitos não políticos) e fortes, chamamos de identidades de *credibilidade*. Já às marcas por meio das quais os sujeitos mostram-se como humanos, solidários, religiosos, orgulhosos (da história, das belezas e da cidade como um todo) e membros de grupos sociais (como o das mulheres), chamamos de imagens de *identificação*. Os termos credibilidade e identificação foram extraídos da categorização utilizada por Charaudeau (2006b) para descrever os dois grupos de tipos de *ethé* políticos. Já as identidades políticas negativas foram agrupadas em 4 tipos, em que os políticos são descritos como mentirosos, incompetentes, corruptos e sabotadores.

A partir da observação das representações importantes para a sociedade marianense, passamos a investigar a memória discursiva. Nela estão os imaginários sócio-discursivos nos quais os argumentos da ordem do *pathos* e do *ethos* são fundamentados.

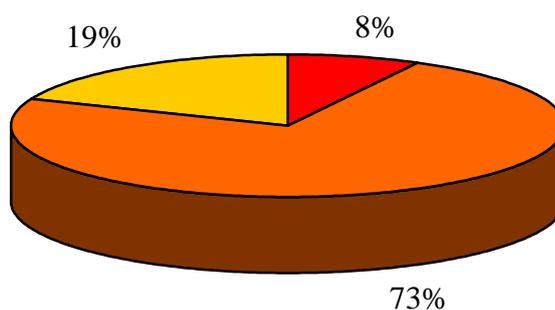
## 2.3 – DADOS

A caracterização da pesquisa é empírico-dedutiva. Entretanto, para identificarmos as emoções e identidades importantes para a sociedade de Mariana, precisamos realizar o levantamento das marcas linguísticas suscetíveis de causar emoção e das marcas que representam identidades discursivas. Assim, por meio dos procedimentos que acabamos de descrever, chegamos aos dados que nos permitem reconhecer como as emoções estão presentes no discurso, quais são as categorias que são suscetíveis de causar emoção mais recorrentes – portanto, mais valorizadas – e os efeitos patêmicos possíveis mais frequentes. Além disso, por meio da recorrência das marcas identificamos também as identidades políticas mais valorizadas e aquelas que são mais rejeitadas pela população.

Por meio do levantamento das “marcas”, chegamos aos seguintes dados:

### 2.3.1 – Emoções

Encontramos em nosso *corpus* 316 marcas que acreditamos serem suscetíveis de emocionar. Desse total, 25 são marcas explícitas, ou seja, palavras que descrevem emoções, 231 são palavras que, apesar de não descreverem emoção, remetem a universos patêmicos, e 60 são enunciados que não comportam palavras patemizantes, porém, por se conhecer a situação de comunicação, podem causar um efeito patêmico. A apresentação dos dados sob a forma de grade descritiva pode ser vista no anexo II. Proporcionalmente, os dados podem ser observados no gráfico abaixo:



- Palavras que descrevem emoções
- Palavras que remetem a universos patêmicos
- Enunciados neutros suscetíveis de causar emoção de acordo com a situação de comunicação

Gráfico 1 – Ocorrência dos traços de emoções em três níveis

Assim, observamos que as marcas suscetíveis de emocionar predominantes são palavras que, apesar de não descreverem emoções, remetem a um universo patêmico.

Como dissemos na seção anterior, classificamos essas marcas de emoção em 24 tipos de sentimentos, atitudes e características suscetíveis de gerar efeitos patêmicos, dos quais tivemos 265 ocorrências. Vale explicar aqui que as 316 marcas equivalem a 265 ocorrências de sentimentos, atitudes e características políticas capazes de emocionar porque alguns sintagmas comportam mais de uma marca de emoção, apesar de corresponderem a apenas um sentimento ou atitude ou característica. Operacionalmente, é inviável apresentarmos um gráfico com 24 categorias, mas podemos afirmar que as categorias com mais ocorrências foram denunciamento (45 ocorrências), competência (25), solidariedade com o povo (20), gratidão (19), orgulho (19), união/integração (16), religiosidade (12) e afeição (11). As demais categorias apareceram menos de 10 vezes cada uma. A descrição dessas ocorrências pode ser observada na grade descritiva 2 (vide anexo II).

Identificamos que as marcas classificadas nas 24 categorias são suscetíveis de gerar 10 efeitos patêmicos, os quais estão representados no gráfico seguinte:

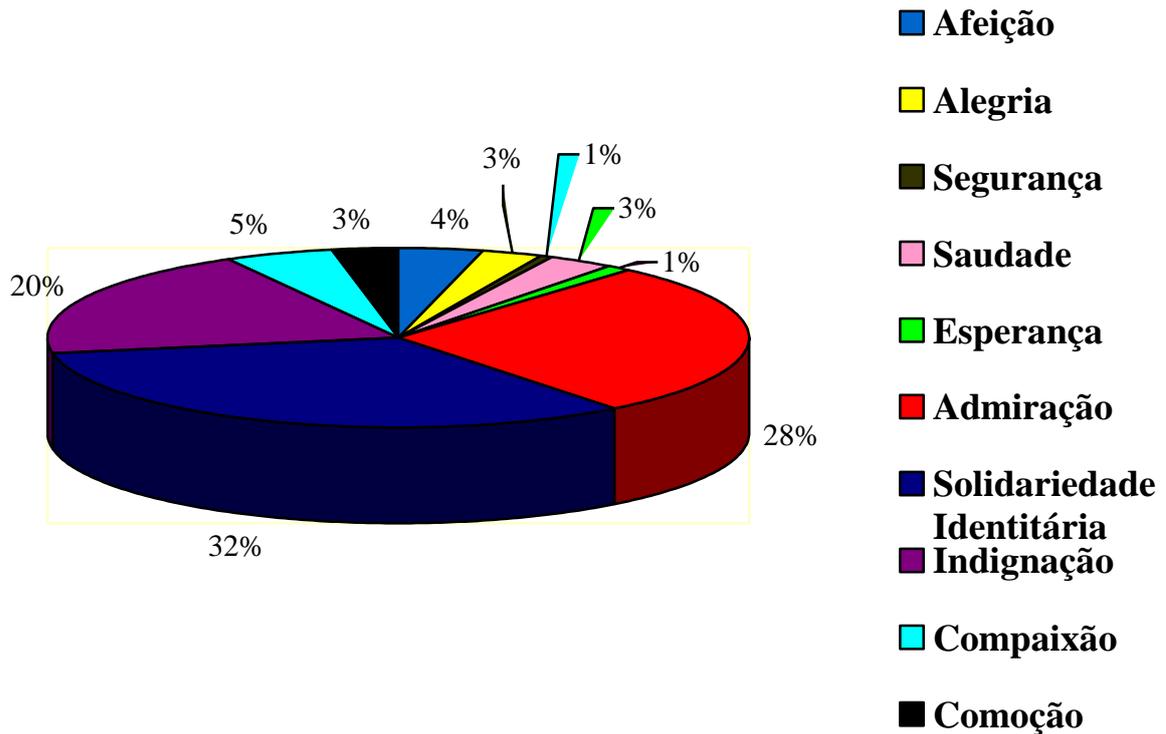


Gráfico 2 – Ocorrência dos tipos de efeitos patêmicos possíveis

Esses 10 efeitos possíveis ocorreram 274 vezes. Vale explicar que, apesar das ocorrências de sentimentos, atitudes e características políticas capazes de gerar um dos 10 efeitos patêmicos descritos serem 265, as ocorrências de efeitos são 274, pelo fato de alguns sentimentos, atitudes e características poderem gerar mais de um efeito, como é o caso da vitimização por intriga, por exemplo, que gera compaixão em relação à vítima e indignação em relação ao autor da intriga.

Como podemos observar no gráfico, os principais efeitos patêmicos possíveis de serem suscitados são solidariedade identitária (90 marcas capazes de gerar este efeito), admiração (77) e indignação (54). A descrição detalhada das ocorrências dos efeitos possíveis pode ser observada na grade 3, do anexo II.

### 2.3.2 – IDENTIDADES

Encontramos 129 traços de identidades políticas positivas em nosso *corpus*, divididas em 12 tipos. A ocorrência de cada uma delas está representada no gráfico abaixo:

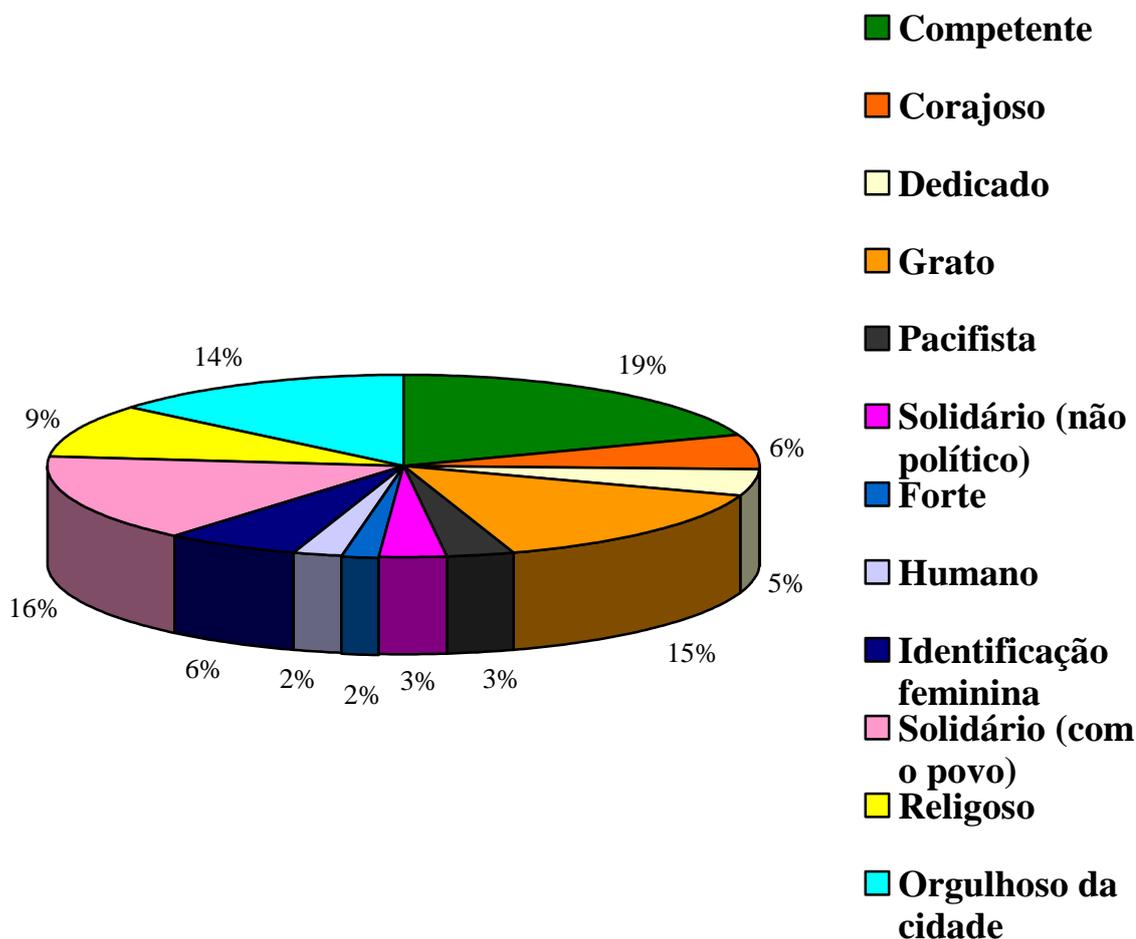


Gráfico 3 – Ocorrência dos tipos de identidades políticas positivas.

As 12 identidades políticas positivas encontradas em nosso *corpus* podem ser divididas em dois grupos: o que busca a credibilidade, que representa 53% das ocorrências, e aquele que busca a identificação (47%). Dentre as identidades que buscam dar credibilidade ao sujeito comunicante, destacam-se a do competente (25 aparições) e do grato (19). Já dentre as identidades de identificação, são mais importantes as imagens de solidário com o povo (20 ocorrências), orgulhoso da cidade (18) e religioso (12).

Já as apresentações de identidades políticas negativas foram 42, sendo 10 em que o político foi mostrado como mentiroso, 27 como incompetente, 3 como corrupto e 2 como sabotador. Proporcionalmente, as identidades políticas desvalorizadas são:

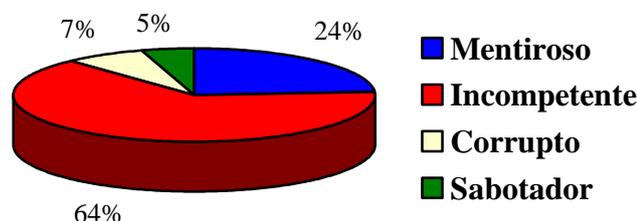


Gráfico 4 – Ocorrência dos tipos de identidades políticas negativas.

### 2.3.3 – MEMÓRIA

Para tratarmos a memória, seguindo a divisão proposta por Charaudeau (2004), pensamos-la em (i) memória de signos – observada por meio de expressões cristalizadas, expressões que remetem a outros discursos e variedades linguísticas peculiares da cidade –; (ii) memória da situação – enquanto expectativas que se tem em relação à situação de comunicação–; e (iii) memória do discurso.

Neste último nível, observamos os domínios de avaliação e valores nos quais os argumentos da ordem do *pathos* e do *ethos* são fundamentados. Assim, os argumentos patêmicos são fundamentados no domínio de avaliação do hedônico (agradável/desagradável). Já os argumentos ethóticos são avaliados em termos éticos (imagens de identificação) e pragmáticos (imagens de credibilidade).

Também em relação à memória discursiva, observamos os pressupostos – marcados linguisticamente em verbos que indicam mudança ou permanência de estado e advérbios ou expressões adverbiais –, e os subentendidos – por meio de metáforas e metonímias e por meio de índices linguístico-discursivos de representações da memória, em palavras e expressões que remetem a outros discursos, em pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos que contextualmente não remetiam a nenhum termo anafórico

ou catafórico, e em palavras que representam uma coletividade, que não é expressa explicitamente no texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos descrever nosso *corpus*, demonstrar como ele foi coletado e selecionado e apresentar os procedimentos de análise. Pretendíamos demonstrar, com a apresentação desses pontos, os procedimentos metodológicos utilizados, a fim de evidenciar o modo e as etapas de elaboração do presente trabalho. Procuramos ressaltar as categorias que nos serviram de base para a análise e os dados que obtivemos.

**CAPÍTULO 3 – REPRESENTAÇÕES DA MEMÓRIA DE MARIANA:  
IMAGINÁRIOS, EMOÇÕES E IDENTIDADES NO DISCURSO DA CIDADE SOBRE  
A DISPUTA PELO PODER MUNICIPAL**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentaremos uma análise do discurso da cidade de Mariana a respeito da disputa pelo poder municipal. Como já dissemos, analisaremos as emoções, identidades e traços da memória presentes nesse discurso, buscando observar quais são as representações importantes para a cidade, pensando que “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como ‘imaginários sócio-discursivos’”, segundo Charaudeau (2006b).

Na primeira parte, apresentaremos a análise das marcas linguísticas capazes de suscitar emoções no auditório, classificando-as de acordo com traços que são possíveis de causar efeitos patêmicos. Na segunda parte, analisaremos as identidades construídas pelos enunciadores, observando as características positivas e negativas dos sujeitos políticos. Por último, apresentaremos a análise dos traços da memória discursiva presentes no discurso.

Para realizar a análise das marcas linguísticas, levamos em conta os aspectos situacionais e a organização discursiva. Como já descrevemos no segundo capítulo, os parceiros de todos os atos de linguagem que compõem o nosso *corpus*, são cidadãos de Mariana. Os sujeitos comunicantes têm por finalidade *fazer-votar*, *fazer-saber* e *fazer-comprar* e organizam o seu discurso, prioritariamente, de modo argumentativo. Tendo claros todos estes componentes do quadro de comunicação, podemos iniciar a análise das construções linguísticas utilizadas no discurso de Mariana.

### 3.1 – AS EMOÇÕES COMO ARGUMENTOS DA ORDEM DO *PATHOS*

De acordo com Aristóteles (2005, p.97), “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio”. Em outras palavras, os sujeitos interpretantes serão persuadidos com maior ou menor facilidade dependendo da emoção que estiverem sentindo. Porém, enquanto analistas do discurso, não dispomos de metodologia para observar as emoções sentidas, que são objeto da psicologia. Enquanto linguístas do discurso, podemos observar as marcas linguísticas de expressão ou descrição de sentimentos experimentados. Entretanto, mais uma vez nos deparamos com problemas: que

garantia temos que o vivido corresponde ao expresso? Que certeza temos que a expressão linguística de emoção pode emocionar o outro também? Ou ainda, um enunciado neutro não pode ser patêmico, dada a situação? Essas são questões que Charaudeau (2010) coloca para mostrar que podemos tratar a emoção como um *efeito visado* pelo sujeito comunicante, mas sem ter a certeza de que ele será o *efeito produzido* no sujeito interpretante, uma vez que as emoções são representações subjetivas e seu desencadeamento em um indivíduo varia de acordo com fatores sociais, como sexo, idade, ou ainda inclinações afetivas. Com isso, observamos em nosso *corpus* sintagmas que fossem suscetíveis de gerar um *efeito possivelmente* emocional.

Das marcas linguísticas que podem levar a efeitos patêmicos encontradas em nosso *corpus*, 8% são marcas explícitas de emoção, ou seja, palavras que descrevem ou representam um tipo de sentimento, como podemos observar nos exemplos abaixo:

Quero alegria em tempo integral, eu quero o melhor para Mariana. (J1-L6)

Vem da história dessa terra, da coragem dessa mulher. (J2- L4)

Eu tenho de fato orgulho de ter participado da administração Celso Cota. (P3-L33)

O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da paz, do desenvolvimento. (P5-L46)

As emoções apresentadas explicitamente, enquanto descrição ou expressão patêmica, podem ter como efeito possível a própria emoção, ou seja, falar de alegria pode gerar alegria no sujeito interpretante, ou pode levar ainda a outro efeito, como, por exemplo, o trecho do J2-L4, em que o sujeito comunicante fala sobre coragem e o efeito possível pode ser admiração.

Já as marcas que implicitamente remetem a universo patêmico totalizam 92% dos traços encontrados em nosso *corpus*. Desses, 73% são palavras que, apesar de não descreverem emoções, remetem a um universo patêmico, como podemos observar nos exemplos abaixo:

O futuro não pode tirar o sorriso de cada criança. (J1-L5)

E o coração de quem fica é a luz no firmamento. (J2-L2)

Morreu na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, assassinado com quatro tiros, segundo a Polícia Militar. (R10 1§ L1-8)

Nos três exemplos acima, as emoções estão implícitas por diferentes procedimentos. No primeiro caso, a expressão *tirar o sorriso* (J1-L5), por uma relação metonímica (sorriso-felicidade), refere-se a acabar com a felicidade de alguém. Com isso, o efeito, em geral, tende a ser negativo. Por se tratar da felicidade de crianças, o efeito patêmico será intensificado, pois a infelicidade de crianças é um medo coletivo partilhado por toda sociedade. Já no segundo exemplo, a implicação também se dá por relações metonímica – parte (*coração*) pelo todo (Terezinha) – e metafórica – *luz no firmamento*, significando esperança. Com isso, restabelecidos os sentidos denotativos, o efeito patêmico pode ser o mesmo da emoção descrita: esperança. Já no caso do terceiro exemplo, as palavras *morte* e *assassinato*, pertencem a um campo semântico que tem uma orientação argumentativa geralmente negativa, mas que pode variar dependendo da situação. Assim, se referir-se à morte ou ao assassinato de alguém querido pela sociedade, como é o caso do exemplo citado, o efeito patêmico será de tristeza, comoção, indignação, ou outros tipos de emoções negativas. Entretanto, se tratar-se da morte de um assassino cruel, que aterrorizava uma sociedade, o efeito patêmico tende a ser positivo, pois a morte vai representar a tranquilidade daquela comunidade. Com isso, nesses casos as emoções estão implícitas, mas são recuperáveis por marcas que podem remeter a universos patêmicos, mas sempre tendo em conta a situação de comunicação.

A terceira forma de causar efeitos patêmicos, também de forma implícita, representa 19% das ocorrências. Nessa, não aparecem palavras que descrevem emoções ou remetem a universos patêmicos. Aqui os enunciados são formados por palavras aparentemente neutras, mas eles são suscetíveis de causar emoção pelo fato do sujeito interpretante conhecer a situação de comunicação. Observemos os seguintes exemplos:

Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou (J2-L8)

Também essa praça está em obra desde que eu nasci. (P6-L30)

Ambos os enunciados não comportam palavras patemizantes nem palavras que remetem a universos patêmicos, se desconsiderarmos a situação de comunicação em que foram proferidos, e, portanto, não poderiam causar efeitos patêmicos. Porém, os dois são suscetíveis de emocionar, se a situação de comunicação for levada em conta. No primeiro, as metáforas *arrancaram a rosa* e *a semente já brotou* representam a morte de João Ramos e a vontade de Terezinha Ramos de dar continuidade aos projetos do marido. Restabelecidos os

sentidos literais, os efeitos patêmicos possíveis de serem suscitados ficam claros. O mesmo acontece no segundo enunciado. Ele foi proferido por Marianinha, ao ver seu amigo cair no chão por causa de buracos existentes em uma praça em reforma. Conhecendo a situação de comunicação, podemos presumir que Marianinha está criticando a demora na execução da obra de reforma da Praça da Sé, que era de responsabilidade do governo Celso Cota/ Roque Camello. Com isso, a personagem dos programas de propaganda eleitoral de Terezinha Ramos estava denunciando um problema no governo do candidato adversário Roque Camello, podendo gerar um efeito patêmico de indignação nos sujeitos interpretantes em relação a Roque.

Diante disso, percebemos, que, no discurso sobre a disputa pelo poder municipal, os argumentos da ordem do *pathos* são bastante importantes, e, por isso, estão tão presentes. Porém, apenas uma pequena parte (25) está explícita. Uma hipótese para explicar esse fato é de que, apesar da política ser um campo bastante emocional, demonstrar sentimentos explícita e recorrentemente, pode dar a impressão de que a racionalidade está sendo colocada de lado e fazer com que o discurso perca um pouco de sua credibilidade. Outra hipótese está relacionada ao fenômeno de despatemização, descrito por Charaudeau (2010a). O autor explica que, algumas vezes, o sujeito enunciatador exagera no efeito de patemização e, diante de tanta emoção expressa ou descrita, o sujeito interpretante acaba não sendo tocado.

Pelo outro lado, as emoções para a sociedade política marianense não devem estar completamente implícitas, já que, em nosso *corpus*, apenas 60 ocorrências de traços suscetíveis de causar emoção são enunciados neutros, enquanto palavras que remetem ao universo patêmico são 231. Uma hipótese para a não preferência por traços de emoção completamente implícitos, ou seja, em enunciados neutros, é de que as emoções podem não ser recuperadas, até mesmo por quem conhece a situação de comunicação, uma vez que essa operação exige certo esforço intelectual. Tudo isso nos leva a dizer que, apesar da comunidade marianense considerar as emoções como argumentos importantes, elas não devem aparecer totalmente de forma explícita, mas também não completamente implícita, ou seja, há uma preferência para que as emoções sejam recuperáveis por marcas que permitam alcançá-las.

Como já explicamos, as marcas identificadas nestes três níveis foram classificadas em 24 tipos de sentimento, atitude e características políticas, as quais identificamos serem possíveis de gerar 10 efeitos patêmicos. A seguir, apresentaremos a análise de cada um dos

tipos de efeitos patêmicos possíveis, analisando-os juntamente com os procedimentos capazes de suscitar a emoção. Os efeitos serão apresentados em ordem decrescente de importância para a sociedade, ou seja, iniciaremos pelo efeito patêmico mais recorrente e terminaremos no menos recorrente. Agiremos da mesma maneira em relação aos sentimentos, atitudes e características que são suscetíveis de gerar o efeito patêmico. Para fins organizacionais, apresentaremos os efeitos possíveis acompanhados por números cardinais (de 1 a 10) e os procedimentos capazes de suscitar emoção, acompanhados de algarismos romanos (de I a XXIV).

## 1 – SOLIDARIEDADE IDENTITÁRIA

A identidade coletiva é parte da identidade pessoal. Assim, ao identificarmos no outro algum traço comum a nós, tendemos a nos reconhecer neste indivíduo, ou, em outras palavras, nos identificamos com ele. Uma consequência da identificação com um indivíduo é tornar-se solidário a ele.

No processo de adesão a posicionamentos políticos, a identificação é essencial. O cidadão precisa se identificar com seu representante, que, enquanto candidato, estrategicamente apresenta características de si comuns à população. Quando há a identificação entre cidadão e candidato, a persuasão é mais facilmente alcançada, uma vez que a solidariedade identitária passa a ser um efeito possível.

Em nosso *corpus*, solidariedade identitária pode ser um efeito gerado a partir de nove possibilidades. São elas a apresentação do apoio e da participação popular, da humanidade do sujeito político, da identificação feminina, da solidariedade do candidato com o povo, da apresentação da união ou integração da população, da religiosidade ou do orgulho local (da história, das belezas ou da cidade, como um todo).

### **I) Solidariedade (com o povo)**

Uma das funções do sujeito político eleito é cuidar da população. Para isso, ele tem que conhecer os problemas e necessidades do povo. Mais que isso, ele tem que se tornar responsável pelas necessidades do outro. Segundo Charaudeau (2006b, p.163), a

solidariedade, enquanto característica política que visa à identificação, “se quer igualitária e recíproca”. Em nosso *corpus*, o político aparece como solidário, mostrando ter consciência de suas responsabilidades e, além disso, procurando ouvir as necessidades do povo, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso. (P4-L38/L39)

No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade. (P6-L44/45)

Quero ser um prefeito humano, ser a voz do povo. (...) Vamos governar junto com o povo, definindo as prioridades de todos. (P7-L36 e 42)

No primeiro exemplo, Terezinha mostra estar atenta e conhecer os problemas do povo, os quais pretende resolver quando eleita. No segundo, ela mostra-se disposta a ouvir e conhecer as demandas sociais. No terceiro fragmento, Roque afirma pretender representar a população, fazendo aquilo que ela espera, definindo as prioridades de cada grupo juntamente com ele. Assim, o imaginário da solidariedade, visto como a preocupação e responsabilidade do político pelos problemas sociais, pode ter como efeito possível a solidariedade identitária do povo com seu candidato, uma vez que esse é um sentimento de dependência mútua entre os indivíduos.

## II) Orgulho

O orgulho é um sentimento político, que, dependendo do objeto que o gera, quando apresentado pode provocar como efeito patêmico a solidariedade identitária. Em nosso *corpus*, ele aparece como orgulho local, ou seja, orgulho de alguma característica da cidade. Assim, ele é um sentimento coletivo de superioridade, relacionado ao prestígio e enraizado em uma história comum. Episódios gloriosos, memoráveis, a figura de heróis admiráveis são, segundo Braud (2007), imagens que reúnem uma comunidade. Essa união leva à identificação que, por sua vez, pode levar à solidariedade identitária. Em nosso *corpus*, diferentes objetos são motivo de orgulho: a história da cidade, as belezas da cidade e a cidade, como um todo.

O orgulho da história é representado por meio da expressão cristalizada *primaz* – fazendo referência ao fato de Mariana ser a primeira capital, cidade e vila de Minas Gerais –,

pela descrição da longevidade da cidade (mais de três séculos) ou ainda pela valorização do passado glorioso, como pode ser observado nos fragmentos abaixo:

A primaz de Minas não merece um debate político nesse nível. (P5-L17)

Para governar é preciso conhecer e respeitar o nosso glorioso passado, sua história. (P7-L21/L22)

Após três séculos, pela primeira vez uma mulher assume o executivo marianense. (R14 1§ L1-2)

O orgulho das belezas aparece na valorização do meio ambiente que cerca a cidade, como no fragmento 1, e da beleza das construções barrocas, como no fragmento 2.

Vamos criar ações que utilizem de forma sustentável o maravilhoso meio ambiente que nos cerca, com implantação do Parque Arqueológico do Gugu. (P5-L78/79)

O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no cenário de sua história, transmitidas pelas mais lindas artes do barroco. (R13 4§ L5-9)

Além de orgulho de aspectos específicos, encontramos também marcas de admiração da cidade como um todo, como pode ser observado no fragmento abaixo, em que um candidato afirma que deixará a cidade *ainda melhor*:

Vamos realizar obras que vão deixar Mariana ainda melhor para os marianenses. (P5-L58)

### III) União/ integração

O imaginário da união e da integração entre os cidadãos – e entendemos que os candidatos também o são – é a essência da política, vista por Arendt (1999) como a vontade de viver junto. Essa união visa gerar a identificação entre cidadãos e candidato, já que este último mostra-se como um EU-NÓS, ou seja, ele é um sujeito individual, mas que se apresenta como a coletividade. Esse NÓS, representativo da integração, pode ser observado em nosso *corpus* pela utilização do pronome possessivo na primeira pessoa do singular. Vejam:

Nossa Mariana tem tantas belezas para serem mostradas. (P5-L86)

Para governar é preciso conhecer e respeitar o nosso glorioso passado. (P7-L21/22)

Além disso, os candidatos e jornalistas também descrevem essa união de forma explícita. Nos dois exemplos a seguir, os dois candidatos, ao tomarem posse, afirmam que seus governos serão de união e integração.

Não existe mais aqueles que votaram contra mim, pois estes são meus irmãos também. Quero aproveitar para convidá-los a virem para o nosso lado, o lado que quer construir Mariana. Não a Mariana do ódio, mas sim a Mariana da compreensão, do amor, da fraternidade, a Mariana de mais de 300 anos. (R11 25§ L11-33)

O caminho para as mulheres trabalhadoras segue sendo o da luta, unindo mulheres e homens trabalhadores, e apontando para a construção de um governo de trabalho. (R13 4§ L6-9)

#### IV) Religiosidade

Para a sociedade marianense, a religiosidade é uma característica importante<sup>20</sup>, já que é um traço bastante recorrente em grande parte dos cidadãos. Assim, o candidato que se mostra religioso, provoca a identificação e, conseqüentemente, pode ter como efeito a solidariedade identitária. Identificamos a religiosidade em nosso *corpus*, por meio de expressões e palavras do universo semântico religioso. Observemos:

E a força que a gente precisa vem do sonho e vem da fé. (J2-L3)

Eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho fé em Deus que com a ajuda de vocês eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade melhor para se viver. (P4-L9/11)

Eu, nessa área, se Deus quiser, eu vou ter pessoas competentes, que aqui em Mariana tem pessoas competentes. (P6-L8/9/10)

Eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se Deus assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também. (R14 7§ L10-11)

Assim, Deus aparece como um ser que vai permitir que os candidatos ajam em prol da população, fortalecendo-os por meio da fé.

---

<sup>20</sup> Em 1745, o Papa Bento XIV, em sintonia com a Coroa Portuguesa, criou a diocese de Mariana, elevando a cidade à condição de Sé Metropolitana da Província das Minas Geraes. Desde então a cidade tornou-se o principal foco da atenção eclesiástica na região, como a construção de Igrejas e de Seminários, o monitoramento religioso da vida cotidiana e a organização de múltiplas celebrações católicas.

## V) Apoio e participação popular

Vivemos em uma democracia e, portanto, o apoio da população a um candidato é essencial para a eleição dele, já que é pela vontade popular que se chega ao poder. Pensando nisso, observemos os exemplos:

O trabalho segue em frente, com a força da gente fazendo a canção. (J1-L2)

Meu nome é Terezinha Ramos e eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João Ramos e também em relação do povo carente que pediu e insistiu muito comigo. (P4-L6/7)

Quero agradecer o carinho e o apoio das pessoas. Eu recebi uma força muito grande dessas pessoas e esse apoio pra mim é muito importante. (P4-L15/L16)

O comício no bairro São Cristovão, reuniu mais de 400 pessoas para a exibição de mais uma sessão de “Cinema na Praça”. (P6-L42)

E é com a participação da população que eu vou governar Mariana. (P8-L12)

Ao mostrar que tem o apoio da população e que se tornou candidato por vontade do povo, os sujeitos políticos podem gerar como efeito patêmico a solidariedade identitária. O processo é o seguinte: povo é solidário ao povo. Assim, se a população está apoiando e participando da campanha de certo candidato, por meio da identificação entre os cidadãos, aqueles que ainda estão indecisos podem aderir ao posicionamento de seus pares. Com isso, a apresentação do apoio e da participação popular aparece como uma consequência da solidariedade identitária, que pode ter como efeito possível a identificação de mais eleitores e, conseqüentemente, gerar mais casos de solidariedade identitária.

## VI) Identificação feminina (e questões relativas a gênero)

Por muitos séculos, a política foi uma prática exclusiva dos homens. Com isso, o fato de uma mulher ser candidata à prefeitura de Mariana pela primeira vez colocou em cena questões relativas a gênero.

Buscando a identificação feminina e, conseqüentemente, a solidariedade identitária, temas relacionados à mulher foram bastante evidenciados durante a disputa pelo poder. A questão do gênero apareceu de duas maneiras. Na primeira, como no fragmento abaixo, defendia-se a igualdade entre os sexos, repudiando a opressão da mulher.

A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado contra a opressão da mulher (...) (R13 4§ L1-2)

A outra maneira, ao contrário, defendia a diferença entre homens e mulheres, exaltando características atribuídas principalmente à mulher, como a sensibilidade, por exemplo, apresentadas como importantes e necessárias à política. O fragmento abaixo é um exemplo disso:

Concluindo a sua proposta inicial no Executivo, Terezinha conclamou a participação maior das mulheres nas questões políticas, econômicas, sociais e filantrópicas do município. “Acredito muito na capacidade e na sensibilidade da mulher para reverter essa imagem pejorativa da política brasileira e juntas, sem vaidade pessoal e egocentrismo, projetaremos uma cidade e um país melhor para se viver”. (R14 11§ L1-5)

De uma forma ou de outra, buscou-se ressaltar traços da identidade feminina, utilizados com um recurso possível de se gerar a solidariedade identitária entre as mulheres. Esse tipo de recurso não foi observado entre os homens, até mesmo porque a defesa de uma identidade masculina poderia ser vista como machista e como uma tentativa de inferiorizar as mulheres.

## **VII) Humanidade**

A humanidade é uma característica política bastante importante na geração de solidariedade identitária. Ao demonstrar sentimentos, compaixão, confessar suas fraquezas e gostos, o sujeito político se aproxima dos cidadãos, mostrando que assim como eles, ele também é um homem, é humano, que sente, que teme, que gosta, que tem uma intimidade. Ao se mostrar parecido como os cidadãos, o sujeito político gera a identificação, que tem como efeito possível a solidariedade identitária. Traços da humanidade dos políticos podem ser observados nos fragmentos abaixo:

Embarcou naquele avião com o coração apertado, tamanha a mudança e a expectativa. (P3-L82/L83)

Eu resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio que não está sendo fácil pra mim, mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho. (P4-L8/9)

Estou emocionada com o tanto que vivi e aprendi nessa luta. (P8-L5)

O primeiro relata o medo e a aflição que Roque sentiu ao sair do país para estudar. No segundo, Terezinha confessa sua fraqueza, ao dizer que não está sendo fácil desenvolver toda a campanha eleitoral. Já no terceiro, a candidata se diz emocionada. Ou seja, nos três exemplos os candidatos se mostram humanos assim como os cidadãos.

## 2 – ADMIRAÇÃO

Braud (2007) diz que a admiração de um povo por seu líder não é uma característica dominante nos tempos democráticos, já que o líder, por ser o centro da organização política, está mais suscetível de ser atacado e ter seu nome manchado por seus adversários e pela mídia. Entretanto, na situação de disputa pelo poder em Mariana, a admiração aparece com um dos sentimentos mais importantes de serem despertados.

Costumamos admirar o mais forte, o mais inteligente, o mais corajoso, ou seja, os indivíduos que nos parecem superiores, mas com quais nos identificamos. No caso da admiração política, ela está relacionada à apresentação de virtudes e competências que valorizamos e que acreditamos serem importantes características do sujeito que nos representará no Poder Executivo. Em nosso *corpus*, as marcas linguísticas capazes de gerar admiração no sujeito interpretante estão relacionadas à competência, à coragem, à dedicação, à gratidão, à paz, à relação com ex-prefeitos, à solidariedade e à força.

### VIII) Competência

A admiração política pelo competente é resultado das aptidões que ele apresenta e que são vistas como necessárias para um governante. Na sociedade marianense, é a característica política capaz de suscitar a admiração dos cidadãos mais recorrente. A competência aparece como resultado de estudos, de experiências adquiridas e funções exercidas, de acordo com que descreve Charaudeau (2006b) e como observamos nos exemplos abaixo:

Roque ficou fora alguns anos, estudou na famosa universidade de Harvard nos Estados Unidos e também na também famosa universidade de Sorbonne na França. Voltou com diplomas que poucos brasileiros tinham. (P3-84/87)

Trabalhou no projeto de construção da estrada de contorno de Mariana para evitar que o tráfego pesado de caminhões e carretas prejudicasse o sítio histórico e destruísse nosso patrimônio cultural. Organizou o primeiro seminário sobre desenvolvimento sustentável na primaz de Minas, o EDEM, em 1979. Participou do processo de pesquisa e do projeto para a instituição do “16 de Julho”, aniversário de Mariana, como “Dia do Estado de Minas Gerais, e idealização, coordenação, organização e patrocínio do livro: “16 de Julho, o Dia de Minas”. (R11 2§ L1-23)

Roque Camello foi vereador quando ainda era estudante universitário. Hoje, é o vice-prefeito de Mariana, reconhecidamente atuante, participando ativamente de todos os projetos de desenvolvimento do município. (R11 6§ L1-10)

Nos três fragmentos, a admiração por Roque Camello pode conter um efeito patêmico gerado por sua formação acadêmica, em universidades renomadas, por sua vasta experiência em projetos políticos relacionados à cidade de Mariana, ou ainda como resultado das funções de vereador e vice-prefeito, que ele já exerceu.

## **IX) Gratidão**

A gratidão do político por aqueles que o apoiaram e o ajudaram mostra que ele reconhece a participação daqueles que estiveram ao seu lado no momento de necessidade. Em geral, os candidatos se mostram gratos ao povo pelo apoio e pela participação durante a campanha. Com isso, um efeito possível é o candidato receber o respeito e a admiração da população, que se sente reconhecida, como no fragmento abaixo:

Quero agradecer o carinho e o apoio das pessoas. (P4-L15)

Os candidatos costumam agradecer também o apoio recebido de outros políticos. De acordo com Braud (2007), esses agradecimentos estão fundados em interesses, mas o não cumprimento desse ritual é visto como ingratidão. Assim, os candidatos reconhecem também a ajuda recebida de seus partidários, como no exemplo abaixo.

Nesta oportunidade, eu desejo agradecer ao prefeito Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a Mariana. Agradeço a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. Agradeço não só o seu apoio e a sua amizade, sua solidariedade, mas todos os seus momentos de preocupação com essa campanha (P7-L56 a 69)

## **X) Influência (da relação com aqueles que o apóiam)**

Diz-se que a política é um jogo de influências. Não seria diferente durante a disputa pelo poder. A disputa entre os candidatos se dá também em relação àqueles que os apóiam, principalmente se forem políticos que já exerceram o cargo o qual o candidato almeja. Ex-prefeitos, em geral, são admirados pela população, que, pelo menos uma vez, já os elegeram, e que reconhece as contribuições deles para o município. O apoio daquele que é admirado pode gerar a admiração pelo apoiado, já que o ex-prefeito, ao demonstrar que votará nele, está afirmando confiar e acreditar nas competências, virtudes ou características do candidato. Observemos os fragmentos abaixo:

Nesta oportunidade, eu desejo agradecer ao prefeito Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a Mariana. Agradeço a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. (P7-L61/62/63/64)

A sua trajetória a orgulha e a inspira a realizar uma boa administração. “Eu tenho certeza absoluta que em Mariana nunca teve um prefeito que trabalhasse com tanta honestidade como o João Ramos. E eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se Deus assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também”, afirma. (R14 6§ L7-11)

No primeiro fragmento, fica claro o apoio de Celso Cota a Roque, que aproveita da popularidade de seu antecessor para gerar a admiração no povo. No segundo fragmento, assim como em vários outros, Terezinha Ramos evoca o nome de seu falecido marido, também utilizando a alta popularidade dele, que, apesar de morto, obviamente a apoiaria dada a relação que os ligava. Ao apresentarem suas relações com ex-prefeitos, os candidatos estão deixando implícito também os valores e propostas que têm, uma vez que devem dar continuidade aos projetos daqueles que os apóiam.

## **XI) Coragem**

Segundo Braud (2007), a coragem de um político fascina seus eleitores. O corajoso é admirado, pois ele faz com que a população se sinta segura, já que ele, por ter essa característica, enfrentará os riscos e adversidades pelo bem do povo. Observemos:

Vai com sua coragem e fé e leva o sonho da gente. (J2-L16)

Eu sei, eu sei, mas a vida é cheia de riscos, não é mesmo? A gente tem que tentar, encarar os desafios. Não dá para acomodar, eu sou de luta. (P3-L96/97)

No primeiro fragmento, Terezinha Ramos é apresentada como alguém que tem coragem, já que, mesmo com o assassinato de seu marido motivado por sua força política, ela se coloca em risco, em nome de dar continuidade aos projetos de João Ramos, que beneficiavam o povo marianense. No segundo exemplo, Roque mostra-se corajoso, afirmando que vai enfrentar os desafios e lutar por seus objetivos. Assim, a coragem na política está relacionada ao caráter, de acordo com Charaudeau (2006b), enquanto uma disposição psicológica de enfrentar problemas e de recusar o inaceitável.

## **XII) Dedicção**

O sujeito dedicado é admirado, pois para ele nada mais importa do que a causa a qual ele se dedica. Para cumprir seu objetivo, o dedicado não mede esforços. No caso do político, o objetivo maior é o bem do povo e para isso ele fará o que for necessário.

Não tem problema (trabalhar até tarde), papai. É preciso trabalhar para ajudar nossa família. (P3-l62/63)

E ele agarrou a chance, passava o tempo debruçado nos livros, estudando com dedicação. P3-L74/75)

E não é só de festa que é feita essa campanha. No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade. (P6-L43/44/45)

Nos dois primeiros exemplos, o candidato Roque se mostra como um sujeito que, desde sempre, é portador desta característica. Ainda criança, não se importava de trabalhar muito, porque dedicado a família, buscava ajudá-la. Mais tarde, quando tem a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos, estuda com dedicação, sem se importar com as brincadeiras praticadas pelas outras crianças no seminário. Já no último fragmento, Terezinha Ramos mostra sua dedicação ao povo marianense, indo a ACM conversar com os comerciantes, mesmo depois de um comício e de uma sessão de “Cinema na Praça”, organizada por sua coligação.

### **XIII) Solidariedade (enquanto não político)**

O candidato que é mostrado como solidário pode ser admirado pelos eleitores, já que a virtude daqueles que se disponibilizam a ajudar o próximo é valorizada por toda sociedade. Na situação de campanha, os sujeitos costumam mostrar que se preocupam, não apenas com os problemas de seus eleitores (tipo de solidariedade da qual falamos), mas com todos aqueles que estão a sua volta. Assim, ele demonstra que a solidariedade é uma de suas virtudes não é apenas no momento que exerce o papel social de candidato, mas que faz parte dele desde antes da candidatura. Podemos observar isso nos fragmentos a seguir:

Menino esperto e trabalhador, ajudava os pais vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate. (P3-L58/59)

Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um alguém disposto a ajudá-lo em suas atividades em prol do município. (R14 6§ L4-7)

Assim, no primeiro fragmento, Roque mostra que, desde criança, se preocupava com aqueles que estavam a sua volta e ajudava a família como engraxate e vendendo a colheita produzida, ou seja, mostra-se como um filho solidário. Já Terezinha apresenta-se como esposa solidária, sempre disposta a ajudar o marido nas atividades como prefeito.

### **XIV) Paz**

A paz é um estado de tranquilidade desejado pelas sociedades. Assim, aquele que preza pela paz é admirado. Roque Camello defende esta posição em seu discurso, mostrando-se como um pacifista:

O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da paz, do desenvolvimento. (P5-L46)

A primaz de Minas não merece um debate político nesse nível, não merece uma campanha política embasada no denunciamento. (P5-L17/18)

Porém, a paz a que o candidato se refere é o fim dos ataques e das denúncias que recaem sobre ele. Assim, ao falar de sua busca pela paz e pelo fim do denunciamento, implicitamente ele está atacando seus adversários, dizendo que eles não prezam pela tranquilidade e pelo debate de ideias. Braud (2007) defende que aquele que tem medo do

conflito é porque tem algo a perder ou porque é covarde. Com isso, o efeito de gerar admiração, visado pelo candidato, pode não ser alcançado e o efeito produzido pode ser, até mesmo, o inverso.

### **XV) Força (quando vítima que supera fatalidade)**

A primeira emoção que sentimos diante de uma vítima e das pessoas próximas a ela é compaixão, sentimento do qual ainda falaremos. Entretanto, a superação da vítima de uma fatalidade é suscetível de gerar admiração por ela, uma vez que demonstra a força de espírito do indivíduo. Em nosso *corpus*, ambos os candidatos são mostrados como portadores dessa característica, como nas ocorrências abaixo:

Uma família viu tudo isso, a família Camello. Era uma família de posses e culturas, mas com o tempo foi perdendo o seu patrimônio e se empobrecendo, como tantas outras famílias de Mariana e como a própria cidade. (P3-L53/54/55)  
Depois de lecionar como professor em instituições de ensino de Ouro Preto e Belo Horizonte, ele se tornou empresário da construção. Fundou e dirigiu na capital, o Colégio São Vicente de Paulo, sempre muito bem sucedido. (P3-L98 a 102)

Meu nome é Terezinha Ramos e eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João Ramos. (P4-L6/7)

Nos dois fragmentos, ambos aparecem como vítimas de fatalidades: Roque do empobrecimento de sua família e Terezinha da morte de seu marido. Entretanto, eles são apresentados como fortes, já que foram capazes de superar as fatalidades e de se reerguerem. Roque mostra que, como resultado de seu sucesso, enriqueceu novamente. E Terezinha, além de superar a morte, mostra-se forte e corajosa, pois entra para a política com o intuito de continuar os projetos de seu finado marido.

### **3 – INDIGNAÇÃO**

Como já dissemos, Aristóteles (2005) defende que somos persuadidos mais facilmente quando estamos tomados por sentimentos bons e persuadidos com maior dificuldade quando temos sentimentos ruins. É pensando nisso que, estrategicamente, os sujeitos políticos tentam provocar nos eleitores efeitos patêmicos negativos, em relação aos

adversários. A indignação é um desses efeitos negativos, que também podem ser suscitados pelo discurso midiático, como resultado de denúncias feitas, seguindo a visada informativa.

A indignação aparece como um sentimento de pesar ou de cólera causado por algo inaceitável, mas que exige medidas contra o intolerável. Em nosso *corpus*, é um efeito possível bastante recorrente, que reflete uma disputa marcada pelos ataques aos adversários e pelas denúncias.

## **XVI) Denuncismo**

O denunciamento foi a atitude política mais recorrente em nosso *corpus*. Identificamos 45 ocorrências de denúncias, apresentadas de quatro formas:

- a) Aquelas que apresentam os políticos como mentirosos, que espalham pela cidade boatos e mentiras, como nos fragmentos a seguir:

Eu quero aproveitar também este momento, minha gente, para esclarecer boatos que andam circulando por ai. (P3-L17)

Batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras. (P3-L21)

- b) Aquelas que apresentam os políticos como incompetentes e incapacitados para realizar as funções de governante, como nos exemplos a seguir:

E agora Marianinha vai pra escola sem banho sem merenda e com sede ou será que a nossa garotinha vai perder um dia inteiro de aula. (P4-L30/31)

Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso. (P4-L38/L39)

No primeiro fragmento, Terezinha denuncia a incapacidade de Roque Camello e Celso Cota para resolverem o problema da falta de água em Mariana, assim como no segundo, em que a candidata critica problemas sociais, que o então prefeito não resolvia.

- c) Aquelas que apresentavam os políticos como corruptos:

Candidato Roque é cassado após denúncias de compra de votos. (P4-L34)

Neste caso, Terezinha não só denuncia a corrupção de seu adversário, mas também busca mostrar que ele não está apto a ser candidato, já que teve seu direito cassado pela Justiça Eleitoral.

- d) Aquelas que apresentam os políticos como sabotadores, que tentam atrapalhar a campanha de seus adversários de maneira inescrupulosa:

O jornal denunciou, a polícia agiu e prendeu um candidato a vereador de Terezinha. (que mantinha um estúdio clandestino de edição de vídeo, onde vídeos para desqualificar Roque eram montados). (P5-L41)

Ninguém segura o povo que apóia Terezinha, nem chuva, nem o cansaço, nem falta de luz. (P8-L40/41)

No primeiro fragmento, Roque Camello diz que um vereador partidário de Terezinha Ramos era responsável pelos vídeos que circulavam pela cidade como prova de que ele havia tentado comprar votos e apoio político. Com isso, além de gerar a indignação em relação à Terezinha que, de acordo com Roque, manipulava a verdade, editando vídeos para prejudicá-lo, ele se defende da denúncia de compra de votos. Já no segundo, Terezinha implicitamente acusa a prefeitura de cortar o fornecimento de energia elétrica da praça, onde sua coligação apresentava uma sessão de cinema sobre a vida da candidata.

Todas as 45 denúncias tinham como efeito possível a indignação, que, como dissemos, exige medidas contra o intolerável. Assim, ao ficarem indignados com os responsáveis pelos problemas, os cidadãos seriam dificilmente persuadidos por eles e, provavelmente, adeririam ao sujeito que fez a denúncia, já que esse, ao fazê-la, mostra-se como alguém correto.

## **XVII) Vitimização por intriga**

A indignação é um efeito possível de ser gerado ao nos depararmos com vítimas de intriga. Este não é o efeito primeiro dessas ocorrências, mas diante de alguém que é vítima, sentimos indignação em relação ao responsável pelo prejuízo.

## **XVIII) Medo**

O medo não aparece em nosso *corpus* como um sentimento individual, mas como uma fobia coletiva, ligada a questões morais. Observemos:

O futuro não pode tirar o sorriso de cada criança. (J1-L5)

Neste fragmento, Roque Camello, ao falar da Escola em Tempo Integral como um projeto que dá alegria às crianças, implicitamente, afirma que se outro candidato, que não ele, ganhar a eleição, será o fim da Escola e, conseqüentemente, da alegria das crianças. Assim, ele toca em um medo coletivo, que é a infelicidade das crianças, algo inaceitável para qualquer sociedade. Diante disso, o medo se transforma em indignação, que exige uma atitude contra os adversários do candidato, ou seja, a não adesão às ideias deles.

#### 4 – COMPAIXÃO

Segundo Aristóteles (2000, p.53), a compaixão é “um pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso e que atinge quem não o merece” e caracteriza-se por um movimento assimétrico entre um indivíduo que sofre e o outro que, apesar de não sofrer, está, no entanto, emocionado pelo sofrimento alheio (CHARAUDEAU, 2006b, p.163). Em nosso *corpus*, a compaixão é um efeito possível de ser gerado em relação a vítimas.

#### **XV<sup>21</sup>) Vitimização por fatalidade**

Já falamos dessa categoria, ao apresentá-la como responsável pela admiração, já que admiramos àqueles que superam uma tragédia e conseguem se reerguer. No entanto, a admiração não é o efeito possível que é despertado inicialmente ao sabermos de vitimizações. A vítima e seu estado, no primeiro momento, geram a compaixão. Em nosso *corpus* três personagens aparecem como vítimas de fatalidades. São elas, Roque Camello, Terezinha Ramos (dos quais já apresentamos as fatalidades) e João Ramos, que foi vítima de um assassinato, como relatado no fragmento a seguir:

Morreu na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, assassinado com quatro tiros, segundo a Polícia Militar. (R10 1§ L1-8)

A morte é a fatalidade em que o efeito de compaixão é mais intenso, dada a gravidade e irreversibilidade do fato. Porém, outros males, menos graves também são suscetíveis de gerar a compaixão, como o próximo de que falaremos.

---

<sup>21</sup> A categoria *Vitimização por fatalidade* aparece aqui acompanhada do algarismo XV, não seguindo a ordem, porque ela já apareceu como o 15º sentimento, atitude ou característica capaz de gerar um efeito patêmico, quando falamos do efeito Admiração.

## XVII<sup>22</sup>) Vitimização por intriga

Essa categoria já foi apresentada como possível de causar indignação. Porém, como já dissemos, este não é o efeito primeiro que ele causa. Antes, ela é suscetível de causar compaixão, já que sofremos por aquele que é vítima de boatos, de mentiras, de manipulações para ter sua imagem abalada, de acusações injustas, como observamos em nosso *corpus*:

Batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras. (P3-L21)

Mas agora volta a bater na porta de vocês, jogar papel na porta de vocês para dizer que nos participávamos de compra de votos, propinas para poder trazer pra cá o apoio de pessoas que, ao meu ver, são desqualificadas. (P5-L32/33/34)

Inclusive eles estão falando que eu vou trazer uma equipe de Belo Horizonte, é mentira. (P6-L10)

## 5 – AFEIÇÃO

A afeição é o termo utilizado para representar o sentimento que dois indivíduos sentem um pelo outro quando estes têm uma relação afetiva. O afeto implica, em geral, em confiança e intimidade entre os dois indivíduos que a partilham. É comprovado cientificamente que sentir afeição e perceber que o outro tem o mesmo sentimento, faz com que o organismo libere hormônios que dão a sensação de bem-estar, como a dopamina, a endorfina e a ocitocina. Assim, a afeição é um efeito visado pelos sujeitos comunicantes que têm como finalidade persuadir, uma vez que somos mais facilmente persuadidos quando sentimos coisas boas.

Em nosso *corpus*, a afeição aparece como um efeito patêmico possível de ser gerado no sujeito interpretante, por meio da utilização de vocativos e chamamentos afetuosos utilizados pelo sujeito produtor do discurso.

---

<sup>22</sup> Assim como a *Vitimização por fatalidade*, a *Vitimização por intriga* também já apareceu, enquanto uma categoria capaz de causar Indignação. Por isso, o algarismo XVII aparece novamente.

## **XIX) Vocativos e chamamentos afetuosos**

Vocativos ou chamamentos são termos oracionais utilizados para chamar ou colocar em evidência o sujeito a quem o discurso é direcionado. No discurso midiático, a utilização de vocativos não é frequente e, quando ocorrem, apresentam-se em formas objetivas. Já no caso do discurso político, especialmente no eleitoral, os vocativos são bastante utilizados, como percebemos nas 11 ocorrências em nosso *corpus*, presentes exclusivamente nos gêneros do discurso político. Neles, os vocativos aparecem, com frequência, acompanhados de adjetivos afetuosos, como podemos observar a seguir.

Olá, queridos conterrâneos marianenses! (P3-L29)

Olá, povo querido da minha terra! (P7-L14)

Além disso, os sujeitos comunicantes candidatos a cargos eletivos costumam utilizar os vocativos afetuosos para mostrar, não apenas que seu discurso é dirigido aos eleitores, mas também para demonstrar que se sentem responsáveis pelos cidadãos enquanto representante deles do Executivo. Essa responsabilidade (apresentada como um tipo de posse) é percebida pelo uso do pronome possessivo, como podemos observar nos exemplos abaixo:

Olá, **minha gente!** (P3-L29)

Alô alô **meu povo!** (P4-L1)

**Minha gente**, a campanha chegou ao fim. (P8-L4)

De maneira geral, a utilização dos vocativos afetuosos, ao terem como efeito possível a afeição, busca também uma aproximação entre candidato e eleitor. Essa proximidade tem um importante papel na captação do sujeito interpretante, uma vez que quanto mais próximos forem os parceiros, maior será o grau e a intensidade do efeito patêmico. Assim, se os sujeitos interpretantes se sentirem próximos dos sujeitos comunicantes, maior será a intensidade do efeito emocional e maiores serão as chances de persuasão. Em outras palavras, a utilização dos vocativos e o efeito que eles são suscetíveis de causar podem influenciar toda a argumentação patêmica.

## 6 – ALEGRIA (XX)

Como dissemos no início deste capítulo, o sujeito interpretante é mais facilmente persuadido quando tomado por sentimentos bons. É seguindo este princípio, que os sujeitos comunicantes visam a tocar os interpretantes de forma que eles sintam alegria. Uma forma possível de causar alegria no sujeito interpretante, ou seja, nos cidadãos eleitores de Mariana, é descrever a alegria da população como uma consequência de alguma medida política, como nos exemplos abaixo:

Quero alegria em tempo integral, eu quero o melhor para Mariana. (J1-L6)

Quero a chuva no meu telhado, quero alegria, trabalho e suor. (J1-L9)

Eu gosto de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana. (J1-L17)

Vi o sorriso de cada marianense na entrega de obra, nos novos programas. (P3-L35)

Também vamos manter os festivais que fazem a alegria de todo mundo como o Festival da Vida (...) (P5-L69-L70)

Nestes casos, o sujeito comunicante apresenta projetos – Escola em Tempo Integral, projetos de cultura e lazer, Guarda Municipal, obras de melhoramento da cidade e Festivais – realizados pelo governo do qual ele fazia parte, mostrando que eles levavam felicidade para a população. Com isso, os sujeitos interpretantes podem sentir alegria por saberem que seus pares estão felizes, ou ainda, porque são beneficiados por aquilo que gerou alegria.

A alegria pode ser um efeito possível também por meio da utilização de figuras que a acompanham, como satisfação e contentamento, como podemos observar no caso a seguir:

Esperar meses para ser atendido pelo prefeito? Acabou! Agora uma mulher de fibra, de determinação, assumiu o Executivo para retornar o município a uma administração moderna, sem grandeza, mas conhecendo realmente a sociedade. (R13 1§ L3-6)

Neste exemplo, o sujeito comunicante *Jornal Ponto Final* apresenta um problema (*Esperar meses para ser atendido pelo prefeito*) e, em seguida, diz que ele foi solucionado. Isso gera a satisfação e o contentamento da população, que poderá ter acesso mais rapidamente ao seu representante no Executivo.

## 7 – COMOÇÃO (XXI)

A comoção é uma emoção exagerada, que é suscetível de ser causada por acontecimentos que chocam uma sociedade. Foi o que aconteceu durante a disputa pelo poder em Mariana e que foi representada 8 vezes em nosso *corpus* quando se falou da morte de João Ramos. Vejamos os exemplos a seguir:

Morreu na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, assassinado com quatro tiros, segundo a Polícia Militar. (R10 1§ L1-8)

Povo de Mariana chora a perda de João Ramos - Na retirada da vítima do local houve uma grande comoção da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos aplausos e agradecimentos foram prestados à família, que muito emocionada e desesperada tentava a todo o momento estar um minuto a mais com a vítima. (R10 9§ L1-10)

Está havendo uma grande manifestação de luto na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em nossa Redação recebemos ligações de pessoas inconsoladas buscando informações na esperança de que seja mais um boato. (R10 10§ L1-10)

Nos três fragmentos, a comoção é um efeito provável de ser suscitado por se tratar de um acontecimento que teve como consequências a morte de alguém muito querido e admirado por toda sociedade marianense.

## 8 – SAUDADE

A saudade é uma recordação melancólica de uma pessoa ausente. Em nosso *corpus*, ela será resultado da nostalgia, que é a saudade de um momento vivido que não se repetirá.

### (XXII) Nostalgia

A saudade de um tempo passado, que não pode mais ser revivido aparece em nosso *corpus* quando algum sujeito comunicante refere-se a João Ramos ou a seus mandatos, como podemos observar nos exemplos:

Foi Prefeito por três vezes e dedicou sua vida como um entusiasta pelas causas sociais, pela justiça e em defesa dos menos favorecidos. Às vezes, polêmico, mas, sem abrir mão dos seus sonhos e convicções, sempre atuou na política conversando com a comunidade com um linguajar simples e de atitudes imediatas. (R10 13§ L1-13).

João Ramos Filho do PTB foi prefeito da cidade de Mariana por três vezes, nos períodos de 73 a 76, 83 a 88 e de 93 a 96. (R10 15§ L1-5).

Cada vez que João Ramos é citado, percebemos marcas de nostalgia, pois ele é sempre lembrado como alguém que fez muito pela cidade e por sua população carente, gerando saudade dos tempos em que governou. Com isso, um efeito possível de ser suscitado nos sujeitos interpretantes é a saudade de João Ramos. Essa saudade é utilizada pela candidata Terezinha Ramos, que aparece como uma esperança para a população, com veremos no próximo efeito patêmico possível.

## 9 – ESPERANÇA (XXIII)

Segundo Charaudeau (2010), a esperança representa a espera por uma melhora da situação, mas vista com confiança de seu acontecimento e de seu efeito positivo. Diante da morte de João Ramos e da nostalgia sentida dos tempos que ele governou, a candidatura de Terezinha surge como a esperança de que os projetos do marido sejam continuados. Observemos os exemplos:

E o coração de quem fica é a luz no firmamento. (J2-L2)

Vai Terezinha, vai! O sonho não acabou. (J2-L7)

Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou. (J2-L8)

No primeiro enunciado, como já mostramos, o *coração* representa, metonimicamente, Terezinha Ramos e o amor que esta tinha pelo marido. *Luz no firmamento* metaforicamente representa a esperança de que *o sonho* de João Ramos (e do povo marianense) *não* tenha *acabado* com a morte dele. Esta aparece representada também metaforicamente, no terceiro enunciado, no fragmento *mostra que arrancaram a rosa*, assim como em *a semente já brotou* que denotativamente significa que os projetos de João Ramos serão continuados por Terezinha.

## 10 – SEGURANÇA / TRANQUILIDADE (XXIV)

A segurança é um sentimento almejado por toda população. Ela pode ser entendida tanto como uma proteção contra bandidos, quanto como estabilidade ou garantia de que tudo permanecerá bem, de forma tranquila. O sujeito político que ocupa o cargo de prefeito tem como dever manter a população segura nos dois aspectos. Com isso, enquanto candidatos, os sujeitos comunicantes apresentam esse tipo de emoção como uma promessa de campanha. Observemos os exemplos abaixo:

Eu gosto de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana. Guarda amigo que me acompanha, eu quero o melhor para Mariana. (J1-L17/L18)

Quero a chuva no meu telhado, quero alegria, trabalho e suor. (J1-L9)

No primeiro exemplo, o sujeito enunciador é uma cidadã marianense que relata gostar de andar pela cidade nos fins de semana, porque ela se sente segura nas ruas com a presença do Guarda Municipal que a acompanha. Assim, a expressão de sentir-se segura pode ter como efeito patêmico no sujeito interpretante também a segurança, já que, assim como ela, esse sujeito é um cidadão que transita pela cidade.

Já no segundo caso, a segurança pode ser entendida como tranquilidade e estabilidade. O sujeito enunciador é um cidadão que mostra se preocupar com a sua estabilidade, que estará garantida se Roque permanecer no governo, já que isso lhe assegura que ele terá moradia (relação metonímica da parte *telhado* pelo todo), lazer, cultura e emprego.

### 3.2 – IDENTIDADES

De acordo com Aristóteles (2005, p.96), “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé”. O autor explica que acreditamos mais e mais rapidamente naquele em quem confiamos. Ao

argumento que faz com que o sujeito comunicante seja visto como digno de confiança, Aristóteles dá o nome de *ethos*.

Para construir diferentes tipos de *ethé*, os sujeitos comunicantes apresentam ou mostram características de si que fazem com que eles sejam enquadrados dentro de determinados grupos. Por exemplo, quando Terezinha Ramos diz “Resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio”, na L8 de P4, ela diz claramente *Sou corajosa* e mostra que tem coragem *para enfrentar esse desafio*. Assim, ao apresentar este seu traço, ela está se colocando dentro o grupo dos corajosos, ou seja, está apresentando a coragem como uma identidade de si.

Porém, em nosso *corpus*, não observamos apenas as identidades de si construídas pelos sujeitos comunicantes políticos. Observamos também as identidades políticas apresentadas pelo sujeito comunicante *Jornal Ponto Final*. Como mostramos no final da seção 1.3, do primeiro capítulo, de acordo com Galinari (2009), Aristóteles reconhece a possibilidade teórica da construção do *ethos*<sup>23</sup> de terceiros, noção que Galinari chama de *ethos* de outrem. Assim, ao afirmar, no primeiro parágrafo de R11, que

Roque Camello é formado em Direito e Letras. Em Mariana, começou muito cedo sua história política quando fundou a 3ª Força Jovem de Mariana, que tinha como objetivo juntar os jovens de direita e esquerda. Trabalhou na implantação da Cemig, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal do município. Elaborou a apresentação do projeto de desapropriação do prédio da Casa de Cultura- Academia Marianense de Letras, trabalhando junto ao governador Israel Pinheiro para que o prédio não fosse demolido, como se pretendia.

o Jornal está construindo uma imagem de Roque Camello como um político competente, apresentando sua formação, a experiência adquirida em projetos em prol da cidade e as funções exercidas por ele. Assim, o Jornal está mostrando uma identidade de Roque, colocando-o dentro do grupo dos competentes.

A partir da observação das identidades políticas apresentadas pelos candidatos e pelo Jornal, pudemos identificar diferentes imagens dos políticos, as quais dividimos em identidades políticas positivas e identidades negativas.

---

<sup>23</sup> A noção de *ethos* é entendida por vários pesquisadores, como Ruth Amossy, por exemplo, como a construção de imagens de si, ou seja, a construção de imagens que o próprio orador constrói sobre ele mesmo.

### 3.2.1 – IDENTIDADES POSITIVAS

As identidades políticas positivas são aquelas valorizadas pela sociedade. Em nosso *corpus*, nos gêneros do discurso político, elas foram apresentadas pelos candidatos como identidades de si, já que raramente eles se mostram como portadores de identidades que não são valorizadas. Nos jornais, essas identidades aparecem como *ethé* de outrem, já que se trata do sujeito enunciador jornalista construindo a identidade do político. A construção de identidades discursivas, enquanto argumentos da ordem do *ethos*, tem como objetivo gerar a confiança no sujeito político. Essa confiança pode ser resultado de dois processos, a credibilidade ou identificação. Assim, dividimos os 12 tipos de identidades políticas positivas em imagens de credibilidade e imagens de identificação.

#### 3.2.1.1 – IMAGENS DE CREDIBILIDADE

A confiança em um político será resultado de imagens de credibilidade quando as identidades apresentadas mostrarem que o candidato *pode fazer* o que é esperado dele, ou seja, quando forem apresentadas provas de que ele tem o poder de realizar os deveres de um político. Em nosso *corpus*, essas identidades incluem o político no grupo dos competentes, corajosos, dedicados, gratos, solidários e fortes. Essas características, como já observamos na seção 3.1 deste capítulo, são suscetíveis de causar o efeito patêmico da admiração nos eleitores. Assim, fica clara a estreita relação entre *ethos* e *pathos*, de que falamos no capítulo 1. Para não nos tornarmos repetitivos, nesta seção não apresentaremos exemplos, já que eles já foram apresentados quando mostramos os efeitos patêmicos que essas características políticas podem causar. Faremos apenas uma análise descritiva das características que o sujeito político deve ter para a sociedade de Mariana.

**I) Competente:** A competência é uma das aptidões vistas como mais importantes pela sociedade marianense. Como já vimos, na seção anterior, ela é mostrada como resultado de estudos, de experiências adquiridas e funções exercidas, conforme descreve Charaudeau (2006). Formação e experiência são, assim, provas de que o candidato tem condições de governar a cidade.

**II) Grato:** O grato reconhece a participação daqueles que estiveram ao seu lado no momento em que era preciso. Ao agradecer, ao mesmo tempo, ele mostra que tem apoio, no caso do nosso *corpus*, da população e de outros políticos. O apoio da população é essencial para que ele se mantenha no poder e o apoio de outros políticos é essencial para que ele execute seus projetos enquanto prefeito, já que, apesar de ser o líder, ele não trabalha sozinho.

**III) Corajoso:** O candidato deve mostra-se corajoso, pois o líder político deve ser capaz de enfrentar riscos e adversidades pelo bem de seu povo. Além disso, como já mencionamos, a coragem na política está relacionada ao caráter, de acordo com Charaudeau (2006b), enquanto uma disposição psicológica de enfrentar problemas e de recusar o inaceitável.

**IV) Dedicado:** A dedicação é característica política importante, já que aquele que se dedica ao que faz tem mais chances de ser bem sucedido. Além disso, o político dedicado mostra que nada mais importa do que a causa a qual ele se dedica. Assim, para cumprir seu objetivo, que, no caso do político, é o bem do povo, ele não mede esforços e faz o que é necessário.

**V) Pacifista:** O pacifista preza pela paz da sociedade, já que na guerra (ou qualquer tipo de disputa) a comunidade sempre acaba tendo algum tipo de prejuízo. Assim, o candidato que, em nosso *corpus*, mostra-se como pacifista defende o debate de ideias, que faz melhorar os projetos políticos de cada candidato, e o fim das brigas. Assim, a paz é uma virtude que dá crédito ao político.

**VI) Solidário:** A solidariedade é uma virtude essencial ao político, já que ela faz parte daqueles que se disponibilizam a ajudar o próximo. Assim, na situação de campanha, os sujeitos mostram que se preocupam com todos aqueles que estão a sua volta, e que a solidariedade é uma de suas virtudes desde antes da candidatura. Então, ao mostrar uma relação solidária entre si e um terceiro, que não o povo, o candidato apresenta uma prova de que pode governar, pois uma de suas virtudes é preocupar-se com os problemas dos outros.

**VII) Forte:** O político tem que se mostrar forte, pois essa deve ser uma característica do representante do povo, já que ele, provavelmente, se deparará com problemas durante o mandato. Assim, ele deve ter força para enfrentá-los e para se reerguer, se preciso.

### 3.2.1.2 – IMAGENS DE IDENTIFICAÇÃO

A confiança em um político será resultado da identificação, quando o cidadão, “mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade no político” (CHARAUDEAU, 2006b, p.137). Em outras palavras, o cidadão acredita no político quando se identifica com ele, quando reconhece nele traços que também são seus. Da mesma forma que as imagens de credibilidade, as imagens de identificação também são suscetíveis de gerar um efeito patêmico: a solidariedade identitária. Assim, já descrevemos e apresentamos trechos em que as características políticas que podem gerar a identificação são construídas, e, por isso, aqui, novamente, falaremos dela de forma breve.

Charaudeau (2006b, p.137) afirma que descrever e classificar os tipos de imagem que caracterizam o *ethos* de identificação é uma questão delicada, já que ele tem como objetivo tocar o maior número possível de eleitores, ou seja, é heterogêneo e vago do ponto de vista dos imaginários. Em nosso *corpus*, identificamos como *ethos* de identificação as imagens de humanidade do sujeito político, de identificação feminina, de solidariedade do candidato com o povo, de religiosidade e de orgulho local.

**VIII) Solidário ao povo:** A solidariedade “se quer igualitária e recíproca” (CHARAUDEAU, 2006b, p.163). Assim, os candidatos marianenses, ao se mostrarem e ao serem mostrados como solidários aos problemas do povo, tornam-se responsáveis pelas necessidades do outro, como parte dele. Esta figura é a mais importante das imagens de identificação para a sociedade marianense, tendo aparecido 20 vezes em nosso *corpus*.

**IX) Orgulhoso:** O orgulho é um sentimento coletivo de superioridade, relacionado ao prestígio e enraizado em uma história comum. Assim, em nosso *corpus*, observamos a exaltação de fatos gloriosos, como Mariana ser a primeira vila, cidade e capital de Minas de Gerais, ou seja, orgulho da História da cidade, exaltação de belezas (naturais e das construções barrocas), ou ainda na exaltação da cidade como um todo.

**X) Religioso:** Por ser na sociedade marianense, a religiosidade é uma característica bastante recorrente em grande parte dos cidadãos, o candidato que se mostra religioso, provoca a identificação, além de mostrar que carrega consigo os valores cristãos.

**XI) Identificação feminina:** Apesar de ser uma identidade de apenas uma parte dos cidadãos, a identificação feminina foi bastante recorrente em nosso *corpus*. Como o próprio nome diz, busca causar a identificação entre as mulheres e, portanto, foi utilizada pela candidata Terezinha Ramos.

**XII) Humano:** Assim como descreve Charaudeau (2006b, p.148), em nosso *corpus*, para mostrar-se humano, os sujeitos políticos demonstraram sentimentos, compaixão, confessaram suas fraquezas e gostos, aproximando-se, assim, dos cidadãos, já que assim como eles, os candidatos são apresentados como pessoas que sentem, que temem, que gostam, que têm uma intimidade.

### 3.2.2 – IDENTIDADES NEGATIVAS

As identidades políticas negativas são aquelas que são desvalorizadas pela sociedade marianense e que, portanto, não devem ser características dos candidatos da cidade. Elas foram apresentadas pelos sujeitos comunicantes candidatos, enquanto características de seus adversários. Já no Jornal, as identidades negativas apareceram quando denúncias foram apresentadas. Assim como as identidades positivas, as imagens negativas também são suscetíveis de causar efeitos patêmicos, o da indignação.

Encontramos em nosso *corpus*, quatro identidades políticas negativas: a do incompetente, mentiroso, corrupto e sabotador.

**I) Incompetente:** A incompetência é a característica política mais desvalorizada, representando 64% das imagens negativas. O sujeito político marianense não pode, de forma alguma, ser visto como aquele que não tem competência para governar. Em nosso *corpus*, ela apareceu como uma característica daqueles que estavam no poder naquele momento, já que a cidade apresentava diversos problemas, os quais foram apresentados pela candidata adversária como prova da incompetência política do candidato. Ela apareceu também como uma justificativa do Jornal, para explicar o pedido de *impeachment* de Roque Camello. A grande desvalorização da incompetência política pelos cidadãos marianenses é um reflexo da valorização da competência, enquanto identidade política positiva de credibilidade.

**II) Mentiroso:** A identidade política do mentiroso apareceu em nosso *corpus* quando, ao referir-se ao adversário, um candidato dizia que ele espalhou pela cidade boatos e mentiras. Essa é uma imagem desvalorizada pela sociedade marianense, já que os cidadãos devem confiar em seus representantes e, por isso, o bom candidato não deve ser mentiroso.

**III) Corrupto:** A corrupção também é desvalorizada pela sociedade, enquanto pólo negativo do caráter. Em nosso *corpus*, ele aparece como aquele que compra votos e apoio político. Assim, o corrupto é visto como aquele que não tem força e coragem para enfrentar os problemas e, portanto, é uma característica negativa que o bom candidato não deve ter.

**IV) Sabotador:** Em nosso *corpus*, ambos os candidatos são descritos como sabotadores. Roque, enquanto vice-prefeito, é mostrado como o responsável pelo corte no fornecimento de energia elétrica durante um evento de Terezinha Ramos. Esta é mostrada como sabotadora, já que um de seus vereadores foi preso por manter um estúdio clandestino de edição de vídeos, onde eram montados os filmes que comprovavam a culpa de Roque Camello na compra de apoio político e votos.

Assim, os candidatos a cargos eletivos de Mariana não devem ser mentirosos, incompetentes, corruptos ou sabotadores, já que essas são características desvalorizadas que vão contra as identidades que os cidadãos de Mariana esperam encontrar em seus representantes.

### 3.3 – MEMÓRIA

Apresentamos, até aqui, a análise dos argumentos patêmicos e ethóticos apresentados no discurso da cidade sobre a disputa pelo poder municipal. Com isso, apreendemos as emoções que estão relacionadas à política local e as identidades importantes para aquela sociedade, enquanto características que os candidatos devem ou não apresentar. Esses imaginários fazem parte da memória da cidade, que segundo Orlandi (2004), é construída na relação entre seus cidadãos, no momento em que eles significam a si próprio e a cidade, e, por tanto, ela é resultado da história vivida, que deixa suas marcas no discurso.

Segundo Charaudeau, a memória da cidade, enquanto comunidade semiológica, comunicacional e discursiva, pode ser observada em três níveis: da memória do signo, da memória da situação e da memória discursiva.

### 3.3.1 – Memória de signos

Os cidadãos da cidade de Mariana têm maneiras de dizer mais ou menos rotineiras, que os constitui como comunidade semiológica. Algumas dessas formas linguísticas recorrentes apareceram em nosso *corpus*. Dividimo-las em três categorias: expressões cristalizadas, expressões que remetem a outros discursos e variedades linguísticas peculiares da cidade.

Dentre as expressões cristalizadas recorrentes que identificamos estão “Tenho fé em Deus” (P4-L9/10) e “(...) se Deus quiser.” (P4-L39 e P6-L9), que demonstram a memória de um discurso religioso bastante presente na cidade de Mariana. Identificamos também a ocorrência da expressão *primaz*, como em “A primaz de Minas” (P5-L17/18) e “Quero cantar minha cidade primaz, oh berço das Minas Gerais” (J1-L4). Percebemos que para a comunidade marianense, o termo *primaz* não significa aquele que tem primazia, superioridade ou “que ocupa o primeiro lugar”, como traz o Dicionário Aurélio, mas é entendido como *primeira*, fazendo referência ao fato de Mariana ter sido a primeira cidade, capital e vila do estado de Minas Gerais. Isso é reflexo da memória do discurso da História também bastante presente na cidade. Além dessas, outra forma recorrente nos chamou a atenção: “Quero chuva no meu telhado” (J1-L9). Para aquela comunidade, esta é uma expressão popular, que significa prosperidade, que acreditamos ser uma reformulação da expressão cristalizada *chover na horta*, que é uma metáfora de fertilidade e prosperidade, consequências da chuva para a agricultura.

As expressões que remetem a outros discursos e que por isso carregam uma memória são “Um *novo tempo* não para” (J1-L1), “Quero alegria em *Tempo Integral*” (J1-L6), “*Guarda amigo* que me acompanha” (J1-L18) e “Eu vou (...) fazer de Mariana *uma cidade melhor para se viver*” (P4-L10/11). Essas expressões, assim como descreve Moirand (2008), funcionam como ativadores de memórias por meio a alusão a outros discursos. A primeira faz referência à Escola em Tempo Integral, a segunda à Guarda Municipal e a terceira ao *slogan* da prefeitura “A força de um novo tempo!”, todas significando a

continuidade dos projetos da gestão que estava no poder naquele momento, ou seja, faziam parte do imaginário da continuidade. Já “Mariana *uma cidade melhor para se viver*” também faz referência a outro *slogan* da prefeitura (Mariana, cidade de bem viver), porém com a intenção contrária dos exemplos anteriores, já que a candidata afirma que se os seus adversários transformaram Mariana em uma cidade boa de se viver, ela transformará em uma cidade melhor ainda.

Por último, observamos uma maneira de dizer rotineira que é variedade linguística que representa um desvio da norma culta bastante recorrente na fala dos cidadãos da cidade e que também apareceu em nosso *corpus*. Como pode ser observado no fragmento “(...) as crianças estavam de fato *apaixonadas comigo (...)*” (R11, 13§, L3-6), na comunidade semiolinguística de Mariana, o verbo transitivo indireto *apaixonar-se* rege preposição *com* e não *por* como prescreve a gramática tradicional.

### 3.3.2 – Memória da situação

Enquanto comunidade comunicacional, os cidadãos da cidade de Mariana partilham de uma memória que lhes permite reconhecer a situação, os dispositivos e contratos da comunicação, por meio das expectativas que se tem em relação a determinadas trocas comunicativas. Um exemplo disso são as encenações de programa de rádio utilizadas por Roque Camello para apresentar sua propaganda política eleitoral. No P5-L82, uma ouvinte/cidadã pede para ouvir uma música, assim como acontece nos programas de rádio. Entretanto, como a situação é de propaganda eleitoral, a música pedida é o *jingle* “Eu quero o melhor para Mariana”. Assim, as expectativas em relação à situação de comunicação, campanha eleitoral, são atendidas.

### 3.3.3 – Memória do discurso

Já enquanto comunidade discursiva, a cidade é reunida pelos imaginários partilhados socialmente. Eles são organizados em saberes, que são partilhados pela comunidade e que reúnem os sujeitos que têm os mesmos posicionamentos e valores. É nesse consenso social, que segundo Charaudeau (2008), os argumentos são fundamentados para que

tenham validade. O autor organiza em *domínios de avaliação*, os valores partilhados pelas comunidades, nos quais os argumentos podem ser fundamentados.

Nesse sentido, observamos que os efeitos patêmicos possíveis de serem gerados são fundamentados no domínio de avaliação do hedônico, já que estão relacionados a valores como agradável – no caso dos efeitos positivos – e desagradável – no caso dos efeitos negativos, gerados em relação aos adversários, pelos candidatos e aos maus políticos, pelo Jornal. Já as identidades políticas encontradas em nosso *corpus*, estão avaliadas em termos éticos e pragmáticos. As identidades positivas de credibilidade são avaliadas pragmaticamente como imagens úteis, já que é necessário que os políticos tenham aquelas características para que possam governar. Em outras palavras, em termos pragmáticos, é importante que o candidato seja competente, influente, corajoso, forte etc., pois esses são traços úteis ao governante.

Já as identidades que visam à identificação são avaliadas em termos éticos e são vistos como imagens do bem. Elas são características comuns a candidatos e eleitores e estão ligados a uma moral, sendo avaliadas em bem e mal. Assim, a solidariedade, a humanidade, a religiosidade etc. são avaliadas em termos éticos, como traços ligados ao bem, enquanto que a mentira, a corrupção e a sabotagem estão ligadas ao mal. Desta forma, os sujeitos vistos como mentirosos, corruptos e sabotadores são desvalorizados pela sociedade marianense por questões da moral ética da cidade. Já o incompetente é desvalorizado em termos pragmáticos, já que aquele que não tem aptidões e competências para governar é inútil para a função de representante no Poder Executivo.

O papel da memória discursiva não acaba aí. Além de os argumentos serem fundamentados nela, por meio dos imaginários que a constituem, a memória é essencial para o sucesso do ato de linguagem, já que o sujeito comunicante deixa certas informações implícitas, acreditando que o sujeito interpretante vá compreendê-las, uma vez que são saberes partilhados por eles, já que fazem parte da mesma comunidade discursiva. As informações implícitas do discurso aparecem como inferências, implicações, alusões, insinuações, que podem ser pressupostas e subentendidas.

Os pressupostos são as informações implícitas que “decorrem logicamente do sentido de certas palavras” (FIORIN; SAVIOLI, 1996, p. 307). Em nosso *corpus*, observamos que algumas informações poderiam ser pressupostas por meio de verbos que indicam mudança ou permanência de estado, como nos exemplos “O trabalho *segue em frente*” (J1-

L2) ou “(...) para apresentar minhas propostas de governo, para *continuar* o desenvolvimento em nossa querida Mariana.” (P3-L31/32), nos quais é possível pressupor que o sujeito comunicante já exerce a função e pretende dar continuidade ao que vem sendo feito. Certos advérbios ou expressões adverbiais, como nos exemplos “temos *ainda* que melhorar nossa cidade” (P3-L36) e “*Mais uma vez*, a população fica no meio de disputas políticas” (R9, 11§, L1-3), também permitem que se pressuponha que algo já foi feito para melhorar a cidade e que, alguma vez, a população já ficou prejudicada por disputas políticas.

Assim, os pressupostos são “extraídos” de marcas linguísticas que lógica e diretamente remetem às informações implícitas. Porém, o sentido completo da informação implícita só é recuperado quando os parceiros partilham uma memória discursiva. No último fragmento citado, por exemplo, o sujeito interpretante pode pressupor que outras disputas já ocorreram, mas apenas aqueles que partilharem da memória discursiva com o sujeito comunicante terão condições de recuperar essas outras disputas em que a população foi prejudicada e quem eram os sujeitos envolvidos.

Já os subentendidos, de acordo com Fiorin e Savioli (1996) não são marcados linguisticamente. Nós, entretanto, preferimos dizer que os subentendidos são informações implícitas em certas marcas linguísticas que podem ser “extraídas” por um sujeito interpretante que partilhe com o sujeito comunicante do mesmo universo de saberes, levando em conta também a situação de comunicação. Isso pode ser observado em relação à compreensão das metáforas e metonímias presentes em nosso *corpus*, das quais já falamos no decorrer do texto.

Além disso, dos implícitos pelas figuras de linguagem, identificamos também índices linguístico-discursivos de representações da memória, que aparecem como marcas que deixam implícitas informações. Como já mencionamos, certas palavras e expressões que remetem a outros discursos carregam uma memória interdiscursiva, nos termos de Moirand (2008). Assim, a expressão *novo tempo*, por exemplo, remete ao *slogan* da prefeitura, *A força de um novo tempo*, com o qual os cidadãos tinham contato, pois estava impresso em *outdoors*, era falado nas rádios, entre outros gêneros de promoção da prefeitura. Dessa forma, ao remeter ao *slogan*, uma série de memórias, relacionadas ao imaginário da continuidade e manutenção do *status quo*, são ativadas.

Identificamos também como índices linguísticos-discursivos de representação da memória a utilização de certos pronomes, que deveriam anafórica ou cataforicamente remeter

ao termo que o pronome substitui. Porém, contextualmente não é possível recuperar os termos substituídos porque, várias vezes em nosso *corpus*, eles não são apresentados. Em exemplos como “*Estamos* há quase oito anos à frente da prefeitura”(P3-L19) e “(...) pra dizer que *participávamos* de compras de votos (...)” (P3-L33), pela desinência verbal, observamos que o verbo está na 1ª pessoa do plural. Entretanto, o sujeito comunicante não apresenta naquele texto quem são os indivíduos que conjuntamente com ele estão no poder há quase oito e que foram acusados de compra de votos. É por meio da memória discursiva que o sujeito interpretante compreende esse discurso e recupera que o sujeito comunicante está se referindo ao seu vice, o então candidato Roque Camello, e a toda sua coligação.

O mesmo acontece com os pronomes demonstrativos e indefinidos, nos exemplos “Não deixa *esse* sonho morrer” (J2-L5) e “O que eu não acho que foi correto foi à (*sic*) forma de fazer campanha de *alguns* candidatos” (R11- 9§ - L20-23), em que não há referências contextuais de sobre qual seria o sonho ou quem são os candidatos que fizeram campanha de forma incorreta. Mais uma vez, por meio da memória discursiva, os cidadãos de Mariana são capazes de subentender que o sonho que não deve morrer é o de João Ramos, de ajudar os necessitados, e que os candidatos os quais Roque não aprova a campanha são seus adversários, sobretudo Terezinha Ramos, que o atacou durante todo o processo eleitoral.

São índices de memória, também encontrados em nosso *corpus*, palavras que representam uma coletividade que não é expressa explicitamente no texto, como, por exemplo, em “(...) *a turma de oposição* ao prefeito Celso Cota entrou com um pedido de embargo da obra.” (R9, 2§, L5-8). Apenas aqueles que partilham da memória discursiva com o sujeito comunicante são capazes de recuperar que a turma de oposição ao prefeito Celso Cota a que o Jornal se refere são João Ramos e seus partidários, os quais eram contra ao desmonte do ginásio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos analisar as emoções presentes na disputa pelo poder municipal, assim como as identidades valorizadas e desvalorizadas pela sociedade de Mariana, que fazem parte das representações partilhadas pelos cidadãos e que, portanto,

fazem parte da memória discursiva da cidade. Além disso, buscamos analisar os índices linguístico-discursivos de representações da memória. As conclusões serão apresentadas na próxima seção.

## **CONCLUSÃO**

A presente dissertação procurou analisar os imaginários circulantes na cidade de Mariana-MG, enquanto emoções e identidades políticas valorizadas e desvalorizadas, na disputa pelo poder municipal, e sua relação com a memória da cidade. Para isso, analisamos peças de campanha eleitoral e jornais que faziam circular imaginários sócio-discursivos.

Nossos objetivos eram (i) examinar os argumentos relativos às paixões políticas, analisando as estratégias de patemização e os efeitos possíveis; (ii) levantar aspectos relacionados às estratégias identitárias, relacionando-os às paixões e representações da memória; (iii) identificar os procedimentos semânticos (valores e domínios de avaliação), apresentados no embate eleitoral; e (iv) identificar índices linguístico-discursivos de representações da memória, seja no nível do signo, da situação e do discurso.

Para isso, partimos do fato de que os sujeitos comunicantes não têm outra realidade a representar a não ser aquela da qual faz parte, ou seja, os sujeitos comunicantes, ao tratarem da disputa pelo poder, apresentaram emoções e identidades importantes para aquela sociedade. Dentro dessas possibilidades, os sujeitos comunicantes estrategicamente colocaram em cena emoções e identidades que lhes pareciam mais adequadas para sua finalidade.

Assim, a fim de observarmos os argumentos da ordem do *pathos*, realizamos uma contagem das marcas de emoção presentes em nosso *corpus*. Encontramos 316 ocorrências de traços de emoção, dos quais 25 são palavras que descrevem sentimentos, ou seja, alegria, orgulho, vergonha, paz etc., 231 são palavras que, apesar de não descreverem emoções, remetem a um universo patêmico, e 60 são enunciados neutros, que não comportam palavras que descrevem emoções, nem que remetem a universos emocionais, mas que pela situação de comunicação são suscetíveis de gerar um efeito patêmico. Assim, observamos que 73% das marcas capazes de emocionar são palavras do tipo coração, sonho, amigo, morte, boatos, entre outras, que apesar de não representarem emoções, fazem parte do mesmo campo semântico que elas e, portanto, remetem ao universo emotivo.

A partir desses traços, identificamos 24 sentimentos, atitudes e características políticas que são capazes de gerar efeitos patêmicos. São elas: afeição (demonstrada por vocativos e chamamentos afetuosos), alegria, apoio e participação popular, comoção, competência, coragem, dedicação, denunciamento, esperança, gratidão, humanidade, identificação feminina (questões relativas a gênero), influência de terceiros (apoio de ex-prefeitos), medo, nostalgia, orgulho, paz, religiosidade, segurança/tranquilidade, solidariedade

(enquanto cidadão comum e enquanto representante do povo), união/integração e vitimização (por fatalidade e por intriga). Dessas, o denunciamento foi a atitude mais recorrente, tendo aparecido 45 vezes, no *corpus*, o que demonstra como a disputa foi marcada por ataques entre os candidatos e também por parte do Jornal. Depois do denunciamento, a característica política mais recorrente foi a competência, com 25 ocorrências, seguida da solidariedade em relação aos problemas do povo, com 20 ocorrências, o que já era esperado já que o sujeito político deve ter as competências necessárias para governar, ao mesmo tempo que se preocupa com a população.

Identificamos que esses 24 tipos de sentimentos, atitudes e características políticas são suscetíveis de causar 10 tipos de efeitos patêmicos, sendo eles, em ordem decrescente de recorrência: solidariedade identitária, admiração, indignação, compaixão, afeição, comoção, alegria, saudade, esperança e segurança.

A solidariedade identitária apareceu como um efeito possível de ser gerado a partir da identificação entre os cidadãos e sujeitos políticos, já que, a partir do reconhecimento mútuo, é possível que haja a solidariedade. A identificação pode ser resultado da apresentação de características políticas como solidariedade com o povo, orgulho da cidade, de sua História e de suas belezas, união, religiosidade, apoio e participação popular, identificação feminina – por meio da defesa da valorização da mulher, seja apresentada como igual ao homem ou como portadora de traços importantes para a política –, e humanidade.

Já admiração política é suscetível de ser provocada por meio da apresentação de características como competência, gratidão, influência (resultado da relação com ex-prefeitos), coragem, dedicação, solidariedade com sujeitos que não são eleitores, paz e força. Vale a pena ressaltar que a grande recorrência de gratidão (19 ocorrências) se deve ao fato de termos analisado o último programa de propaganda eleitoral dos candidatos, no qual é esperado que se agradeça a todos aqueles que fizeram parte da campanha. Assim, apesar de acreditarmos que a gratidão seja um importante sentimento político, se tivéssemos analisado todos os programas, com certeza, proporcionalmente, a ocorrência de agradecimentos teria sido menor.

A indignação aparece como um efeito patêmico negativo possível de ser suscitado em relação a maus políticos. As denúncias – que dividimos em quatro tipos, aquelas que mostram os políticos como incompetentes, aquelas como corruptos, como mentirosos e como sabotadores – podem gerar indignação, assim como o medo e as vítimas de intriga.

A compaixão é também efeito possível de ser suscitado que identificamos em nosso *corpus*, que está relacionada às vítimas, sejam elas de fatalidades ou de intrigas. Diferentemente da indignação, a compaixão aparece como uma emoção em que o sujeito sente pelo outro que sofre, mas isso não exige uma medida contra o intolerável, como acontece com a indignação.

A afeição aparece como resultado do uso de vocativos afetuosos e que visam a aproximação entre os parceiros, para que os efeitos patêmicos sejam mais intensos. A comoção e a saudade estão relacionadas a João Ramos e sua morte. A alegria aparece como resultado de obras do governo ou como o fim do sofrimento causado pela disputa pelo poder. A esperança foi bastante recorrente nas peças de Terezinha Ramos, já que ela se apresentava como uma esperança para o povo que apoiava João Ramos. Por último, a segurança aparece como resultado de bons governos, que levam a segurança e estabilidade à população.

Assim, pensando nos domínios de avaliação e nos valores nos quais esses argumentos eram validados, verificamos que os efeitos patêmicos são fundamentados no domínio de avaliação do hedônico. Neste domínio, os valores são agradável e desagradável. Desta forma, assim como defende Aristóteles de que somos persuadidos com mais facilidade quando somos tomados por sentimentos bons e persuadidos com maior dificuldade quando somos tomados por sentimentos ruins, os efeitos patêmicos positivos, ou seja, solidariedade identitária, admiração, afeição, alegria, segurança e esperança são avaliados como agradáveis e o efeito negativo, como a indignação, é avaliado como desagradável.

Já ao nos dedicarmos às identidades políticas apresentadas, pudemos comprovar a forte relação entre *pathos* e *ethos*, observando que grande parte das marcas linguísticas capazes de gerar admiração e solidariedade identitária eram atitudes, sentimentos e características que compunham as identidades políticas positivas. Da mesma forma, parte dos traços que tinham como efeito possível gerar indignação em relação aos candidatos adversários, constituía identidades políticas negativas.

Assim, as características políticas que identificamos como capazes de gerar admiração, ou seja, as imagens de competentes, corajosos, dedicados, gratos, pacifistas, solidários (enquanto sujeitos não políticos) e fortes, chamamos de identidades de credibilidade. Esses argumentos são fundados no domínio de avaliação do pragmático e são avaliados em termos de útil, já que na prática da governança é de grande utilidade que os sujeitos políticos sejam portadores dessas características.

Já às marcas por meio das quais os sujeitos mostram-se como humanos, solidários, religiosos, orgulhosos (da história, das belezas e da cidade como um todo) e membros de grupos sociais (como o das mulheres), descrevemos como imagens de identificação. Esses imaginários são imagens comuns aos cidadãos e aos candidatos e por isso estão ligados a uma moral. Assim, os argumentos dessa ordem são fundamentados no domínio de avaliação do ético e são avaliados em termos de bem, já que essas figuras aparecem como imagens de homens de bem.

Já as identidades políticas negativas, ou seja, aquelas desvalorizadas e que formam o grupo das características que o sujeito político não deve ter, foram reunidas em quatro tipos, em que os políticos são descritos como incompetentes, mentirosos, corruptos e sabotadores. A incompetência é a característica mais negativa, com 27 ocorrências, o que reflete a grande valorização da competência como imagem positiva. Este imaginário é fundamentado no domínio do pragmático, já que o político incompetente não é útil na realização das tarefas de um governante. O político mentiroso apareceu 10 vezes, em nosso *corpus*, seguido da corrupção com 3 e da sabotagem com 2. Esses três imaginários são fundamentados no domínio do ético e são vistas como males, que não devem fazer parte da prática política.

Todas as representações de emoções e identidades que reconhecemos em nosso *corpus*, assim como os domínios de avaliação e valores nos quais os imaginários se fundamentam, fazem parte da memória discursiva da cidade de Mariana, enquanto saberes de opinião comum partilhados pelos cidadãos. Porém nossa investigação sobre a memória não parou por aí. Procuramos também identificar índices linguístico-discursivos de representações da memória.

Enquanto memória do signo, identificamos expressões cristalizadas, expressões que remetem a outros discursos e variedades linguísticas peculiares da cidade. Em relação à memória da situação, buscamos identificar as expectativas que se tem em relação à situação de comunicação. Já em relação à memória do discurso, identificamos índices linguístico-discursivos de representações da memória nos pressupostos – marcados em verbos que indicam mudança ou permanência de estado e advérbios ou expressões adverbiais –, e nos subentendidos – nas metáforas e metonímias e por meio de palavras e expressões que remetem a outros discursos, em pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos que contextualmente não remetem a nenhum termo anafórico ou catafórico, recuperável apenas

pela memória discursiva, e em palavras que representam uma coletividade, que não é expressa explicitamente no texto.

Assim, acreditamos ter apreendido uma pequena parte da memória da cidade de Mariana. Muitas questões ainda ficaram abertas e não foram analisadas, como por exemplo a importância da entonação de voz nas propagandas e da melodia nos *jingles*, como elementos que também fazem parte da construção patêmica. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir com os estudos discursivos a respeito das emoções e da memória, campos que ainda têm muito a ser desvendado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. *et al. Papel da memória* – 2ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. 205 p.

\_\_\_\_\_. Pathos, sentiment moral et raison : L'exemple de Maurice Barrès. In : PLANTIN, C.; DOURY, M. e TRAVERSO, V. *Les Émotions dans les interactions*. Lyon : Presses universitaires de Lyon, 2000. p.313-326.

\_\_\_\_\_. *Les Idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, Paris : Nathan, 1991. *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. 555p.

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. *Stéréotypes et Clichés: langue, discours, société*. Paris: Éditions Nathan, 1997.

ARENDT, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 240p.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

\_\_\_\_\_. *Retórica das paixões*. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. *apud* GALINARI, Mellianro Mendes. *Logos, Ethos e Pathos no Elogio de Helena: Relações entre a Sofística e a Análise do Discurso*. In: *Nossas Letras na História da Educação: Anais do II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais*. Mariana: ICHS/UFOP, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1432.pdf>

BAKHTINE, M. *Estética da Criação Verbal*, 2000.

\_\_\_\_\_. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984.

BARBOSA, P. L. N. “O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente”. In: GREGOLIN, M. R.(org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo* – São Carlos: Claraluz, 2003. 135p.

BISCHOFBERGER, M. Quel constructivisme pour la linguistique cognitive?. In: BOUQUET, S.; RASTIER, F. (dir.). *Introduction aux sciences de la culture*, Paris, PUF, 2002. *apud* PAVEAU, M.-A. *Retrouver la mémoire. Parcours épistémologique et historique*. Université de Paris 13, Villetaneuse, 2005. <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/simposios.html>. Acesso em maio de 2010.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso* - 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. 122p.

BRAUD, P. *Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques*. Paris: Armand Colin, 2007, 368 p.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. 555p.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E., MACHADO, I. L. *Emoções no discurso* volume II. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010a, p.23-56.

\_\_\_\_\_. Notas tomadas no minicurso *O sujeito do discurso*, ministrado pelo professor Patrick Charaudeau, na FALE/UFMG, entre os dias 17 e 21 de maio de 2010. 2010b

\_\_\_\_\_. "Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional", In: PIETROLUONGO, M. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326, 2009. Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso em setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, Henri (Org). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007. P.49-63.

\_\_\_\_\_. *O discurso político*, Contexto: São Paulo, 2006b.

\_\_\_\_\_. *O discurso das mídias*, Contexto: São Paulo, 2006a.

\_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKINIS, M.A.L. & GAVAZZI, S. (orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino* – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Orgs) *Gêneros: Reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG, 2004. p.14-41.

\_\_\_\_\_. "Langue, discours et identité culturelle". In : *Revue de didactologie des langues-cultures*. N°123, p.341-348, 2001.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. (org.) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p.43-55. *apud* FERNANDES, A. B. A emoção no discurso jornalístico: contar histórias e comover leitores. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. *As emoções no discurso* volume II – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

COURTINE Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages*, 15e année, n° 62. Juin 1981, p. 9-128.

\_\_\_\_\_. *Metamorfose do discurso político: as derivas da fala pública*. – São Carlos: Claraluz, 2006b.

\_\_\_\_\_. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas Ciências da Linguagem. In: *Polifonia* – Cuiba: EduFMT, v.12, n.2, p.1-13, 2006a.

DAMASIO A. R. [1999], *Le sentiment même de soi. Corps, émotions, conscience*. – Paris, Odile Jacob, 2002. *apud* PAVEAU, M.-A. *Retrouver la mémoire. Parcours épistémologique et historique*. Université de Paris 13, Villetaneuse, 2005. <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/simposios.html>. Acesso em maio de 2010.

EGGS, E. Logos, ethos, pathos: l'actualité de la rhétorique des passions chez Aristote. PLANTIN, C.; DOURY, M. e TRAVERSO, V. *Les Émotions dans les interactions*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2000. p.15-32.

\_\_\_\_\_. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. cap. 1, p.29-56.

FERNANDES, A. B. A emoção no discurso jornalístico: contar histórias e comover leitores. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. *As emoções no discurso* volume II – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.141-152.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. “Informações implícitas” In: *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 303 – 318.

FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*, NRF, Paris: Gallimard, 1971. *apud* COURTINE, J-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages*, 15e année, n° 62. Juin 1981, p. 9-128.

GALINARI, Melliandro Mendes. *Logos, Ethos e Pathos no Elogio de Helena: Relações entre a Sofística e a Análise do Discurso*. In: *Nossas Letras na História da Educação: Anais do II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais*. Mariana: ICHS/UFOP, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1432.pdf>

GUIMELLI, C. *La pensée sociale*, Paris, PUF, 1999. *apud* CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. 555p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALWACHS, M. *Le mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1997. Édition originale: 1950. *apud* MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes : à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. In: *Estudos da Lingua(gem) Vitória da Conquista*, v. 6, n.1, p.7-46, junho de 2008.

\_\_\_\_\_. *A memória coletiva* – São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

\_\_\_\_\_. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LECOMTE A. Comment Einstein raconte comment Newton expliquait la lumière (ou le rôle de la mémoire interdiscursive dans le processus explicatif). *Revue Européenne des Sciences Sociales. Cahiers Vilfredo Pareto*. Paris, tome XIX, n. 56, p. 69–93, 1981. *apud* MOIRAND, S. Discours, mempoires et contextes : à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. In: *Estudos da Língua(gem) Vitória da Conquista*, v. 6, n.1, p.7-46, junho de 20008.

LIMA, H. M. R. Patemização no tribunal do júri: emoções, imagens, discursos. In: *Estudos da Língua(gem) Vitória da Conquista*, v.6, n.1, junho de 2008, p.127-142.

\_\_\_\_\_. Patemização: emoções e linguagem. In: MACHADO, I. L., MENEZES, W. A., MENDES, E. (orgs.) *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 140-149.

LOURENÇO, Luiz Cláudio. “*Jingles políticos: estratégia, cultura e memória nas eleições brasileiras*”, 2007. Disponível em:  
<[http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/5\\_11\\_2007\\_17\\_1\\_24.pdf](http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/5_11_2007_17_1_24.pdf)>. Acesso em 04 de outubro de 2008. 12 p

MACHADO, I. L. Emoções, ironia, AD: breve estudo de um discurso literário. In: MACHADO, I. L., MENEZES, W.; MENDES, E. *As emoções no discurso*, v.1 – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.

\_\_\_\_\_. La même représentation stéréotypée de la prostituée dans le discours de Maupassant (France) et dans celui de Chico Buarque (Brésil): étude de cas dans l’optique de l’analyse du discours. In : BOYER, Henri (Org). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L’Harmattan, 2007b. p.133-139.

\_\_\_\_\_. Uma Teoria de Análise do Discurso: A Semiolinguística. In: MARI, H. *et alii. Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos* – São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184p.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MALDIDIER, D. *L’inquiétude du discours*. Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

MALDIDIER, D.; GUILHAUMOU, J. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Tradução de Suzy Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de Leitura*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MEMÓRIA. Dicionário Aurélio Online. <http://www.dicionariodoaurelio.com/Memoria>  
Acesso em 25 de outubro de 2010.

MENDES, Emília Entrevistas forjadas: a representação de um “outro” como um “eu”.  
*Vertentes*, São João del-Rei: UFSJ, n. 32, p. 191-199, jul./dez. 2008. p.193-201.

MENEZES, W. A. Um pouco sobre as emoções no discurso político. In: MACHADO, I. L.,  
MENEZES, W. A., MENDES, E. (Orgs.) *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna,  
2007.

\_\_\_\_\_. et al. *Análise do Discurso: gênero, comunicação e sociedade* – Belo Horizonte:  
Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos,  
Faculdade de Letras da UFMG, 2006. 331p.

\_\_\_\_\_. Lugares do pathos no discurso político. In: ANAIS DO CONGRESSO VIRTUAL  
SOBRE RETÓRICA. 2005, Lisboa. *Anais do congresso virtual sobre retórica*. Lisboa:  
Universidade de Lisboa, 2005. p.1-15.

MOIRAND, S. Discours, memoires et contextes : à propos du fonctionnement de l’allusion  
dans la presse. In: *Estudos da Lingua(gem)* Vitória da Conquista, v. 6, n.1, p.7-46, junho de  
2008.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução por  
Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUNIZ, Sodré. *As estratégias sensíveis: afeto, m dia e política*. Petrópolis: Vozes, 2009.  
*apud* FERNANDES, A. B. A emo o no discurso jornalístico: contar histórias e comover  
leitores. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. *As emo es no discurso* volume II – Campinas,  
SP: Mercado de Letras, 2010.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São  
Paulo, n  10, 1993, p. 7-28.

NUSSBAUM, M. Les  motions comme jugement de valeur. In: PAPERMAN, P.; OGIEN, R.  
(dir.). *La couleur des pensões*. Paris: EHESS, 1995. p. 19-32.

ORLANDI, E. *Cidade dos Sentidos*. – Campinas, SP: Pontes, 2004. p.159.

\_\_\_\_\_. *Para uma enciclopédia da cidade* – Campinas, SP: Pontes, 2003.

PAVEAU, M.-A. *Retrouver la mémoire. Parcours  pist mologique et historique*. Universit   
de Paris 13, Villetaneuse, 2005. <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/simposios.html>. Acesso em  
maio de 2010.

PAPERMAN, P. L’absence d’ motion comme offense. In: PAPERMAN, P.; OGIEN, R.  
(dir.). *La couleur des pensões*. Paris: EHESS, 1995. p. 175-196.

PÊCHEUX, M. Papel da memória In: ACHARD, P. *et al. Papel da memória* – 2ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento* – 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. Analyse du discours, langue et idéologies. *Langages*, Paris, n.37, 1975.

PLANTIN, C. L'argumentation dans l'émotion. *Revista Pratiques*, 1996. p. 81-100

\_\_\_\_\_. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. *As emoções no discurso* volume II – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *O ethos do homem no campo nos quadrinhos de Chico Bento*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Dissertação de Mestrado, 2008.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Maura Maria dos. *Representações de políticos em enunciados destacados de reportagens impressas: um estudo do caso mensalão nas revistas Época, Veja e Isto É*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Dissertação de Mestrado, 2008.

SIEGEL, Bruce H. *Creative radio production*. Boston: Focal Press, 1992. *apud* LOURENÇO, Luiz Cláudio. “*Jingles políticos: estratégia, cultura e memória nas eleições brasileiras*”. Disponível em:  
<[http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/5\\_11\\_2007\\_17\\_1\\_24.pdf](http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/5_11_2007_17_1_24.pdf)>. Acesso em 04 de outubro de 2008. 12 p

SPERBER, D. *La pertinence* Paris: Minuit, 1989. *apud* CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. 555p.

TOLEDO, R. A. *Estudo dos estereótipos em publicidades impressas*. São João Del Rei: UFSJ. Dissertação de mestrado, 2006.

**ANEXO 1 – *Corpus***

J1 - Transcrição do *jingle* “Eu quero o melhor para Mariana”

- |     |  |   |          |
|-----|--|---|----------|
| L1  | Um novo tempo não para, a terra plantada dá o fruto e o pão,       | } | Narrador |
| L2  | O trabalho segue em frente, com a força da gente fazendo a canção. |   |          |
| L3  | A beleza das montanhas, a história feita com as mãos,              |   |          |
| L4  | Quero cantar minha cidade primaz, oh berço das Minas Gerais!       |   |          |
| L5  | O futuro não pode tirar o sorriso de cada criança.                 | } | Criança  |
| L6  | Quero alegria em tempo integral, eu quero o melhor para Mariana.   |   |          |
| L7  | Prefeito é Roque, 45. 45 é Roque!                                  | } | Coro     |
| L8  | Para Mariana, a gente quer o melhor!                               |   |          |
| L9  | Quero a chuva no meu telhado, quero alegria, trabalho e suor.      | } | Homem    |
| L10 | É a mesma água que rega os campos, eu quero Mariana melhor.        |   |          |
| L11 | Prefeito é Roque, 45. 45 é Roque!                                  | } | Coro     |
| L12 | Para Mariana, a gente quer o melhor!                               |   |          |
| L13 | A História me ensinou e cantamos em uma só voz,                    | } | Roque    |
| L14 | Patrimônio é nossa gente, eu quero Mariana melhor.                 |   |          |
| L15 | Prefeito é Roque, 45. 45 é Roque!                                  | } | Coro     |
| L16 | Para Mariana, a gente quer o melhor!                               |   |          |
| L17 | Eu gosto de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana.         | } | Mulher   |
| L18 | Guarda amigo que me acompanha, eu quero o melhor para Mariana.     |   |          |
| L19 | Prefeito é Roque, 45. 45 é Roque!                                  | } | Coro     |
| L20 | Para Mariana, a gente quer o melhor!                               |   |          |

J 2 - Transcrição do *jingle* “Vai Terezinha, vai!”

L1 Um sonho de uma vida não morre com o tempo.  
L2 E o coração de quem fica é a luz no firmamento.  
L3 E a força que a gente precisa vem do sonho e vem da fé  
L4 Vem da história dessa terra, da coragem dessa mulher.

L5 Vai Terezinha, vai! Não deixa esse sonho morrer  
L6 O povo de Mariana está sempre com você  
L7 Vai Terezinha, vai! O sonho não acabou  
L8 Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou

} Coro

L9 E a força que a gente precisa vem do sonho e vem da fé  
L10 Vem da história dessa terra, da coragem dessa mulher

L11 Vai Terezinha, vai! Não deixa esse sonho morrer  
L12 O povo de Mariana está sempre com você  
L13 Vai Terezinha, vai! O sonho não acabou  
L14 Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou

} Coro

L15 Vai com Roberto Rodrigues que é homem competente  
L16 Vai com sua coragem e fé e leva o sonho da gente  
L17 Vai com Roberto Rodrigues que é homem competente  
L18 Vai com sua coragem e fé e leva o sonho da gente

L19 Vai Terezinha, vai! Não deixa esse sonho morrer  
L20 O povo de Mariana está sempre com você  
L21 Vai Terezinha, vai! O sonho não acabou  
L22 Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou

} Coro

P 3 - Transcrição de fragmentos da Propaganda nº 1 de Roque Camello

L1 *Está no ar o melhor para Mariana!*

(jingle)

L2 Arlindo Luiz: Olá, gente amiga, gente boa! Olá Priscila!

L3 Priscila: Olá Arlindo Luiz! Tudo bem?

L4 Arlindo Luiz: Tudo ok, Priscila! Aqui com a turma do 45 nós vamos saber tudo sobre  
L5 os projetos dos nossos candidatos, Roque Camello e Zezinho Salete, pra todo mundo  
L6 votar consciente. Agora vamos ouvir o que o nosso prefeito Celso Cota tem a dizer a  
L7 respeito de Roque Camello.

L8 Celso Cota: Caros amigos, amigas, é com muito prazer que eu quero saudar a família  
L9 marianense. Estamos em mais uma caminhada, a caminhada que vai transar o destino  
L10 da nossa cidade. Este momento é o momento que somos chamados a  
L11 responsabilidade de escolher aquele que queremos como gestores da nossa cidade.  
L12 Que nos possamos depositar a nossa confiança de promover políticas públicas de  
L13 qualidade que vão garantir a educação, melhoria na saúde, projetos de  
L14 desenvolvimento econômico pra que a gente tenha a garantia de emprego daqueles  
L15 próximos de nós, naqueles que vão de forma responsável, transparente administrar a  
L16 nossa cidade.

L17 Eu quero aproveitar também este momento, minha gente, para esclarecer boatos que  
L18 estão na rua. Algumas pessoas acreditam que para ganhar eleição tem q sair  
L19 eliminando candidatos. Cada um usa uma forma. Os partidos que estão disputando  
L20 com Roque essas eleições já perceberam que nas urnas não tem a mínima chance de  
L21 ganhar e batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras. Mas digo  
L22 que tenham confiança no que eu vou dizer agora: Roque Camello é candidato, Roque  
L23 está em campanha e Roque ganhará as eleições e assumirá a prefeitura no dia 01 de  
L24 janeiro. As pessoas que dizem que Roque está impugnado estão mentindo. Se ele  
L25 estivesse, ele não estaria em campanha, não estaria aqui hoje nesse programa. Então,  
L26 em nome de tudo que passamos juntos, eu digo vamos com Roque para governar  
L27 para toda essa gente.

L28 (trecho do jingle)

L29 Roque Camelo: Olá, minha gente! Olá, queridos conterrâneos marianenses! Olá,  
L30 Celso Cota! Gostaria de agradecer suas palavras, você, meu grande amigo, Celso,

L31 meu irmão camarada. Nos próximos dias estaremos com vocês todos para apresentar  
L32 minhas propostas de governo, para continuar o desenvolvimento em nossa querida  
L33 Mariana. Eu tenho de fato o orgulho de ter participado da administração Celso Cota.  
L34 Aliás, não apenas de ter participado, eu estou participando, eu participo do governo  
L35 Celso Cota. Vi o sorriso de cada marianense na entrega de obra, nos novos  
L36 programas e sei que temos ainda que melhorar nossa cidade. Terei a honra de  
L37 continuar o GRANDE trabalho do Celso, o trabalho que fizemos em conjunto e  
L38 estamos fazendo. Para isso, com você marianense, com você que mora em Mariana,  
L39 que aqui trabalha, com você eleitor, eu peço o seu apoio para prefeito de Mariana.  
L40 Quero continuar o trabalho do Celso, resolver os problemas que ainda existem em  
L41 sua região e venho pedir de fato o seu apoio, a sua participação, porque juntos a  
L42 gente quer o melhor para Mariana.

L43 Priscila: É isso aí! Acabamos de ouvir o nosso prefeito Celso Cota e nosso futuro  
L44 prefeito Roque Camello.

L45 Arlindo Luiz: Isso mesmo! A gente quer o melhor pra Mariana! E vai ser assim  
L46 durante toda a campanha. Agora você vai conhecer um pouco da história desse  
L47 trabalhador, competente e de caráter que é Roque Camello. Atenção, muita atenção  
L48 para o que você vai ouvir agora.

L49 (Novela) Roque: uma história de luta

L50 *Mariana dava seus primeiros passos, eram os tempos das carruagens e carroças,*  
L51 *dos tropeiros e dos escravos, dos sinos repicando nas igrejas e das donzelas*  
L52 *recatadas espiando das janelas. O ouro que existia na região atraía gente de todo*  
L53 *lugar e fazia a cidade prosperar. Uma família viu tudo isso, a família Camello. Era*  
L54 *uma família de posses e culturas, mas com o tempo foi perdendo o seu patrimônio e*  
L55 *se empobrecendo, como tantas outras famílias de Mariana e como a própria cidade.*

(Música dos anos 40)

L56 *Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha*  
L57 *levavam vida simples e humilde num sítio dos arredores. Roque já se via, desde*  
L58 *pequeno, queria ser grande. Menino esperto e trabalhador ajudava os pais vendendo*  
L59 *na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate.*

L60 Pai: Roque, você deve estar cansado, meu filho. Fica trabalhando até tarde, pra que  
L61 isso?

L62 Roque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para ajudar nossa  
L63 família.

L64 Cliente: Menino, capricha no meu sapato, hein, porque hoje é dia importante, vou  
L65 conhecer a família da minha namorada.

L66 Roque: Os sapatos do senhor vão ficar lindos. Vejo que o senhor é um homem  
L67 trabalhador. Eu também vou trabalhar muito, ganhar meu dinheiro e ajudar minha  
L68 família.

L69 Cliente: Assim é que se fala, menino. Qual o seu nome?

L70 Roque: Roque. É Roque Camello.

L71 Cliente: Roque, então saiba que é essa força de vontade que vai te levar longe. A  
L72 gente tem que ter objetivo na vida e você tem, pelo que eu to vendo.

(canto gregoriano)

L73 *Aos dez anos, Roque entrou para o colégio seminarista. Naquela época, o seminário*  
L74 *era a oportunidade de estudos para crianças humildes. E ele agarrou a chance,*  
L75 *passava o tempo debruçado nos livros, estudando com dedicação. Nem ligava para*  
L76 *brincadeiras. Era um dos melhores alunos, logo um padre percebeu.*

L77 Padre: Roque, se você continuar assim, tirando boas notas e um bom aluno, eu vou te  
L78 ajudar a continuar os estudos, viu?

L79 Roque: Padre, eu não vou decepcionar o senhor. Eu gosto de estudar, de apreender e  
L80 quero muito ser alguém na vida.

(música dos anos 60)

L81 *Foram sete anos de seminário, mas valeram à pena. O menino simples de Mariana*  
L82 *conseguiu sua bolsa de estudos e para estudar no estrangeiro. Embarcou naquele*  
L83 *avião com o coração apertado, tamanha a mudança e a expectativa. Mas o*  
L84 *pensamento estava firme no ideal que traçou para sua vida. Roque ficou fora alguns*  
L85 *anos, estudou na famosa universidade de Harvard nos Estados Unidos e também na*  
L86 *também famosa universidade de Sourbone na França. Voltou com diplomas que*  
L87 *poucos brasileiros tinham. Mais que isso, voltou com planos e idéias na cabeça.*

L88 Amigo de Roque: Nossa Roque, mas quantos anos, hein?! Nossa, como você está  
L89 importante com tanto diploma. E aí? O que vai fazer agora?

L90 Roque: Olha meu amigo, eu vou trabalhar como professor. Mas é só para tomar um  
L91 pé, porque o que eu quero mesmo é ter uma empresa. Eu quero ter o meu próprio  
L92 negócio. Área de educação, construção, não sei, eu to pensando ainda.

L93 Amigo: Mas Roque, isso é arriscado. Negócios podem dar errado. Com esses  
L94 diplomas que você tem, você pode arrumar bons empregos, fazer carreira em coisa  
L95 mais estável.

L96 Roque: Eu sei, eu sei, mas a vida é cheia de riscos, não é mesmo? A gente tem que  
L97 tentar, encarar os desafios. Não dá para acomodar, eu sou de luta.

L98 *Roque cumpriu seu objetivo. Depois de lecionar como professor em instituições de*  
L99 *ensino de Ouro Preto e Belo Horizonte, ele se tornou empresário da construção.*

L100 *Fundou e dirigiu na capital, o Colégio São Vicente de Paulo, sempre muito bem*  
L101 *sucedido. Poucos anos atrás, ele se afastou dos negócios e passou a se dedicar a*  
L102 *vida pública. Elegeu-se vice-prefeito e agora está em campanha para prefeito e o*  
L103 *resto na nossa história é com vocês, ouvintes de Mariana, que vão decidir em*  
L104 *outubro o destino da nossa cidade.*

L105 *Você acabou de ouvir a novela de maior sucesso da campanha em Mariana “Roque,*  
L106 *uma história de luta”. Não perca o próximo capítulo dia 05 de outubro, em todas as*  
L107 *urnas da cidade.*

P 4 - Transcrição da Propagando n°1 de Terezinha Ramos

L1 *Alô alô meu povo, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB*  
L2 *e PP. Aqui todo mundo vota certo com Terezinha e Roberto.*

*(jingle)*

L3 *Agora com você a palavra de Dona Terezinha, mulher forte e decidida, que vem aqui*  
L4 *mostrar o que quer.*

L5 *Terezinha Ramos: Olá minha gente. Tudo bem com vocês? Meu nome é Terezinha*  
L6 *Ramos e eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João*  
L7 *Ramos e também em relação do povo carente que pediu e insistiu muito comigo e eu*  
L8 *resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio que não está sendo*  
L9 *fácil pra mim, mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho fé em*  
L10 *Deus que com a ajuda de vocês eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade*  
L11 *melhor para se viver.*

*(vem da história dessa terra da coragem dessa mulher)*

L12 *A partir do momento em que você começa a lidar com o povo e ter um diálogo sadio*  
L13 *com o povo, que você está vendo que hoje tem pessoas cada vez mais pobres e o rico*  
L14 *cada vez mais rico e eu quero trabalhar eu quero lutar justamente para consertar esse*  
L15 *lado. Quero agradecer o carinho e o apoio das pessoas. Eu recebi uma força muito*  
L16 *grande dessas pessoas e esse apoio pra mim é muito importante.*

L17 *O dia a dia de Marianinha*

L18 *Marianinha é uma menina esperta estudiosa e mora com os pais e vive cheia de*  
L19 *perguntas desconcertantes. O dia a dia de sua família é cheia de surpresas, algumas*  
L20 *delas nem tão bem-vindas. Hoje o dia começou como outro qualquer, mas desta vez*  
L21 *a família não contava com essa enrascada.*

L22 *Pai: Bom dia filha, ué até agora não tomou banho para ir pra aula?*

L23 *Marianinha: Adivinha pai, acabou a água de novo. Ai já viu, né, estou sem banho com*  
L24 *sede, não dá nem pra preparar a minha merenda.*

L25 *Pai: Que peleja hein?*

L26 *Marianinha: Agora tem uma coisa que eu não entendo. A gente mora aqui tão*  
L27 *pertinho de tanto rio, como é que é que logo aqui na nossa casa vai faltar água?*

L28 *Pai: Boa pergunta heim filha e o pior é que não é só aqui na nossa casa não.*

*L29 Marianinha: Hoje vai ser difícil de ir pra escola.*

*L30 E agora Marianinha vai pra escola sem banho sem merenda e com sede ou será que*

*L31 a nossa garotinha vai perder um dia inteiro de aula.*

*L32 Não perca o desfecho dessa e outras histórias nos nossos próximos programas.*

*L33 Mariana urgente!!*

*L34 Candidato Roque é cassado após denúncias de compra de votos. No dia 15 de agosto*

*L35 o juiz cassou o candidato Roque por compra de votos.*

*L36 Dona Terezinha, não tem luxos é gente nossa pronta para abraçar todo mundo e*

*L37 cuidar de Mariana.*

*L38 Terezinha: Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz, isso é*

*L39 uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso.*

P5 - Transcrição de fragmentos da Propaganda nº11 de Roque Camello

L1 *Está no ar o programa Roque Prefeito.*

L2 *(jingle)*

L3 Priscila: Olá gente, hoje é quarta-feira e estamos no ar com mais um programa Roque

L4 Prefeito. E para começar o nosso programa vamos fazer uma pergunta ao nosso

L5 prefeito, Celso Cota. Prefeito Celso, no programa de hoje vamos falar de turismo.

L6 Mas antes eu gostaria de saber como você vê essas ultimas noticias vinculadas (*sic*)

L7 na mídia para denegrir a sua imagem e a do nosso prefeito.

L8 Celso Cota: Olha meu povo, eu quero voltar aqui no mês de maio, quando do

L9 assassinato de uma liderança política de Mariana, cometido com um único intuito de

L10 chegar à prefeitura a qualquer custo. Não quero aprofundar muito neste momento

L11 triste da história de Mariana, mas é importante, minha gente, chamar a atenção de

L12 cada um de vocês que o objetivo maior naquele momento era colocar em dúvida a

L13 minha honestidade, a minha seriedade, era tentar apagar toda a historia de mais de

L14 quarenta anos de vida, era tentar colocar em duvida o berço em que eu nasci, a

L15 educação que eu recebi dos meus pais, a orientação espiritual que eu tenho. Olha

L16 minha gente, é assim que, infelizmente, nós estamos vivendo nos últimos meses na

L17 nossa cidade. A primaz de Minas não merece um debate político nesse nível, não

L18 merece uma campanha política embasada no denunciismo. Todos conhecem todos em

L19 Mariana. Estamos há quase oito anos à frente da prefeitura, trabalhando junto com

L20 vocês, lutando e dedicando com muito afinco todos esses anos em prol da nossa

L21 cidade, e naquele momento não queriam que o crime fosse descoberto. Chamo então

L22 a atenção de vocês que naquele momento triste em que muitos que choravam ao lado

L23 daquele corpo, ao mesmo tempo tossiam para que o caso não fosse esclarecido.

L24 Chegaram ao ponto de dizer no *Jornal Ponto Final*, um elemento do grupo hoje de

L25 um jovem candidato de Mariana dizendo que torcia para que não descobrisse porque

L26 tava muito bom tendo o Celso Cota como culpado principal, tirando Celso Cota da

L27 possibilidade de ter a confiança do povo de Mariana nas eleições que se

L28 aproximavam. Isso eles não alcançaram. A justiça foi feita, a capacidade de

L29 investigação da Polícia Civil ficou muito bem expressa nesse trabalho naquele

L30 momento. Enquanto outros grupos que disputariam conosco torciam para que não

L31 descobrissem, a policia trabalhou rapidamente para que o povo de Mariana tivesse  
L32 esse fato esclarecido. Mas agora volta a bater na porta de vocês, jogar papel na porta  
L33 de vocês para dizer que nos participávamos de compra de votos, propinas para poder  
L34 trazer pra cá o apoio de pessoas que, a meu ver, são desqualificadas.

L35 *(jingle)*

L36 Celso Cota: Mas, olha, de forma alguma, nós vamos sair por ai comprando voto.  
L37 Voto não se compra, voto se conquista e nós fomos eleitos, reeleitos pela vontade do  
L38 povo, conquistando a confiança do povo. Essas pessoas usaram a imprensa estadual  
L39 para que todos pudessem noticiar com a sua vontade, essa vontade de desqualificar a  
L40 pessoa do nosso candidato Roque Camello, da minha pessoa e de Zezinho Salete.

L41 *Mentira tem perna curta. O jornal denunciou, a polícia agiu e prendeu um candidato*  
L42 *a vereador de Terezinha.*

L43 Celso Cota: Mais uma vez a verdade veio à tona. A polícia agiu e chegou até o  
L44 estúdio clandestino onde fitas eram montadas. Quero dizer que acredito até que  
L45 utilizaram trechos editados. Não vamos deixar que a cidade de Mariana volte a ter  
L46 lado. O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da paz, do desenvolvimento.  
L47 Muito foi feito com quem tem competência e preparo e, acima de tudo, compromisso  
L48 com a verdade e com o desenvolvimento. Vamos com Roque Camelo e Zezinho  
L49 Salete, 45, no dia 05 de outubro.

*(jingle)*

L50 Priscila: Vamos ouvir agora o que ele tem a falar sobre o turismo de Mariana.

L51 Roque Camello: Amigos e amigas marianenses, vamos hoje falar sobre turismo, essa  
L52 fonte inesgotável de renda, não só no Brasil, mas também em todo o mundo. De fato,  
L53 o turismo é uma das maiores fontes de renda de uma cidade. O investimento nessa  
L54 área traz desenvolvimento social e qualidade de vida para toda a população. Mariana  
L55 possui um potencial turístico imenso. Vamos trabalhar para fortalecer ainda mais o  
L56 turismo em nossa cidade, em nosso município, atrair renda e gerar mais empregos  
L57 para a população. Vamos dar continuidade ao programa “Mariana monumento da  
L58 humanidade”. Vamos realizar obras que vão deixar Mariana ainda melhor para os  
L59 marianense, é claro, em primeiro lugar e pra atrair turistas de todo mundo. Vamos  
L60 investir no novo Centro de Convenções que será uma referência, este centro de  
L61 convenções em toda região, trazendo para cá mais negócios e mais desenvolvimento.

L62 Arlindo Luiz: Roque, deixa eu te interromper um pouquinho. Explica isso melhor pra  
L63 gente.

L64 Roque Camello: O turismo de negócio vai proporcionar mais emprego e renda para  
L65 nossa população. O comércio, por exemplo, vai lucrar muito com isso, como também  
L66 a rede hoteleira, além de se criar novas empresas que vão dar mais emprego para o  
L67 nosso povo. Outra questão é que não podemos esquecer aqueles que nos visitam,  
L68 cuidar bem do turista, com gentileza e atenção, é claro, é um compromisso do  
L69 prefeito, pois a nossa cidade é nosso cartão postal. Também vamos manter os  
L70 festivais que fazem a alegria de todo mundo como o Festival da Vida, o Festival da  
L71 Juventude e todos os outros eventos que são realizados aqui em Mariana. É  
L72 necessário manter a conservação dos monumentos, das praças, cuidar dos distritos,  
L73 dos bairros e, mais ainda, valorizar o artista. Para isso, vamos criar o Centro  
L74 Permanente de Exposição. Vamos estruturar a rede hoteleira, manter o receptivo  
L75 turístico a altura. Dar força ao cinema de Passagem de Mariana. Nós vamos  
L76 transformá-lo no Centro de Cultura, ampliar as potencialidades de nossos distritos.

L77 Arlindo Luiz: Roque, e como será esta ampliação de potencialidades dos distritos?  
L78 Vamos criar ações que utilizem de forma sustentável o maravilhoso meio ambiente  
L79 que nos cerca, com implantação do Parque Arqueológico do Gugu e a criação do  
L80 Parque Ecológico de Santana. Todos terão a oportunidade de desfrutar bons  
L81 momentos nas nossas reservas naturais de Mariana.

*(jingle)*

L82 Ouvinte: Gostaria de ouvir a música mais pedida da rádio, a música do Roque.

*(jingle)*

L83 Priscila: vamos ouvir a estudante Daniele Cristina.

L84 Daniele: Eu moro no Centro e gostaria de saber o que o Roque vai melhorar para o  
L85 turismo?

L86 Roque: Nossa Mariana tem tantas belezas para serem mostradas e é por isso que os  
L87 investimentos nessa área não podem parar. Eu e Zezinho temos muitos projetos.  
L88 Vamos criar a Orquestra Municipal e o Conservatório, para profissionalização e  
L89 aperfeiçoamento dos jovens músicos. Outra novidade será a Semana de Eventos em  
L90 Mariana em que vamos valorizar o nosso artesanato e a nossa culinária. São varias  
L91 propostas, mas também estamos atentos a aquilo que deu certo e que deve continuar.  
L92 E as festividades, as exposições e festivais, que Celso e eu tanto incentivamos,

L93 vamos continuar realizando. O Festival da Vida, a Festa da Cidade – o 16 de julho –,  
L94 vamos cuidar do nosso Festival de Inverno, vamos investir mais ainda no Festival de  
L95 Inverno, vamos investir na ExpoMariana. Vamos cuidar das nossas festas religiosas,  
L96 da nossa Semana Santa, das festas dos padroeiros em cada distrito. Vamos cuidar  
L97 também do nosso EREM, tão importante, já realizado por cinco anos consecutivos.  
L98 Vai ser cultura para todos, cultura levada às praças, às ruas de Mariana. Acesso para  
L99 todo marianense.

L100 Depoimento de um jovem: Olha cara, eu não sou ligado em política, mas a gente  
L101 acaba sacando o que está acontecendo. Eu escolhi meu candidato porque ele fez  
L102 muita coisa bacana pela cultura. Esse Dia de Minas que ele criou é uma grande festa.  
L103 Bom demais pra gente de Mariana. Tem essas obras todas de recuperação das praças  
L104 e do patrimônio. Olha, cara, a cidade está ficando dez e quem vai continuar isso é  
L105 ele. “Demorô”, o meu candidato é o Roque.

P 6 - Transcrição da Propaganda nº5 de Terezinha Ramos

L1 *Alô alô meu povo, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB*  
L2 *e PP. É por isso que todo mundo aqui tá com Terezinha. Aperte o 1, aperte o 4,*  
L3 *aperte o verde, confirma, eu to com Terezinha.*

*(jingle)*

L4 *Hoje Dona Terezinha vai contar para você o que pretende fazer para aumentar o*  
L5 *movimento de turistas na nossa cidade.*

L6 Terezinha Ramos: Tem muita coisa a desejar em relação ao turismo em Mariana.  
L7 Tinha o Terminal Turístico, era lindo, era maravilhoso, ele fez com três meses o  
L8 terminal turístico e eles levaram um ano e meio para derrubar. Eu, nessa área, se  
L9 Deus quiser, eu vou ter pessoas competentes, que aqui em Mariana tem pessoas  
L10 competentes. Inclusive eles estão falando que eu vou trazer uma equipe de Belo  
L11 Horizonte, é mentira. Nós temos pessoas capacitadas aqui pra isso, pessoas formadas  
L12 nessa área, pessoas honestas, que tem condições de me ajudar nessa área, pessoas da  
L13 região. Eu tenho que dar emprego pra pessoas da cidade e não trazer de fora pra  
L14 dentro da cidade. Gerar emprego e renda pra cidade, é disso que nós precisamos. Eu  
L15 tenho que ter gente capacitada pra trabalhar perto de mim e aqui em Mariana tem  
L16 muita gente capacitada para trabalhar. Tem pessoas aqui boas pra isso, capacitada pra  
L17 isso, pra receber os turistas, muitos fizeram cursos pra receber os turistas e é isso que  
L18 a gente quer pra Mariana.

L19 *O dia a dia de Marianinha.*

L20 *Atenção ouvintes, este capítulo de nossa eletrizante história é baseado em fatos*  
L21 *reais.*

L22 *Nossa amiguinha ia pra escola acompanhada de seu colega Pedrinho sem saber que*  
L23 *hoje a enrascada ia ser maior ainda.*

L24 *(barulho de queda)*

L25 *Pedrinho: Ai mãe, ai ai!*

L26 *Marianinha: Pedrinho, você machucou?*

L27 *Pedrinho: Ai ai ai! Machuquei, machuquei sim!*

L30 *Marianinha: Também essa praça está em obra desde que eu nasci. É buraco e*  
L31 *material de construção pra todo lado. Será que eles esquecem que pedestre precisa*  
L32 *de calçada liberada.*

L33 *Pedrinho: Ai ai ta doendo.*

L34 *Marianinha: Ih é melhor eu procurar um adulto pra levar a gente pro hospital*  
L35 *agora.*

L36 *Com a rua toda esburacada, Marianinha viu o seu amiguinho desmoronar em praça*  
L37 *publica. Teria ele quebrado o braço, teria ele atendimento rápido. Não perca o*  
L38 *próximo capítulo dessa história.*

L39 *Criança: Vai Terezinha com fé que o sonho vai virar realidade.*

L40 *Notícias de campanha:*

L41 *E a campanha de Terezinha Ramos segue firme e forte. Na última terça-feira, o*  
L42 *comício no bairro São Cristovão, reuniu mais de 400 pessoas para a exibição de*  
L43 *mais uma edição do filme “Uma história de coragem”. E não é só de festa que é*  
L44 *feita essa campanha. No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de*  
L45 *Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade. Afinal de contas,*  
L46 *para saber o que é melhor para Mariana é preciso conhecer de perto sua*  
L47 *necessidade. É isso aí, Terezinha, é assim que se constrói uma Mariana para todos.*  
L48 *Termina aqui o programa da Coligação “Honestidade em primeiro lugar”, 14.*

P 7 - Transcrição de fragmentos da Propaganda nº19 de Roque Camello

- L1 Arlindo Luiz: O povo já decidiu e todas as pesquisas confirmam, Roque disparou na  
L2 frente. Todos querem o melhor pra Mariana. É o melhor é 45. Olá olá, gente amiga  
L3 que nos acompanhou durante os últimos meses, que permitiu que entrássemos em sua  
L4 casa, nos acompanhou no radio, no trânsito, no trabalho, em todos os lugares. Nós  
L5 temos que agradecer a todos vocês que participaram do programa Prefeito é Roque.  
L6 Agora gente, o futuro da nossa cidade está em suas mãos, porque no dia 5 de outubro  
L7 você vai decidir o que é melhor para Mariana e o melhor é 45. Alô Priscila.
- L8 Priscila: Fazer esse programa foi muito bom. Estar ao lado de pessoas que conhecem  
L9 tão bem a nossa cidade. Consegui ver de perto o carinho de Roque e Zezinho pelo  
L10 povo e por nossa querida Mariana. Roque, durante os programas você falou sobre os  
L11 sonhos, suas idéias, suas propostas, mostrou sua preocupação com os moradores de  
L12 Mariana, reforçou a importância de continuar os avanços. O que representa pra você  
L13 ser prefeito de Mariana?
- L14 Roque Camello: Olá povo querido da minha terra. Desde já, quero agradecer o  
L15 carinho que recebi ao longo dessa campanha, a audiência e a participação de cada  
L16 um. Esta já é uma conquista para mim. Foi muito gratificante, mais do que eu podia  
L17 imaginar e desejar. Mais uma vez, obrigado pelo carinho e pela oportunidade de ter  
L18 feito tanto com Celso e de poder continuar a ajudar o nosso povo.
- L19 Priscila: Tem algo que o preocupa ao assumir a administração?
- L20 Roque Camello: Pois bem, Priscila. Estar à frente da prefeitura de Mariana já é uma  
L21 grande responsabilidade. Para governar é preciso conhecer e respeitar o nosso  
L22 glorioso passado, sua história, viver intensamente o presente através das  
L23 necessidades de cada comunidade, de cada bairro, de cada distrito para assim  
L24 planejarmos um futuro melhor com mais solidariedade, compreensão, crescimento  
L25 social, cultural e econômico de todo município.
- L26 Arlindo Luiz: Roque, e qual será a prioridade em seu governo?
- L27 Roque Camello: Nossa administração será de gente para gente, focada nas pessoas,  
L28 nas famílias, na continuidade dos bons programas e projetos da atual administração,  
L29 avançando ainda mais com eles. Vamos trabalhar priorizando o básico para todo ser

L30 humano, gerando emprego e renda, moradia, saúde, educação, cultura, lazer, enfim,  
L31 condições dignas e oportunidades para todos.

L32 Roque: Eu quero agradecer o carinho, o reconhecimento e a força que vocês me  
L33 deram o tempo inteiro nessa caminhada. Agradeço a Deus, a você e a sua família  
L34 pelo calor humano, nessa campanha inteira. Ouvi palavras de incentivo, que me  
L35 emocionaram muito. Outro dia, eu falava pra uma senhora bem idosa lá no Cabanas:  
L36 “Quero ser um prefeito humano, ser a voz do povo” e vejam o que ela respondeu e  
L37 me ensinou: “Ser humano, Roque, é ser a voz do povo, sem deixar de ouvir a voz de  
L38 Deus”. Eu só não digo que não vou sentir saudades desse contato intenso com o  
L39 povo, porque vejo nas ruas, por todos os lugares que passamos, com o calor humano  
L40 com que fomos acolhidos, vejo nos olhos, no sorriso de cada marianense, que vamos  
L41 vencer essas eleições e como prefeito vou continuar esse aprendizado. Vamos ouvir a  
L42 comunidade, vamos governar junto com o povo, definindo as prioridades de todos,  
L43 sem exceção. Quero abraçar a missão de ser um prefeito que vai continuar todas as  
L44 obras e exigir qualidade no acabamento. Vou visitar pessoalmente sempre as obras  
L45 da prefeitura para conferir o andamento, conversar com os operários, engenheiros, e  
L46 motivar, exercitar o elogio e exigir capricho. A minha equipe vai fiscalizar e garantir  
L47 que tudo seja muito bem feito e queremos a câmara de vereadores junto para ajudar a  
L48 fiscalizar. Queremos fazer inovações com um modelo sustentável. Vamos  
L49 administrar inspirados no modelo de sucesso do prefeito Celso Cota, mas olhando  
L50 para frente e, por tudo que já foi feito e esta sendo concluído, Mariana está pronta  
L51 para dar um grande salto rumo ao futuro. E o futuro é agora, porque as necessidades  
L52 do povo, os problemas que a cidade ainda tem pra resolver, não podem esperar.  
L53 Vocês podem ter certeza, o meu governo vai trabalhar para todos, os quatro anos. Vai  
L54 cuidar com atenção especial das pessoas que mais precisam e vai não somente  
L55 manter, mas acelerar o desenvolvimento da cidade e de todo o município para  
L56 garantir um presente e um futuro de prosperidade para nosso povo. Obrigado minha  
L57 gente, obrigado a você taxista, obrigado a você pedreiro e servente que estão  
L58 construindo as casas, a moradia para o povo. Obrigado a você caminhoneiro que está  
L59 carregando o progresso e o desenvolvimento. Obrigado a você funcionário público.  
L60 Você é a razão de ser do sucesso de uma administração. Obrigado a vocês todos que  
L61 querem uma Mariana mais feliz. Nesta oportunidade, eu desejo agradecer ao prefeito  
L62 Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a

L63 Mariana. Agradeço a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público  
L64 porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. Agradeço  
L65 não só o seu apoio e a sua amizade, sua solidariedade, mas todos os seus momentos  
L66 de preocupação com essa campanha que, eu sei, não é dele, não é minha, é do povo  
L67 de Mariana e, ao mesmo tempo, quero também agradecer ao meu colega de chapa  
L68 Zezinho Salete, um jovem trabalhador, um homem vencedor, um homem com o qual  
L69 vamos ombrear, vamos unir forças em benefício do povo de Mariana. E é por isso  
L70 que estamos juntos: Celso Cota, Zezinho Salete e Roque Camello. Obrigado,  
L71 portanto, a todos sem exceção, muito obrigado e sigamos em frente, a vida nos  
L72 espera, mas nos é que temos que construí-la. Deus nos deu força para tanto e nós,  
L73 diante da força do próprio Deus, vamos construir uma vida melhor para nossos  
L74 filhos, nossos netos e para as gerações futuras. Obrigado e um abraço carinhoso para  
L75 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da paz, da  
L76 felicidade e da harmonia entre todos nós.

P 8 - Transcrição da propaganda nº18 de Terezinha Ramos

L1 *Alô alô meu povo, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB*  
L2 *e PP. Aqui todo mundo vota certo com Terezinha e Roberto.*

*(jingle)*

L3 *Hoje D. Terezinha vai dar seu recado final aqui no rádio.*

L4 Terezinha Ramos: Minha gente, a campanha chegou ao fim. Este é o último  
L5 programa de rádio. Estou emocionada com o tanto que vivi e aprendi nessa luta. Hoje  
L6 me sinto mais forte e mais preparada para administrar Mariana. Nesses últimos  
L7 meses, andei muito, conversei muito e escutei mais ainda. Precisamos escutar mais o  
L8 povo. Precisamos de uma administração de todos e não de apenas um grupo e tenho  
L9 orgulho de poder falar isso pra vocês. Quem acompanhou as campanhas sabe que a  
L10 minha candidatura é a melhor para Mariana. O Roberto Rodrigues é meu braço  
L11 direito, o meu conselheiro e o meu maior apoio veio do povo. E é assim, com a ajuda  
L12 de todos e com a participação da população que eu vou governar Mariana. E no dia  
L13 5, não se esqueça, vote certo 14, com Terezinha e Roberto.

L14 Roberto Rodrigues: Olá pessoal, meu nome é Roberto Rodrigues, e eu estou aqui  
L15 hoje por um motivo muito importante. O senhor Jésus Ciape, fracassado político que  
L16 sempre viveu às custas do dinheiro público e que traiu todos em Mariana, no seu  
L17 último comício no bairro Rosário, falou um monte de mentiras sobre as casas  
L18 populares e invasões em vários bairros de Mariana. A grande verdade é que a  
L19 administração atual nunca teve vontade política para resolver essa questão. Eles  
L20 manipulam as pessoas carentes e usam o seu sofrimento em benefício próprio. A  
L21 companhia coloca a disposição de todos os interessados a documentação de  
L22 propriedade dos terrenos. Se eles falam a verdade porque o Rosário é o único bairro  
L23 que eles ainda não resolveram os problemas sendo que existem mais de 10 processos  
L24 de desapropriação contra a companhia sem nenhum prejuízo pra população local.  
L25 Cruel e sórdida é essa manobra política do governo atual. Vocês acreditam que o  
L26 governo atual com todos os recursos da máquina pública só não resolveu ainda em  
oito anos o problema do Rosário, pensem bem sobre isso minha gente. Isso lhe

L27 parece razoável e verdadeiro. Terezinha e eu viemos para construir não destruir.  
L28 Viemos para amparar os necessitados e não para nos aproveitar nos necessitados.  
L29 Povo do Rosário, vote com consciência e não naqueles que vivem manipulando a  
L30 verdade para não resolver os problemas do bairro, enchendo vocês de mentira, só  
L31 para conseguir o seu voto. Eu e Terezinha vamos resolver todos os problemas do  
L32 bairro, isso é um compromisso de campanha.

L33 *É minha gente, a campanha está acabando. Quem acompanhou de perto sabe que*  
L34 *Terezinha Ramos fez a campanha mais limpa, mais honesta e mais bonita. Aqui não*  
L35 *tem negociata de apoios, nem de votos, não tem conversa fiada e nem fofoca. Aqui*  
L36 *não tem argumentos falsos e mentiras. No programa de governo e em toda*  
L37 *campanha Terezinha se apresentou de verdade, olhando no olho e com propostas*  
L38 *sérias. É por isso que no dia 5, todo mundo vota certo, é 14, é Terezinha e Roberto.*  
(jingle)

L39 *Como era de se esperar no fim de semana só deu Terezinha. A maior carreata da*  
L40 *história e um final triunfante em mais uma edição do Cinema na Praça. Ninguém*  
L41 *segura o povo que apóia Terezinha, nem chuva, nem o cansaço, nem falta de luz.*  
L42 *Obrigado, meu povo, vamos para a reta final, rumo a vitória. No dia 2, contamos*  
L43 *com você no nosso último comício. A Praça Tancredo Neves vai bombar a partir das*  
L44 *19h. Participe!*  
L45 *Termina aqui o programa da Coligação “Honestidade em primeiro lugar”, PTD e*  
L46 *PP, 14.*

Obra de desmonte do Ginásio Poliesportivo é embargada e desembargada em 24 horas

## Tira... Ou não tira?



Após toda a retirada do piso da entrada e da lateral do Ginásio, Justiça suspende a desmontagem

Os funcionários da Prefeitura que trabalham nos setores que ficam no Ginásio Poliesportivo – SIAT, Conselho Tutelar, PROCON, Junta do Exército, Departamento de Controle Urbano, Renda Mínima, Arquivo, Fiscalização de Posturas, depósito de cestas básicas – ficaram completamente surpresos quando chegaram para trabalhar na quarta-feira da semana passada e não havia mais linha telefônica, sendo informados do desmonte do Ginásio naquele momento e sem saberem para onde iriam tais setores. A Prefeitura informou que uma comissão está responsável por procurar imóveis para alocar tais setores.

Porém, após o início das obras de desmontagem do Ginásio Poliesportivo Osni Geraldo Gonçalves, na última segunda-feira, a turma de oposição ao Prefeito Celso Cota entrou com um pedido de embargo da obra que foi concedida pela juíza Angélique Ribeiro de Souza que determinou que os serviços iniciados de manhã, pela Prefeitura, fossem paralisados, para investigação do processo licitatório, onde havia suspeitas de supostas irregularidades no procedimento. Na tarde do mesmo dia, a Justiça embargou a obra, que foi paralisada, após já terem retirado praticamente todo o piso da parte da frente do Ginásio. Essa obra assim como as outras que complementam o turismo de negócios proposto pelo Prefeito, foi anunciada no dia 29 de junho, no auditório do Colégio Providência, durante a 3ª Conferência da cidade de Mariana. A população fica indignada com tais fatos e questiona o porquê de não terem feito esse pedido antes do início das obras. Homens e máquinas trabalharam até a chegada da ordem judicial.

O Ginásio construído na década de 1980, na administração do ex-prefeito João Ramos, já foi alvo de muita polêmica e pendenga judicial, por descaracterizar, segundo alguns, o núcleo histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938.

“De qualquer ângulo que se olhe, a edificação atrapalha o conjunto arquitetônico de Mariana, primeira vila de Minas (1711), além de primeira cidade e capital do estado”, disse o prefeito Celso Cota (PMDB), na manhã de segunda-feira, observando o Ginásio do adro da Igreja de São Pedro, no Bairro de São Pedro.

A obra de desmonte e remontagem do Ginásio vai custar R\$ 6,5 milhões aos cofres municipais. O Ginásio, totalmente desmontável, será transferido para a Vila Aparecida onde serão

englobadas a um novo projeto de um Complexo Olímpico, com pistas de atletismo, mais três quadras, piscinas de competições, uma piscina de saltos ornamentais, pista de skate e outros equipamentos. No local do Ginásio será construído um Centro de Convenções com projeto do arquiteto Gustavo Penna.

Inconformado com a obra, Alison José dos Santos, Liu Marmita, de 28 anos, ameaçava se acorrentar às grades, para impedir seu prosseguimento.

O Prefeito se diz respaldado pelo plano diretor votado em 2001, com realização de audiências públicas, e por uma pesquisa recente feita pelo NEASPOC/UFOP na qual 42% dos moradores aprovam a mudança, enquanto 35% são contra.

O advogado Rodrigo Luiz que comemorou a liminar de embargo das obras, afirmou

que as obras se anteciparam ao fim do processo licitatório. “É como se eu pegasse uma picareta e começasse a quebrar tudo”, comparou, explicando que o Supremo Tribunal Federal já considerou o Ginásio “fora do Centro Histórico”.

O procurador do município, Israel Quirino, entregou no fórum a documentação referente à concorrência pública e a obra foi novamente iniciada na última terça-feira com o aval da Juíza Angélique Ribeiro de Souza que retirou o embargo que foi concedido no dia anterior. Logo depois da concessão da liminar, Israel Quirino entregou no fórum a documentação referente à concorrência pública, da qual saiu vencedora a empresa Diminas Construções e Comércio, de Ouro Preto.

Mais uma vez a população fica no meio de disputas políticas, já que o ex-prefeito João Ramos Filho (ex-prefeito que construiu o Ginásio Poliesportivo nos anos 80) já havia declarado ao Jornal Ponto Final que havia intenções de tentar embargar a obra, pois o mesmo dizia que a retirada do Ginásio era só mais uma obra da administração dele que o Prefeito Celso Cota quer desmanchar com várias outras obras realizadas em suas gestões, segundo João Ramos Filho.

Enviamos ofício ao advogado Rodrigo Luiz Gomes de Almeida, autor do processo para o embargo das obras de desmontagem do Ginásio, mas até o fechamento desta edição não obtivemos resposta.

## Cinco novos cursos superiores em

### Mariana

Os interessados em ingressar em uma universidade federal terão agora uma chance a mais. A Prefeitura de Mariana, em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), implantará um campus de Ciências Aplicadas na cidade. Cinco novos cursos estarão à disposição dos interessados: Pedagogia, Ciências Econômicas, Administração, Serviço Social e Comunicação Social.

Em julho deste ano acontece o vestibular para os cursos de Administração e Ciências Econômicas e no primeiro semestre de 2009 para os demais. O aumento destas vagas foi possível graças ao Reuni, programa do Governo Federal que busca aumentar o ingresso de alunos nas universidades federais.

“O Reuni propõe a expansão e procura fazer com que o ensino superior seja mais acessível e chegue mais próximo das pessoas. E a UFOP agiu com rapidez, assumiu esse compromisso e a responsabilidade de colaborar significativamente para a implantação desse projeto. Para Mariana, isso veio a calhar, pois vai ao encontro do esforço e da visão do governo municipal diante da responsabilidade em proporcionar acessibilidade aos nossos

alunos”, disse o Prefeito Celso Cota.

Para o procurador do município, Israel Quirino, Mariana terá grandes vantagens com a chegada do campus. “O primeiro é que a cidade abrigará um centro de Ciências Aplicadas, vamos ter um público diferenciado, com mais estudantes circulando pela cidade. A população acadêmica aumentará significativamente, trazendo grandes benefícios para a economia local, que estará se movimentando constantemente”, afirma.

Mariana abriga atualmente oito cursos: Letras e História, pela UFOP; Filosofia, pela Faculdade Arquidiocesana de Mariana (FAM); Administração Empresarial, mantido pela Faculdade de Administração de Mariana (FAMA); e Pedagogia, Meio Ambiente, Gestão Pública e Direito, pela UNIPAC.

**Cursos funcionarão no Colégio Padre Avelar**

A administração municipal cedeu o Colégio

Padre Avelar à UFOP para que os cursos de Ciências Econômicas, Administração, Serviço Social e Comunicação Social funcionem na escola. Para atender aos requisitos exigidos pelo Ministério da Educação (MEC), o prédio passará por uma série de reformas. O curso de Pedagogia será ministrado no campus do ICHS.

Os alunos que estudam no Colégio Padre Avelar serão remanejados para outras escolas. As turmas diurnas – Ensino Fundamental 2 (5ª a 8ª séries e pré-escolar) – permanecem no local e, de acordo com o procurador do município, Israel Quirino, devem ser redistribuídas para outras escolas. “Com a inauguração da escola do bairro Rosário, os alunos poderão ser transferidos para lá. E os alunos da Educação para Jovens e Adultos (EJA) noturno já estão alocados no Cempa. Esperamos que em um prazo máximo de dois anos todos os estudantes já tenham sido remanejados”, afirma.

## Salão de Eventos Casa verde

Oferecemos Plano Festa Agende sua festa com antecedência. Temos um quarto com dois berços e duas camas, cozinha completa toda montada com todos vasilhames de louça e vidro incluindo bebidas. Com linda vista para a cidade. Rua Monsenhor Rafael Coelho, 131 Barro Preto - Mariana (31) 3558-1137 celular: 9817-5727

“A mente e o coração que emanam paz e amor exalam também a canção”

Toni Claret - Vereador



40 anos em ação.

Trabalhador sindicalizado é trabalhador amparado

“Os oprimidos e cansados serão aliviados pelo próprio Deus”, assim disse a Palavra

Luiz Soldado - Vereador

## FUNERÁRIA SÃO JOSÉ

Atendimento 24 horas

Plano de assistência familiar “Para nós um compromisso, para você e sua família uma tranquilidade”

Associa-se: (31) 3557-1559 Celular: (31) 9997-5041



Você já sabe o que vai acontecer nos próximos quatro anos?

## Plano Plurianual de Ação Governamental. O futuro de Minas passa pela Assembléia.

A Assembléia Legislativa de Minas Gerais está trabalhando pelo futuro de Minas e de todos os mineiros. Em outubro e novembro foram realizados debates, na capital e no interior, com quase 1.000 participantes da sociedade civil, para aprimoramento do Plano Plurianual de Ação Governamental – PPAG. Um planejamento elaborado pelo Governo de Minas, com os principais projetos e metas a serem alcançados entre 2008 e 2011. Durante os debates, entidades civis apresentaram 529 propostas. Até o final do ano, a Assembléia vai analisar as sugestões que poderão ser transformadas em emendas e incorporadas aos projetos do PPAG e do orçamento do Estado para 2008.

Tudo sobre o PPAG: [www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br)



# Ex-prefeito de Mariana é assassinado

Morreu na nesta última quinta-feira, dia 15, na BR-MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, assassinado com quatro tiros, segundo a Polícia Militar.

O crime aconteceu pela manhã, próximo ao posto de gasolina de propriedade do ex-prefeito.

### A execução

Executado com 4 tiros, o ex-prefeito morreu antes do socorro chegar no local do crime. Segundo a única testemunha, cujo nome será mantido em sigilo, o carro estava voltando do Posto João Ramos, de propriedade da vítima e foi seguido por uma moto amarela e preta, que tudo indica é uma Tornado, com duas pessoas, onde foram abordados



### Os primeiros passos da investigação

João Ramos foi atingido com dois tiros no peito, um no pescoço e um no antebraço. A polícia acredita inicialmente que o crime tenha sido cometido por amadores, por motivos políticos, pois no bolso da vítima havia um m i l

nossa Redação recebemos ligações de pessoas inconsoladas buscando informações na esperança de que seja mais um boato.

### A história de vida da vítima

João Ramos, muito mineiramente, vinha ao longo dos anos acumulando experiência na vida pública que o caracterizava como um vulcão não adormecido. Um homem simples, casado e pai de quatro filhos, Geraldinho (falecido), Juarez (Leleis), Marlene e Fábio. Iniciou a sua história muito modestamente e com grande dignidade transportava panelas em burros, de Cachoeira da Brumado para Mariana. Com muito trabalho e persistência, envolveu-se desde moço com os problemas sociais e culturais do povo deste município que o levou à vida pública, deixando benfeitorias que eternizarão o seu nome na história de Mariana. Foi Prefeito por três vezes e dedicou sua



## O sepultamento

O corpo será velado na Câmara Municipal de Mariana, onde serão feitas as últimas homenagens a João Ramos. O sepultamento está previsto para as 16:00h desta sexta-feira (16/05).

pelo garupa da moto, logo após o monumento sentido Mariana. Neste momento, com a arma em punho, o sujeito ordenou que João Ramos abrisse o vidro do carro. Não sendo obedecido, o garupa quebrou o vidro com uma coronhada e em seguida apertou o gatilho e disparou quatro tiros acertando fatalmente a vítima. A testemunha foi orientada a abaixar a cabeça e virar o rosto.

### As últimas palavras

"Gente não faz isso comigo não, eu tô vindo do serviço com minha funcionária"

### A testemunha

"Quando chegamos próximo ao Monumento uma moto amarela veio aproximando do carro, foi então que eu escutei um barulho de tiro. A moto atravessou na frente do carro e o motoqueiro de traz desceu da moto e pediu para João Ramos abrir o vidro, depois o motoqueiro mandou que eu abaixasse a cabeça, pois o problema não era comigo. Nisso ele deu quatro tiros em João depois pediu minha bolsa e foram embora".

seiscentos e noventa e um reais em dinheiro que não foi levado. Segundo o delegado de Mariana, Luiz Tortamiano, a investigação será minuciosa e detalhada. "Já foi solicitada uma equipe especializada de Belo Horizonte para apuração dos fatos. E nada irá passar", afirmou. O crime ocorreu por volta das 07:30h da manhã e duas horas após ter sido acionada a Perícia, com o comando do perito Marcelo Alexandre, chegou ao local, tomando as devidas providências. Após a Perícia, o corpo foi encaminhado ao DML da cidade de Ponte Nova, e depois seguiu a Belo Horizonte para exumação do corpo.

### Povo de Mariana chora a perda de João Ramos

Na retirada da vítima do local houve uma grande comção da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos aplausos e agradecimentos foram prestados à família, que muito emocionada e desesperada tentava a todo momento estar um minuto a mais com a vítima.

Está havendo uma grande manifestação de luto na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em

vida como um entusiasta pelas causas sociais, pela justiça e em defesa dos menos favorecidos. As vezes, polêmico, mas, sem abrir mão dos seus sonhos e convicções, sempre atuou na política conversando com a comunidade com um linguajar simples e de atitudes imediatas.

### A família

João Ramos deixa sua esposa Terezinha Ramos e três filhos, com netos e bisnetos.

### Política

João Ramos Filho do PTB foi prefeito da cidade de Mariana por três vezes, nos períodos de 73 a 76, 83 a 88 e de 93 a 96.

Este ano era pré-candidato e considerado um dos favoritos à Prefeitura da cidade.

### Luto oficial

Em nota, a Prefeitura de Mariana informa que declarou luto pela morte de João Ramos Filho. Até as 18h de sábado, 17 de Maio, as bandeiras que ficam em frente ao prédio da administração municipal e outras unidades administrativas deverão ser hasteadas a meio mastro.



Matéria completa e trajetória política de João Ramos será feita na próxima edição.

**VÍCIO DO CORPO**  
Rua do Catete, 225 - Centro - Mariana  
Telefone: 31 3558-5706

Vício do corpo é a única apologia à sua beleza que não constitui crime algum.



Flávia, Claudinete, Arlete e Cíntia

A proprietária da loja, Janete com funcionários e representantes da ACIAM.



# Perfil: Roque Camello

No dia 1º de janeiro, Roque assume a Prefeitura de Mariana e promete dar continuidade ao governo de Celso Cota. Conheça melhor quem é o futuro prefeito de Mariana.

Roque Camello é formado em Direito e Letras. Em Mariana, começou muito cedo sua história política quando fundou a 3ª Força Jovem de Mariana, que tinha como objetivo juntar os jovens de direita e esquerda. Trabalhou na implantação da Cemig, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal do município. Elaborou a apresentação do projeto de desapropriação do prédio da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras, trabalhando junto ao governador Israel Pinheiro para que o prédio não fosse demolido, como se pretendia.

Trabalhou no projeto de construção da estrada de contorno de Mariana para evitar que o tráfego pesado de caminhões e carretas prejudicasse o sítio histórico e destruísse nosso

patrimônio cultural. Organizou o primeiro seminário sobre desenvolvimento sustentável na primaz de Minas, o EDEM, em 1979. Participou do processo de pesquisa e do projeto para a instituição do "16 de Julho", aniversário de Mariana, como "Dia do Estado de Minas Gerais, e idealização, coordenação, organização e patrocínio do livro: "16 de Julho, o Dia de Minas".

Foi responsável pelo apoio financeiro do Grupo Wembley, do empresário José Alencar, para a restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Camargos, e também à Fiemg, na época presidida pelo empresário José Alencar (hoje vice-presidente da República) para a reconstrução do Cine-Teatro Municipal, conhecido como Sesi-Mariana. Participou do

segundo restauro do órgão Arp Schnigher da Catedral de Mariana, em 2002.

É colaborador permanente do batalhador sacerdote Padre Avelar na manutenção do Colégio Dom Frei Manuel da Cruz. Roque também é representante da comunidade marianense e um dos responsáveis pela restauração do Santuário Nossa Senhora do Carmo, após o incêndio de 19 de janeiro de 1999. Fez parte da implantação do projeto "Restauração e Difusão das Partituras dos Séculos XVIII e XIX, ganhador do Prêmio Nacional Rodrigo de Melo Franco como melhor projeto cultural do Brasil em 2002, e inscrição deste Projeto na Unesco para ser tombado como Bem Cultural da Humanidade".

O futuro prefeito é responsável também, pelo projeto de restauração do

antigo Palácio dos Bispos e instalação do Museu de Música de Mariana. Foi presidente licenciado da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras e diretor - executivo

licenciado da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana (FUNDARQ).

Roque Camello foi vereador quando ainda era estudante universitário.

Hoje, é o vice-prefeito de Mariana, reconhecido atuante, participando ativamente de todos os projetos de desenvolvimento do município.

## Exclusivo: Roque Camello fala sobre a campanha eleitoral

Em entrevista exclusiva ao Jornal Ponto Final o prefeito Roque Camello, que tomará posse em 1º de janeiro, falou sobre sua trajetória, da sua campanha política, da vitória e dos momentos mais emocionantes da corrida eleitoral.

**Jornal Ponto Final:** Como você avalia, agora que as eleições terminaram, a política de Mariana?

**Roque Camello:** Foi uma eleição diferente que envolveu muitas coisas. Primeiro envolveu muitos candidatos, nunca houve na história de Mariana uma eleição com tantos candidatos. Um candidato, sete dias antes da votação, renunciou, mas mesmo assim, eram cinco candidatos com ideologias diferentes. A avaliação que faço é que na eleição de 2004 as forças se digladiaram e houve uma tensão de dois elementos se batendo. Dessa vez não houve nada disso. Foi diferente. O que eu acho que não foi correto foi à forma de fazer campanha utilizada por alguns candidatos. Lamentamos porque estamos trabalhando pela democracia e nela não se utiliza armas que sejam mentirosas. A democracia é o debate das ideias.

**JPF:** Levando em consideração as inúmeras ações representadas contra a "Coligação Mariana Avança com a Força do Povo" qual a sua visão a respeito disso?

**RC:** O ser humano foi muito inteligente quando criou os três poderes e ao mesmo tempo criou os poderes superiores aos poderes. Qualquer um é passivo de enganos e é por isso que existem os tribunais para corrigir os enganos da primeira instância em



segunda instância, e isso ocorre muito. Eu confiei na justiça. É muito normal acontecer esse tipo de coisa em período eleitoral.

**JPF:** Houve algum momento especial na sua campanha política que mais te emocionou?

**RC:** Claro, as crianças e os idosos. Quando eu me dei conta que as crianças estavam de fato apaixonadas comigo, eu não diria propriamente apaixonadas comigo. A criança inspirada pensando talvez em um futuro melhor, e quando eu via aquelas crianças gritando pelo meu nome e cantando a música da campanha, era muito gratificante. O abraço de uma senhora de quase noventa anos me balançou muito, quando chorando ela me disse que não precisava e não queria nada que eu fizesse por ela, mas que eu fizesse pelas crianças. Ela me pediu que eu nunca me esquecesse das crianças porque elas são o futuro da nossa nação. Essa declaração me tocou profundamente e me emocionou muito.

**JPF:** Agora, como o prefeito eleito em 2008, qual

a mensagem que você deixa para o eleitor que confiou na sua campanha e nas suas propostas políticas?

**RC:** Bem, a partir de agora, não sou mais o prefeito de um partido. Portanto, passo a ser o Prefeito de Mariana e agora o meu compromisso é com o povo, inclusive para com aqueles que não votaram em mim, pois participamos de uma democracia e não existe unanimidade. Não existe mais aqueles que votaram contra mim, pois estes são meus irmãos também. Quero aproveitar para convidá-los a virem para o nosso lado, o lado que quer construir Mariana. Não a Mariana do ódio, mas sim a Mariana da compreensão, do amor, da fraternidade, a Mariana de mais de 300 anos. Quero muito tê-los do meu lado e dizer venham sim de braços abertos, de coração aberto porque do lado de cá está esse mesmo coração. Deixo minha mensagem a todos que votaram em mim. Muito obrigado e muita paz no coração de cada um de vocês.

**Roque Camello e Marcelo Macedo, valeu a pena lutarmos juntos pela conquista de mais um objetivo. Temos a certeza que você juntos terão capacidade de realizar nossos ideais, tornando Mariana uma cidade feliz.**

**AUTO PEÇAS COUTO & OLIVEIRA NONO E FAMÍLIA**

**Madeiraira Popular**

*A equipe da Madeiraira Popular parabeniza o prefeito e os vereadores de 2009 pela vitória! Muito sucesso na nova jornada.*

**Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles eleitores que depositaram sua confiança em mim!**

**Nêgo**

**É muito gratificante para mim poder mais uma vez trabalhar pra cidade de Mariana!**

**Obrigada pelos 1562 votos!**

**Bambu**

**PSDB** **AGRADECIMENTO** **PSDB**

O Diretório Municipal do PSDB de Mariana agradece a população marianense pela eleição de seu candidato Roque Camello a Prefeitura de Mariana.

Agradece, ainda, ao TRE-MG, pela condução das eleições de forma justa e perfeita, principalmente nas pessoas do Meritíssimo Juiz Eleitoral, e do Ministério Público, dos senhores funcionários do cartório eleitoral, dos senhores mesários e da lisura do mandatário Municipal e de todos aqueles que, direta ou indiretamente, trabalharam para que as eleições transcorressem na mais absoluta tranquilidade.

Aos adversários o agradecimento pela luta em prol do fortalecimento da democracia brasileira.

O reconhecimento aos correligionários do PSDB, militantes fervorosos deste partido e aos partidos coligados pela garra, atitude e esforço aplicados a campanha de Roque Camello.

Compromete-se ainda a continuar fiel a luta pelo engrandecimento do Município de Mariana e de seu povo, objetivando em todo mandato de Roque Camello os ideais da Social Democracia.

**Renovando e f u s i v o s** agradecimentos,

**Mariana, outubro de 2008.**  
**Marcelo Macedo**  
**Presidente do**  
**Diretório Municipal**  
**do PSDB**

## R12

## Design Gráfico

Deixe uma boa impressão para seus clientes com cartões de visita, folders, flyers e cartazes. Faça cartões de visita para sua empresa.



[Página Inicial](#) [Editorial](#) [Denúncias](#) [Galeria de fotos](#) [Assinatura](#) [Contatos](#)

[Cultura](#) [Educação](#) [Esportes](#) [Giro Regional](#) [Mariana](#) [Mundo](#) [Opinião](#) [Polícia](#) [Política](#) [Saúde](#)

## Sindicato quer impeachment de Roque

Publicado: Saturday, 19 de September de 2009 as 00:03h

[Faça seu comentário](#)

### Mestrado - Gestão Pública

Faça Mestrado Profissional em Gestão e Políticas Públicas.

### Blog Relações do Trabalho

Mantenha-se informado. Notícias do mundo do trabalho.

Anúncios Google



Enquanto tramita o processo do prefeito Roque Camêllo no Superior Tribunal Federal (STF) já com sintomas de lentidão e também reversão em relação à decisão do TSE, a sociedade organizada, não satisfeita com a atual administração, adere ao movimento sindical pedindo pelo impeachment do prefeito. Por iniciativa do Sindicato dos Servidores Públicos de Mariana (SINDSERVMARIANA), que afirma ter respaldo de seus associados e da população quanto à sua postura, circulam por toda Mariana várias listas de abaixo-assinados fortalecendo a proposta do impeachment.

Segundo a diretoria do sindicato, existem motivos relevantes para requererem a imediata saída de Roque. Ela alega que há sete meses a Prefeitura não apresenta ações concretas e transparentes da eficácia governamental.

Com base nos artigos 1, 14, III, e 61 da Constituição Federal e artigos 13 e 14 da Lei 9.709/98 e artigo 72 da Lei Orgânica Municipal, a proposta de impeachment constitui-se diante das seguintes avaliações: "(...) por má gestão pública, irresponsabilidade e incompetência para o exercício da função pública, descumprir o artigo 37 e 49 da lei orgânica municipal, pela completa ausência de eficácia na administração pública municipal, pela péssima condução da saúde municipal, pela ineficaz gestão das obras públicas, pelo completo descaso com a limpeza urbana e rural, pela ausência de transparência das contas públicas, pela ineficácia da segurança pública em Mariana, pela precária condução do turismo municipal, pela ineficiente condução da política ambiental, por ser um prefeito ausente deixando seus secretários autoritários reinarem e aterrorizarem os servidores, por se negar a conversar pessoalmente com a diretoria do SINDSERVMARIANA, por não implantar uma política de cargos e salários para TODOS OS SERVIDORES, por não ter no trato da coisa pública os valores primordiais da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade, por manter ingerência velada nos conselhos municipais e por tentativa de comprar votos dos servidores contratados."

Conota-se na política Marianense que os opositores do prefeito Roque Camêllo e, segundo os mesmos, também grande parte da população querem cassação de Roque pelo processo no TSF ou pelo impeachment que já corre nas mãos de populares.

O grande questionamento, entretanto, é qual abrangência terá a participação popular, uma vez que o abaixo-assinado cita dados que identificam os participantes. É notório e já é de conhecimento de todos que a cultura popular é sempre questionar sem se identificar, mesmo porque muitos alegam temer represálias por parte das autoridades constituídas. De qualquer forma, está travada mais uma luta disputando a cadeira do executivo municipal daqueles que, inconformados com a frieza e falta de transparência do executivo, escrevem na história política de Mariana mais um polêmico episódio com intuito imbatível da sucessão no governo municipal de Mariana.

Pesquisar no site

Ok

### Notícias relacionadas

[Julgamento de Terezinha adiado para terça-feira](#)

[Professores da rede Estadual de ensino permanecem em greve](#)

[DEMUTRAN simula mudanças para o trânsito à Praça Tancredo Neves](#)

[Vereador questiona abusos a funcionários na Prefeitura de Mariana](#)

[Vereador Juliano se reúne com moradores do subdistrito da Barroca](#)

[HMH realiza cerca de 70 testes da orelhinha por mês aos recém-nascidos](#)

[Circo Volante Promove 2º Encontro Internacional de Palhaços](#)

[Último Dia de inscrições para projeto de engenheiros da Vale](#)

[Polícia Federal na Mina da Passagem](#)

[Inscrições para o 2º vestibular da UFOP encerram-se hoje](#)

[Faça uma denúncia](#)

### Últimas Fotos



### Sociais



### Charges



### Publicidade

# R13

### Desenvolvimento Web

Agregue mais valor a sua marca e conquiste muito mais clientes. Construa um website para sua empresa.



[Página Inicial](#)
[Editorial](#)
[Denúncias](#)
[Galeria de fotos](#)
[Assinatura](#)
[Contatos](#)

[Cultura](#)
[Educação](#)
[Esportes](#)
[Giro Regional](#)
[Mariana](#)
[Mundo](#)
[Opinião](#)
[Polícia](#)
[Política](#)
[Saúde](#)

## Uma cidade que adormecia resplandeceu

Publicado: Friday, 09 de April de 2010 as 06:40h

[Faça seu comentário](#)

### Administração Pública

Pós-graduação a distância na área de Administração Pública. Conheça!

### Hera Corp. Paralegais

Há 10 anos atuando em legalizações Contabilidade/Certidões/Todo Brasil

Anúncios 

Hoje podemos ver a realidade de uma cidade que adormecia pelo esquecimento político. Não precisa ter o controle dos fatos maiores para sentirmos de perto que a Prefeitura de Mariana e a Câmara Municipal terão seus destinos mudados. Esperar meses para ser atendido pelo prefeito? Acabou! Agora uma mulher de fibra, de determinação, assumiu o Executivo para retornar o município a uma administração moderna, sem grandeza, mas conhecendo realmente a sociedade.

Terezinha Ramos chegou e vem mostrando que administrar é estar perto do povo, diante das realidades, nunca distante da defesa dos interesses da terra. Uma cidade sofreu pelo descaso durante o tempo em que adormeciam os direitos de igualdade e a verdade municipal, esta verdade estava sonífera. Falava-se de cultura, de cursos de Academias, mas esqueciam de atender a sociedade marianense, que de fato retrata através de seu povo a maior cultura, que é a "humana e social".

Esquecer das reais necessidades do povo é ser reprovado na vida pública. Ter uma gestão real e democrática é fundamental para o sucesso do administrador público. A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão vivenciar sua realidade, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que adormeceu por muito tempo. Este trabalho é utilizado nos sistemas onde os administradores têm como fator principal a comunidade que administram, fazem parte, Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Autarquias, Fundações e tantos outros que se evoluem direta e indiretamente no crescimento e desenvolvimento.

A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado contra a opressão da mulher preocupada com os mais pobres, disse que administrar é conhecer o que significa igualdade na administração pública. Ela não poderá nunca esquecer as comunidades simples, que representam a maior parte, pois nelas falam a linguagem correta dos que vivem as mesmas alegrias, dores, conquistas e esquecimentos. O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no cenário de sua história, transmitidas pelas mais lindas artes do barroco.

Esta medida mínima não teve espaço numa agenda ora encerrada. O carro-chefe da eleição de Terezinha Ramos foi o respeito às normas eleitorais, o convívio com a comunidade, amigos de Mariana que acreditavam ser sua administração o melhor caminho. Mulher do trabalho, administradora incontestada, amiga, que acima de tudo abraçou Mariana como sua terra. Afirmou que a Prefeitura será a casa de todos e lá irá dedicar a maior parte de seu tempo. Ao concluirmos podemos dizer: não basta eleger mulheres prefeitas, governadoras ou presidentes. O caminho para as mulheres trabalhadoras segue sendo o da luta, unindo mulheres e homens trabalhadores, e apontando para a construção de um governo de trabalho.

Pesquisar no site

Notícias relacionadas

[Carta à Redação](#)

[TRE, vencido pelo TSE, tenta ingratidão ao povo marianense](#)

[Bodas de prata do Varejão Popular](#)

[Transferência de Veículo, evite a famosa "dor de cabeça"](#)

[Perigo de quatro patas](#)

[Sobre o envelhecimento da pele](#)

[Cartas à Redação](#)

[Ontem força, hoje unicamente desabafo](#)

[Quando o gato sai de casa...](#)

[Carta à Redação](#)

 [Faça uma denúncia](#)

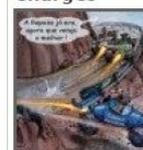
Últimas Fotos



Sociais



Charges



Publicidade



 Assine o **Jornal Ponto Final**

Entre e confira as lojas credenciadas e os descontos que

# R14

**Desenvolvimento Web**  
Agregue mais valor a sua marca e conquiste muito mais clientes. **Construa um website para sua empresa.**

www.awebl.com.br  
Getting Started Latest Headlines

Página Inicial Editorial Denúncias Galeria de fotos Assinatura Contatos  
Cultura Educação Esportes Giro Regional Mariana Mundo Opinião Polícia Política Saúde

## Terezinha: 1ª mulher no Executivo municipal Mariana

Publicado: Thursday, 04 de March de 2010 as 20:42h

[Faça seu comentário](#)

### Política

Partidos se enfrentam em Embate de propostas indefinidas para Eleições

### politica

Instituto Millenium. Artigos, Pesquisas e Vídeos.

Anúncios Google

## Terezinha Ramos

### Em grande estilo



Após três séculos, pela primeira vez uma mulher assume o executivo marianense. Coincidência ou exatidão tudo acontece durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher.

Alguns ramistas mais enfáticos garantem que o

falecido João Ramos continua articulando politicamente e que a posse de sua esposa no Executivo da primeira capital de Minas Gerais, durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher, foi um presente do céu merecidamente pr



oporcionado a Terezinha Ramos. Em entrevista concedida ao Jornal Ponto Final, a futura prefeita contou um pouco mais sobre sua trajetória que a levou a assumir o poder e surpreendeu com tamanho entusiasmo, garantindo que entre as suas convicções, está o desejo de governar de forma ética, transparente e intensa, mudando a história política de Mariana.

Terezinha Ramos é natural de Santo Antônio do Pouso Alto e foi batizada em Barra Longa. Veio ainda pequena para Mariana e, para isso, seus pais venderam tudo que possuíam. Por ter vivido a maior parte de sua vida

aqui e por ter especial carinho pela cidade, ela se sente filha daqui. "Eu vim no manto ainda, eu sou mais marianense, quer dizer, eu sou praticamente filha de Mariana", ressalta.

Ainda garota, começou a trabalhar para o seu futuro marido, João Ramos, em seu comércio que, segundo Terezinha se assemelhava a um supermercado. Mas nessa época ela ainda não teve qualquer tipo de relacionamento com João, além do profissional. O namoro veio mais tarde. "Nós começamos a namorar, eu tinha vinte e poucos anos de idade, e ele foi o único amor da minha vida, assim como é até



### Pesquisar no site

### Notícias relacionadas

[Julgamento de Terezinha adiado para terça-feira](#)

[Professores da rede Estadual de ensino permanecem em greve](#)

[DEMUTRAN simula mudanças para o trânsito à Praça Tancredo Neves](#)

[Vereador questiona abusos a funcionários na Prefeitura de Mariana](#)

[Vereador Juliano se reúne com moradores do subdistrito da Barroca](#)

[HMH realiza cerca de 70 testes da orelhinha por mês aos recém-nascidos](#)

[Circo Volante Promove 2º Encontro Internacional de Palhaços](#)

[Último Dia de inscrições para projeto de engenheiros da Vale](#)

[Polícia Federal na Mina da Passagem](#)

[Inscrições para o 2º vestibular da UFOP encerram-se hoje](#)

### Faça uma denúncia

### Últimas Fotos



### Sociais



### Charges



### Publicidade

hoje”, relembra.



Relembrando do empenho do falecido marido pela política, ela relembra que João Ramos trabalhou como vereador, sem receber pelos serviços prestados, como delegado e só depois de alguns anos se tornou prefeito.



Terezinha, mesmo sem a princípio despertar interesse pela política, procurou acompanhar os trabalhos de João Ramos, sempre trabalhando a seu lado e se mantendo ativa na política local. Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um alguém disposto a ajudá-lo em suas atividades em prol do município. A sua trajetória a orgulha e a inspira a realizar uma boa administração. “Eu tenho certeza absoluta que em Mariana nunca teve um prefeito que trabalhasse com tanta honestidade como o João Ramos. E eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se Deus assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também”, afirma.

Aproveitando a comemoração do Dia da Mulher, que se aproxima, Terezinha deixa um recado para as mulheres de Mariana: “Eu gostaria, primeiramente, de deixar um grande abraço para todas as mulheres marianenses e que elas lutem por seus ideais. Eu, não como prefeita, mas como Terezinha, não sonhei em ser prefeita de Mariana e um dia isso chegou. Talvez por ironia do destino, mas o que Deus traçou para mim, eu estou disposta a cumprir. Espero que as mulheres dessa cidade lutem comigo também, relata.



## Planos de Terezinha para a Política

Disposta a aplicar os conhecimentos adquiridos ao lado do ex-prefeito João Ramos, principalmente os referentes às questões sociais, ela afirmou que seu plano de governo é pessoal e apenas sintonizado com os anseios populares e sua base política. “Acredito ser possível um exercício público coerente sem politicagem proporcionando a este município um desenvolvimento sócio econômico, estratégico e sustentável se priorizarmos o compromisso com o cidadão marianense”, assim enfatizou Terezinha Ramos.

Com muita tranquilidade e equilíbrio, a futura prefeita deixou claro que, após enxugar a máquina administrativa e concretizar o seu secretariado, o primeiro passo será a capacitação de todos os servidores públicos, estabelecendo assim excelência na prestação de serviços e compromisso para com o povo. Acabará com as regalias e o oportunismo. E fez questão de frisar que a improdutividade, o uso de patrimônio em causa própria e descumprimento do erário público serão punidos e o funcionário excluído da administração municipal.

Concluindo a sua proposta inicial no Executivo, Terezinha conclamou a participação maior das mulheres nas questões políticas, econômicas, sociais e filantrópicas do município. “Acredito muito na capacidade e na sensibilidade da mulher para reverter essa imagem pejorativa da política brasileira e juntas, sem vaidade pessoal e egocentrismo, projetaremos uma cidade e um país melhor para se viver”.

Enviar essa notícia ao [Levitar](#) | [Digg](#) | [Rec6](#) | [diHitt](#) | [Linkk](#) | [Eu Curti](#) | [Link Loko](#)

Publicado Thursday, 04 de March de 2010 as 20:42h. Você pode fazer um [Comentário](#) ou mandar um [Trackback](#) do seu blog ou site e pode também seguir os comentários através do [Feed de comentários](#).



Assine o **Jornal Ponto Final**

Entre e confira as lojas credenciadas e os descontos que o Cartão do Assinante lhe oferece.



**Clique aqui e veja as promoções.**

Usuários online

Estão online neste momento 4 visitantes.

**ANEXO II – Grades descritivas**

GRADE 1 – OCORRÊNCIA DE TRAÇOS DE EMOÇÃO NOS NÍVEIS (a), (b) e (c)

	J1	J2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	Total
a Palavras que descrevem emoções	2	2	2	2	2	-	3	1	2	5	3	1	-	-	25
b Palavras que remetem a universos <i>patêmicos</i>	9	14	30	19	23	12	49	19	1	14	15	2	12	12	231
c Enunciados neutros que são susceptíveis de causar <i>emoção</i> , de acordo com a situação de comunicação	1	1	-	3	2	4	-	2	1	5	21	18	1	1	60
Total por texto	12	17	32	24	27	16	52	22	4	24	39	21	13	13	316

GRADE 2 – OCORRÊNCIA DE SENTIMENTOS, ATITUDES E CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS SUSCETÍVEIS DE CAUSAR EMOCÃO

	J1	J2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	Total
Denuncismo	-	-	2	4	2	6	-	7	4	-	1	17	2	-	45
Competência	-	-	3	-	1	-	-	-	-	-	21	-	-	-	25
Solidariedade (Preocupação com problemas do povo)	1	1	-	2	-	1	5	2	-	-	1	-	6	1	20
Gratidão	-	-	1	1	-	-	16	-	-	-	1	-	-	-	19
Orgulho	3	1	1	-	7	-	3	-	-	-	1	-	2	1	19
União/ integração	1	-	3	1	3	-	4	1	-	-	2	-	1	-	16
Apoio e participação popular	1	1	-	2	-	2	2	2	-	-	1	1	-	-	12
Religiosidade	-	2	-	3	-	2	3	-	-	-	-	-	-	2	12
Afeição (por vocativos e chamamentos afetuosos)	-	-	4	2	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	11
Influência (Relação com ex-prefeitos)	-	-	2	-	1	1	3	-	-	-	-	-	-	2	9
Comoção	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	8
Coragem	-	2	3	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	8
Identificação feminina (questões de gênero)	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	8
Nostalgia	-	3	-	1	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	8
Alegria	3	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	7
Vitimização (por fatalidade)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	7
Vitimização (por intriga)	-	-	2	-	3	1	-	1	-	-	-	-	-	-	7
Dedicação	-	-	3	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	6
Paz (medo do conflito)	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	1	-	-	-	4
Solidariedade (engano não político)	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4
Esperança	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Humanidade (mostrar-se humano)	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3
Medo	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2
Segurança/Tranquilidade	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Total	12	14	30	21	21	15	40	17	4	17	29	19	13	13	265

GRADE 3 – OCORRÊNCIA DOS EFEITOS PATÊMICOS POSSÍVEIS DE SEREM SUSCITADOS

	J1	J2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	TOTAL		
<b>SOLIDARIEDADE IDENTITÁRIA</b>	Solidariedade (com o povo)	1	1	-	2	-	1	5	2	-	1	-	6	1	20	90	
	Orgulho	3	1	1	-	1	-	3	-	-	1	-	2	1	19		
	União/ integração	1	-	3	1	3	-	4	1	-	2	-	1	-	16		
	Religiosidade	-	2	-	3	-	2	3	-	-	-	-	-	-	12		
	Apoio e participação popular	1	1	-	2	-	2	2	2	-	1	-	-	-	12		
	Identificação feminina	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	8		
	Humanidade (mostrar-se humano)	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3		
	Competência	-	-	3	-	1	-	-	-	-	-	21	-	-	25		
	Gratidão	-	-	1	1	-	-	16	-	-	-	1	-	-	19		
	Influência (Relação com ex-prefeitos)	-	-	2	-	1	1	3	-	-	-	-	-	-	9		
<b>ADMIRAÇÃO</b>	Coragem	-	2	3	2	-	-	1	-	-	-	-	-	8	77		
	Dedicação	-	-	3	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1		6	
	Solidariedade (enquanto não político)	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		4	
	Paz (medo do conflito)	-	-	-	-	2	-	1	-	-	1	-	-	-		4	
	Força - Vitimização (por fatalidade)*	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-		2	
	Denuncismo	-	-	2	4	2	6	-	1	-	1	-	-	-		45	
	Medo	1	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-	1	-		2	
	<b>INDIGNAÇÃO</b>	Vitimização (por intriga)**	-	-	2	-	3	1	-	1	-	-	-	-		7	54
		Vitimização (por fatalidade)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-		2	
		Vitimização (por intriga)	-	-	2	-	3	1	1	-	-	-	-	-		7	
Vocativos e chamamentos afetuosos		-	-	4	2	1	-	2	-	-	-	-	-	11			
<b>COMPAIXÃO</b>	Comoção	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	8	8		
	ALEGRIA	3	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	1	7			
	SAUDADE	-	3	-	1	-	-	-	-	4	-	-	-	8			
	ESPERANÇA	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3			
<b>SEGURANÇA</b>	Segurança/Tranquilidade	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2		
	<b>TOTAL</b>	12	14	33	22	24	16	40	18	4	17	29	19	13		13	274

GRADE 4 – IDENTIDADES POLÍTICAS POSITIVAS

IDENTIFICAÇÃO	CREDIBILIDADE														TOTAL POR TIPO DE TIPO		
	J1	J2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	R9	R10	R11	R12	R13	R14		TOTAL	
Competente	-	-	3	-	1	-	-	-	-	21	-	-	-	-	25	68	
Grato (a)	-	-	1	1	-	-	16	-	-	1	-	-	-	-	19		
Corajoso (a)	-	2	3	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	8		
Dedicado (a)	-	-	3	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	6		
Pacifista (medo do conflito)	-	-	-	-	2	-	1	-	-	1	-	-	-	-	4		
Solidário (a) (engquanto não político)	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4		
Forte (vítima de fatalidade que superou)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2		
Solidário (a) (com o povo)	1	1	-	2	-	1	5	2	-	1	-	6	1	20	61		
Orgulhoso (a)	3	1	1	-	7	-	3	-	-	1	-	2	-	18			
Religioso (a)	-	2	-	3	-	2	3	-	-	-	-	-	2	12			
Mulher - Identificação feminina	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	5	8			
Humano (a)	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3			
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>28</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>25</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>129</b>		<b>129</b>

GRADE 5 – IDENTIDADES POLÍTICAS NEGATIVAS

	J1	J2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	TOTAL
<b>INCOMPETENTE</b>	1	-	-	3	-	4	-	-	1	-	-	16	2	-	27
<b>MENTIROSO(A)</b>	-	-	3	-	1	1	-	4	-	-	1	-	-	-	10
<b>CORRUPTO</b>	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	3
<b>SABOTADOR</b>	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
<b>TOTAL</b>	1	0	3	4	2	5	0	6	1	0	1	17	2	0	42

**ANEXO III – Dados do *corpus***

## NÍVEIS DE EMOÇÃO

## NÍVEL (A) – PALAVRAS QUE DESCREVEM EMOÇÕES

J1-L6 Quero **alegria** em tempo integral, eu quero o melhor para Mariana.

J1- L9 Quero a chuva no meu telhado, quero **alegria**, trabalho e suor.

J2- L4 Vem da história dessa terra, da **coragem** dessa mulher.

J2-L16 Vai com sua **coragem** e fé e leva o sonho da gente

P3-L33 Mariana. Eu tenho de fato o **orgulho** de ter participado da administração Celso Cota.

P3-L36 e sei que temos ainda que melhorar nossa cidade. Terei a **honra** de continuar o

P4-L8 resolvi entrar com a cara e a **coragem** para enfrentar esse desafio que não está sendo

P4-L38/39 Terezinha: Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz, isso é uma **vergonha**, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso.

P5-L46 lado. O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da **paz**, do desenvolvimento

P5-L69/70 prefeito, pois a nossa cidade é nosso cartão postal. Também vamos manter os festivais que fazem a **alegria** de todo mundo como o Festival da Vida, o Festival da

P7-L9/10 tão bem a nossa cidade. Consegui ver de perto o **carinho** de Roque e Zezinho pelo povo e por nossa querida Mariana. Roque, durante os programas você falou sobre

P7-L15 **carinho** que recebi ao longo dessa campanha, a audiência e a participação de cada

P7-L75/76 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha **da paz**, da felicidade e da harmonia entre todos nós

P8-L8/9 povo. Precisamos de uma administração de todos e não de apenas um grupo e tenho **orgulho** de poder falar isso pra vocês. Quem acompanhou as campanhas sabe que a

R9 1§ L1-19 – Os funcionários da Prefeitura que trabalham nos setores que ficam no Ginásio Poliesportivo - SIAT, Conselho Tutelar, PROCON, Junta do Exército, Departamento de Controle Urbano, Renda Mínima, Arquivo, Fiscalização de Posturas, depósito de cestas básicas - ficaram **completamente surpresos** quando chegaram para trabalhar na quarta-feira da semana passada e não havia mais linha telefônica, sendo informados do desmonte do Ginásio naquele momento e sem saberem para onde iriam tais setores.

R9 3§ L14-15 A população fica **indignada** com tais fatos (...).

R10 9§ L1-10 - Povo de Mariana chora a perda de João Ramos - Na retirada da vítima do local houve uma **grande comoção** da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos aplausos e agradecimentos foram prestados à família, que muito **emocionada** e **desesperada** tentava a todo momento estar um minuto a mais com a vítima. Está havendo uma grande manifestação de **luto** na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em nossa Redação recebemos ligações de pessoas inconsoladas buscando informações na **esperança** de que seja mais um boato.

R11 25§ L11-33 Portanto, passo a ser o Prefeito de Mariana e agora o meu compromisso é com o povo, inclusive para com aqueles que não votaram em mim, pois participamos de uma democracia e não existe unanimidade. Não existe mais aqueles que votaram contra mim, pois estes são meus irmãos também. Quero aproveitar para convidá-los a virem para o nosso lado, o lado que quer construir Mariana. Não a Mariana do **ódio**, mas sim a Mariana da compreensão, do **amor**, da fraternidade, a Mariana de mais de 300 anos. Quero muito tê-los do meu lado e dizer venham sim de braços abertos, de coração aberto porque do lado de cá está esse mesmo coração. Deixo minha mensagem a todos que votaram em mim. Muito obrigado e muita **paz** no coração de cada um de vocês.

R12 5§ L1-5 O grande questionamento, entretanto, é qual abrangência terá a participação popular, uma vez que o abaixo-assinado cita dados que identificam os participantes. É notório e já é de conhecimento de todos que a cultura popular é sempre questionar sem se identificar, mesmo porque muitos alegam **temer** represálias por parte das autoridades constituídas.

## NÍVEL(B) PALAVRAS QUE REMETEM A UM UNIVERSO PATÊMICO

J1-L2 O trabalho segue em frente, com a **força** da gente fazendo a canção.

J1-L3 A **beleza** das montanhas, a história feita com as mãos,

J1-L3 A beleza das montanhas, a **história feita com as mãos**,

J1-L4 Quero **cantar** minha cidade primaz, **oh** berço das Minas Gerais!

J1-L5 O futuro não pode **tirar o sorriso** de cada criança.

J1-L13 A História me ensinou e cantamos **em uma só voz**

J1-L14 Patrimônio **é nossa gente**, eu quero Mariana melhor.

J1-L17 **Eu gosto** de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana

J1-L18 **Guarda amigo** que me acompanha, eu quero o melhor para Mariana.

J2-L1 Um **sonho** de uma vida não **morre** com o tempo.

J2-L2 E o **coração** de quem fica é **a luz no firmamento**.

J2-L3 E a **força** que a gente precisa vem do **sonho** e vem da **fé**

J2-L4 Vem **da história dessa terra**, da coragem dessa **mulher**.

J2-L5 Vai Terezinha, vai! Não deixa esse **sonho** morrer

J2-L6 **O povo de Mariana está sempre com você**

J2-L7 Vai Terezinha, vai! O **sonho** não acabou

J2-L16 Vai com sua coragem e **fé** e leva o **sonho da gente**

P3-L8/9 Celso Cota: **Caros amigos, amigas, é com muito prazer** que eu quero saudar a **família marianense**. Estamos em mais uma caminhada, a caminhada que vai transar o destino

P3-L17/18 Eu quero aproveitar também este momento, **minha gente**, para esclarecer **boatos** que estão na rua. Algumas pessoas acreditam que para ganhar eleição tem q sair

P3-L21 ganhar e batem na porta de cada um de vocês levando **boatos e mentiras**. Mas digo

P3-L29 Roque Camelo: Olá, **minha gente!** Olá, **queridos conterrâneos marianenses!** Olá,

P3-L30/31 Celso Cota! **Gostaria de agradecer** suas palavras, você, **meu grande amigo**,

Celso, meu irmão camarada. Nos próximos dias estaremos com vocês todos para apresentar

P3-L32/33 minhas propostas de governo, para continuar o desenvolvimento em nossa **querida Mariana**. Eu tenho de fato o orgulho de ter participado da administração Celso Cota

P3-L35 Celso Cota. Vi o **sorriso** de cada marianense na entrega de obra, nos novos programas

P3-L40/41/42 trabalho do Celso, resolver os problemas que ainda existem em sua região e venho pedir de fato o seu **apoio**, a sua participação, porque **juntos** a gente quer o melhor para Mariana.

P3-L49 (Novela) Roque: uma história de **luta**

P3-L53/54/55 lugar e fazia a cidade prosperar. Uma família viu tudo isso, a família Camello.

Era uma família de posses e culturas, mas com o tempo **foi perdendo** o seu patrimônio e se **empobrecendo**, como tantas outras famílias de Mariana e como a própria cidade.

P3-L56/57 Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha levavam vida **simples e humilde** num sítio dos arredores. Roque já se via, desde

P3-L58/59 pequeno, queria ser grande. Menino esperto e trabalhador **ajudava os pais** vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate

P3-L62/63 Roque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para **ajudar nossa família**

P3-L67/68 Eu também vou trabalhar muito, ganhar meu dinheiro e ajudar **minha família**

P3-L74/75 era a oportunidade de estudos para crianças humildes. E ele agarrou a chance passava o tempo debruçado nos livros, estudando com **dedicação**. Nem ligava para

P3-L81 Foram sete anos de seminário, mas **valeram a pena**. O menino simples de Mariana

P3-L83 avião com o **coração apertado**, tamanha a mudança e a expectativa. Mas o

P3-L84 **pensamento estava firme** no **ideal** que traçou para sua vida. Roque ficou fora alguns

P3-L86/87 Voltou com diplomas que **poucos brasileiros tinham**. Mais que isso, voltou com planos e idéias na cabeça

P3-L96 Roque: Eu sei, eu sei, mas a vida é cheia de **riscos**, não é mesmo? A gente tem que

P3-L97 tentar, **encarar os desafios**. Não dá para acomodar, eu sou de **luta**.

P3-L100/101 Fundou e dirigiu na capital, o Colégio São Vicente de Paulo, **sempre muito bem sucedido**. Poucos anos atrás, ele se afastou dos negócios e passou a se dedicar a

P4-L7 Ramos e também em relação do **povo carente** que **pediu e insistiu muito comigo** e eu

P4-L8 resolvi entrar com a cara e a coragem para **enfrentar esse desafio** que não está sendo

P4-L8/9 resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio que **não está sendo fácil** pra mim, mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho fé em

P4-L9 fácil pra mim, mas eu estou tendo muita **garra** para fazer esse trabalho e tenho fé em

P4-L10 Deus que com a **ajuda de vocês** eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade

P4-L9/11mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho **fé** em **Deus** que com a ajuda de vocês eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade melhor para se viver.

P4-L15/16 lado. Quero **agradecer o carinho e o apoio** das pessoas. Eu recebi uma **força muito grande** dessas pessoas e esse **apoio** pra mim é **muito importante**.

P4-L34 Candidato Roque é **cassado** após **denúncias de compra de votos**. No dia 15 de agosto

P4-L36/37 Dona Terezinha, **não tem luxos**, é **gente nossa** pronta para abraçar todo mundo e cuidar de Mariana.

P4-L38/39 Terezinha: **Casa caindo**, pessoas **passando necessidade**, sem água, sem luz, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso.

P4-L39 uma vergonha, se eu chegar lá, se **Deus** quiser, eu vou mudar isso.

P5-L6/7 Mas antes eu gostaria de saber como você vê essas últimas notícias vinculadas (sic) na mídia para **denegrir** a sua imagem e a do nosso prefeito.

P5-L8/9 Celso Cota: Olha **meu povo**, eu quero voltar aqui no mês de maio, quando do **assassinato** de uma liderança política de Mariana, cometido com um único intuito

P5-10/11 chegar à prefeitura a qualquer custo. Não quero aprofundar muito neste **momento triste** da história de Mariana, mas é importante, **minha gente**, chamar a atenção de

P5-L16 **minha gente**, é assim que, infelizmente, nós estamos vivendo nos últimos meses na

P5-L17/18 nossa cidade. **A primaz de Minas** não merece um debate político nesse nível, não merece uma campanha política embasada no **denuncismo**. Todos conhecem todos em

P5-L22 a atenção de vocês que **naquele momento triste** em que muitos que **choravam** ao lado

P5-L32/33/34 esse fato esclarecido. Mas agora volta a bater na porta de vocês, jogar papel na porta de vocês para dizer que nos **participávamos de compra de votos**, propinas para poder trazer pra cá o **apoio** de pessoas que, ao meu ver, são desqualificadas.

P5-L39/40 para que todos pudessem noticiar com a sua vontade, essa vontade de **desqualificar** a pessoa do nosso candidato Roque Camello, da minha pessoa e de Zezinho Salete.

P5-L41 **Mentira** tem perna curta. O jornal denunciou, a polícia agiu e **prende**u um candidato P5-L46 lado. O lado que nos interessa hoje é o lado da **inclusão**, da paz, do desenvolvimento P5-L51 Roque Camello: **Amigos e amigas marianenses**, vamos hoje falar sobre turismo, essa

P5-L58 humanidade”. Vamos realizar obras que vão deixar Mariana **ainda melhor** para os P5-L78/79 Vamos criar ações que utilizem de forma sustentável o **maravilhoso meio ambiente** que nos cerca, com implantação do Parque Arqueológico do Gugu e a criação do

P5-L86 Roque: **Nossa Mariana** tem **tantas belezas** para serem mostradas e é por isso que os P5-L90 Mariana em que vamos **valorizar o nosso artesanato e a nossa culinária**. São varias P5-L92/93 E as **festividade**, as exposições e festivais, que Celso e eu tanto incentivamos, vamos continuar realizando. O Festival da Vida, a Festa da Cidade – o 16 de julho –, vamos P6-L6 Terezinha Ramos: Tem **muita coisa a desejar** em relação ao turismo em Mariana.

P6-L7 Tinha o Terminal Turístico, **era lindo, era maravilhoso**, ele fez com três meses o P6-L8/9/10 Eu, nessa área, se **Deus** quiser, eu vou ter pessoas competentes, que aqui em Mariana tem pessoas competentes.

P6-L11 Horizonte, **é mentira**. Nós temos pessoas capacitadas aqui pra isso, pessoas formadas P6-L20/21 Atenção ouvintes, este capítulo de nossa **eletrizante** história é **baseado em fatos reais**.

P6-L37 publica. Teria ele quebrado o braço, **teria ele atendimento rápido**. Não perca o P6-L39 Criança: Vai Terezinha com **fé** que o **sonho** vai virar realidade.

P6-42 comício no bairro São Cristovão, **reuniu mais de 400 pessoas** para a exibição de P6-L43 mais uma edição do filme “Uma história de coragem”. E **não é só de festa** que é P7-L2 frente. Todos querem o melhor pra Mariana. É o melhor é 45. Olá olá, **gente amiga** P7-L4/5 casa, nos acompanhou no radio, no trânsito, no trabalho, em todos os lugares. Nós temos que **agradecer** a todos vocês que participaram do programa Prefeito é Roque.

P7-L11 **sonhos**, suas idéias, suas propostas, mostrou sua **preocupação** com os moradores de P7-L14 Roque Camello: Olá **povo querido da minha terra**. Desde já, quero agradecer o P7-L14/15/16 Roque Camello: Olá povo querido da minha terra. Desde já, quero **agradecer** o carinho que recebi ao longo dessa campanha, a audiência e a **participação de cada um**. Esta já é uma **conquista** para mim. Foi **muito gratificante**, mais do que eu podia

P7-L17/18 imaginar e desejar. Mais uma vez, **obrigado pelo carinho** e pela **oportunidade de ter feito tanto** com Celso e de poder **continuar a ajudar o nosso povo**.

P7-L21/22 grande responsabilidade. Para governar é preciso **conhecer e respeitar o nosso glorioso passado, sua história**

P7-L27/28 Roque Camello.: Nossa administração **será de gente para gente, focada nas pessoas**, nas famílias, na continuidade dos bons programas e projetos da atual administração P7-L32 Roque: Eu quero **agradecer** o carinho, o **reconhecimento** e a **força** que vocês me P7-L33 deram o tempo inteiro nessa caminhada. Agradeço a **Deus**, a você e a sua família pelo calor humana, nessa campanha inteira.

construir uma vida melhor para nossos filhos, nossos netos e para as gerações futuras.

P7-L33/34 deram o tempo inteiro nessa caminhada. **Agradeço** a Deus, a você e a sua família **pelo calor humano**, nessa campanha inteira. Ouvi palavras de incentivo, que me

P7-L34/35 pelo calor humano, nessa campanha inteira. Ouvi palavras de **incentivo**, que me **emocionaram muito**. Outro dia, eu falava pra uma senhora bem idosa lá no Cabanas:

P7-L36 “Quero ser um prefeito **humano**, ser a voz do povo” e vejam o que ela respondeu e

P7-L37/38 “Ser humano, Roque, é ser a voz do povo, sem deixar de ouvir a voz de **Deus**”.

P7-L42 comunidade, vamos governar **junto com o povo**, definindo as **prioridades de todos**  
P7-L48/49 fiscalizar. Queremos fazer inovações com um modelo sustentável. Vamos  
administrar **inspirados no modelo de sucesso** do prefeito Celso Cota, mas olhando  
P7-L56/57 garantir um presente e um futuro de prosperidade para nosso povo. **Obrigado**  
minha gente, **obrigado** a você taxista, **obrigado** a você pedreiro e servente que  
P7-L58 construindo as casas, a moradia para o povo. **Obrigado** a você caminhoneiro que está  
P7-L59 carregando o progresso e o desenvolvimento. **Obrigado** a você funcionário público  
P7-L60 Você é a razão de ser do sucesso de uma administração. **Obrigado** a vocês todos que  
P7-L61 querem uma Mariana mais feliz. Nesta oportunidade, eu desejo **agradecer** ao prefeito  
P7-L62 Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta **honra** dá a  
P7-L63 Mariana. **Agradeço a ele o apoio**, agradeço a este jovem administrador público  
P7-L64 porque é, sem dúvida alguma, um **bom exemplo** para Minas e pro Brasil. **Agradeço**  
P7-L65 não só o seu **apoio** e a sua **amizade**, sua **solidariedade**, mas todos os seus momentos  
P7-L67 de Mariana e, ao mesmo tempo, quero também **agradecer** ao meu colega de chapa  
P7-L69 vamos ombrear, vamos unir **forças em benefício do povo de Mariana**. E é por isso  
P7-L70/71 que estamos juntos: Celso Cota, Zezinho Salete e Roque Camello. **Obrigado**,  
portanto, **a todos sem exceção, muito obrigado** e sigamos em frente, a vida nos  
P7-L72/74 **Deus** nos deu força para tanto e nós, diante da força do próprio **Deus**, vamos  
P7-L74/75 filhos, nossos netos e para as gerações futuras. **Obrigado e um abraço carinhoso**  
**para cada um**. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da paz, da  
P7-L75/76 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos **juntos nessa batalha** da paz, da  
felicidade e da harmonia entre todos nós.

P8-L1 Alô alô **meu povo**, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB  
P8-L4 Terezinha Ramos: **Minha gente**, a campanha chegou ao fim. Este é o último  
P8-L5 programa de rádio. Estou **emocionada** com o tanto que vivi e aprendi nessa **luta**. Hoje  
P8-L8 povo. Precisamos de uma **administração de todos** e não de apenas um grupo e tenho  
P8-L11/12 direito, o meu conselheiro e o meu maior apoio veio do povo. E é assim, com a  
**ajuda de todos e com a participação da população** que eu vou governar Mariana. E no dia  
P8-L16 último comício no bairro Rosário, falou um monte de **mentiras** sobre as casas  
P8-L17 populares e invasões em vários bairros de Mariana. A grande **verdade** é que a  
P8-L19 **manipulam as pessoas carentes** e usam o seu **sofrimento** em benefício próprio. A  
P8-L21 propriedade dos terrenos. Se eles falam a **verdade** porque o Rosário é o único bairro  
P8-L22 que eles **ainda não resolveram os problemas** sendo que existem mais de 10  
processos

P8-L24 **Cruel e sórdida** é essa manobra política do governo atual. Vocês acreditam que o  
P8-L25/26 governo atual com todos os recursos da máquina pública só **não resolveu ainda**  
em oito anos o problema do Rosário, pensem bem sobre isso minha gente. Isso lhe  
P8-L28 Viemos para **amparar os necessitados** e não para nos aproveitar nos necessitados.  
P8-L30 verdade para não resolver os problemas do bairro, **enchendo vocês de mentira**, só  
P8-L34/35/36 Terezinha Ramos fez a campanha mais limpa, mais honesta e mais bonita. Aqui  
não tem **negociata de apoios, nem de votos, não tem conversa fiada e nem fofoca**. Aqui  
não tem **argumentos falsos e mentiras**.

R9 7§ L1-6 **Inconformado** com a obra, Alisson José dos Santos, Liu Marmita, de 28 anos,  
ameaçava se acorrentar às grades, para impedir seu prosseguimento.

R10 1§ L1-8 **Morreu** na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte  
Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78  
anos, **assassinado com quatro tiros**, segundo a Polícia Militar.

R10 6§ L3-10 A polícia acredita inicialmente que **o crime** tenha sido cometido por amadores, **por motivos políticos**, pois no bolso da vítima havia um mil seiscentos e noventa e um reais em dinheiro que não foi levado.

R10 9§ L1-10 - Povo de Mariana **chora** a perda de João Ramos - Na retirada da vítima do local houve uma grande comoção da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos **aplausos** e **agradecimentos** foram prestados à família, que muito emocionada e desesperada tentava a todo momento estar um minuto a mais com **a vítima**. Está havendo uma grande manifestação de luto na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em nossa Redação recebemos ligações de pessoas **inconsoladas** buscando informações na esperança de que seja mais um boato.

R10 13§ L1-13 Foi Prefeito por três vezes e dedicou sua vida como um **entusiasta** pelas **causas sociais, pela justiça e em defesa dos menos favorecidos**. Às vezes, **polêmico**, mas, sem abrir mão dos seus **sonhos** e **convicções**, sempre atuou na política conversando com a comunidade com um linguajar simples e de atitudes imediatas.

R11 19§ L19-27 O que eu acho que **não foi correto** foi à forma de fazer campanha utilizada por alguns candidatos. **Lamentamos** porque estamos trabalhando pela democracia e nela não se utiliza **armas** que sejam **mentirosas**.

R11 19§ L19-27 Claro, as crianças e os idosos. Quando eu me dei conta que **as crianças estavam de fato apaixonadas** comigo, eu não diria propriamente apaixonadas comigo. A criança inspirada pensando talvez em um futuro melhor, e quando eu via aquelas **crianças gritando pelo meu nome e cantando a música da campanha**, era muito gratificante.

R11 25§ L11-33 Portanto, passo a ser o Prefeito de Mariana e agora o meu **compromisso** é com o povo, inclusive para com aqueles que não votaram em mim, pois participamos de uma democracia e não existe unanimidade. Não existe mais aqueles que votaram contra mim, pois **estes são meus irmãos também**. Quero aproveitar para convidá-los a virem para o nosso lado, o lado que quer construir Mariana. Não a Mariana do ódio, mas sim a Mariana da **compreensão**, do amor, da **fraternidade**, a Mariana de mais de 300 anos. Quero muito tê-los do meu lado e dizer venham sim de braços abertos, de **coração aberto** porque do lado de cá está esse mesmo **coração**. Deixo minha mensagem a todos que votaram em mim. **Muito obrigado** e muita paz no **coração** de cada um de vocês.

R12 1§ L1-12 Enquanto tramita o processo do prefeito Roque Camêllo no Superior Tribunal Federal (STF) já com sintomas de lentidão e também reversão em relação à decisão do TSE, a sociedade organizada, **não satisfeita** com a atual administração, adere ao movimento sindical pedindo pelo impeachment do prefeito. Por iniciativa do Sindicato dos Servidores Públicos de Mariana (SINDSERVMARIANA), que afirma **ter respaldo de seus associados e da população** quanto à sua postura, circulam por toda Mariana várias listas de abaixo-assinados fortalecendo a proposta do impeachment.

R13 1§ L1-2 Hoje podemos ver a realidade de uma cidade que **adormecia pelo esquecimento político**.

R13 1§ L3-6 **Esperar meses para ser atendido** pelo prefeito? Acabou! Agora uma mulher de fibra, de determinação, assumiu o Executivo para retornar o município a uma administração moderna, sem grandeza, mas conhecendo realmente a sociedade.

R13 2§ L1-2 Terezinha Ramos chegou e vem mostrando que administrar é **estar perto do povo, diante das realidades**, nunca distante da defesa dos interesses da terra.

R13 2§ L4,5 e 6 Falava-se de cultura, de cursos de Academias, mas esqueciam de **atender a sociedade marianense**, que de fato retrata através de seu povo a maior cultura, que é a “humana e social”.

R13 3§ L1 Esquecer das reais **necessidades do povo** é ser reprovado na vida pública.

R13 3§ L3,4 e 5 A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão **vivenciar sua realidade**, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que **adormeceu por muito tempo**.

R13 4§ L1-5 A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado **contra a opressão da mulher** preocupada **com os mais pobres**, disse que administrar é conhecer o que significa igualdade na administração pública. Ela não poderá **nunca esquecer as comunidades simples**, que representam a maior parte, pois nelas falam a linguagem correta dos que vivem as mesmas alegrias, dores, conquistas e esquecimentos.

R13 4§ L6-9 O caminho para as mulheres trabalhadoras segue sendo o da luta, **unindo mulheres e homens** trabalhadores, e apontando para a construção de um governo de trabalho.

R14 1§ L1-2 **Após três séculos, pela primeira vez uma mulher** assume o executivo marianense.

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um **alguém disposto a ajudá-lo** em suas atividades em prol do município.

R14 6§ L7-11 A sua trajetória **a orgulha e a inspira** a realizar uma boa administração. “Eu tenho certeza absoluta que em Mariana nunca teve um prefeito que trabalhasse com tanta honestidade como o João Ramos. E eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se Deus assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também”, afirma.

R14 7§ L10-11 Eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se **Deus** assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também.

R14 8§ L8-9 Talvez por ironia do destino, mas o que **Deus** traçou para mim, eu estou disposta a cumprir.

R14 8§ L3-10 “Eu gostaria, primeiramente, de **deixar um grande abraço** para todas as mulheres marianenses e que elas **lutem por seus ideais**. Eu, não como prefeita, mas como Terezinha, não sonhei em ser prefeita de Mariana e um dia isso chegou. Talvez por ironia do destino, mas o que Deus traçou para mim, eu estou disposta a cumprir. **Espero que as mulheres dessa cidade lutem comigo também**”, relata.

R14 9§ L1-3 Disposta a aplicar os conhecimentos adquiridos ao lado do ex-prefeito João Ramos, principalmente os referentes às questões sociais, ela afirmou que seu plano de governo é pessoal e apenas sintonizado com os **anseios populares** e sua base política.

R14 11§ L1-5 Concluindo a sua proposta inicial no Executivo, Terezinha conclamou a **participação maior das mulheres** nas questões políticas, econômicas, sociais e filantrópicas do município. “Acredito muito na **capacidade e na sensibilidade da mulher** para reverter essa imagem pejorativa da política brasileira e juntas, sem vaidade pessoal e egocentrismo, projetaremos uma cidade e um país melhor para se viver”.

#### NÍVEL(C) - ENUNCIADOS NEUTROS SUSCEPTIVEIS DE CAUSAR EMOÇÃO

J1-L9 Quero a chuva no meu telhado, quero alegria, trabalho e suor.

J2-L8 Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou

P4-L6/7 Ramos e eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João Ramos e também em relação do povo carente que pediu e insistiu muito comigo e eu

P4-L23/24 Marianinha: Adivinha pai, acabou a água de novo. Ai já viu, né, estou sem banho com sede, não dá nem pra preparar a minha merenda.

P4-L30/31 E agora Marianinha vai pra escola sem banho sem merenda e com sede ou será que a nossa garotinha vai perder um dia inteiro de aula

P5-L57 para a população. Vamos dar continuidade ao programa “Mariana monumento da

P5-L93 A 97 continuar realizando. O Festival da Vida, a Festa da Cidade – o 16 de julho –, vamos cuidar do nosso Festival de Inverno, vamos investir mais ainda no Festival de Inverno, vamos investir na ExpoMariana. Vamos cuidar das nossas festas religiosas, da nossa Semana Santa, das festas dos padroeiros em cada distrito. Vamos cuidar também do nosso EREM, tão importante, já realizado por cinco anos consecutivos.

P6-L7 Tinha o Terminal Turístico, era lindo, era maravilhoso, ele fez com três meses o

P6-L10/11 competentes. Inclusive eles estão falando que eu vou trazer uma equipe de Belo Horizonte, é mentira. Nós temos pessoas capacitadas aqui pra isso, pessoas formadas

P6-L30 Marianinha: Também essa praça está em obra desde que eu nasci. É buraco e

P6-L44/45 feita essa campanha. No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade. Afinal de contas,

P8-L6/7/8 me sinto mais forte e mais preparada para administrar Mariana. Nesses últimos meses, andei muito, conversei muito e escutei mais ainda. Precisamos escutar mais o povo. Precisamos de uma administração de todos e não de apenas um grupo e tenho

P8-L40/41 história e um final triunfante em mais uma edição do Cinema na Praça. Ninguém segura o povo que apóia Terezinha, nem chuva, nem o cansaço, nem falta de luz.

R9 11§ L1-17 Mais uma vez a população fica no meio de disputas políticas, já que o ex-prefeito João Ramos Filho (ex-prefeito que construiu o Ginásio Poliesportivo nos anos 80) já havia declarado ao *Jornal Ponto Final* que havia intenções de tentar embargar a obra, pois o mesmo dizia que a retirada do Ginásio era só mais uma obra da administração dele que o Prefeito Celso Cota quer desmanchar como várias outras obras realizadas em suas gestões, segundo João Ramos Filho.

R10 4§ L1-9 As últimas palavras - “Gente, não faz isso comigo não, eu tô vindo do serviço com minha funcionária”

R10 11§ L1-20 João Ramos, muito mineiramente, vinha ao longo dos anos acumulando experiência na vida pública que o caracterizava como um vulcão não adormecido. Um homem simples, casado e pai de quatro filhos, Geraldinho (falecido), Juarez (Leleis), Marlene e Fábio. Iniciou a sua história muito modestamente e com grande dignidade transportava painéis em burros, de Cachoeira do Brumado para Mariana.

R10 12§ L1-13 Com muito trabalho e persistência, envolveu-se desde moço com os problemas sociais e culturais do povo deste município que o levou à vida pública, deixando benfeitorias que eternizarão o seu nome na história de Mariana.

R10 15§ L1-5 João Ramos Filho do PTB foi prefeito da cidade de Mariana por três vezes, nos períodos de 73 a 76, 83 a 88 e de 93 a 96.

R11 1§ L1-22 Roque Camello é formado em Direito e Letras. Em Mariana, começou muito cedo sua história política quando fundou a 3ª Força Jovem de Mariana, que tinha como objetivo juntar os jovens de direita e esquerda. Trabalho na implantação da Cemig, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal do município. Elaborou a apresentação do projeto de desapropriação do prédio da Casa de Cultura- Academia Marianense de Letras, trabalhando junto ao governador Israel Pinheiro para que o prédio não fosse demolido, como se pretendia.

R11 2§ L1-23 Trabalhou no projeto de construção da estrada de contorno de Mariana para evitar que o tráfego pesado de caminhões e carretas prejudicasse o sítio histórico e destruísse nosso patrimônio cultural. Organizou o primeiro seminário sobre desenvolvimento sustentável na primaz de Minas, o EDEM, em 1979. Participou do processo de pesquisa e do projeto para a instituição do “16 de Julho”, aniversário de Mariana, como “Dia do Estado de Minas Gerais, e idealização, coordenação, organização e patrocínio do livro: “16 de Julho, o Dia de Minas”.

R11 3§ L1-18 Foi responsável pelo apoio financeiro do Grupo Wembley, do empresário José Alencar, para a restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Camargos, e também à Fiemg, na época presidida pelo empresário José Alencar (hoje vice-presidente da República) para a reconstrução do Cine-Teatro Municipal, conhecido como Sesi- Mariana. Participou do segundo restauro do órgão Arp Schnigher da Catedral de Mariana, em 2002.

R11 4§ L1-24 É colaborador permanente do batalhador sacerdote Padre Avelar na manutenção do Colégio Dom Frei Manuel da Cruz. Roque também é representante da comunidade marianense e um dos responsáveis pela restauração do Santuário Nossa Senhora do Carmo, após o incêndio de 19 de janeiro de 1999. Fez parte da implantação do projeto “Restauração e Difusão das Partituras dos Séculos XVIII e XIX, ganhador do Prêmio Nacional Rodrigo de Melo Franco como melhor projeto cultural do Brasil em 2002, e inscrição deste Projeto na Unesco para ser tombado como Bem Cultural da Humanidade”.

R11 5§ L1-14 O futuro prefeito é responsável também, pelo projeto de restauração do antigo Palácio dos Bispos e instalação do Museu da Música de Mariana. Foi presidente licenciado da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras e diretor – executivo licenciado da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana (FUNDARQ).

R11 6§ L1-10 Roque Camello foi vereador quando ainda era estudante universitário. Hoje, é o vice-prefeito de Mariana, reconhecidamente atuante, participando ativamente de todos os projetos de desenvolvimento do município.

R12 2§ L1-3 Segundo a diretoria do sindicato, existem motivos relevantes para requererem a imediata saída de Roque. Ela alega que há sete meses a Prefeitura não apresenta ações concretas e transparentes da eficácia governamental.

R12 3§ L1-15 Com base nos artigos 1, 14, III, e 61 da Constituição Federal e artigos 13 e 14 da Lei 9.709/98 e artigo 72 da Lei Orgânica Municipal, a proposta de impeachment constituiu-se diante das seguintes avaliações: "(...) por má gestão pública, irresponsabilidade e incompetência para o exercício da função pública, descumprir o artigo 37 e 49 da lei orgânica municipal, pela completa ausência de eficácia na administração pública municipal, pela péssima condução da saúde municipal, pela ineficaz gestão das obras públicas, pelo completo descaso com a limpeza urbana e rural, pela ausência de transparência das contas públicas, pela ineficácia da segurança pública em Mariana, pela precária condução do turismo municipal, pela ineficiente condução da política ambiental, por ser um prefeito ausente deixando seus secretários autoritários reinarem e aterrorizarem os servidores, por se negar a conversar pessoalmente com a diretoria do SINDSERVMARIANA, por não implantar uma política de cargos e salários para TODOS OS SERVIDORES, por não ter no trato da coisa pública os valores primordiais da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade, por manter ingerência velada nos conselhos municipais e por tentativa de comprar votos dos servidores contratados."

R13 4§ L5-9 O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no cenário de sua história, transmitidas pelas mais lindas artes do barroco.

R14 5§ L1-9 Ainda garota, começou a trabalhar para o seu futuro marido, João Ramos, em seu comércio que, segundo Terezinha se assemelhava a um supermercado. Mas nessa época ela ainda não teve qualquer tipo de relacionamento com João, além do profissional. O namoro veio mais tarde. "Nós começamos a namorar, eu tinha vinte e poucos anos de idade, e ele foi o único amor da minha vida, assim como é até hoje", lembra.

**TIPOS DE SENTIMENTOS, ATITUDES E CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS  
SUSCETÍVEIS DE CAUSAR EMOÇÃO**

## AFEIÇÃO (VOCATIVOS E CHAMAMENTOS AFETUOSOS)

P3-L8 Celso Cota: **Caros amigos, amigas**, é com muito prazer que eu quero saudar a família  
P3-L17 Eu quero aproveitar também este momento, **minha gente**, para esclarecer boatos que  
P3-L29 Roque Camelo: Olá, **minha gente!** Olá, **queridos conterrâneos marianenses!** Olá,  
P4-L1 Alô alô **meu povo**, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB  
P4-L5 Terezinha Ramos: Olá **minha gente**. Tudo bem com vocês? Meu nome é Terezinha  
P5-L51 Roque Camello: **Amigos e amigas marianenses**, vamos hoje falar sobre turismo,  
P7-L2 frente. Todos querem o melhor pra Mariana. É o melhor é 45. Olá olá, **gente amiga**  
P7-L14 Roque Camello: Olá povo **querido da minha terra**.  
P8-L1 Alô alô **meu povo**, começa agora o programa Honestidade em Primeiro Lugar, PTB  
P8-L4 Terezinha Ramos: **Minha gente**, a campanha chegou ao fim. Este é o último

## ALEGRIA

J1-L6 Quero **alegria** em tempo integral, eu quero o melhor para Mariana.  
J1-L9 Quero a chuva no meu telhado, quero **alegria**, trabalho e suor.  
J1-L17 Eu **gosto** de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana  
P3-L35 Vi o **sorriso** de cada marianense na entrega de obra, nos novos programas  
P5-L69-L70 prefeito, pois a nossa cidade é nosso cartão postal. Também vamos manter os  
festivais que fazem **a alegria** de todo mundo como o Festival da Vida  
P7-L75-76 Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da paz, **da felicidade**  
e da harmonia entre todos nós.  
R13 1§ L3-6 **Esperar meses para ser atendido pelo prefeito? Acabou!** Agora uma mulher  
de fibra, de determinação, assumiu o Executivo para retornar o município a uma  
administração moderna, sem grandeza, mas conhecendo realmente a sociedade.

## APOIO E PARTICIPAÇÃO POPULAR

J1-L2 – O trabalho segue em frente, com **a força da gente** fazendo a canção.  
J2-L6 O **povo de Mariana está sempre com você**  
P4-L6/7 Ramos e eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João  
Ramos e também em relação **do povo carente que pediu e insistiu muito comigo** e eu  
P4-L15/L16 lado. Quero agradecer o carinho e **o apoio das pessoas. Eu recebi uma força  
muito grande dessas pessoas e esse apoio pra mim é muito importante.**  
P6-L39 **Criança: Vai Terezinha** com fé que o sonho vai virar realidade.  
P6-L42 comício no bairro São Cristovão, **reuniu mais de 400 pessoas** para a exibição de  
P7-L15/16 (quero agradecer) **a participação de cada um**. Esta já é uma conquista para mim.  
Foi muito gratificante  
P7-L34/35 pelo calor humano, nessa campanha inteira. **Ouvi palavras de incentivo**, que me  
emocionaram muito.  
P8-L11 direito, o meu conselheiro e **o meu maior apoio veio do povo**.  
P8-L12 de todos e **com a participação da população que eu vou governar** Mariana.  
R11 19§ L19-27 Claro, as crianças e os idosos. Quando eu me dei conta que **as crianças**  
estavam de fato **apaixonadas** comigo, eu não diria propriamente apaixonadas comigo. A  
criança inspirada pensando talvez em um futuro melhor, e quando eu via aquelas **crianças  
gritando pelo meu nome e cantando a música da campanha**, era muito gratificante.

R12 1§ L1-12 Enquanto tramita o processo do prefeito Roque Camêllo no Superior Tribunal Federal (STF) já com sintomas de lentidão e também reversão em relação à decisão do TSE, a sociedade organizada, **não satisfeita** com a atual administração, adere ao movimento sindical pedindo pelo impeachment do prefeito. Por iniciativa do Sindicato dos Servidores Públicos de Mariana (SINDSERVMARIANA), que afirma ter **respaldo de seus associados e da população** quanto à sua postura, circulam por toda Mariana várias listas de abaixo-assinados fortalecendo a proposta do impeachment.

## COMOÇÃO

R10 1§ L1-8 **Morreu** na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, **assassinado com quatro tiros**, segundo a Polícia Militar.

R10 4§ L1-9 As **últimas palavras** - “Gente, não faz isso comigo não, eu tô vindo do serviço com minha funcionária”

R10 6§ L3-10 A polícia acredita inicialmente que **o crime** tenha sido cometido por amadores, **por motivos políticos**, pois no bolso da vítima havia um mil seiscentos e noventa e um reais em dinheiro que não foi levado.

R10 9§ L1-10 - Povo de Mariana **chora** a perda de João Ramos - Na retirada da vítima do local houve uma grande comoção da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos **aplausos e agradecimentos** foram prestados à família, que muito emocionada e desesperada tentava a todo momento estar um minuto a mais com a vítima.

R10 10§ L1-10 Está havendo uma grande manifestação de luto na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em nossa Redação recebemos ligações de pessoas **inconsoladas** buscando informações na esperança de que seja mais um boato.

R10 11§ L1-20 João Ramos, muito mineiramente, vinha ao longo dos anos acumulando experiência na vida pública que o caracterizava como um vulcão não adormecido. Um homem simples, casado e pai de quatro filhos, Geraldinho (falecido), Juarez (Leleis), Marlene e Fábio. Iniciou a sua história muito modestamente e com grande dignidade transportava panelas em burros, de Cachoeira do Brumado para Mariana.

R10 12§ L1-13 Com muito trabalho e persistência, envolveu-se desde moço com os problemas sociais e culturais do povo deste município que o levou à vida pública, deixando benfeitorias que eternizarão o seu nome na história de Mariana.

R10 13§ L1-13 Foi Prefeito por três vezes e dedicou sua vida como um **entusiasta** pelas **causas sociais, pela justiça e em defesa dos menos favorecidos**. Às vezes, **polêmico**, mas, sem abrir mão dos seus **sonhos e convicções**, sempre atuou na política conversando com a comunidade com um linguajar simples e de atitudes imediatas.

## COMPETÊNCIA

P3-L81/82 Foram sete anos de seminário, mas valeram a pena. O menino simples de Mariana **conseguiu sua bolsa de estudos para estudar no estrangeiro**. Embarcou naquele

P3-84/87 Roque ficou fora alguns anos, estudou na famosa universidade de Harvard nos Estados Unidos e também na também famosa universidade de Sourbone na França. Voltou com diplomas que poucos brasileiros tinham.

P3-L98 a 102 Roque cumpriu seu objetivo. Depois de lecionar como professor em instituições de ensino de Ouro Preto e Belo Horizonte, ele se tornou empresário da construção. Fundou e dirigiu na capital, o Colégio São Vicente de Paulo, **sempre muito bem sucedido**. Poucos anos atrás, ele se afastou dos negócios e passou a se dedicar a vida pública. Elegeu-se vice-prefeito e agora está em campanha para prefeito (...)

P5-L93-97 (Vamos **continuar realizando**) O Festival da Vida, a Festa da Cidade – o 16 de julho –, vamos cuidar do nosso Festival de Inverno, vamos investir mais ainda no Festival de Inverno, vamos investir na ExpoMariana. Vamos cuidar das nossas festas religiosas, da nossa Semana Santa, das festas dos padroeiros em cada distrito. Vamos cuidar também do nosso EREM, tão importante, já realizado por cinco anos consecutivos.

R11 1§ L1-22 Roque Camello é formado em Direito e Letras. Em Mariana, começou muito cedo sua história política quando fundou a 3ª Força Jovem de Mariana, que tinha como objetivo juntar os jovens de direita e esquerda. Trabalhou na implantação da Cemig, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal do município. Elaborou a apresentação do projeto de desapropriação do prédio da Casa de Cultura- Academia Marianense de Letras, trabalhando junto ao governador Israel Pinheiro para que o prédio não fosse demolido, como se pretendia.

R11 2§ L1-23 Trabalhou no projeto de construção da estrada de contorno de Mariana para evitar que o tráfego pesado de caminhões e carretas prejudicasse o sítio histórico e destruísse nosso patrimônio cultural. Organizou o primeiro seminário sobre desenvolvimento sustentável na primaz de Minas, o EDEM, em 1979. Participou do processo de pesquisa e do projeto para a instituição do “16 de Julho”, aniversário de Mariana, como “Dia do Estado de Minas Gerais, e idealização, coordenação, organização e patrocínio do livro: “16 de Julho, o Dia de Minas”.

R11 3§ L1-18 Foi responsável pelo apoio financeiro do Grupo Wembley, do empresário José Alencar, para a restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Camargos, e também à Fiemg, na época presidida pelo empresário José Alencar (hoje vice-presidente da República) para a reconstrução do Cine-Teatro Municipal, conhecido como Sesi- Mariana. Participou do segundo restauro do órgão Arp Schnigher da Catedral de Mariana, em 2002.

R11 4§ L1-24 É colaborador permanente do batalhador sacerdote Padre Avelar na manutenção do Colégio Dom Frei Manuel da Cruz. Roque também é representante da comunidade marianense e um dos responsáveis pela restauração do Santuário Nossa Senhora do Carmo, após o incêndio de 19 de janeiro de 1999. Fez parte da implantação do projeto “Restauração e Difusão das Partituras dos Séculos XVIII e XIX, ganhador do Prêmio Nacional Rodrigo de Melo Franco como melhor projeto cultural do Brasil em 2002, e inscrição deste Projeto na Unesco para ser tombado como Bem Cultural da Humanidade”.

R11 5§ L1-14 O futuro prefeito é responsável também, pelo projeto de restauração do antigo Palácio dos Bispos e instalação do Museu da Música de Mariana. Foi presidente licenciado da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras e diretor – executivo licenciado da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana (FUNDARQ).

R11 6§ L1-10 Roque Camello foi vereador quando ainda era estudante universitário. Hoje, é o vice-prefeito de Mariana, reconhecidamente atuante, participando ativamente de todos os projetos de desenvolvimento do município.

## CORAGEM

J2-L4 Vem da história dessa terra, da **coragem** dessa mulher.

J2-L16 Vai com sua **coragem** e fé e leva o sonho da gente

P3-L49 (Novela) Roque: uma história de **luta**

P3-L84 **pensamento estava firme no ideal** que traçou para sua vida. Roque ficou fora alguns

P3-96/97 Roque: Eu sei, eu sei, mas a vida é cheia de riscos, não é mesmo? A gente tem que tentar, **encorar os desafios**. Não dá para acomodar, **eu sou de luta**.

P4-L8 resolvi entrar com a cara e **a coragem** para enfrentar esse desafio que não está sendo

P4-L9 fácil pra mim, mas eu estou tendo **muita garra** para fazer esse trabalho e tenho fé em

P8-L5 programa de rádio. Estou emocionada com o tanto que vivi e aprendi **nessa luta**. Hoje

## DEDICAÇÃO

P3-L56/57/58/59 Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha levavam vida simples e humilde num sítio dos arredores. Roque já se via, desde pequeno, queria ser grande. **Menino esperto e trabalhador ajudava os pais vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate**.

P3-162/63 R oque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para **ajudar nossa família**.

P3-L74/75 era a oportunidade de estudos para crianças humildes. E ele agarrou a chance, **passava o tempo debruçado nos livros, estudando com dedicação**. Nem ligava para

P6-L43/44 mais uma edição do filme “Uma história de coragem”. **E não é só de festa que é feita essa campanha**. No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de

P6-L44/45 feita essa campanha. **No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade**. Afinal de contas

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um **alguém disposto a ajudá-lo** em suas atividades em prol do município.

## DENUNCISMO

P3-L17 Eu quero aproveitar também este momento, minha gente, para **esclarecer boatos** que P3-L21 ganhar e **batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras**.

P4-L23/24 Marianinha: Adivinha pai, **acabou a água de novo**. Ai já viu, né, estou sem banho com sede, não dá nem pra preparar a minha merenda.

P4-L30/31 E agora Marianinha **vai pra escola sem banho sem merenda e com sede ou será que a nossa garotinha vai perder um dia inteiro de aula**.

P4-L34 Candidato **Roque é cassado** após denúncias de **compra de votos**.

P4-L38/L39 Terezinha: **Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz**, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso.

P5-L22/23 a atenção de vocês que naquele momento triste em que muitos que choravam ao lado daquele corpo, **ao mesmo tempo tossiam para que o caso não fosse esclarecido** ( e Celso e Roque ficassem como culpados)

P5-L41 Mentira tem perna curta. O jornal denunciou, **a polícia agiu e prendeu um candidato a vereador de Terezinha**.

P6-L6 Terezinha Ramos: **Tem muita coisa a desejar** em relação ao turismo em Mariana.

P6-L7 . **Tinha o Terminal Turístico, era lindo, era maravilhoso**, ele fez com três meses o

P6-L8 terminal turístico e **eles levaram um ano e meio para derrubar**. Eu, nessa área, se

P6-L10/11 (Estão dizendo que vou trazer pessoal de Belo Horizonte para trabalhar em Mariana), **é mentira**. Nós temos pessoas capacitadas aqui pra isso, pessoas formadas

P6-L20/L30 Atenção ouvintes, este capítulo de nossa eletrizante história **é baseado em fatos** (...). Marianinha: Também **essa praça está em obra desde que eu nasci**.

P6-L37 Teria ele quebrado o braço, **teria ele atendimento rápido?**

P8-L16/L17/L18/L19 ultimo comício no bairro Rosario, **falou um monte de mentiras** sobre as casas populares e invasões em vários bairros de Mariana. **A grande verdade é que a administração atual nunca teve vontade política para resolver essa questão . Eles manipulam as pessoas carentes e usam o seu sofrimento em benefício próprio.**

P8-L21/26 propriedade dos terrenos. **Se eles falam a verdade porque o Rosário é o único bairro que eles ainda não resolveram os problemas sendo que existem mais de 10 processos de desapropriação contra a companhia sem nenhum prejuízo pra população local?** Cruel e sórdida é essa manobra política do governo atual. **Vocês acreditam que o governo atual com todos os recursos da máquina pública só não resolveu ainda em oito anos o problema do Rosário, pensem bem sobre isso minha gente.**

P8-L30/31 verdade para não resolver os problemas do bairro, **enchendo vocês de mentira,** só para conseguir o seu voto. Eu e Terezinha vamos resolver todos os problemas do

P8-L34/36 Terezinha Ramos fez a campanha mais limpa, mais honesta e mais bonita. **Aqui não tem negociata de apoios, nem de votos, não tem conversa fiada e nem fofoca. Aqui não tem argumentos falsos e mentiras.** No programa de governo e em toda

P8-L40/41 história e um final triunfante em mais uma edição do Cinema na Praça. **Ninguém segura o povo que apóia Terezinha, nem chuva, nem o cansaço, nem falta de luz.**

R9 1§ L1-19 – Os funcionários da Prefeitura que trabalham nos setores que ficam no Ginásio Poliesportivo - SIAT, Conselho Tutelar, PROCON, Junta do Exército, Departamento de Controle Urbano, Renda Mínima, Arquivo, Fiscalização de Posturas, depósito de cestas básicas - ficaram **completamente surpresos** quando chegaram para trabalhar na quarta-feira da semana passada e não havia mais linha telefônica, sendo informados do desmonte do Ginásio naquele momento e sem saberem para onde iriam tais setores.

R9 3§ L14-15 A população fica **indignada** com tais fatos (...).

R9 7§ L1-6 **Inconformado** com a obra, Alisson José dos Santos, Liu Marmita, de 28 anos, ameaçava se acorrentar às grades, para impedir seu prosseguimento.

R9 11§ L1-17 Mais uma vez a **população fica no meio de disputas políticas**, já que o ex-prefeito João Ramos Filho (ex-prefeito que construiu o Ginásio Poliesportivo nos anos 80) já havia declarado ao *Jornal Ponto Final* que havia intenções de tentar embargar a obra, pois o mesmo dizia que a retirada do Ginásio era só mais uma obra da administração dele que o Prefeito Celso Cota quer desmanchar como várias outras obras realizadas em suas gestões, segundo João Ramos Filho.

R11 19§ L19-27 O que eu acho que **não foi correto** foi à forma de fazer campanha utilizada por alguns candidatos. Lamentamos porque estamos trabalhando pela democracia e nela não se utiliza armas que sejam mentirosas.

R12 1§ L1-12 Enquanto tramita o processo do prefeito Roque Camêllo no Superior Tribunal Federal (STF) já com sintomas de lentidão e também reversão em relação à decisão do TSE, a sociedade organizada, **não satisfeita** com a atual administração, adere ao movimento sindical pedindo pelo impeachment do prefeito. Por iniciativa do Sindicato dos Servidores Públicos de Mariana (SINDSERVMARIANA), que afirma ter **respaldo de seus associados e da população** quanto à sua postura, circulam por toda Mariana várias listas de abaixo-assinados fortalecendo a proposta do impeachment.

R12 2§ L1-3 Segundo a diretoria do sindicato, **existem motivos relevantes para requererem a imediata saída de Roque.** Ela alega que há sete meses **a Prefeitura não apresenta ações concretas e transparentes da eficácia governamental.**

R12 3§ L1-15 Com base nos artigos 1, 14, III, e 61 da Constituição Federal e artigos 13 e 14 da Lei 9.709/98 e artigo 72 da Lei Orgânica Municipal, a proposta de impeachment constituiu-se diante das seguintes avaliações: "(...) por **má gestão pública, irresponsabilidade e incompetência** para o exercício da função pública, **descumprir o artigo 37 e 49 da lei**

orgânica municipal, pela **completa ausência de eficácia na administração** pública municipal, pela **péssima condução da saúde** municipal, pela **ineficaz gestão das obras** públicas, pelo **completo descaso com a limpeza** urbana e rural, pela **ausência de transparência das contas** públicas, pela **ineficácia da segurança pública** em Mariana, pela **precária condução do turismo** municipal, pela **ineficiente condução da política ambiental**, por ser um **prefeito ausente deixando seus secretários autoritários reinarem e aterrorizarem os servidores**, por se **negar a conversar pessoalmente com a diretoria do SINDSERVMARIANA**, por **não implantar uma política de cargos e salários para TODOS OS SERVIDORES**, por **não ter no trato da coisa pública os valores primordiais da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade**, por **manter ingerência velada nos conselhos municipais** e por **tentativa de comprar votos dos servidores contratados.**"

R13 1§ L1-2 Hoje podemos ver a realidade de uma cidade que **adormecia pelo esquecimento político.**

R13 3§ L3,4 e 5 A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão vivenciar sua realidade, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que **adormeceu por muito tempo.**

## ESPERANÇA

J2-L2 E o coração de quem fica é **a luz no firmamento.**

J2-L7 Vai Terezinha, vai! **O sonho não acabou**

J2-L8 **Mostra que arrancaram a rosa, mas a semente já brotou**

## GRATIDÃO

P3-L30 Celso Cota! Gostaria de **agradecer** suas palavras, você, meu grande amigo, Celso, P4-L15 lado. Quero **agradecer** o carinho e o apoio das pessoas. Eu recebi uma força muito P7-L5 temos que **agradecer** a todos vocês que participaram do programa Prefeito é Roque. P7-L14 Roque Camello: Olá povo querido da minha terra. Desde já, quero **agradecer** o P7-L17 imaginar e desejar. Mais uma vez, **obrigado** pelo carinho e pela oportunidade de ter P7-L32 Roque: Eu quero **agradecer** o carinho, o reconhecimento e a força que vocês me P7-L33/34 deram o tempo inteiro nessa caminhada. **Agradeço a Deus, a você e a sua família pelo calor humano**, nessa campanha inteira. Ouvi palavras de incentivo, que me P7-L56 a 69 garantir um presente e um futuro de prosperidade para nosso povo. **Obrigado** minha gente, **Obrigado** a você taxista, **Obrigado** a você pedreiro e servente que estão construindo as casas, a moradia para o povo. **Obrigado** a você caminhoneiro que está carregando o progresso e o desenvolvimento. **Obrigado** a você funcionário público. Você é a razão de ser do sucesso de uma administração. **Obrigado** a vocês todos que querem uma Mariana mais feliz. Nesta oportunidade, eu desejo **agradecer** ao prefeito Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a Mariana. **Agradeço** a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. **Agradeço** não só o seu apoio e a sua amizade, sua solidariedade, mas todos os seus momentos de preocupação com essa campanha que, eu sei, não é dele, não é minha, é do povo de Mariana e, ao mesmo tempo, quero também **agradecer** ao meu colega de chapa Zezinho Salete, um jovem trabalhador, um homem vencedor, um homem com o qual vamos ombrear, vamos unir forças em benefício do povo de Mariana.

P7-70/71 que estamos juntos: Celso Cota, Zezinho Salete e Roque Camello. **Obrigado**, portanto, a todos sem exceção, muito **Obrigado** e sigamos em frente, a vida nos P7-L74/75 filhos, nossos netos e para as gerações futuras. **Obrigado** e um abraço carinhoso para cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da paz, da R11 25§ L30-31 Muito **Obrigado** e muita paz no coração de cada um de vocês.

## HUMANIDADE

P3-L82/L83 conseguiu sua bolsa de estudos e para estudar no estrangeiro. Embarcou naquele avião **com o coração apertado**, tamanha a mudança e a expectativa. Mas o P4-L8/9 resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio que **não está sendo fácil pra mim**, mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho fé em P8-L5 programa de rádio. **Estou emocionada** com o tanto que vivi e aprendi nessa luta. Hoje

## IDENTIFICAÇÃO FEMININA (QUESTÃO DE GÊNERO)

J2-L4 Vem da história dessa terra, da coragem dessa **mulher**.  
P4-L3 Agora com você a palavra de Dona Terezinha, **mulher forte e decidida**, que vem aqui  
R13 4§ L1-2 A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado **contra a opressão da mulher** preocupada  
R14 1§ L1-2 Após três séculos, **pela primeira vez uma mulher** assume o executivo marianense.  
R14 8§ L3-10 “Eu gostaria, primeiramente, de deixar um grande abraço para **todas as mulheres marianenses** e que elas lutem por seus ideais. Eu, não como prefeita, mas como Terezinha, não sonhei em ser prefeita de Mariana e um dia isso chegou. Talvez por ironia do destino, mas o que Deus traçou para mim, eu estou disposta a cumprir. Espero que **as mulheres dessa cidade** lutem comigo também”, relata.  
R14 11§ L1-5 Concluindo a sua proposta inicial no Executivo, Terezinha conclamou a **participação maior das mulheres** nas questões políticas, econômicas, sociais e filantrópicas do município. “Acredito muito na **capacidade e na sensibilidade da mulher** para reverter essa imagem pejorativa da política brasileira e juntas, sem vaidade pessoal e egocentrismo, projetaremos uma cidade e um país melhor para se viver”.

## INFLUÊNCIA (RELAÇÃO COM EX-PREFEITOS)

P3-L33 Eu tenho de fato o orgulho de ter participado da administração **Celso Cota**  
P3-L36/37 Terei a honra de continuar o grande trabalho do **Celso**, o trabalho que fizemos em conjunto e estamos fazendo  
P5-L92/93 E as festividades, as exposições e festivais, que **Celso** e eu tanto incentivamos, vamos continuar realizando.  
P6-L7 Tinha o Terminal Turístico, era lindo, era maravilhoso, **ele (João Ramos)** fez com três meses o  
P7-L17/18 Mais uma vez, obrigado pelo carinho e pela oportunidade de ter feito tanto com **Celso** e de poder continuar a ajudar o nosso povo.  
P7-L48/49 Queremos fazer inovações com um modelo sustentável. Vamos administrar inspirados no modelo de sucesso do prefeito **Celso Cota**

P7-L61/62/63/64 querem uma Mariana mais feliz. Nesta oportunidade, eu desejo agradecer ao prefeito **Celso Cota**, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a Mariana. Agradeço a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. Agradeço

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes **João** chegava em casa cansado e, nela, via um alguém disposto a ajudá-lo em suas atividades em prol do município.

R14 6§ L7-11 A sua trajetória a orgulha e a inspira a realizar uma boa administração. “Eu tenho certeza absoluta que em Mariana nunca teve um prefeito que trabalhasse com tanta honestidade como o **João Ramos**. E eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se Deus assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também”, afirma.

## MEDO

J1-L5 **O futuro não pode tirar o sorriso** de cada criança.

R12 5§ L1-5 O grande questionamento, entretanto, é qual abrangência terá a participação popular, uma vez que o abaixo-assinado cita dados que identificam os participantes. É notório e já é de conhecimento de todos que a cultura popular é sempre questionar sem se identificar, mesmo porque muitos alegam **temer** represálias por parte das autoridades constituídas.

## NOSTALGIA

J2-L1 Um sonho de uma vida não morre com o tempo.

J2-L3 E a força que a gente precisa **vem do sonho** e vem da fé

J2-L5 Vai Terezinha, vai! Não deixa esse sonho morrer

P4-L6 eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com **João**

R10 11§ L1-20 João Ramos, muito mineiramente, vinha ao longo dos anos acumulando experiência na vida pública que o caracterizava como um vulcão não adormecido. Um homem simples, casado e pai de quatro filhos, Geraldinho (falecido), Juarez (Leleis), Marlene e Fábio. Iniciou a sua história muito modestamente e com grande dignidade transportava panelas em burros, de Cachoeira do Brumado para Mariana.

R10 12§ L1-13 Com muito trabalho e persistência, envolveu-se desde moço com os problemas sociais e culturais do povo deste município que o levou à vida pública, deixando benfeitorias que eternizarão o seu nome na história de Mariana.

R10 13§ L1-13 Foi Prefeito por três vezes e dedicou sua vida como um entusiasta pelas causas sociais, pela justiça e em defesa dos menos favorecidos. Às vezes, polêmico, mas, sem abrir mão dos seus sonhos e convicções, sempre atuou na política conversando com a comunidade com um linguajar simples e de atitudes imediatas.

R10 15§ L1-5 João Ramos Filho do PTB foi prefeito da cidade de Mariana por três vezes, nos períodos de 73 a 76, 83 a 88 e de 93 a 96.

## ORGULHO DA HISTÓRIA

J1-L3 A beleza das montanhas, **a história** feita com as mãos,

J1-L4 Quero cantar **minha cidade primaz, oh berço das Minas Gerais!**

J2-L4 Vem **da história dessa terra**, da coragem dessa mulher.

P5-L17 nossa cidade. **A primaz de Minas** não merece um debate político nesse nível, não  
P5-L57 Vamos dar continuidade ao programa “**Mariana monumento da Humanidade**”.  
P5-L102 muita coisa bacana pela cultura. Esse **Dia de Minas** que ele criou é uma grande festa.  
P7-L21/L22 Para governar é preciso conhecer e respeitar **o nosso glorioso passado, sua história,**  
R11 25§ L27-30 Não a Mariana do ódio, mas sim a Mariana da compreensão, do amor, da fraternidade, a **Mariana de mais de 300 anos.**  
R13 4§ L5-9 O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no **cenário de sua história,** transmitidas pelas mais lindas artes do barroco.  
R14 1§ L1-2 **Após três séculos,** pela primeira vez uma mulher assume o executivo marianese.

### ORGULHO DAS BELEZAS

J1-L3 **A beleza das montanhas,** a história feita com as mãos,  
P5-L78/79 Vamos criar ações que utilizem de forma sustentável **o maravilhoso meio ambiente que nos cerca,** com implantação do Parque Arqueológico do Gugu e a criação do  
P5-L86 Roque: Nossa Mariana tem **tantas belezas** para serem mostradas e é por isso que os  
R13 4§ L5-9 O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no cenário de sua história, transmitidas pelas **mais lindas artes do barroco.**

### ORGULHO/AMOR DA/PELA CIDADE

P3-L32/33 minhas propostas de governo, para continuar o desenvolvimento em nossa **querida Mariana.**  
P5-L58 humanidade”. Vamos realizar obras que vão deixar **Mariana ainda melhor** para os  
P5-L90 Mariana em que vamos **valorizar o nosso artesanato e a nossa culinária.**  
P7-L9/L10 Consegui ver de perto **o carinho de Roque e Zezinho** pelo povo e **por nossa querida Mariana.**

### PAZ (MEDO DO CONFLITO)

P5-L17/18 A primaz de Minas não merece um debate político nesse nível, não merece uma campanha política embasada no **denuncismo.**  
P5-L46 O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da **paz,** do desenvolvimento  
P7-L75 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da **paz**  
R11 25§ L33 Muito obrigado e muita **paz** no coração de cada um de vocês.

### RELIGIOSIDADE

J2-L3 E a força que a gente precisa vem do sonho e vem da **fé**  
J2-L16 Vai com sua coragem e **fé** e leva o sonho da gente

P4-L9/11 mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho **fé** em **Deus** que com a ajuda de vocês eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade melhor para se viver.

P4-L39 uma vergonha, se eu chegar lá, se **Deus** quiser, eu vou mudar isso.

P6-L8/9/10 Eu, nessa área, se **Deus** quiser, eu vou ter pessoas competentes, que aqui em Mariana tem pessoas competentes.

P6-L39 Criança: Vai Terezinha com **fé** que o sonho vai virar realidade.

P7-L33 deram o tempo inteiro nessa caminhada. Agradeço a **Deus**, a você e a sua família pelo calor humana, nessa campanha inteira.

P7-L37/38 “Ser humano, Roque, é ser a voz do povo, sem deixar de ouvir a voz de **Deus**”.

P7-L72/74 **Deus** nos deu força para tanto e nós, diante da força do próprio **Deus**, vamos construir uma vida melhor para nossos filhos, nossos netos e para as gerações futuras.

R14 7§ L10-11 Eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se **Deus** assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também.

R14 8§ L8-9 Talvez por ironia do destino, mas o que **Deus** traçou para mim, eu estou disposta a cumprir.

### SEGURANÇA / TRANQUILIDADE

J1-L9 Quero a chuva no meu telhado, quero alegria, trabalho e suor.

J1-L17/L18 Eu gosto de andar pelas ruas da cidade nos fins de semana.

**Guarda amigo** que me acompanha, eu quero o melhor para Mariana.

### SOLIDARIEDADE (enquanto não político)

P3-L56/57/58/59 Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha levavam vida simples e humilde num sítio dos arredores. Roque já se via, desde pequeno, queria ser grande. **Menino esperto e trabalhador ajudava os pais vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate.**

P3-162/63 R oque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para **ajudar nossa família.**

P3- L67/68 trabalhador. Eu também vou trabalhar muito, ganhar meu dinheiro e **ajudar minha família.**

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um **alguém disposto a ajudá-lo** em suas atividades em prol do município.

### SOLIDARIEDADE (PREOCUPAÇÃO COM PROBLEMAS DO POVO)

J1-L14 **Patrimônio é nossa gente**, eu quero Mariana melhor.

J2-L16 Vai com sua coragem e fé e **leva o sonho da gente**

P4-L6/7 eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João Ramos e também em relação **do povo carente que pediu e insistiu muito comigo**

P4-L38/L39 Terezinha: **Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz**, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, **eu vou mudar isso.**

P6-L44/45 feita essa campanha. No mesmo dia, Terezinha **visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio** na cidade. Afinal de contas,

P7-L11 sonhos, suas idéias, suas propostas, **mostrou sua preocupação com os moradores**

P7-L27-L28 Roque Camello.: Nossa administração será **de gente para gente, focada nas pessoas**, nas famílias, na continuidade dos bons programas e projetos da atual administração, P7-L17/18 imaginar e desejar. Mais uma vez, **obrigado** pelo carinho e **pela oportunidade de ter feito tanto com Celso e de poder continuar a ajudar o nosso povo.**

P7-L36 “Quero ser um prefeito humano, **ser a voz do povo**”

P7-L42 comunidade, **vamos governar junto com o povo, definindo as prioridades de todos,**

P8-L6/L8 me sinto mais forte e mais preparada para administrar Mariana. Nesses últimos meses, andei muito, conversei muito e escutei mais ainda. **Precisamos escutar mais o povo. Precisamos de uma administração de todos** e não de apenas um grupo e tenho

P8-L28 **Vimos para amparar os necessitados** e não para nos aproveitar nos necessitados.

R11 25§ L11-33 Portanto, passo a ser o Prefeito de Mariana e agora o **meu compromisso é com o povo, inclusive para com aqueles que não votaram em mim**, pois participamos de uma democracia e não existe unanimidade.

R13 2§ L1-2 Terezinha Ramos chegou e vem mostrando que administrar é **estar perto do povo, diante das realidades**, nunca distante da defesa dos interesses da terra.

R13 2§ L4,5 e 6 Falava-se de cultura, de cursos de Academias, mas esqueciam de **atender a sociedade marianense**, que de fato retrata através de seu **povo a maior cultura, que é a “humana e social”.**

R13 3§ L1 Esquecer das reais **necessidades do povo** é ser reprovado na vida pública.

R13 3§ L3, 4 e 5 A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão **vivenciar realidade do povo**, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que adormeceu por muito tempo.

R13 4§ L1-5 A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado contra a opressão da mulher **preocupada com os mais pobres**, disse que administrar é conhecer o que significa igualdade na administração pública. Ela não poderá **nunca esquecer as comunidades simples**, que representam a maior parte, pois nelas falam a linguagem correta dos que vivem as mesmas alegrias, dores, conquistas e esquecimentos.

R14 9§ L1-3 Disposta a aplicar os conhecimentos adquiridos ao lado do ex-prefeito João Ramos, principalmente **os referentes às questões sociais**, ela afirmou que seu plano de governo é pessoal e apenas sintonizado com os **anseios populares** e sua base política.

## UNIÃO/INTEGRAÇÃO

J1-L13 A História me ensinou e cantamos em **uma só voz,**

P3-L8 Celso Cota: Caros amigos, amigas, é com muito prazer que eu quero saudar **a família marianense**

P3-L29 Roque Camello: Olá, minha gente! Olá, queridos **conterrâneos** marianenses!

P3-L41 pedir de fato o seu apoio, a sua participação, porque **juntos a gente** quer o melhor

P4-L36 Dona Terezinha, não tem luxos **é gente nossa** pronta para abraçar todo mundo e

P5-L46 lado. O lado que nos interessa hoje é o **lado da inclusão (união)**, da paz, do desenvolvimento.

P5-L86 Roque: **Nossa** Mariana tem tantas belezas para serem mostradas e é por isso que os

P5-L90 Mariana em que vamos valorizar o **nosso** artesanato e a **nosso** culinária.

P7-L21/22 Para governar é preciso conhecer e respeitar o **nosso** glorioso passado, sua história

P7-L27/28 Roque Camello.: Nossa administração será de **gente** para gente, focada nas pessoas, nas famílias, na continuidade dos bons programas e projetos da atual administração,

P7-L75/76 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos **juntos** nessa batalha da paz, da felicidade e da **harmonia** entre todos nós.

P8-L8 povo. Precisamos de uma administração **de todos** e não de apenas um grupo e tenho

R11 25§ L11-33 Não existe mais aqueles que votaram contra mim, pois **estes são meus irmãos também**. Quero aproveitar para convidá-los a virem para o nosso lado, o lado que quer construir Mariana. Não a Mariana do ódio, mas sim a **Mariana** da compreensão, do amor, da **fraternidade**, a Mariana de mais de 300 anos.

R13 4§ L6-9 O caminho para as mulheres trabalhadoras segue sendo o da luta, **unindo mulheres e homens** trabalhadores, e apontando para a construção de um governo de trabalho.

### VITIMIZAÇÃO (POR FATALIDADES)

P3-L53/54/55 Uma família viu tudo isso, a família Camello. **Era uma família de posses e culturas**, mas com o tempo **foi perdendo o seu patrimônio e se empobrecendo**, como tantas outras famílias de Mariana e como a própria cidade.

P4-L6/7 Ramos e eu resolvi entrar na carreira política **devido ao fato que aconteceu com João Ramos** e também em relação do povo carente que pediu e insistiu muito comigo e eu

R10 1§ L1-8 **Morreu** na nesta última quinta feira, dia 15, na BR MG-262 que liga Ponte Nova a Mariana, o ex-prefeito e atual candidato a Eleição 2008, João Ramos Filho, de 78 anos, **assassinado com quatro tiros**, segundo a Polícia Militar.

R10 6§ L3-10 A polícia acredita inicialmente que **o crime** tenha sido cometido por amadores, **por motivos políticos**, pois no bolso da vítima havia um mil seiscentos e noventa e um reais em dinheiro que não foi levado.

R10 9§ L1-10 - Povo de Mariana **chora** a perda de João Ramos - Na retirada da vítima do local houve uma grande comoção da multidão que acompanhou todo o trabalho da Polícia e da Perícia. Muitos aplausos e agradecimentos foram prestados à família, que muito emocionada e desesperada tentava a todo momento estar um minuto a mais com a vítima.

R10 10§ L1-10 - Está havendo uma grande manifestação de luto na cidade pela pessoa que era o João Ramos, que além do trabalho feito à população, era um grande homem. Há todo momento em nossa Redação recebemos ligações de pessoas **inconsoladas** buscando informações na esperança de que seja mais um boato.

### VITIMIZAÇÃO (POR INTRIGA)

P3-L17/18 Eu quero aproveitar também este momento, minha gente, para **esclarecer boatos que estão na rua**. Algumas pessoas acreditam que para ganhar eleição tem q sair

P3-L21 ganhar e **batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras**.

P5-L7 na **mídia para denegrir a sua imagem** e a do nosso prefeito.

P5-L32/33/34 esse fato esclarecido. Mas agora volta a bater na porta de vocês, jogar papel na porta de **vocês para dizer que nos participávamos de compra de votos, propinas para poder trazer pra cá o apoio de pessoas** que, ao meu ver, são desqualificadas.

P5-L38/39/40 povo, conquistando a confiança do povo. Essas pessoas usaram a imprensa estadual para que todos pudessem noticiar com a sua vontade, **essa vontade de desqualificar a pessoa do nosso candidato Roque Camello**, da minha pessoa e de Zezinho Salete.

P6-L10 competentes. Inclusive **eles estão falando que eu vou trazer uma equipe de Belo Horizonte**, é mentira.

P8-L16 ultimo comício no bairro Rosario,(o Sr. J3sus Ciape) **falou um monte de mentiras sobre as casas**

## **IDENTIDADES POLÍTICAS POSITIVAS**

## COMPETENTE

P3-L81/82 Foram sete anos de seminário, mas valeram a pena. O menino simples de Mariana **conseguiu sua bolsa de estudos para estudar no estrangeiro**. Embarcou naquele

P3-84/87 Roque ficou fora alguns anos, estudou na famosa universidade de Harvard nos Estados Unidos e também na também famosa universidade de Sourbone na França. Voltou com diplomas que poucos brasileiros tinham.

P3-L98 a 102 Roque cumpriu seu objetivo. Depois de lecionar como professor em instituições de ensino de Ouro Preto e Belo Horizonte, ele se tornou empresário da construção. Fundou e dirigiu na capital, o Colégio São Vicente de Paulo, **sempre muito bem sucedido**. Poucos anos atrás, ele se afastou dos negócios e passou a se dedicar a vida pública. Elegeu-se vice-prefeito e agora está em campanha para prefeito (...)

P5-L93-97 (Vamos **continuar realizando**) O Festival da Vida, a Festa da Cidade – o 16 de julho –, vamos cuidar do nosso Festival de Inverno, vamos investir mais ainda no Festival de Inverno, vamos investir na ExpoMariana. Vamos cuidar das nossas festas religiosas, da nossa Semana Santa, das festas dos padroeiros em cada distrito. Vamos cuidar também do nosso EREM, tão importante, já realizado por cinco anos consecutivos.

R11 1§ L1-22 Roque Camello é formado em Direito e Letras. Em Mariana, começou muito cedo sua história política quando fundou a 3ª Força Jovem de Mariana, que tinha como objetivo juntar os jovens de direita e esquerda. Trabalho na implantação da Cemig, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal do município. Elaborou a apresentação do projeto de desapropriação do prédio da Casa de Cultura- Academia Marianense de Letras, trabalhando junto ao governador Israel Pinheiro para que o prédio não fosse demolido, como se pretendia.

R11 2§ L1-23 Trabalhou no projeto de construção da estrada de contorno de Mariana para evitar que o tráfego pesado de caminhões e carretas prejudicasse o sítio histórico e destruísse nosso patrimônio cultural. Organizou o primeiro seminário sobre desenvolvimento sustentável na primaz de Minas, o EDEM, em 1979. Participou do processo de pesquisa e do projeto para a instituição do “16 de Julho”, aniversário de Mariana, como “Dia do Estado de Minas Gerais, e idealização, coordenação, organização e patrocínio do livro: “16 de Julho, o Dia de Minas”.

R11 3§ L1-18 Foi responsável pelo apoio financeiro do Grupo Wembley, do empresário José Alencar, para a restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Camargos, e também à Fiemg, na época presidida pelo empresário José Alencar (hoje vice-presidente da República) para a reconstrução do Cine-Teatro Municipal, conhecido como Sesi- Mariana. Participou do segundo restauro do órgão Arp Schnigher da Catedral de Mariana, em 2002.

R11 4§ L1-24 É colaborador permanente do batalhador sacerdote Padre Avelar na manutenção do Colégio Dom Frei Manuel da Cruz. Roque também é representante da comunidade marianense e um dos responsáveis pela restauração do Santuário Nossa Senhora do Carmo, após o incêndio de 19 de janeiro de 1999. Fez parte da implantação do projeto “Restauração e Difusão das Partituras dos Séculos XVIII e XIX, ganhador do Prêmio Nacional Rodrigo de Melo Franco como melhor projeto cultural do Brasil em 2002, e inscrição deste Projeto na Unesco para ser tombado como Bem Cultural da Humanidade”.

R11 5§ L1-14 O futuro prefeito é responsável também, pelo projeto de restauração do antigo Palácio dos Bispos e instalação do Museu da Música de Mariana. Foi presidente licenciado da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras e diretor – executivo licenciado da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana (FUNDARQ).

R11 6§ L1-10 Roque Camello foi vereador quando ainda era estudante universitário. Hoje, é o vice-prefeito de Mariana, reconhecidamente atuante, participando ativamente de todos os projetos de desenvolvimento do município.

### CORAJOSO(A)

J2-L4 Vem da história dessa terra, da **coragem** dessa mulher.

J2-L16 Vai com sua **coragem** e fé e leva o sonho da gente

P3-L49 (Novela) Roque: uma história de **luta**

P3-L84 **pensamento estava firme no ideal** que traçou para sua vida. Roque ficou fora alguns

P3-96/97 Roque: Eu sei, eu sei, mas a vida é cheia de riscos, não é mesmo? A gente tem que tentar, **encarar os desafios**. Não dá para acomodar, **eu sou de luta**.

P4-L8 resolvi entrar com a cara e **a coragem** para enfrentar esse desafio que não está sendo

P4-L9 fácil pra mim, mas eu estou tendo **muita garra** para fazer esse trabalho e tenho fé em

P8-L5 programa de rádio. Estou emocionada com o tanto que vivi e aprendi **nessa luta**. Hoje

### DEDICADO(A)

P3-L56/57/58/59 Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha levavam vida simples e humilde num sítio dos arredores. Roque já se via, desde pequeno, queria ser grande. **Menino esperto e trabalhador ajudava os pais vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate**.

P3-162/63 R oque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para **ajudar nossa família**.

P3-L74/75 era a oportunidade de estudos para crianças humildes. E ele agarrou a chance, **passava o tempo debruçado nos livros, estudando com dedicação.** Nem ligava para

P6-L43/44 mais uma edição do filme “Uma história de coragem”. **E não é só de festa que é feita essa campanha.** No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de

P6-L44/45 feita essa campanha. **No mesmo dia, Terezinha visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio na cidade.** Afinal de contas

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um **alguém disposto a ajudá-lo** em suas atividades em prol do município.

#### FORTE (VÍTIMA DE FATALIDADES QUE SUPEROU)

P3-L53/54/55 Uma família viu tudo isso, a família Camello. **Era uma família de posses e culturas,** mas com o tempo **foi perdendo o seu patrimônio e se empobrecendo,** como tantas outras famílias de Mariana e como a própria cidade.

P4-L6/7 Ramos e eu resolvi entrar na carreira política **devido ao fato que aconteceu com João Ramos** e também em relação do povo carente que pediu e insistiu muito comigo

#### GRATO(A)

P3-L30 Celso Cota! Gostaria de **agradecer** suas palavras, você, meu grande amigo, Celso,

P4-L15 lado. Quero **agradecer** o carinho e o apoio das pessoas. Eu recebi uma força muito

P7-L5 temos que **agradecer** a todos vocês que participaram do programa Prefeito é Roque.

P7-L14 Roque Camello: Olá povo querido da minha terra. Desde já, quero **agradecer** o

P7-L17 imaginar e desejar. Mais uma vez, **obrigado** pelo carinho e pela oportunidade de ter

P7-L32 Roque: Eu quero **agradecer** o carinho, o reconhecimento e a força que vocês me

P7-L33/34 deram o tempo inteiro nessa caminhada. **Agradeço a Deus, a você e a sua família pelo calor humano,** nessa campanha inteira. Ouvi palavras de incentivo, que me

P7-L56 a 69 garantir um presente e um futuro de prosperidade para nosso povo. **Obrigado** minha gente, **Obrigado** a você taxista, **Obrigado** a você pedreiro e servente que estão

construindo as casas, a moradia para o povo. **Obrigado** a você caminhoneiro que está carregando o progresso e o desenvolvimento. **Obrigado** a você funcionário público. Você é a razão de ser do sucesso de uma administração. **Obrigado** a vocês todos que querem uma Mariana mais feliz. Nesta oportunidade, eu desejo **agradecer** ao prefeito Celso Cota, que nós temos dito o melhor prefeito de Minas e isto tanta honra dá a Mariana. **Agradeço** a ele o apoio, agradeço a este jovem administrador público porque é, sem dúvida alguma, um bom exemplo para Minas e pro Brasil. **Agradeço** não só o seu apoio e a sua amizade, sua solidariedade, mas todos os seus momentos de preocupação com essa campanha que, eu sei, não é dele, não é minha, é do povo de Mariana e, ao mesmo tempo, quero também **agradecer** ao meu colega de chapa Zezinho Salete, um jovem trabalhador, um homem vencedor, um homem com o qual vamos ombrear, vamos unir forças em benefício do povo de Mariana.

P7-70/71 que estamos juntos: Celso Cota, Zezinho Salete e Roque Camello. **Obrigado**, portanto, a todos sem exceção, muito **Obrigado** e sigamos em frente, a vida nos

P7-L74/75 filhos, nossos netos e para as gerações futuras. **Obrigado** e um abraço carinhoso para cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da paz, da

R11 25§ L30-31 Muito **Obrigado** e muita paz no coração de cada um de vocês.

#### HUMANO(A)

P3-L82/L83 conseguiu sua bolsa de estudos e para estudar no estrangeiro. Embarcou naquele avião **com o coração apertado**, tamanha a mudança e a expectativa. Mas o

P4-L8/9 resolvi entrar com a cara e a coragem para enfrentar esse desafio que **não está sendo fácil pra mim**, mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho fé em

P8-L5 programa de rádio. **Estou emocionada** com o tanto que vivi e aprendi nessa luta. Hoje

#### IDENTIFICAÇÃO FEMININA (QUESTÃO DE GÊNERO)

J2-L4 Vem da história dessa terra, da coragem dessa **mulher**.

P4-L3 Agora com você a palavra de Dona Terezinha, **mulher forte e decidida**, que vem aqui

R13 4§ L1-2 A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado **contra a opressão da mulher** preocupada

R14 1§ L1-2 Após três séculos, **pela primeira vez uma mulher** assume o executivo marianese.

R14 8§ L3-10 “Eu gostaria, primeiramente, de deixar um grande abraço para **todas as mulheres marianenses** e que elas lutem por seus ideais. Eu, não como prefeita, mas como Terezinha, não sonhei em ser prefeita de Mariana e um dia isso chegou. Talvez por ironia do destino, mas o que Deus traçou para mim, eu estou disposta a cumprir. Espero que **as mulheres dessa cidade** lutem comigo também”, relata.

R14 11§ L1-5 Concluindo a sua proposta inicial no Executivo, Terezinha conclamou a **participação maior das mulheres** nas questões políticas, econômicas, sociais e filantrópicas do município. “Acredito muito na **capacidade e na sensibilidade da mulher** para reverter essa imagem pejorativa da política brasileira e juntas, sem vaidade pessoal e egocentrismo, projetaremos uma cidade e um país melhor para se viver”.

## ORGULHO(A) DA HISTÓRIA

J1-L3 A beleza das montanhas, **a história** feita com as mãos,

J1-L4 Quero cantar **minha cidade primaz, oh berço das Minas Gerais!**

J2-L4 Vem **da história dessa terra**, da coragem dessa mulher.

P5-L17 nossa cidade. **A primaz de Minas** não merece um debate político nesse nível, não

P5-L57 Vamos dar continuidade ao programa “**Mariana monumento da Humanidade**”.

P5-L102 muita coisa bacana pela cultura. Esse **Dia de Minas** que ele criou é uma grande festa.

P7-L21/L22 Para governar é preciso conhecer e respeitar **o nosso glorioso passado, sua história,**

R11 25§ L27-30 Não a Mariana do ódio, mas sim a Mariana da compreensão, do amor, da fraternidade, a **Mariana de mais de 300 anos.**

R13 4§ L5-9 O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no **cenário de sua história**, transmitidas pelas mais lindas artes do barroco.

## ORGULHO(A) DAS BELEZAS

J1-L3 **A beleza das montanhas**, a história feita com as mãos,

P5-L78/79 Vamos criar ações que utilizem de forma sustentável **o maravilhoso meio ambiente que nos cerca**, com implantação do Parque Arqueológico do Gugu e a criação do

P5-L86 Roque: Nossa Mariana tem **tantas belezas** para serem mostradas e é por isso que os

R13 4§ L5-9 O mínimo que uma Prefeitura que se diz comprometida com as causas populares deve fazer é construir casas, escolas, ter pela saúde uma visão maior, e por Mariana, um olhar pelo que representa também no cenário de sua história, transmitidas pelas **mais lindas artes do barroco**.

## ORGULHO(A) DA CIDADE

P3-L32/33 minhas propostas de governo, para continuar o desenvolvimento em nossa **querida Mariana**.

P5-L58 humanidade". Vamos realizar obras que vão deixar **Mariana ainda melhor** para os

P5-L90 Mariana em que vamos **valorizar o nosso artesanato e a nossa culinária**.

P7-L9/L10 Consegui ver de perto **o carinho de Roque e Zezinho** pelo povo e **por nossa querida Mariana**.

## PACIFISTA (MEDO DO CONFLITO)

P5-L17/18 A primaz de Minas não merece um debate político nesse nível, não merece uma campanha política embasada no **denuncismo**.

P5-L46 O lado que nos interessa hoje é o lado da inclusão, da **paz**, do desenvolvimento

P7-L75 cada um. Que não nos esqueçamos e continuemos juntos nessa batalha da **paz**

R11 25§ L33 Muito obrigado e muita **paz** no coração de cada um de vocês.

## RELIGIOSO(A)

J2-L3 E a força que a gente precisa vem do sonho e vem da **fé**

J2-L16 Vai com sua coragem e **fé** e leva o sonho da gente

P4-L9/11 mas eu estou tendo muita garra para fazer esse trabalho e tenho **fé** em **Deus** que com a ajuda de vocês eu vou chegar até lá e fazer de Mariana uma cidade melhor para se viver.

P4-L39 uma vergonha, se eu chegar lá, se **Deus** quiser, eu vou mudar isso.

P6-L8/9/10 Eu, nessa área, se **Deus** quiser, eu vou ter pessoas competentes, que aqui em Mariana tem pessoas competentes.

P6-L39 Criança: Vai Terezinha com **fé** que o sonho vai virar realidade.

P7-L33 deram o tempo inteiro nessa caminhada. Agradeço a **Deus**, a você e a sua família pelo calor humana, nessa campanha inteira.

P7-L37/38 “Ser humano, Roque, é ser a voz do povo, sem deixar de ouvir a voz de **Deus**”.

P7-L72/74 **Deus** nos deu força para tanto e nós, diante da força do próprio **Deus**, vamos construir uma vida melhor para nossos filhos, nossos netos e para as gerações futuras.

R14 7§ L10-11 Eu quero seguir a mesma meta, porém, eu quero fazer ainda mais do que ele fez, se **Deus** assim o permitir e se o povo me deixar trabalhar também.

R14 8§ L8-9 Talvez por ironia do destino, mas o que **Deus** traçou para mim, eu estou disposta a cumprir.

## SOLIDÁRIO(A) (enquanto não político)

P3-L56/57/58/59 Quando Roque Camello nasceu, os pais, seu Catinho Camello e Dona Zizinha levavam vida simples e humilde num sítio dos arredores. Roque já se via, desde pequeno, queria ser grande. **Menino esperto e trabalhador ajudava os pais vendendo na cidade a colheita da roça e ainda fazia serviço de engraxate.**

P3-l62/63 R Roque Camello: Não tem problema, papai. É preciso trabalhar para **ajudar nossa família.**

P3- L67/68 trabalhador. Eu também vou trabalhar muito, ganhar meu dinheiro e **ajudar minha família.**

R14 6§ L4-7 Ela conta que muitas vezes João chegava em casa cansado e, nela, via um **alguém disposto a ajudá-lo** em suas atividades em prol do município.

#### SOLIDÁRIO(A) (PREOCUPAÇÃO COM PROBLEMAS DO POVO)

J1-L14 **Patrimônio é nossa gente**, eu quero Mariana melhor.

J2-L16 Vai com sua coragem e fé e **leva o sonho da gente**

P4-L6/7 eu resolvi entrar na carreira política devido ao fato que aconteceu com João Ramos e também em relação **do povo carente que pediu e insistiu muito comigo**

P4-L38/L39 Terezinha: **Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz**, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, **eu vou mudar isso.**

P6-L44/45 feita essa campanha. No mesmo dia, Terezinha **visitou a Associação Comercial de Mariana para ouvir as demandas de quem tem comércio** na cidade. Afinal de contas,

P7-L11 sonhos, suas idéias, suas propostas, **mostrou sua preocupação com os moradores**

P7-L27-L28 Roque Camello.: Nossa administração será **de gente para gente, focada nas pessoas**, nas famílias, na continuidade dos bons programas e projetos da atual administração,

P7-L17/18 imaginar e desejar. Mais uma vez, **obrigado** pelo carinho e **pela oportunidade de ter feito tanto com Celso e de poder continuar a ajudar o nosso povo.**

P7-L36 “Quero ser um prefeito humano, **ser a voz do povo**”

P7-L42 comunidade, **vamos governar junto com o povo, definindo as prioridades de todos,**

P8-L6/L8 me sinto mais forte e mais preparada para administrar Mariana. Nesses últimos meses, andei muito, conversei muito e escutei mais ainda. **Precisamos escutar mais o povo. Precisamos de uma administração de todos** e não de apenas um grupo e tenho

P8-L28 **Vimos para amparar os necessitados** e não para nos aproveitar nos necessitados.

R11 25§ L11-33 Portanto, passo a ser o Prefeito de Mariana e agora o **meu compromisso é com o povo, inclusive para com aqueles que não votaram em mim**, pois participamos de uma democracia e não existe unanimidade.

R13 2§ L1-2 Terezinha Ramos chegou e vem mostrando que administrar é **estar perto do povo, diante das realidades**, nunca distante da defesa dos interesses da terra.

R13 2§ L4,5 e 6 Falava-se de cultura, de cursos de Academias, mas esqueciam de **atender a sociedade marianense**, que de fato retrata através de seu **povo a maior cultura, que é a “humana e social”**.

R13 3§ L1 Esquecer das reais **necessidades do povo** é ser reprovado na vida pública.

R13 3§ L3, 4 e 5 A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão **vivenciar realidade do povo**, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que adormeceu por muito tempo.

R13 4§ L1-5 A atual prefeita de Mariana, ao tomar posse, num discurso afinado contra a opressão da mulher **preocupada com os mais pobres**, disse que administrar é conhecer o que significa igualdade na administração pública. Ela não poderá **nunca esquecer as comunidades simples**, que representam a maior parte, pois nelas falam a linguagem correta dos que vivem as mesmas alegrias, dores, conquistas e esquecimentos.

R14 9§ L1-3 Disposta a aplicar os conhecimentos adquiridos ao lado do ex-prefeito João Ramos, principalmente **os referentes às questões sociais**, ela afirmou que seu plano de governo é pessoal e apenas sintonizado com os **anseios populares** e sua base política.

## **IDENTIDADES POLÍTICAS NEGATIVAS**

## MENTIROSO

P3-L17 Eu quero aproveitar também este momento, minha gente, para esclarecer boatos que P3-L21 ganhar e batem na porta de cada um de vocês levando boatos e mentiras.

P5-L32/33/34 esse fato esclarecido. Mas agora volta a bater na porta de vocês, jogar papel na porta de vocês para dizer que nos participávamos de compra de votos, propinas para poder trazer pra cá o apoio de pessoas que, ao meu ver, são desqualificadas.

P6-L10/11 (Estão dizendo que vou trazer pessoal de Belo Horizonte para trabalhar em Mariana), é mentira. Nós temos pessoas capacitadas aqui pra isso, pessoas formadas

P8-L16/L17/L18/L19 ultimo comício no bairro Rosario, falou um monte de mentiras sobre as casas populares e invasões em vários bairros de Mariana. A grande verdade é que a administração atual nunca teve vontade política para resolver essa questão . Eles manipulam as pessoas carentes e usam o seu sofrimento em beneficio próprio.

P8-L21/26 propriedade dos terrenos. Se eles falam a verdade porque o Rosário é o único bairro que eles ainda não resolveram os problemas sendo que existem mais de 10 processos de desapropriação contra a companhia sem nenhum prejuízo pra população local? Cruel e sórdida é essa manobra política do governo atual. Vocês acreditam que o governo atual com todos os recursos da máquina publica só não resolveu ainda em oito anos o problema do Rosário, pensem bem sobre isso minha gente.

P8-L30/31 verdade para não resolver os problemas do bairro, enchendo vocês de mentira, só para conseguir o seu voto. Eu e Terezinha vamos resolver todos os problemas do

P8-L34/36 Terezinha Ramos fez a campanha mais limpa, mais honesta e mais bonita. Aqui não tem negociata de apoios, nem de votos, não tem conversa fiada e nem fofoca. Aqui não tem argumentos falsos e mentiras. No programa de governo e em toda

R11 19§ L19-27 O que eu acho que não foi correto foi à forma de fazer campanha utilizada por alguns candidatos. Lamentamos porque estamos trabalhando pela democracia e nela não se utiliza armas que sejam mentirosas.

## INCOMPETENTE

J1-L5 O futuro não pode tirar o sorriso de cada criança.

P4-L23/24 Marianinha:Adivinha pai, acabou a água de novo. Ai já viu,né, estou sem banho com sede, não dá nem pra preparar a minha merenda.

P4-L30/31 E agora Marianinha vai pra escola sem banho sem merenda e com sede ou será que a nossa garotinha vai perder um dia inteiro de aula.

P4-L38/L39 Terezinha: Casa caindo, pessoas passando necessidade, sem água, sem luz, isso é uma vergonha, se eu chegar lá, se Deus quiser, eu vou mudar isso.

P6-L6 Terezinha Ramos: Tem muita coisa a desejar em relação ao turismo em Mariana.

P6-L7/8 Tinha o Terminal Turístico, era lindo, era maravilhoso, ele fez com três meses o terminal turístico e eles levaram um ano e meio para derrubar.

P6-L20/L30 Atenção ouvintes, este capítulo de nossa eletrizante história é baseado em fatos (...).Marianinha: Também essa praça está em obra desde que eu nasci.

P6-L37 Teria ele quebrado o braço, teria ele atendimento rápido?

R9 1§ L1-19 – Os funcionários da Prefeitura que trabalham nos setores que ficam no Ginásio Poliesportivo - SIAT, Conselho Tutelar, PROCON, Junta do Exército, Departamento de Controle Urbano, Renda Mínima, Arquivo, Fiscalização de Posturas, depósito de cestas básicas - ficaram completamente surpresos quando chegaram para trabalhar na quarta-feira da

semana passada e não havia mais linha telefônica, sendo informados do desmonte do Ginásio naquele momento e sem saberem para onde iriam tais setores.

R12 2§ L1-3 Segundo a diretoria do sindicato, existem motivos relevantes para requererem a imediata saída de Roque. Ela alega que há sete meses a Prefeitura não apresenta ações concretas e transparentes da eficácia governamental.

R12 3§ L1-15 Com base nos artigos 1, 14, III, e 61 da Constituição Federal e artigos 13 e 14 da Lei 9.709/98 e artigo 72 da Lei Orgânica Municipal, a proposta de impeachment constituiu-se diante das seguintes avaliações: "(...) por má gestão pública, irresponsabilidade e incompetência para o exercício da função pública, descumprir o artigo 37 e 49 da lei orgânica municipal, pela completa ausência de eficácia na administração pública municipal, pela péssima condução da saúde municipal, pela ineficaz gestão das obras públicas, pelo completo descaso com a limpeza urbana e rural, pela ausência de transparência das contas públicas, pela ineficácia da segurança pública em Mariana, pela precária condução do turismo municipal, pela ineficiente condução da política ambiental, por ser um prefeito ausente deixando seus secretários autoritários reinarem e aterrorizarem os servidores, por se negar a conversar pessoalmente com a diretoria do SINDSERVMARIANA, por não implantar uma política de cargos e salários para TODOS OS SERVIDORES, por não ter no trato da coisa pública os valores primordiais da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade, por manter ingerência velada nos conselhos municipais e por tentativa de comprar votos dos servidores contratados."

R13 1§ L1-2 Hoje podemos ver a realidade de uma cidade que adormecia pelo esquecimento político.

R13 3§ L3,4 e 5 A gestão pública está, sem dúvida, na confiabilidade dos gestores, que deverão vivenciar sua realidade, trabalhando continuamente para aumentar o desenvolvimento da comunidade, filhos de uma terra, que adormeceu por muito tempo.

## CORRUPTO

P4-L34 Candidato Roque é cassado após denúncias de compra de votos.

P8-L34/36 Terezinha Ramos fez a campanha mais limpa, mais honesta e mais bonita. Aqui não tem negociata de apoios, nem de votos, não tem conversa fiada e nem fofoca. Aqui não tem argumentos falsos e mentiras. No programa de governo e em toda

R12 3§ L1-15 Com base nos artigos 1, 14, III, e 61 da Constituição Federal e artigos 13 e 14 da Lei 9.709/98 e artigo 72 da Lei Orgânica Municipal, a proposta de impeachment constituiu-se diante das seguintes avaliações: "(...) por tentativa de comprar votos dos servidores contratados."

## SABOTADOR

P5-L41 Mentira tem perna curta. O jornal denunciou, a polícia agiu e prendeu um candidato a vereador de Terezinha.

P8-L40/41 história e um final triunfante em mais uma edição do Cinema na Praça. Ninguém segura o povo que apóia Terezinha, nem chuva, nem o cansaço, nem falta de luz.